



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“Júlio de Mesquita Filho”
Instituto de Geociências e Ciências Exatas – IGCE
Câmpus de Rio Claro

CIBELE MARTO DE OLIVEIRA

AS FESTAS NA CONSTITUIÇÃO DO SENTIDO DE LUGAR NOS
BAIRROS RURAIS DOS MUNICÍPIOS PAULISTAS DE CORDEIRÓPOLIS
E PIRACICABA

RIO CLARO - SP

2017



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“Júlio de Mesquita Filho”
Instituto de Geociências e Ciências Exatas – IGCE
Câmpus de Rio Claro

CIBELE MARTO DE OLIVEIRA

AS FESTAS NA CONSTITUIÇÃO DO SENTIDO DE LUGAR NOS
BAIRROS RURAIS DOS MUNICÍPIOS PAULISTAS DE CORDEIRÓPOLIS
E PIRACICABA

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, do Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Campus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Geografia.

Orientadora: Prof.^a Dra. Darlene Aparecida de Oliveira Ferreira

RIO CLARO - SP

2017

391
O48f Oliveira, Cibele Marto de
As festas na constituição do sentido de lugar nos bairros rurais dos municípios paulistas de Cordeirópolis e Piracicaba / Cibele Marto de Oliveira. - Rio Claro, 2017
314 f. : il., figs., forms., tabs., quadros, fots., mapas

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Orientador: Darlene Aparecida de Oliveira Ferreira

1. Festas populares. 2. Bairro de Cascalho. 3. Bairro de Santana. 4. Campo e cidade. 5. Religiosidade. 6. Tradições italianas. I. Título.

CIBELE MARTO DE OLIVEIRA

AS FESTAS NA CONSTITUIÇÃO DO SENTIDO DE LUGAR NOS
BAIRROS RURAIS DOS MUNICÍPIOS PAULISTAS DE CORDEIRÓPOLIS
E PIRACICABA

Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de
Geociências e Ciências Exatas do Câmpus de
Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista
“Júlio de Mesquita Filho”, como parte dos
requisitos para obtenção do título de Doutor em

Comissão Examinadora

Profa. Dra. Darlene Aparecida de Oliveira Ferreira (Orientadora)
IGCE/UNESP/Rio Claro – SP

Prof. Dr. Eduardo José Marandola Jr.
FCA / UNICAMP – Limeira - SP

Prof. Dr. João Carlos Geraldo
UNIARA/Araraquara – SP

Profa. Dra. Odaléia Telles Marcondes Machado Queiroz
ESALQ/USP/Piracicaba – SP

Profa. Dra. Luciene Cristina Risso
UNESP/Ourinhos - SP

Resultado: Aprovada

Rio Claro, SP 29 de novembro de 2017

AGRADECIMENTOS

Continuo sendo pessoa “de não jogar confete”, mas há pessoas que colaboraram, de alguma forma, para que essa pesquisa se realizasse, então meu muito obrigado:

Ao amigo e amor Vagner Augusto Júnior (o colo mais acolhedor do mundo).

Minha mãe, “Marilu”, que mesmo longe, sempre torcia e mandava boas vibrações.

Meu amigo Al Capone, que tanto me acalmou em momentos de tensão.

Delba (bairro de Cascalho), por toda dedicação em me ajudar encontrar as pessoas e marcar entrevistas na Casa da Cultura.

Dirce e Maria Emília (bairro de Santana) por cederem seus tempos e seus valiosos relatos.

Às pessoas dos bairros de Cascalho e Santana que me cederam as entrevistas.

Aos amigos Stephan e Eduardo, pelos momentos de diversão.

Aos demais amigos, que torceram pela finalização.

Marcela Malosso, companheira de trabalho de campo, que me deu confortáveis caronas, pois chegar de ônibus à Santana não foi tarefa fácil.

Aos funcionários da biblioteca da Unesp (Rio Claro), que tanto sanaram minhas dúvidas.

Professora Darlene, por ter aceitado me orientar.

Aos professores da banca pelo cuidado ao ler o trabalho e pelos apontamentos das falhas e incorreções.

Minha Santa de devoção, porque com fé há mais conforto para a alma.

RESUMO

As constantes mudanças por que tem passado a área rural brasileira nas últimas décadas, incluindo as atividades desenvolvidas, que deixaram de ser exclusivamente de produção de alimentos, ocasionam uma série de estudos que contemplam as dinâmicas ocorridas e suas implicações. A fim de abordar uma parte dessa transformação em uma tese de doutorado, se apresenta o propósito deste trabalho, tendo como questão central a análise de festas realizadas no campo. Como recorte de estudo optou-se por pesquisar dois bairros rurais paulistas: Cascalho, localizado no município de Cordeirópolis - SP e Santana, situado no município de Piracicaba - SP. Por serem os bairros uma unidade de investigação menor, permitem uma análise minuciosa que denota a condição de unidade social e a identidade da comunidade residente. Cascalho e Santana possuem raízes históricas comuns, pois foram formados por meio de comunidades de imigrantes italianos que chegaram ao Brasil no século XIX para trabalharem na lavoura de café. Ainda hoje parte das tradições e costumes herdados de seus antepassados permanecem, incluindo a realização das festas em função da religiosidade e da perpetuação das tradições. O estudo das festas perpassa pela análise de seus aspectos históricos, características sociais, estruturas espaciais, a relação entre campo e cidade, além da compreensão de sua existência e importância atual em meio às transformações do lugar. Os elementos avaliados envolvem um olhar para a identidade, a memória e o sentimento de pertencimento das comunidades envolvidas em uma perspectiva trabalhada sob a óptica da Geografia Cultural tendo como viés metodológico o uso do relato oral e entrevistas. As festas se revelaram como um elemento primordial de união, identidade e, principalmente, como meio de perpetuação e prática da religiosidade católica.

Palavras-chave: Bairro de Cascalho. Bairro de Santana. Campo e Cidade. Religiosidade. Tradições Italianas.

ABSTRACT

The constant changes the Brazilian rural area has been through in the last decades, including developed activities, are no longer solely of food production, causes a series of studies that contemplate the dynamics occurred and their implications. To show part of this transformation in a doctoral thesis, the purpose of this paper being as central point the analysis of parties being made in the countryside. As study cutout it was chosen to research two rural neighborhoods in São Paulo state: Cascalho, located in Cordeirópolis – SP city and Santana, situated in Piracicaba – SP city. Because these neighborhoods are a unit of minor investigation, they allow a careful analysis which denotes a condition of social unit and identity of the resident community. Cascalho and Santana have the same historical roots because they were made by communities of Italian immigrants that arrived in Brazil in the 19th century to work in the coffee crop. Within today, part of the tradition and customs inherited from the ancestors remain, including the execution of religious parties as well the traditions perpetuation. The study of the parties pass through the analysis of their historical aspects, social characteristics, spatial structures, the relationship between countryside and city, yet the understanding of its existence and current importance on space transformations. The elements evaluated involve a look at the identity, memory and the feeling of belonging of communities involved in a perspective to be worked by the optical of Cultural Geography as its methodological way the usage of oral report and interviews. The parties have revealed themselves as a primordial element of union, identity and, mainly, as a means of perpetuating and practicing catholic religiosity.

Keywords: Bairro de Cascalho. Bairro de Santana. Countryside and City. Religiosity. Italian Traditions.

LISTA DE FIGURAS

| | Página |
|---|--------|
| Figura 1 - Localização dos municípios paulistas de Cordeirópolis e Piracicaba | 19 |
| Figura 2 – Localização do bairro de Cascalho – Cordeirópolis - SP..... | 20 |
| Figura 3 - Localização do bairro de Santana – Piracicaba - SP..... | 21 |
| Figura 4 - Esquema explicativo dos três gêneros de relato oral..... | 31 |
| Figura 5 - Localização dos municípios de Cordeirópolis e Piracicaba na Depressão Periférica Paulista..... | 46 |
| Figura 6 - Início da construção do prédio da Hospedaria do Imigrante na capital paulista..... | 56 |
| Figura 7 - Carte Générale de L'état de São Paulo | 57 |
| Figura 8 - Escala das formas elementares de sociabilidade da vida rústica de um bairro rural. | 72 |
| Figura 9 - Possíveis relações estabelecidas a partir do mutirão | 79 |
| Figura 10 - Meios visíveis e invisíveis que permeiam a delimitação da ação e atuação do catolicismo..... | 103 |
| Figura 11 - Casa da Família Rosolem na década de 1970 – lugar onde funcionou uma das vendas do bairro de Cascalho – | 128 |
| Figura 12 - Plantações - bairro de Cascalho..... | 138 |
| Figura 13 - Construção da Represa do bairro de Cascalho na década de 1920..... | 139 |
| Figura 14 - Represa do bairro de Cascalho em 2014..... | 140 |
| Figura 15 - Início da pavimentação de asfalto na SP-316 - bairro de Cascalho..... | 141 |
| Figura 16 - Rodovia SP- 316 no ano de 2015 – bairro de Cascalho | 141 |
| Figura 17 - Igreja Nossa Senhora da Assunção, década de 1930 – bairro de Cascalho..... | 143 |
| Figura 18 - Paróquia Nossa Senhora de Assunção na atualidade – bairro de Cascalho..... | 144 |
| Figura 19 - Gruta com imagem de Nossa Senhora de Lourdes – bairro de Cascalho..... | 146 |
| Figura 20 - Padre Luiz Stefanello..... | 147 |
| Figura 21 - Banda Católica do bairro de Cascalho – década de 1930..... | 148 |
| Figura 22 - Cozinha temática – Casa da Cultura do bairro de Cascalho..... | 153 |
| Figura 23 - Monumento do Centenário da Chegada das Família ao bairro de Cascalho | 154 |
| Figura 24 - Obelisco com as duas placas comemorativas – bairro de Cascalho | 154 |
| Figura 25 - Dois dos oratórios do “Caminho do Rosário” – bairro de Cascalho | 155 |
| Figura 26 – Turma da Escola Reunidas de Cascalho – Década de 1940 | 157 |
| Figura 27 - Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Professor Jorge Fernandes – bairro de Cascalho..... | 157 |
| Figura 28 - Planta da sede da fazenda de Sant'Anna no ano de 1893 - José Vitti Jorge | 159 |
| Figura 29 - Bortolo Vitti e Maria Maddalena Saltori Vitti..... | 161 |
| Figura 30 - Casa da década de 1930 na ainda Fazenda Sant'Anna | 162 |
| Figura 31 - Vista parcial do bairro de Santana na década de 1980 | 163 |
| Figura 32 - Produtores rurais de Santana em 1924..... | 165 |
| Figura 33 - Foto da Banda de Santana na década de 1930..... | 169 |
| Figura 34 - Posto de Saúde do bairro de Santana..... | 171 |
| Figura 35 – Símbolo do bairro de Santana | 172 |

| | |
|---|-----|
| Figura 36 - Vista do bairro de Santana em 1987 | 172 |
| Figura 37 - Vista do Bairro Santana no ano de 2017..... | 173 |
| Figura 38 - Mutirão para a construção da Igreja na década de 1960 – bairro Santana | 173 |
| Figura 39 - Inauguração da Igreja em 1965- bairro de Santana | 174 |
| Figura 40 - Missões realizada no bairro de Santana em 1942. Ao fundo a antiga igreja..... | 175 |
| Figura 41 - Igreja de Santana no ano de 2015 | 176 |
| Figura 42 - Escola Reunidas de Sant´Anna no ano de 1923 – prédio demolido em 1966 | 177 |
| Figura 43 - E.M.E.I. Santana..... | 178 |
| Figura 44 - Sede do <i>Circolo Trentino di Piracicaba</i> – bairro de Santana..... | 179 |
| Figura 45 - Grupo de parentes residentes em Trento – bairro de Santana | 180 |
| Figura 46 - Monumento na entrada dos bairros Santana e Santa Olímpia | 181 |
| Figura 47 - Foto do Mosaico que retrata a saga dos fundadores do bairro de Santana | 182 |
| Figura 48 - Ocupação do espaço para as festas de Cascalho..... | 192 |
| Figura 49 - Ocupação do espaço para Festa da Padroeira | 193 |
| Figura 50 - Flores de papel crepom como as que eram feitas até a década de 1950 no bairro de Cascalho..... | 197 |
| Figura 51 - Festa da Coroação da Padroeira do bairro de Cascalho - década de 1950 | 198 |
| Figura 52 - Procissão e Festa da Coroação da Padroeira do bairro de Cascalho – década de 1960 | 198 |
| Figura 53 - Barracas montadas ao lado do coreto – bairro de Cascalho | 201 |
| Figura 54 - Decoração da Festa do Milho de Cascalho..... | 201 |
| Figura 55 - Preparativos para o Jantar Italiano – bairro de Cascalho..... | 202 |
| Figura 56 - Missa com apresentação do Coral – bairro Cascalho | 203 |
| Figura 57 - Salão paroquial e apresentação de danças no Jantar Italiano – bairro Cascalho | 203 |
| Figura 58 - Encenação teatral que antecede à coroação na Festa da Padroeira – bairro de Cascalho..... | 205 |
| Figura 59 - Momento da chega da Imagem após a Romaria da Festa da Padroeira – bairro Cascalho..... | 207 |
| Figura 60 - Cartaz da Festa da Befana de 2017 – bairro de Cascalho..... | 208 |
| Figura 61 - Ocupação do espaço para as festas do bairro de Santana | 211 |
| Figura 62 - Ocupação do espaço para realização da Festa do Vinho | 212 |
| Figura 63 - Procissão realizada no bairro de Santana em 1929 – ao fundo cada de Bortolo Vitti | 213 |
| Figura 64 - Preparação da Cucagna - Bairro Santana..... | 217 |
| Figura 65 - Abertura Oficial da Festa do Vinho de 2017 - Bairro Santana..... | 217 |
| Figura 66 - Vista parcial da Festa do Vinho de 2017..... | 218 |
| Figura 67 - Procissão no dia da Festa de Santa Ana no bairro de Santana..... | 219 |
| Figura 68 - Imagem de Santa Ana e o bolo de comemoração por seu dia – bairro de Santana | 220 |
| Figura 69 - Dança em comemoração aos 100 anos do bairro de Santana em 1977 | 220 |
| Figura 70 - Festa dos 100 anos do bairro de Santana em 1977 | 220 |
| Figura 71 - Representação dos <i>nonnos</i> no ano de 1993 – bairro de Santana | 221 |
| Figura 72 - Festa do Centenário da Imigração em 1993 – bairro de Santana | 222 |

| | |
|---|-----|
| Figura 73 - Festa do Centenário da Imigração em 1993 e inauguração do monumento – bairro de Santana..... | 222 |
| Figura 74 - Recordação dos <i>nonnos</i> e <i>nonnas</i> no altar da Igreja de Santana | 223 |
| Figura 75 - Almoço da Festa da Imigração – bairro de Santana | 223 |
| Figura 76 - Apresentação do grupo de dança dos adolescentes de Santana..... | 223 |
| Figura 77 - Apresentação do grupo de dança das crianças de Santana | 223 |
| Figura 78 - Concurso de pintura em ovos no bairro Santana: etapa de envolver os ovos..... | 226 |
| Figura 79 - Concurso de pintura em ovos no bairro Santana: etapa do cozimento | 226 |
| Figura 80 - Concurso de pintura em ovos no bairro Santana: resultado dos ovos já cozidos | 227 |
| Figura 81 - Concurso de pintura em ovos no bairro Santana: etapa de julgamento..... | 227 |
| Figura 82 - Cartaz de divulgação do evento “ <i>Mercadìn de Nàdal</i> ” em 2016 realizado no bairro de Santana | 228 |
| Figura 83 - Cartaz da Festa do Milho de 2017 – bairro Cascalho..... | 268 |
| Figura 84 - Cartaz da Festa do Vinho de 2016 mostrando plantação de uva – bairro Santana | 268 |

LISTA DE QUADROS

| | Página |
|---|--------|
| Quadro 1 - Procedimentos adotados para realização das entrevistas | 34 |
| Quadro 2 - Principais características do núcleo colonial oficial e da colônia..... | 58 |
| Quadro 3 - Principais características do bairro rural..... | 74 |
| Quadro 4 - Características de bairro rural centrífugo e centrípeto | 75 |
| Quadro 5 - Denominações de ajuda mútua utilizadas nas regiões brasileiras..... | 78 |
| Quadro 6 - Formas de mutirão | 79 |
| Quadro 7 - Formas de compadrio..... | 81 |
| Quadro 8 - Principais características das abordagens dos espaços e modos de vida | 89 |
| Quadro 9 - Quadro comparativo entre aspectos da Geografia Cultural saueriana e a nova Geografia Cultural | 95 |
| Quadro 10 - Tipos de símbolos | 99 |
| Quadro 11 - Principais características dos tipos de localização das formas simbólicas | 100 |
| Quadro 12 - Aspectos observados em campo para compor a descrição do bairro..... | 126 |
| Quadro 13 - Capelas que fazem parte da jurisdição da Paróquia Nossa Senhora da Assunção | 143 |
| Quadro 14 - Infraestrutura da Fazenda Sant´Anna no ano de 1893 | 160 |
| Quadro 15 - Descrição dos elementos do Mosaico da Figura 50 | 182 |
| Quadro 16 - Aspectos descritos nas festas | 187 |
| Quadro 17 - Relação dos eventos que são mais notórios | 188 |
| Quadro 18 - Relação das festas mais reservadas à participação da comunidade | 188 |
| Quadro 19 - Comidas típicas que fazem parte do cardápio das festas de Santana..... | 210 |
| Quadro 20 - Aspectos de Cascalho e Santana | 282 |
| Quadro 21 - Aspectos do processo de formação de Cascalho e Santana | 283 |
| Quadro 22 - Aspectos da estrutura de Cascalho e Santana | 284 |
| Quadro 23 - Aspectos das funções atuais de Cascalho e Santana..... | 2877 |

LISTA DE TABELAS

| | Página |
|---|--------|
| Tabela 1 – Quantidade e tipo de entrevistas realizadas | 33 |
| Tabela 2 – Produção aproximada de café no Estado de São Paulo durante 100 anos | 49 |
| Tabela 3 – Número de imigrantes no estado de São Paulo no período de 1827 - 1920 | 54 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A.A.A. - Associação Agroindustrial de Cascalho

CEAPLA - Centro de Análise e Planejamento Ambiental

E.M.E.I.E.F. - Escola Municipal de Ensino Infantil e Ensino Fundamental

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

CONSÓRCIO PCJ - Consórcio Intermunicipal das Bacias dos Rios Piracicaba, Capivari e Jundiá

NEA - Núcleo de Estudos Agrários

SEBRAE - Serviço Brasileiro de apoio às Micro e Pequenas Empresas

SENAR - Serviço Nacional de Aprendizagem Rural

SINDIRPI - Sindicato Rural de Piracicaba

UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas

USP - Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| INTRODUÇÃO..... | 17 |
| 1.1 Objetivos..... | 25 |
| 1.2 Metodologia..... | 26 |
| 1.2.1 O uso do relato oral na pesquisa..... | 29 |
| 1.2.2 O uso das entrevistas na pesquisa..... | 32 |
| 1.3 Desenvolvimento da pesquisa..... | 35 |
| 2 PARA INICIAR A PESQUISA – CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA..... | 38 |
| 2.1 Passado histórico das terras no Brasil..... | 38 |
| 2.1.1 De Província a Estado de São Paulo - contextualizando a história..... | 42 |
| 2.1.2 A Cafeicultura e suas transformações..... | 47 |
| 2.2 A Imigração e os Núcleos Coloniais..... | 52 |
| 2.2.1 Considerações sobre a pequena propriedade nos núcleos coloniais e nas colônias..... | 61 |
| 2.2.2 Contribuições da imigração italiana para a agricultura e o trabalho..... | 63 |
| 3 AVANÇANDO NA PESQUISA – REVISÃO BIBLIOGRÁFICA..... | 68 |
| 3.1 Perspectivas sobre os Bairros Rurais Paulistas..... | 69 |
| 3.1.1 Elementos e funções do bairro rural..... | 76 |
| 3.1.2 Mutirão – mudanças e existência..... | 77 |
| 3.1.3. Vizinhança e compadrio..... | 81 |
| 3.2 Cidade - campo; rural - urbano, a busca de critérios para delimitação..... | 81 |
| 3.2.1 Relação campo-cidade..... | 90 |
| 4 GEOGRAFIA CULTURAL E AS FESTAS..... | 93 |
| 4.1 Apontamento iniciais sobre a Geografia Cultural..... | 93 |
| 4.1.1 Símbolos na Geografia Cultural..... | 98 |
| 4.1.2 Cultura e Religiosidade..... | 101 |
| 4.1.3 Cultura e Identidade..... | 103 |
| 4.1.4 Sobre o conceito de lugar..... | 105 |
| 4.1.5 Geografia Cultural e festas..... | 108 |
| 4.2 Festas..... | 109 |
| 4.2.1 Um pouco de História..... | 110 |
| 4.2.2 Aspectos e elementos das festas..... | 114 |
| 4.2.3 Festas no campo e em bairros rurais..... | 117 |
| 4.2.4 Festa e hospitalidade..... | 121 |
| 4.2.5 Não há festa sem comida..... | 123 |

| | |
|--|-----|
| 5 HISTÓRIA E CARACTERIZAÇÃO DOS BAIRROS | 126 |
| 5.1 Aspectos gerais sobre os bairros de Cascalho e Santana | 127 |
| 5.2 Aspectos da formação dos bairros | 130 |
| 5.3 Aspectos Históricos do bairro de Cascalho: processo de formação | 132 |
| 5.4 Detalhando e descrevendo Cascalho..... | 136 |
| 5.4.1 Paróquia Nossa Senhora da Assunção | 142 |
| 5.4.1.1 O protagonista: Padre Luiz Stefanello – 1878-1964..... | 146 |
| 5.4.2 Associação <i>Trevisani Nel Mondo Cascalho</i> | 152 |
| 5.4.2.1 Casa Da Cultura | 152 |
| 5.4.2.2 Monumentos de Cascalho: simbolismo, exaltação às origens e recriação da identidade | 153 |
| 5.4.3 Escola em Cascalho..... | 156 |
| 5.5 Aspectos históricos do bairro de Santana: processo de formação | 158 |
| 5.6 Detalhando e descrevendo Santana..... | 163 |
| 5.6.1 Paróquia Santana | 174 |
| 5.6.2 Escolas em Santana | 176 |
| 5.6.3 <i>Circolo Trentino di Piracicaba</i> | 178 |
| 5.6.3.1 Monumentos e simbolismo de Santana: exaltação às origens | 180 |
| 6 DETALHANDO E DESCREVENDO AS FESTAS | 183 |
| 6.1 Considerações gerais sobre as festas em Cascalho e Santana..... | 188 |
| 6.2 Aspectos estruturais e sociais das festas de Cascalho..... | 190 |
| 6.2.1 Festas de antigamente de Cascalho | 194 |
| 6.2.2 Festa do Milho de Cascalho | 199 |
| 6.2.3 Semana Italiana | 201 |
| 6.2.4 Festa Nossa Sra. Assunção..... | 203 |
| 6.2.5 Festa Befana | 207 |
| 6.3 Aspectos estruturais e sociais das festas de Santana..... | 209 |
| 6.3.1 Festas no início do bairro de Santana..... | 213 |
| 6.3.2 Festa do Vinho | 214 |
| 6.3.3 Festa da Padroeira | 218 |
| 6.3.4 Festa da Imigração | 220 |
| 6.3.5 Festa da <i>Cucagna – Festa della Cucagna</i> | 224 |
| 6.3.6 A Paixão de Cristo e concurso de pintura de ovos | 225 |
| 6.3.7 <i>Mercadìn de Nadâl - Mercadinho de Natal</i> | 227 |
| 7 ANÁLISE DAS FESTAS: A RESPOSTA PARA A TESE..... | 229 |

| | |
|---|-----|
| 7.1 Qual é a festa mais importante? | 230 |
| 7.1.1 A preferida: Festa da Padroeira em Cascalho | 230 |
| 7.1.2 Santana: entre o vinho e a imigração | 233 |
| 7.1.3 A festa mais importante..... | 235 |
| 7.2 O limite: aumentar ou não o número de visitantes da festa? | 235 |
| 7.2.1 Uma forma de mostrar o bairro e estimular a prática religiosa..... | 236 |
| 7.2.2 Desejo pelo aumento de famílias | 238 |
| 7.2.3 O que é preciso para aumentar o número de visitantes nas festas..... | 240 |
| 7.3 Os motivos que levam os “de fora” a participarem das festas: participação positiva ou negativa? | 240 |
| 7.3.1 A boa comida, o espetáculo, o vínculo com familiares e amigos | 241 |
| 7.3.2 O diferencial: o acolhimento, a comida e o bom vinho | 244 |
| 7.3.3 As principais atrações do bairro e a avaliação sobre os visitantes | 246 |
| 7.4 Continuidade das festas e manutenção das tradições..... | 247 |
| 7.4.1 Continuidade e religiosidade..... | 248 |
| 7.4.2 Mostrar a cultura | 250 |
| 7.4.3 Motivos para continuar..... | 253 |
| 7.5 A importância das festas para o fortalecimento da amizade e parentesco..... | 254 |
| 7.5.1 Pela amizade - Cascalho..... | 254 |
| 7.5.2 Pela grande família - Santana..... | 255 |
| 7.5.3 A festa como vetor da consolidação e fortalecimento das amizades e parentesco | 256 |
| 7.6 As mudanças com o passar dos anos | 257 |
| 7.6.1 Mudanças em mais de um século de festa: Cascalho..... | 257 |
| 7.6.2 Mudanças em mais de um século de festa: Santana..... | 262 |
| 7.6.3 Mudanças e consequências..... | 265 |
| 7.7 A perda das características do rural do passado..... | 267 |
| 7.7.1 Mudanças de cultivo, mudança nas comidas das festas | 269 |
| 7.7.2 Mudanças no rural, mudanças no mutirão | 270 |
| 7.7.3 O que restou do rural..... | 271 |
| 7.8 As crianças e os adolescentes | 271 |
| 7.8.1 O trabalho e a participação das crianças e adolescentes em Cascalho..... | 272 |
| 7.8.2 Participação das crianças e adolescentes em Santana | 273 |
| 7.8.3 Refletindo sobre a participação das novas gerações | 274 |
| 7.9 As crianças, os adolescentes e o futuro das festas | 274 |
| 7.10 Reflexão final do capítulo: resposta da tese..... | 275 |

| | |
|---|-----|
| CONSIDERAÇÕES | 280 |
| REFERÊNCIAS | 288 |
| APÊNDICES | 300 |
| Apêndice A - Questões do relato oral – organizadores e lideranças..... | 300 |
| Apêndice B - Questões da entrevista com os atores sociais e espectadores | 303 |
| Apêndice C - Questões da entrevista com as crianças e adolescentes | 305 |
| Apêndice D - Carta de cessão de entrevista..... | 306 |
| Apêndice E - Carta de cessão de entrevista – crianças e adolescentes | 307 |
| Apêndice F - Dados dos entrevistados – bairro de Cascalho..... | 308 |
| Apêndice G - Dados dos entrevistados: crianças e jovens – bairro de Cascalho..... | 310 |
| Apêndice H - Dados dos entrevistados – bairro de Santana | 311 |
| Apêndice I - Dados dos entrevistados: crianças e jovens – bairro de Santana | 313 |
| ANEXO | 314 |
| Anexo A – Letra da música “Mazzolini di Fiori” | 314 |

INTRODUÇÃO

Os caminhos que levam a uma pesquisa podem ser os mais diversos. Talvez, o mais usual quando se chega ao desenvolvimento de uma tese de doutorado é ter prosseguido com um estudo anteriormente realizado, como de iniciação científica, de trabalho de conclusão de curso, ou de mestrado. Não é o caso da pesquisa aqui apresentada.

A ideia para desenvolvimento desta tese partiu de uma curiosidade surgida no ano de 2011, quando ainda fazíamos o mestrado e, paralelamente, outra pesquisa de campo¹ em área rural do município de Rio Claro - SP. Para o desenvolvimento da referida pesquisa, foi necessário preenchimento de um questionário com dados fornecidos pelos proprietários, caseiros, empregados ou inquilinos que estivessem nas propriedades familiares. Durante todo o decorrer da aplicação dos questionários, nos deparamos com inúmeras porteiras fechadas e propriedades vazias, sem qualquer tipo de ocupação e até mesmo sem qualquer tipo de uso.

Mediante a constatação recorrente do vazio do rural rio-clarense, um fato nos chamou a atenção em determinada ocasião, quando presenciamos a organização de um evento em um salão paroquial do bairro rural chamado “Sitinho”, localizado ao sul do município. Pudemos observar os preparativos de uma festa para muitas pessoas, suposição feita mediante a quantidade de comida que estava sendo preparada e pela arrumação de dezenas de mesas e cadeiras no salão da igreja. Surgiram, ali, os questionamentos iniciais que desencadearam o projeto de doutorado: quem seriam os participantes/convidados daquela festa? De onde viriam tantas pessoas, já que naquele bairro rural residiam poucos habitantes? Que sentido havia organizar uma festa em um bairro esvaziado? Como e onde era feita a divulgação? Era necessário fazer uma divulgação? A quem cabia a organização? Era organizada por pessoas de outros bairros do entorno também? Qual o destino da arrecadação? Esses questionamentos, dentre outros, nos levaram a algumas definições, e elaboramos, assim, um projeto de pesquisa, considerando a realização de festas em espaços rurais.

O fato de gostar do “rural” e “do campo”, dos elementos visíveis e invisíveis que remetem a esse modo de vida e a esse espaço, tais como: as casas de antigas fazendas de café da região de Rio Claro; a arquitetura singela das vilas de colonos; as edificações e espaços ainda existentes e que denotam outro modo de vida; as paisagens com cultivos diversos e até mesmo

¹ Pesquisa: “Diagnóstico e caracterização do Potencial das propriedades rurais familiares em Rio Claro - SP para a multifuncionalidade”, coordenado pela Prof.^a Dra. Darlene Aparecida de Oliveira Ferreira – UNESP/Rio Claro. n.a.

os diferenciados cheiros e aromas, representaram um estímulo maior para mudar o foco de estudo que vinha delineando até então, e adentrasse na pesquisa da área agrária, que sempre, de alguma forma, nos atraiu.

A pesquisa se daria, a princípio, tendo como objeto de estudo os municípios do Aglomerado Urbano de Piracicaba - SP², mas, por ser uma área muito abrangente, com características muito distintas, passamos a considerar como recorte de trabalho a microrregião de Rio Claro - SP³. Após várias análises e novas considerações, optamos como recorte de estudo os bairros rurais, não mais considerando uma região em específico.

O bairro rural foi considerado o recorte de estudo mais apropriado, por ser uma unidade menor, que permite uma pesquisa mais acurada e detalhada de todos os elementos e considerações a serem feitas sobre as festas e as comunidades que as realizam.

Sobre as características de um bairro rural, Fernandes (1971, p. 7) o define como uma “[...] determinada área, de limites mais ou menos imprecisos, dentro da qual os habitantes mantêm estreitas relações, com conexão estabelecida por vários laços comuns e perfeita consciência de grupo”. São exatamente as características: relações, laços comuns e consciência de grupo que julgamos ser elementos importantes para nossa análise, por considerarmos que são conexos com a pesquisa.

Definido o bairro rural como recorte de pesquisa, decidimos fazer o estudo de, pelo menos, dois lugares. Inicialmente, não havia o intuito de compará-los, mas obter uma análise mais complexa. Após uma avaliação das possibilidades, buscando certa equivalência de características entre eles, escolhemos Cascalho, situado no município de Cordeirópolis - SP e Santana, localizado em Piracicaba - SP⁴.

O fato de lecionarmos em Cordeirópolis – SP, e a conseqüente proximidade do objeto de estudo, fez de Cascalho uma escolha natural. Trata-se de um bairro de formação italiana, que ainda conserva algumas tradições e procura recuperar outras. Para poder apurar o sentido das festas ali realizadas seria pertinente analisar outro bairro com características análogas. Escolhemos, então, Santana, por ser também um bairro rural de formação italiana que conserva, ainda, inúmeros costumes de seus ascendentes trentinos⁵.

² Abrange 22 municípios: Águas de São Pedro, Analândia, Araras, Capivari, Charqueada, Conchal, Cordeirópolis, Corumbataí, Elias Fausto, Ipeúna, Iracemápolis, Leme, Limeira, Mombuca, Piracicaba, Rafard, Rio Claro, Rio das Pedras, Saltinho, Santa Gertrudes, Santa Maria da Serra e São Pedro. n.a.

³ Essa microrregião é formada por Brotas, Corumbataí, Ipeúna, Itirapina, Rio Claro e Torrinha. n.a.

⁴ Uma abordagem mais completa sobre o conceito de bairros rurais será desenvolvida no capítulo III.

⁵ Santana é conhecido, juntamente com o bairro vizinho de Santa Olímpia, como “bairros tiroleses”, pois os moradores são descendentes de imigrantes da região de Trento, Itália. n. a.

Com a escolha dos objetos de estudo, tendo em consideração ambos possuírem aspectos semelhantes, mas também características distintas, a multiplicidade de elementos avaliados, em relação à execução das festas, aconteceu de forma mais profícua.

Na figura 01 está representado o mapa de localização dos municípios paulista de Cordeirópolis e Piracicaba. Nas figuras 03 e 04 estão representados os mapas de localização e delimitação do bairro de Cascalho em Cordeirópolis e Santana, situado no município de Piracicaba.

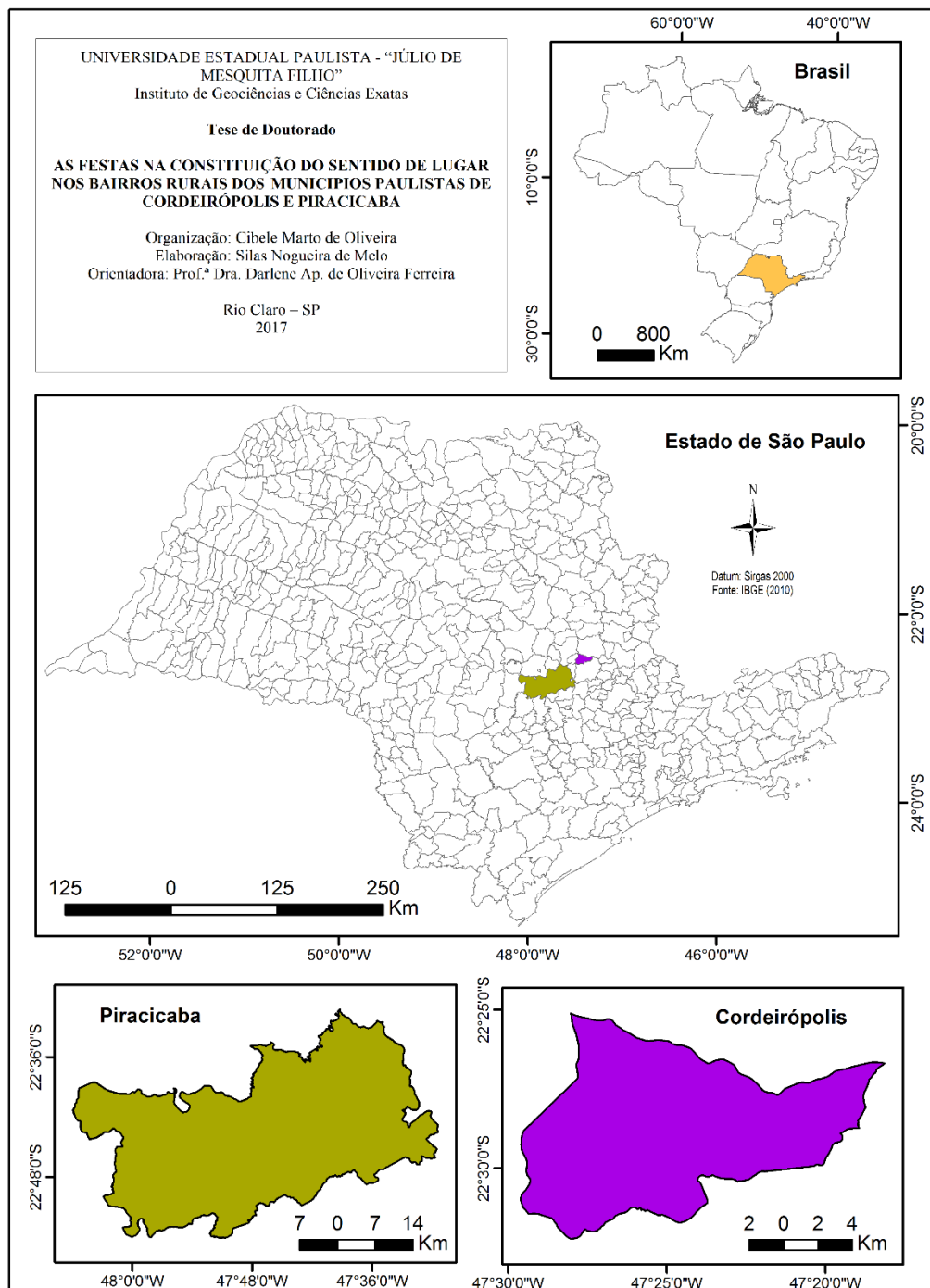


Figura 1 – Localização dos municípios paulistas de Cordeirópolis e Piracicaba

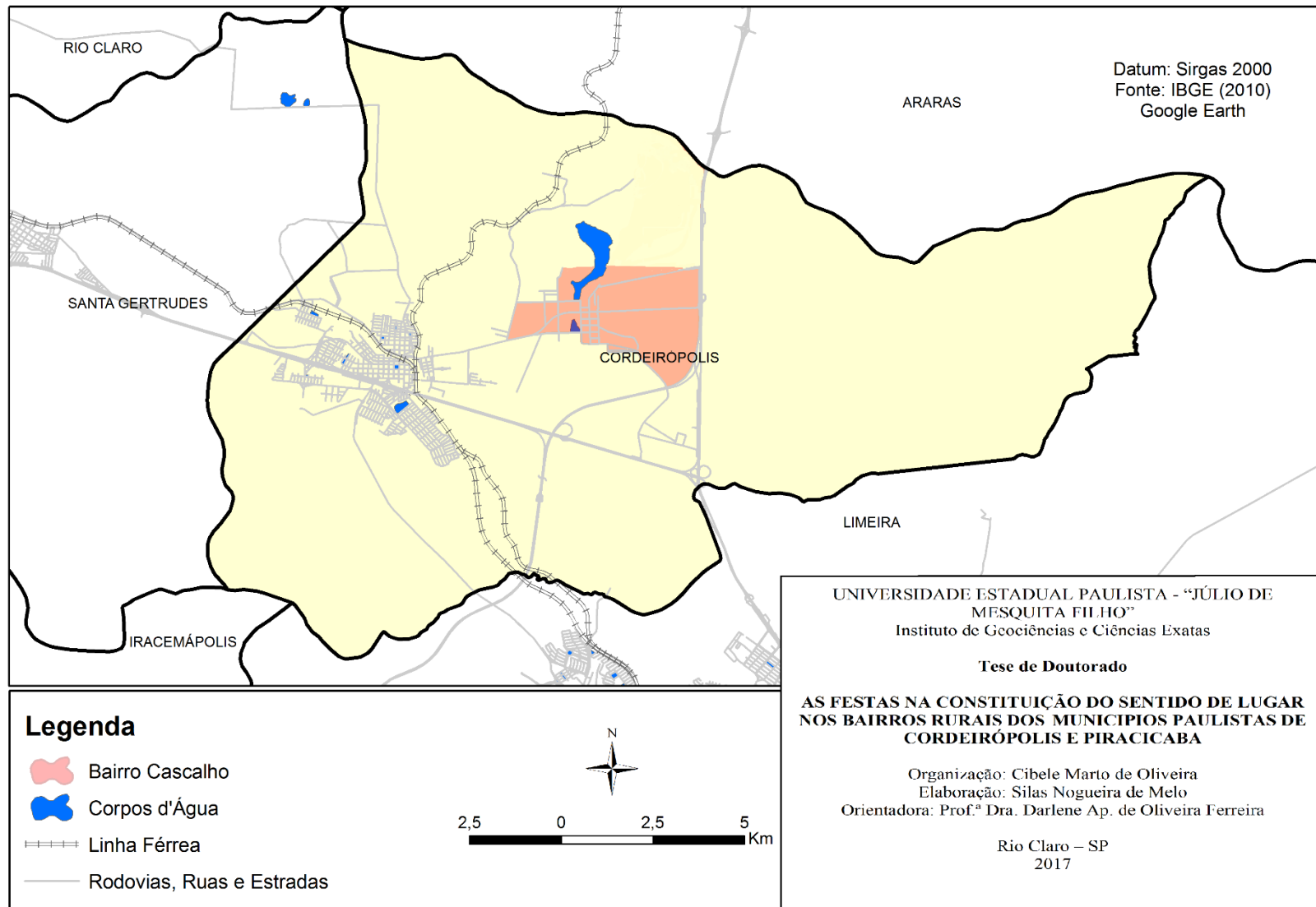


Figura 2 – Localização do bairro de Cascalho – Cordeirópolis - SP

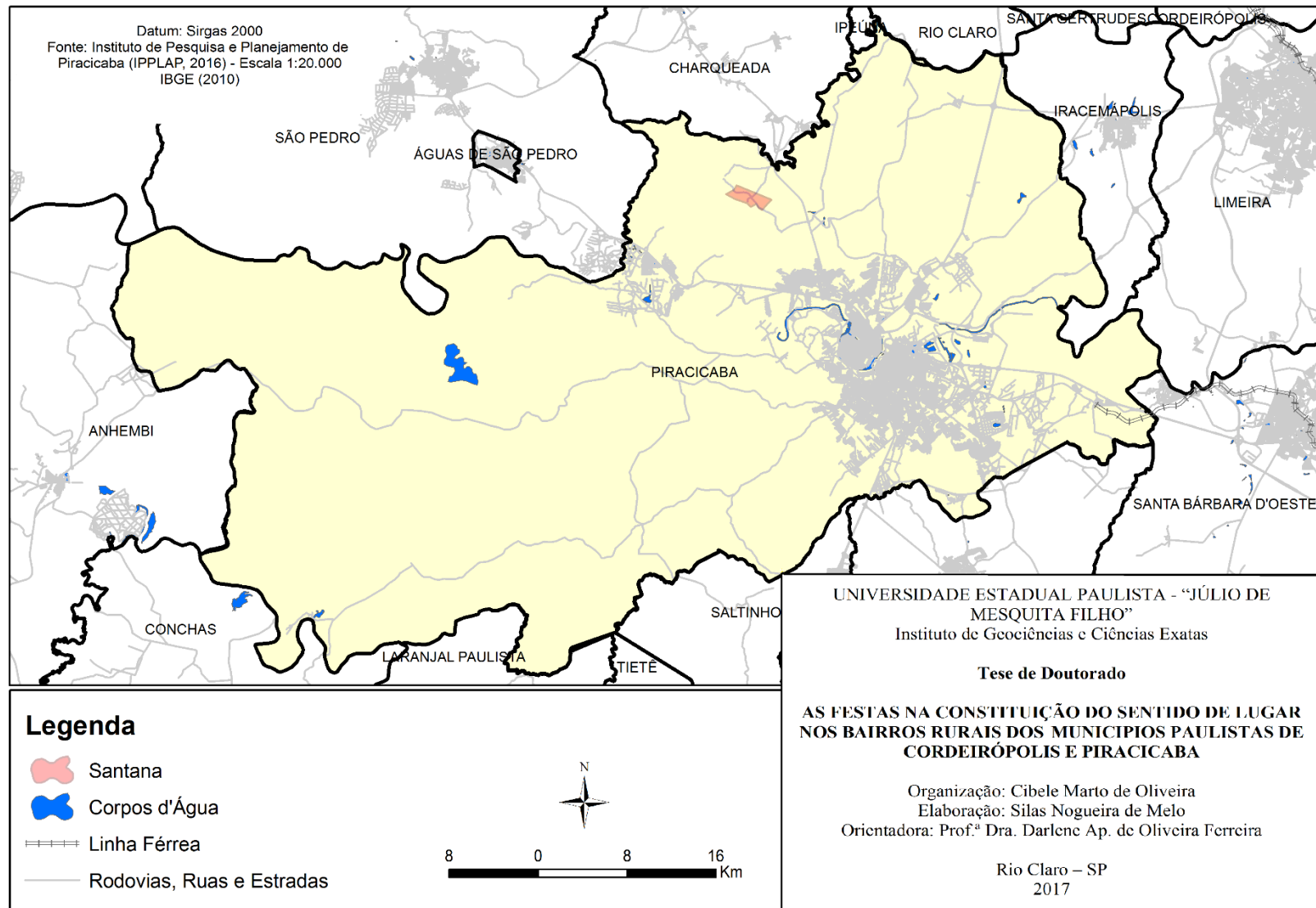


Figura 3 - Localização do bairro de Santana – Piracicaba - SP

Sobre o recorte de estudo, Cazella et al. (2009, p. 48) afirmam que é necessário “[...] investigar, adicionalmente, a percepção sobre as referidas “funções” e a correspondente atuação dos atores e redes sociais relevantes na construção social dos respectivos territórios”. A respeito desses aspectos, as festas constituem um elemento para se compreender a sociabilidade dos bairros, representando, portanto, parte da construção desse lugar no decorrer de sua história.

Para compreender a definição de bairro rural, nos atentando ao embasamento que Queiroz (1973, p. 123) faz, na qual o estudo desse recorte de pesquisa deve ser baseado nas relações sociais estabelecidas em si mesmo e com a sociedade global, e não pelo regime econômico, pois sendo o bairro uma unidade mínima da vida sociocultural pode ser estudado em si mesmo e comparado com outros da mesma espécie, pertença ao município que pertencer.

Essa concepção da autora, juntamente com a conservação das características que ainda prevalecem em Cascalho e Santana, aliadas ao fato de os moradores continuarem a chamar o lugar de bairro, e se sentirem pertencentes àquelas comunidades, nos permite considerá-los como tal e utilizar essa referência durante todo nosso trabalho.

O interesse de estudos e pesquisas sobre os tipos de povoamento rural, suas transformações e conjuntura atual é decorrente da importância que a atividade agrícola teve e ainda tem na vida econômica do país (KELLER, 1970). Porém, fazer um trabalho que aborde o rural no Brasil não é tarefa simples, Schmidt (1951) pontua alguns elementos que nos fazem compreender os motivos, tais como: os tipos de regime da propriedade, os sistemas de exploração, os métodos e técnicas de trabalho, padrões e níveis de vida – que envolvem desde o tipo de alimentação, vestuário, habitação, costumes, além de outras questões, mais pontuais, – que fazem com que o Brasil tenha uma variedade imensa de características, que vão desde as formas primitivas de plantio, colheita, criação de animais, por exemplo, até o uso de sofisticadas tecnologias.

O autor⁶ também esclarece que, desde a criação das capitânicas hereditárias, em 1532, foram necessários mais de quatro séculos para que as terras, nos dias atuais, fossem mais fracionadas, mesmo que esse fato não represente uma equitativa distribuição. Diante da conjectura exposta pelo autor, fica evidente que todo trabalho que aborde o rural justifica ser realizado como contribuição para as ciências envolvidas e para os lugares que são estudados.

No trabalho de mestrado de Fernandes (1971, p. 8), a autora menciona que “[...] os bairros rurais são numerosíssimos no Estado de São Paulo [...]”. Essa condição, alusiva à década de 1970, não existe mais em função das transformações do espaço e ao estreitamento da relação entre campo e cidade. Como atualmente não existem muitos trabalhos com esse recorte de

⁶ Id. Ibid.

estudo, esse fato também justifica a pesquisa, pois se faz importante o estudo dos bairros ainda existentes.

Na história da agricultura brasileira, a modernização ocorrida no país a partir da década de 1950, foi socialmente excludente e representou para a sociedade uma concentração da propriedade da terra, intensificação das migrações campo-cidade (aumento desenfreado da população urbana), além do aumento de tensões e conflitos (OLIVEIRA, 2003).

Outros fatores como os processos de globalização, industrialização, urbanização e reestruturação produtiva levaram a intensas transformações ocorridas nas relações entre o campo e a cidade e os modos de vida desses espaços. Parte da população residente no campo incorporou hábitos urbanos, em decorrência das mudanças de infraestrutura, principalmente em relação às melhorias das vias e dos meios de transporte, além do acesso às informações veiculadas pelas mídias. Do mesmo modo que a população rural que migrou para a cidade levou alguns hábitos, como o cultivo de hortas, e também práticas culturais e religiosas (HESPANHOL, 2013, p. 109).

Carneiro (1998, p. 53) também versa sobre algumas dessas transformações, e expõe que o processo de modificação no campo não é único, não acontece de forma homogênea em toda sua extensão. Apesar das medidas modernizadoras terem sido realizadas, tendo como base uma produção urbano-industrial, essas não chegaram a todas as categorias de produtores, “nesse sentido, não se pode falar de ruralidade em geral; ela se expressa de formas diferentes em universos culturais, sociais e econômicos heterogêneos”. A autora pondera, ainda, que a partir da década de 1980 os limites do modelo produtivista praticado no campo, e a expansão industrial nas cidades geraram formas alternativas de reprodução social nesses espaços.

Dois outros fatos importantes, similarmente, impuseram novas transformações ao campo. O primeiro diz respeito à conservação dos recursos necessários à continuidade da produção agropecuária. E o segundo é que houve, nos últimos anos, um crescimento das atividades não agrícolas no meio rural. Sob essas perspectivas, além de novas condições ao campo, aparecem, também, novos estudos, como os da pluriatividade e o novo rural (ABRAMOVAY, 2000).

Apesar da pluriatividade ser um fenômeno antigo, no campo brasileiro ela adquiriu novas formas de organização e produção, representando uma alternativa de fixação do homem ao campo, rompendo, dessa forma, com parte do êxodo rural (CARNEIRO, 1998).

Por meio da pluriatividade o produtor familiar tem buscado formas alternativas, como o trabalho em tempo parcial a fim de manter sua reprodução e até mesmo sobrevivência no campo. Essa ação acontece por meio da liberação de membros da família para exercerem outras

atividades, sejam elas agrícolas ou não, complementando, assim, a renda familiar (MARAFON; SEABRA, 2014).

A partir da década de 1970, teve início, de forma tímida no Brasil, uma experiência que já é mais antiga no continente europeu, que é a procura do campo como forma de desenvolvimento da atividade do turismo e lazer por pessoas da cidade. Essa atividade, inserida em nosso país como um contexto do novo rural, permitiu e permite, de certa forma, o surgimento de uma nova possibilidade de trabalho para a população rural. Ela aparece sustentada e ampliada a partir da revalorização da natureza e da vida no campo, em contraponto com a vida agitada e degradante da cidade, na qual “o ar puro, a simplicidade da vida e a natureza são vistos como elementos “purificadores” do corpo e do espírito poluídos pela sociedade industrial” (CARNEIRO, 1998, p. 57). Nesse contexto, uma nova infraestrutura surge para atender os anseios dos turistas e excursionistas; passando a agropecuária a ser uma atividade suplementar.

Essa conjuntura de mudanças, associadas aos aspectos sociais, econômicos, espaciais e culturais, vão ao encontro do que afirma Brandão (1989), sobre o estreitamento das relações entre os espaços cidade e campo incidirem de forma significativas nas festas realizadas nesse último. Isso posto, é possível realizarmos alguns questionamentos, tais como: que mudanças as festas tiveram, à medida que a organização espacial do entorno mudou? Conforme o processo de urbanização se acentua, quantas dessas transformações urbanas afetam ou interagem sobre as festas? Por que as festas das comunidades ultrapassaram os limites territoriais do lugar rural? A prática da religiosidade católica é, ainda, um fator importante para a realização das festas? A igreja local é a única responsável pela organização e execução das festas? As festas continuam a integrar a comunidade da mesma maneira, comparando-se a algumas décadas atrás? As festas de outrora, realizadas pelas e para as igrejas, tinham o objetivo de arrecadar fundos para os termos e ampliações das obras, essa condição ainda prevalece? As atrações mostradas nas festas sempre fizeram parte das tradições e costumes? Alguma atração “foi fabricada” para atender aos anseios do público não residente no bairro que participa das festas? Alguma imagem ou elemento sobre as tradições e costumes foi reforçado? A partir desses questionamentos é que se estabelece a tese a ser pesquisada.

Objetivamos, portanto, defender que mediante aceleradas transformações dos espaços e a aproximação entre campo e cidade as relações espaciais e as festas perderam suas características típicas rurais, mas permanecem como elemento primaz de agregar os membros da comunidade rural e dar-lhes identidade; permanecendo, ainda, como uma marca histórica da ocupação dos bairros rurais.

Dessa forma, esta pesquisa é um estudo de caso que acontece por meio da abordagem qualitativa. Goldenberg (1998) explica que o estudo de caso não é uma técnica específica, mas sim uma análise mais completa, que considera a unidade social estudada como um todo. Esse tipo de pesquisa reúne o maior número de informações possíveis, possibilitando a penetração na realidade social, não conseguida pela análise estatística, dessa forma, o estudo também é descritivo.

A respeito da abordagem da pesquisa qualitativa com enfoque no estudo de caso, Godoy (1995, p. 21) elucida que “[...] o pesquisador vai a campo buscando captar” o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes”. Dessa forma, os dados coletados são observados e analisados a fim de se obter a compreensão do fenômeno investigado, adotando uma perspectiva exploratória e descritiva, como é o caso de nossa pesquisa.

No estudo de caso, o pesquisador geralmente utiliza uma variedade de dados coletados em diferentes momentos, por meio de variadas fontes de informação. Tem como técnicas fundamentais de pesquisa a observação e a entrevista [...] podendo ainda utilizar fotos, desenhos, colagens ou qualquer outro tipo de material que o auxilie na transmissão do caso (GODOY, 1995, p. 26).

Gibbs (2009) adverte que uma grande preocupação da análise qualitativa é descrever a situação e poder responder o que se sucede com o objeto de estudo. Essa descrição minuciosa permite uma compreensão e análise do contexto estudado, que pode ser algo novo, ou ter sido esquecido.

1.1 Objetivos

Sitiantes e fazendeiros nunca viveram de forma isolada, sempre buscaram uma maneira de se reunir, seja de forma programada ou espontânea com a finalidade de estabelecer trocas sociais e integrando-se, cada vez mais, com o grupo de vizinhança (FUKUI, 1979). A sociabilidade nos bairros rurais sempre foi mais exercida pelos homens, devido às opções de lazer existentes para eles, sendo o momento de festa o único evento que, efetivamente, reunia toda a comunidade, sem distinção de idade e gênero.

Em nossa pesquisa as festas foram analisadas a fim de verificar como estas se articulam, atualmente, à vida social dos moradores dos bairros e como estão relacionadas às manifestações devocionais daqueles que ali residem.

O objetivo principal do trabalho foi pesquisar as festas realizadas nos dois bairros rurais – Cascalho e Santana – a fim de averiguar a importância e significado das mesmas sob a ótica da comunidade. Outra finalidade é compreender as transformações que os eventos tiveram em

função das mudanças do campo e do modo de vida rural. Esse entendimento se deu a partir de quatro perspectivas, de acordo com que designa Teixeira (2010): o objeto, os grupos celebrantes, o tempo e as atividades específicas. Em síntese, é desígnio deste trabalho:

- A- Obter a história das festas realizadas pela comunidade por meio da metodologia do relato oral, a fim de verificar as mudanças ocorridas com o passar do tempo, em função das transformações ocorridas no campo.
- B- Analisar o material iconográfico obtido por meio de diversas fontes, para poder completar e complementar o histórico das festas.
- C- Participar das festas como observadora, a fim de poder descrever os eventos na atualidade.
- D- Acompanhar os preparativos das festas como forma de complementar as descrições, delineando funções e hierarquia das pessoas da comunidade.
- E- Realizar entrevistas com os moradores dos bairros responsáveis pela organização e colaboração nos eventos, com o objetivo de obter respostas para nossos questionamentos e, assim, fazer a defesa da tese.

1.2 Metodologia

Esta seção apresenta aspectos metodológicos utilizados para o desenvolvimento e delineamento do trabalho, que consiste em um estudo de caso abordado por meio da pesquisa qualitativa descritiva, que emprega como ferramentas, para poder responder a tese: o relato oral, a obtenção de material iconográfico, o trabalho de campo e a entrevista com os moradores dos bairros.

Para chegar ao resultado desejado foi necessário perpassar por inúmeras fases: levantamento bibliográfico para fundamentação da pesquisa, trabalho de campo, coleta de dados (censitários, econômicos e sociais), busca de material iconográfico e cartográfico. Esses dados visaram subsidiar e situar o trabalho sob a perspectiva temporal e geográfica.

A partir da definição dos objetivos, da exposição da tese a ser desenvolvida e da definição dos objetos de estudo, nos atemos a expor as principais etapas, que não foram consideradas de forma engessada, portanto, muitas aconteceram de forma simultânea no decorrer do desenvolvimento da pesquisa.

- Revisão bibliográfica
- Fundamentação teórica
- Discussão teórica
- Levantamento, pesquisa e compilação de dados secundários
- Trabalho de campo e realização das entrevistas (relato oral)

- Coleta e análise de material iconográfico
- Entrevista
- Observação direta e indireta das festas
- Conversas informais
- Redação da tese

O fato de a pesquisa ter se iniciado no doutorado, sem ser atrelada a outros trabalhos previamente concretizados, nos levou a realizar uma extensa consulta sobre as temáticas e conceitos a serem abordados e inseridos ao longo da tese. Foram pertinentes leituras e utilização de trabalhos da sociologia, da antropologia, da economia, da história e, principalmente, da geografia. Esses estudos contemplam uma recomendação de Antônio Candido feita na obra “Os Parceiros do Rio Bonito” (1982, p.11) na qual menciona que a “[...] vida do homem brasileiro do campo não deve ser baseada apenas em enunciados políticos, ou em investigações especializadas economicamente e agrônomicas; mas também no estudo da sua cultura e da sua sociabilidade”.

Um outro fator que definiu nossa escolha das leituras está ligado às recorrentes falas entreouvidas nos eventos da Geografia, que apontam e criticam que, na atualidade, não se faz mais uso de obras de grandes geógrafos brasileiros do passado. Atentando para essa questão, procuramos utilizar, em nossa bibliografia, autores que trabalham de forma única as temáticas abordadas.

A revisão bibliográfica foi realizada para compor uma contextualização sobre a formação histórica do Estado de São Paulo e os núcleos coloniais. Para composição do capítulo foram pesquisados trabalhos publicados em livros, revistas e trabalhos de dissertações e teses com o objetivo de obter um panorama sobre os vários aspectos envolvidos, como a cultura cafeeira e a imigração italiana. Como cita Petrone (1956), para entender a marcha do povoamento e ocupação do Estado de São Paulo é preciso compreender a história da cultura cafeeira, que permitiu a construção da ferrovia e o uso de mão de obra da imigração europeia, principalmente a italiana.

Em relação à pesquisa sobre o Núcleo Colonial oficial de Cascalho, muito do material encontrado foi por meio do site do Arquivo Público do Estado de São Paulo, que disponibiliza de forma digital parte de seus documentos⁷.

⁷ Parte da documentação foi acumulada pela Secretaria de Agricultura, o que contribuiu de forma profícua para encontrarmos material sobre o núcleo estudado. n.a.

A revisão bibliográfica visou uma compreensão dos aspectos espaciais e recorte da pesquisa sobre a relação campo-cidade e bairros rurais. Há uma ampla publicação de trabalhos com diferentes perspectivas sobre a relação campo e cidade, mediante essa diversidade, buscamos contemplar leituras focadas diretamente com nossa análise, que contribuem, efetivamente, para “o olhar” que procuramos atribuir aos nossos objetos de estudo. Daí nos basearmos, em relação a essa abordagem dos espaços, em leituras recentes, porque acreditamos que as mesmas nos propiciam uma versão mais próxima da realidade atual brasileira. A partir da compreensão sobre a relação entre campo e cidade é possível avançar na defesa da tese, permitindo uma melhor apreciação sobre os aspectos relacionados à execução das festas.

Também foi realizada uma revisão teórica sobre as temáticas Geografia Cultural e festas, que subsidiaram a descrição, a análise e a inferência dos eventos realizados nos bairros de Cascalho e Santana. Como metodologia básica para analisar as festas nos pautamos nos aspectos históricos, descritivos, geográficos e de valores que a comunidade atribui aos eventos.

Por meio de uma busca com a palavra-chave “festa”, realizamos uma revisão bibliográfica sobre o tema em periódicos de Geografia, a fim de obtermos trabalhos voltados a essa ciência. A diversidade de trabalhos utilizados se fez necessária, pois buscamos refletir sobre inúmeros aspectos, desde a concepção de um evento cultural até questões de ordem histórica e econômica. Embora procurando incluir o máximo de trabalhos de Geografia, trabalhamos, também, com publicações da Sociologia e da Antropologia.

Outro ponto sobre as festas é que não selecionamos trabalhos que abordam grandes eventos, principalmente os realizados em área urbana, por não apresentarem contribuições para a pesquisa. Novamente, buscamos prestigiar as publicações nacionais devido à proximidade com a realidade brasileira.

Os trabalhos de campo⁸ foram imprescindíveis em nossa pesquisa, pois por meio deles pudemos conhecer e descrever os bairros, fazer todas as entrevistas e participar das festas. Permitiram, além da observação, descrição, levantamento de dados, incluir levantamento de material documental e iconográfico.

Duvignaud (1983) estabelece uma tipologia das festas entre participação e representação, além de classificar, também, as pessoas entre atores e espectadores. Para a concepção de nossa pesquisa, estabelecemos uma relação semelhante, na qual realizamos as entrevistas semiestruturadas somente com os atores da festa, ou seja, aqueles que a organizam e a desenvolvem, pois o objetivo era obter a resposta da tese tendo em consideração o fator endógeno.

⁸ Foram realizados nove trabalhos de campo em Cascalho e onze em Santana.

Em relação aos relatos orais e às entrevistas, o anseio do conteúdo adquirido, totalizando mais de 45 horas de gravação e 85 pessoas entrevistadas, foi totalmente qualitativo, visando complementar as informações sobre a história e evolução das festas pesquisadas, a partir da análise prévia da bibliografia e, também, obter as respostas para a defesa da tese. A importância da sistematização do relato oral foi focada na obtenção de dados históricos e captação de material iconográfico. Usamos gravador como forma de registro e, como apoio para as entrevistas, utilizamos três questionários: um mais amplo, aplicado somente com o grupo de organizadores⁹, outro com o grupo de colaboradores¹⁰ e um terceiro feito com o grupo de crianças e adolescentes¹¹.

Para o grupo de moradores efetivamente envolvidos com a organização das festas empregamos um questionário semiestruturado e aplicado a partir do uso da metodologia do relato oral, com a função de criar uma fonte de dados. Como não há uma história da realização das festas no bairro, tornou-se necessário, primeiramente, tecer essa narração. Os organizadores, por estarem a longos anos envolvidos com a realização dos eventos e se responsabilizarem pela liderança dos mesmos, foram as pessoas mais indicadas a colaborarem com a criação dessa fonte de dados.

Para o grupo de colaboradores, constituídos em sua maioria pelos habitantes que trabalham nos eventos, foram selecionadas as questões que visam obter as respostas para defesa da tese. Já em relação ao grupo formado por crianças e adolescentes, o questionário foi adaptado, não incluindo questões sobre o passado das festas e inserindo indagações sobre as perspectivas de futuro.

1.2.1 O uso do relato oral na pesquisa

No Brasil, o ritmo rápido de mudanças de população agrária para predominantemente urbana, a partir de 1950, acabou por tornar o campo um espaço diversificado, deixando de ser um local da atividade agropecuária, pois foram ampliadas ou introduzidas outras funções (HESPANHOL, 2013).

Mediante essas intensas mudanças e introdução de atividades, criou-se a necessidade de conservação e o recolhimento da maior quantidade possível de testemunhos sobre as formas de vida. Dentre as metodologias que podem ser utilizadas para essa captação se encontra o uso do relato oral¹², que, através dos séculos, foi a maior fonte humana de conservação e difusão do saber.

⁹ Apêndice A - questões para o grupo de organizadores.

¹⁰ Apêndice B - questões para os moradores.

¹¹ Apêndice C - questões adaptadas para o grupo de crianças e adolescentes.

¹² Usualmente denominado também de história oral.

A transmissão de informações por meio do relato oral pode ser referente ao passado mais longínquo ou ao passado mais recente. Pode veicular informações diretamente do narrador, como relatar acontecimentos adquiridos por outros meios que não a experiência direta, e pode, ainda, englobar antigas tradições do grupo ou da coletividade. Nem sempre o relato oral teve a credibilidade que possui hoje, por não se confiar nessa metodologia como uma forma de documento, porém, a partir do momento em que for gerado, o relato passa a se constituir em documentos como quaisquer outros (QUEIROZ, 1988).

O documento gravado, como qualquer outro tipo de documento, está sujeito a diversas leituras. O procedimento [...] diante de tal documento deverá ser o mesmo, no que concerne à sua análise e problematização.

A História Oral fornece documentação para reconstruir o passado recente, pois o contemporâneo é também história. A História Oral legitima a história do presente, pois a história foi, durante muito tempo, relegada ao passado (FREITAS, 2006, p. 46).

Para compreendermos a concepção do relato oral, citamos o entendimento que Queiroz (1988) faz sobre essa metodologia.

“História oral” é termo amplo que recobre uma **quantidade de relatos** a respeito de **fatos não registrados** por outro tipo de documentação, ou cuja documentação se quer completar. Colhida por meio de **entrevistas** de variada forma, ela registra a experiência de um só indivíduo ou de diversos indivíduos de uma mesma coletividade. Neste último caso, busca-se uma convergência de relatos sobre um mesmo acontecimento ou sobre um período de tempo (QUEIROZ, 1988, p. 19, grifos da autora).

Freitas (2006, p. 18) é outra autora que tece definição sobre relato oral e expõe que se trata de “um método de pesquisa que utiliza a técnica de entrevistas e outros procedimentos articulados entre si [...] é técnica e fonte, por meio das quais se produz conhecimento”. Outra consideração importante é sobre o papel do entrevistado, pois ele é considerado um agente histórico. A autora divide a metodologia em três gêneros, como demonstrado na Figura 4.

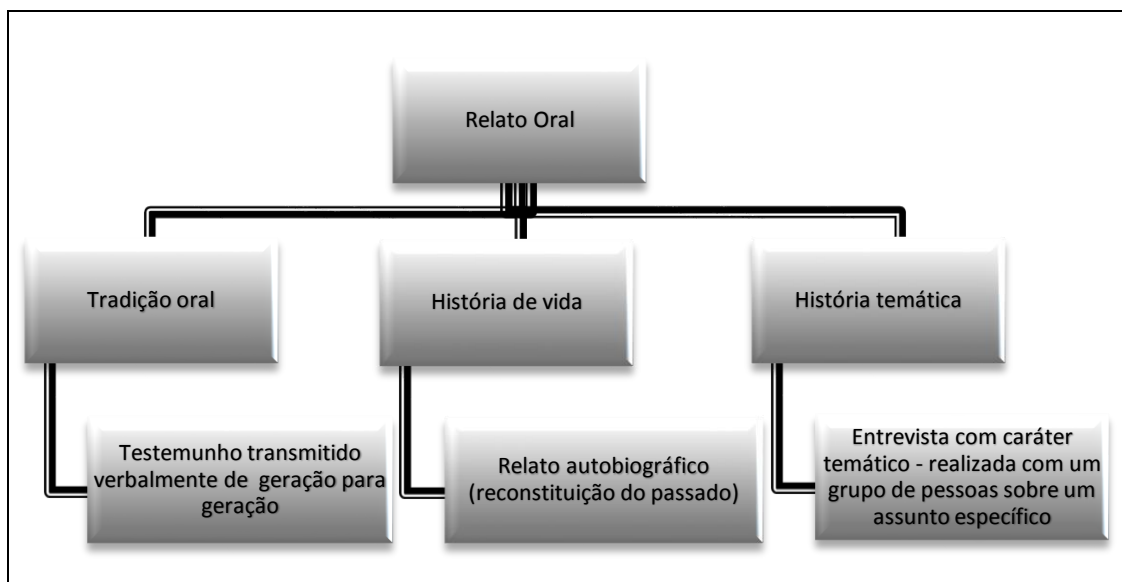


Figura 4 – Esquema explicativo dos três gêneros de relato oral

Fonte: elaborado pela autora a partir de Freitas (2006)

A partir das definições das autoras supracitadas, é possível delinear parte de nossa pesquisa, que teve como finalidade criar uma fonte de informação acerca dos eventos realizados pela comunidade, registrando, assim, a história da realização das festas. Essa ação se deu por meio da utilização do gênero de história temática, que envolve entrevistas sobre um assunto em específico (depoimentos direcionados). Esse gênero permite, igualmente, a realização de uma comparação entre as entrevistas obtidas, que embora sejam depoimentos pessoais, concedem captar a vivência e experiência a fim de se buscar as características da coletividade.¹³

A inclusão do relato oral, versando sobre um estudo qualitativo, objetiva, ainda, integrar um processo de valorização das narrativas, ou seja, da história e da memória da comunidade em relação à execução das festas; essa perspectiva é baseada na recomendação de Meihy e Ribeiro (2011), que citam ser importante ultrapassar a mera posição de geradora de informações, uma vez que a metodologia oportuniza um meio para a realização da análise de um *corpus* documental de forma mais profícua.

O pesquisador, que não é passivo e nem neutro, é guiado pelo seu interesse ao procurar um narrador, que nem sempre responderá de forma satisfatória. No momento do uso do relato o pesquisador só irá utilizar as informações que julgar relevante. Sob essas perspectivas se faz necessário, portanto, adequar da melhor forma as questões da entrevista, bem como o número de pessoas a ser entrevistadas. O documento final é o resultado do diálogo entre pesquisador e pesquisado (QUEIROZ, 1988; FREITAS, 2006).

¹³ Id. Ibid.

1.2.2 O uso das entrevistas na pesquisa

Conforme afirma Gaskell (2012), o uso de entrevista qualitativa pode ser associado a outros métodos e tem como fundamento fornecer dados básicos para a compreensão das relações dos atores sociais e de suas crenças, atitudes, valores e motivações, o que acaba por refletir o contexto social em que vivem. Essa compreensão da vida dos entrevistados e de grupos sociais é uma condição essencial para o desenvolvimento de uma pesquisa qualitativa. O autor também argumenta que, nesse tipo de metodologia, a quantidade de entrevistas não é o fator mais importante.

A finalidade real da pesquisa qualitativa não é contar opiniões ou pessoas, mas ao contrário, explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão. Em um meio social específico [...] o que nós estamos interessados em descobrir é a variedade de pontos de vista no assunto em questão [...] e especificamente o que fundamenta e justifica estes diferentes pontos de vista (GASKELL, 2012, p. 68).

Tendo em consideração a quantidade não ser fundamental no uso de entrevistas qualitativas, nos atemos a outra questão, que é o princípio da estratégia de saturação. Ela acontece quando não se encontram mais dados adicionais aos objetivos propostos, ou seja, quando as falas se repetem e todas as hipóteses levantadas tenham sido respondidas plenamente (ROSA; ARNOLDI, 2006).

Como as festas são realizadas por um grupo heterogêneo, as entrevistas aconteceram tanto com mulheres, quanto com homens, buscando, também, uma amplitude de idades já que inúmeras crianças e adolescentes trabalham nos eventos. Consideramos tal abrangência importante, pois de acordo com Freitas (2006), pessoas idosas, geralmente detêm mais vivência, porém estão sujeitas ao esquecimento de acontecimentos recentes (estes se deterioram primeiro). As entrevistas com os moradores, que fizeram parte do grupo colaboradores, foi menos complexa, pois não requereu que questões alusivas ao âmbito histórico das festas fossem feitas. Todas as perguntas tiveram o objetivo de responder aos questionamentos da pesquisa e conduzir

Ressaltamos, ainda, que adultos e crianças assinaram um termo de concessão¹⁴ de entrevista, com a finalidade de atender a conduta ética que esse tipo de metodologia requer. Na Tabela 1 estão contidas as quantidades de entrevista realizada em cada bairro. Nos apêndices F, G, H e I constam as listas com os detalhes de cada entrevista.

¹⁴ Apêndices D e E.

Tabela 1– Quantidade e tipo de entrevistas realizadas

| Bairro | Relato Oral | Entrevista com colaboradores | Entrevista com crianças e jovens | Total |
|----------|-------------|------------------------------|----------------------------------|-----------|
| Cascalho | 07 | 16 | 14 | 37 |
| Santana | 06 | 27 | 15 | 48 |
| | | | | 85 |

Fonte: organizado pela autora

Em Cascalho, parte das entrevistas foi realizada na Casa da Cultura do bairro; cinco nas casas dos moradores e as demais nos dias de evento. Com o grupo de crianças e adolescentes as entrevistas foram concedidas na unidade escolar em que eles estudam¹⁵ e, com somente três deles, a entrevista aconteceu em dias de evento.

Em Santana, aproximadamente vinte entrevistas aconteceram nas casas dos moradores e as demais em dias de festas.

Os lugares escolhidos para a realização dos relatos orais e entrevistas¹⁶ que se sucederam nas casas dos moradores e na Casa da Cultura de Cascalho, foi uma decisão de cada participante. Dessa forma, buscamos tornar o acontecimento o mais adequado e confortável possível. Já na ocasião das festas, ficou acordado que seria feito em momento mais tranquilo, em que a pessoa não seria requisitada para desempenhar a função que exerce no evento. É possível afirmar que a grande parte manteve tom informal a fim de deixar os entrevistados mais à vontade.

De acordo com Queiroz (1988, p. 28), os indivíduos são considerados como fenômeno social, portanto, aspectos intrínsecos de seu grupo, comportamento e técnicas, valores e ideologias podem ser “apanhados” por meio de suas histórias. A respeito da diferença entre técnica e material levantado, a autora faz a seguinte definição:

Técnica é procedimento ou conjunto de procedimentos de modos de fazer bem definidos e transmissíveis, destinados a alcançar determinados objetivos: como todo procedimento, é ação específica, sistemática e consciente, obedecendo a determinadas normas e visando determinado fim; é conservada e repetida se sua eficiência for comprovada pelos resultados obtidos. Toda técnica é mecanismo de captação do real [...] e não pode ser confundida com o material reunido, isto é, com os dados [...].

Material levantado é, por sua vez, um conjunto de informações reunidas de acordo com um ponto de vista de um sistema – conjunto empírico que deve, em seguida, ser trabalhado por outros procedimentos como a descrição, a análise, o levantamento de inferências, a compreensão, a explicação, os quais se sucedem como fases diferentes e inconfundíveis. (QUEIROZ, 1988, p. 29).

¹⁵ Com consentimento dos responsáveis da unidade escolar em decorrência da autora ser professora efetiva.

¹⁶ No caso da escolha da unidade escolar, foi uma opção da autora.

Para uma melhor descrição, análise e inferências, nos pautamos na voz e na entonação das falas. A respeito do uso da voz como instrumento da reconstrução do passado e oportunidade de recuperação de testemunhos, Freitas (2006, p. 47) versa que “[...] a voz é um elemento em si mesmo. Suas variações dão sentido ao texto transmitido, transformam-no, dando-lhe, muitas vezes, um significado além do que foi meramente dito”. Portanto, esse foi um detalhe considerado, uma vez que as festas dos bairros remetem à afetividade ao lugar e respeito às tradições dos moradores, sentimentos que transpareceram nos relatos. No Quadro 1 sintetizamos as etapas, procedimentos e descrição de como transcorreram as entrevistas, baseadas na concepção da autora.

Quadro 1– Procedimentos adotados para realização das entrevistas

| Etapa | Procedimento | Descrição |
|----------------|---|--|
| Elaboração | Definição do tema, propósito da pesquisa e pessoas a serem entrevistadas | <ul style="list-style-type: none"> - A relação de nomes não foi desde o princípio definitiva – um depoente levou a indicação de outros e a pessoa previamente eleita pôde declinar do convite; - Preocupação principal com a qualidade e não quantidade de entrevistas; - Não limitar o tempo de duração das entrevistas. |
| Pesquisa | Fase de pesquisa bibliográfica e investigação de fontes primárias e secundárias | <ul style="list-style-type: none"> - Consulta ao material que auxiliou na composição da pesquisa e da entrevista; - Conservação da relação bidirecional entre entrevista e pesquisa. |
| Roteiro | Elaboração do roteiro geral e conduta da entrevista | <ul style="list-style-type: none"> - Levantamento de questões - Caráter temático: festas; - Não realizado de forma rígida¹⁷. |
| Entrevista | Realização da entrevista | <ul style="list-style-type: none"> - Pouca interferência durante as falas; - Evitar fazer juízo de valor; - Não interromper as falas e evitar demonstrar desinteresse. |
| Pós-entrevista | Transcrição e Conferência | <ul style="list-style-type: none"> - Transcrição parcial das falas de acordo com o foco de cada questão; - Garantir o máximo de originalidade, sem deixar de dar importância à forma. |

Fonte: elaborado pela autora a partir de Freitas (2006)

¹⁷ A aplicação dos roteiros nas entrevistas não deve ser realizada de forma rígida e engessada a fim de se aproveitar possíveis questões que surjam naturalmente nos discursos do depoente. Cada entrevista tem a sua própria dinâmica, com interesses diversos que o depoente possa comunicar nas abordagens de determinadas questões (FREITAS, 2006).

Para a inserção dos trechos das entrevistas neste trabalho, adotamos uma forma diferenciada daquela recomendada para a citação direta; para tanto, seguimos instruções dos profissionais da Biblioteca da Unesp Rio Claro, os quais nos orientaram que as transcrições das falas devem ser feitas em itálico ou entre aspas; não devem ser incorporadas ao parágrafo e os dados para identificação precisam ser mencionados em nota de rodapé. Adotamos esse padrão ao longo deste trabalho.

1.3 Desenvolvimento da pesquisa

Neste primeiro capítulo, buscamos delinear os motivos que nos levaram ao desenvolvimento da pesquisa, justificando o trabalho, bem como, a apresentação dos objetivos e da metodologia utilizada.

No segundo capítulo, discorremos sobre aspectos da formação da história do estado de São Paulo, que contribuíram para o estabelecimento de uma economia pujante a partir da agricultura cafeeira e da introdução efetiva da mão de obra imigrante, principalmente a italiana. Abordamos, ainda, a formação de núcleos coloniais que deram origem ao bairro de Cascalho¹⁸.

O terceiro capítulo é referente à fundamentação teórica e teve como foco as temáticas sobre a relação campo-cidade e bairro rural. O levantamento bibliográfico sobre bairro rural teve como base trabalhos de geógrafos e sociólogos; ambas áreas têm em comum a consideração desse recorte espacial em função da sua sociabilidade e sentimento de pertencimento. Adiantamos que não foi objetivo de nossa pesquisa teorizar sobre campo e cidade de forma ampla, mas, sim, buscar referências que nos auxiliaram na compreensão desses espaços e na relação estabelecida entre eles e os municípios em que estão inseridos.

A revisão teórica, quarto capítulo, foi realizada sob as perspectivas da Geografia Cultural e a temática sobre festas. Mediante as análises que objetivamos desenvolver, não realizamos um histórico aprofundado do estudo da Geografia Cultural no mundo e nem no Brasil, pois outros autores já a realizaram de forma ampla, como Paul Claval, Roberto Lobato Côrrea e Zeny Rosendahl. Também não fizemos uma discussão sobre paisagem, uma temática cara à Geografia Cultural, por não se tratar de um elemento de análise específico em nosso trabalho.

Claval (2002, p. 20) menciona que “o objetivo da abordagem cultural é entender a experiência dos homens no meio ambiente e social, compreender a significação que estes impõem meio ambiente e o sentido dado às suas vidas”. Ou seja, trata-se da busca da compreensão das representações associadas à pesquisa geográfica.

¹⁸ A origem do bairro de Santana não aconteceu a partir da constituição de Núcleo Colonial. n. a.

Dentre os elementos que contribuem para o desenvolvimento e análise da tese se encontram: símbolos e práticas dos bairros rurais e das festas; a religiosidade (distinção entre o espaço sagrado e profano) e aspectos da identidade.

O estudo sobre festas no Brasil, de acordo com a avaliação de Fernandes (2003),¹⁹ foi uma “terra incógnita” em que se tratou a temática como vestígio do passado ou, ainda, como um fenômeno social em superação. Essa condição, segundo o autor, aconteceu devido à intensa tradição positivista, que só mudou a partir do início da década de 1960, quando as representações, o sentimento, a experiência e o imaginário social passaram a ser vistos como parte integrante dos estudos da Geografia. Dessa forma, acreditamos que a pesquisa é mais uma contribuição para a compreensão desse tema associado à ciência geográfica.

Os dois bairros estudados são constituídos, ainda hoje, por descendentes de italianos, e conservam a religiosidade e parte da cultura do passado. Cremos que essas características são importantes para a união do grupo e a realização da sociabilidade do lugar, principalmente por meio da realização das festas. A descrição e análise dessas características estão relatadas no quinto capítulo.

Não houve como pressuposto tecer uma comparação ampla entre os bairros, mas, sim, refletir sobre pontos comuns. Para tanto, essa ponderação perpassou sobre o processo de origem e a dinâmica da formação e evolução das características étnicas culturais. Também, atendemos à necessidade de incluir um estudo sobre o histórico dos bairros, visando à compreensão de aspectos econômicos, sociais e culturais da atualidade.

Um dos elementos avaliados, sob a perspectiva dos estudos da Geografia Cultural, é alusivo aos monumentos existentes em Cascalho e em Santana, que visam demonstrar a ancestralidade italiana e reverenciam os antepassados. Esses foram analisados sob o viés da identidade e do poder, tendo como proposição o que fundamenta Roberto Lobato Côrrea (2013).

A análise geográfica dos monumentos pode estar centrada em dois focos: identidade e poder. Ambos manifestam-se de diferentes maneiras. Por meio da necessária espacialidade que têm, implicando localizações fixas, dotadas de longa permanência, os monumentos são poderosos meios de comunicar valores, crenças, utopias e de afirmar o poder daqueles que os construíram (CÔRREA R., 2013, p. 76).

No sexto capítulo trazemos uma descrição das festas. A abordagem contemplou as principais características da atualidade, bem como um detalhamento dos eventos no passado, escrito a partir dos relatos orais dos moradores dos bairros. Além de podermos compreender as mudanças ocorridas com o decorrer do tempo, esse capítulo configura-se, também, como

¹⁹ Documento não paginado.

uma contribuição direta para as comunidades de Cascalho e Santana, uma vez que a história das festas e suas principais características não estão registradas de forma sistematizada como apresentamos aqui. O desenvolvimento desse capítulo visou, ainda, subsidiar as inferências redigidas no sétimo capítulo, com base nas entrevistas, ou seja, a partir do olhar da comunidade: organizadores, colaboradores e grupos de crianças e jovens.

Procedemos às análises, explicações e inferências, contidas no sétimo e último capítulo, a partir das transcrições das falas dos entrevistados. Adotamos esse procedimento, pois pudemos realizar uma avaliação específica a partir da grande quantidade de material adquirido, portanto optamos por um método para lidar com a obtenção de muitas horas de gravação, de forma prática e coerente, permitindo, assim, que fossem examinados e interpretados (GIBBS, 2009).

2 PARA INICIAR A PESQUISA – CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Este capítulo é referente à revisão bibliográfica de duas temáticas abordadas na pesquisa. Essa revisão teve como premissa realizar uma contextualização histórica, para melhor compreender a formação e ocupação do Estado de São Paulo e o surgimento e composição dos núcleos coloniais. As leituras realizadas nos permitiram avançar na pesquisa e direcionar o olhar aos elementos e ações que foram observados e analisados no campo.

A primeira parte do capítulo contextualiza aspectos da distribuição e aquisição de terras no Brasil. Na continuidade, com o objetivo de obter o entendimento da transformação do espaço, pesquisamos sobre a formação histórica do estado de São Paulo a partir do século XIX, período no qual as mudanças passaram a acontecer de forma mais intensa.

Outras questões pesquisadas enfocam o sistema de imigração estrangeira em função da cafeicultura e a contribuição do imigrante italiano para a agricultura e o trabalho. O sistema de imigração foi amplamente subordinado aos interesses dos grandes fazendeiros de café, tanto no aspecto de suprimento de mão de obra para a lavoura, como na constituição de núcleos coloniais, que eram colônias baseadas na pequena propriedade do solo (GADELHA, 1982). A diferenciação entre esses núcleos oficiais e os não oficiais nos permitiram realizar algumas inferências sobre os aspectos encontrados, atualmente, nos bairros pesquisados, bem como compreender a contribuição da imigração italiana para o Estado de São Paulo.

2.1 Passado histórico das terras no Brasil

Para compreensão do contexto atual dos bairros pesquisados é necessário relatar o passado histórico das terras no Brasil e buscar a origem de como aconteceu a distribuição, herança e compra dessas, bem como entender os aspectos de povoamento do estado de São Paulo, que pode ser dividido em dois tempos de acordo com Monbeig (1984). O primeiro tempo que o autor se refere vai até um pouco antes do final do século XIX e corresponde a áreas antigas, que foram ocupadas desde a colonização. O segundo momento se inicia a partir do século XIX, quando acontece a intensificação da ocupação da área rural paulista, em decorrência, principalmente, da produção cafeeira.

Schmidt (1951) assinala que os colonizadores lusitanos, devido às condições de exploração aqui encontradas nos primeiros anos após o *achamento*²⁰ do Brasil, vieram para o país com o objetivo de desenvolver atividades agrícolas baseadas na implementação de grandes propriedades latifundiárias. Nas palavras do autor:

²⁰ O uso do termo *achamento* é o mais adequado de ser utilizado, de acordo com os historiadores porque já haviam habitantes morando nas terras dos continentes americanos. n.a.

Frustradas as primeiras tentativas para a obtenção de uma riqueza fácil e desmedida, não houve senão como orientar, depois das primeiras explorações extrativas do pau-brasil, suas atividades para a agricultura. Aqui, entretanto, as condições do meio diferiam por excelência das que imperavam em sua terra de origem, e os colonizadores lusitanos não encontraram outro caminho senão aquele que lhes estava claramente indicado pelos naturais da terra. Entregaram-se à agricultura e adotaram as técnicas indígenas, naturalmente modificadas graças ao equipamento material de que dispunham (SCHMIDT, 1951, p. 9).

Tendo a exploração da agricultura ficado evidenciada como atividade principal, a Coroa portuguesa, representada por Dom João III, se viu diante do problema de encontrar meios de ocupar essas terras para prevenir que outras nações, em especial a França, descobrissem ouro, prata, pedras preciosas ou algum outro produto, fruto da extração vegetal ou mineral, que pudesse ser lucrativo no mercado europeu. A solução foi a divisão de terras entre pessoas ligadas à Coroa como esclarece Boris Fausto (1995):

Dom João III decidiu-se pela criação das capitânicas hereditárias. O Brasil foi dividido em quinze quinhões, por uma série de linhas paralelas ao equador que iam do litoral ao meridiano de Tordesilhas, sendo os quinhões entregues aos chamados capitães-donatários. Eles constituíam um grupo diversificado, no qual havia gente da pequena nobreza, burocratas e comerciantes, tendo em comum suas ligações com a Coroa (FAUSTO, 1995, p.44).

As terras brasileiras eram utilizadas como mercadoria, visto que o rei entendia que integravam seu patrimônio pessoal. Acabaram sendo doadas como forma de recompensa pelos serviços prestados à Coroa, portanto, tornavam-se acessíveis somente a uma ínfima parcela da população, que poderia explorá-la lucrativamente. Esse modelo, baseado na grande propriedade monocultora e escravista, dificultou o desenvolvimento dos pequenos e médios proprietários (PRIORE; VENÂNCIO, 2006).

Aqueles que pretendiam obter um lote de terra tinham “que solicitar uma doação pessoal. A decisão do rei para a concessão do privilégio era baseada na avaliação do pretendente, o que implicava considerar seus *status* social, suas qualidades pessoais e seus serviços prestados à Coroa” (COSTA, 2010, p. 174).

Wanderley Messias da Costa (1988) esclarece que, após essa divisão de terras em capitânicas, apenas duas tiveram um relativo sucesso: São Vicente e Pernambuco. As demais enfrentaram problemas de várias ordens, como a falta de experiência e ataque dos indígenas. Nesse contexto do sistema colonial luso, que é anterior a 1534, surgem novas e necessárias subdivisões de terras, denominadas sesmarias.

As sesmarias eram áreas menores e, sendo assim, menos custosas, mas de igual importância no processo de fixação de colonos e, conseqüentemente, na dominação das terras

pelos portugueses. Esse sistema foi responsável pela instalação de um povoamento disperso, baseado na grande propriedade fundiária, diferente da implantação de aldeias como ocorria em Portugal, conforme explica Keller (1970).

A disciplina comunitária imposta pela forma de povoamento agrupado em aldeias não podia subsistir em uma região nova como o Brasil, onde as condições socioeconômicas e o individualismo agrário implantaram desde cedo a maior liberdade no modo de exploração e na posse da terra. A iniciativa individual e o espírito de empresa tiveram campo livre para se desenvolver. Os interesses e os sentimentos comuns transmitidos de geração em geração e que fazem a força da tradição não uniam os primeiros colonizadores portugueses de maneira a impor-lhes o estabelecimento das habitações rurais de modo aglomerado. Ainda mais que a vastidão dos espaços livres, a abundância de terra vazia como que incitava a uma dispersão na posse e no uso de grandes glebas (KELLER, 1970, p. 300).

As sesmarias também não atingiram seus objetivos. As definições territoriais eram confusas e a administração da Coroa era falha. Não havia, de fato, uma fiscalização para saber se o donatário estava cumprindo com suas obrigações legais, já que este tinha como atributo colonizar o território e pagar as taxas reais (impostos), a cada cinco anos. Essas falhas acabaram por originar grandes fazendas desmembradas das sesmarias, que se tornaram grandes latifúndios (FAUSTO, 1995).

Schmidt (1951) contextualiza que, além das sesmarias, havia na capitania de São Paulo, até metade século XVIII, aproximadamente 38 vilarejos compostos quase que exclusivamente por portugueses recém-chegados que possuíam no lugar algum tipo de negócio, fazendas ou ainda lavras. Buscou-se, por meio de lei, criar povoações ao invés de continuar com a concessão de sesmarias, ato que também não prosperou, pois aqueles que se dispunham a viver no sertão queriam grandes quantidades de terras.

Passaram-se anos e, através do tempo, aquelas condições gerais não se modificaram fundamentalmente. A população rural permaneceu, praticamente, dispersa. Tornando-se mais denso o povoamento, pelo crescimento do número de habitantes, as vizinhanças formaram-se em áreas mais restritas e surgiram os bairros e os arraiais. As primeiras fazendas tiveram origem, em sua maior parte, nas sesmarias. Outras novas se formaram, pela subdivisão daquelas grandes áreas iniciais. Muitas delas se desenvolveram suficientemente, de maneira a se transformarem em verdadeiras pequenas comunidades. Muitas, ou quase todas as primeiras vilas tornaram-se centros urbanos, algumas delas acumulando a dupla função de centros urbanos e rurais, simultaneamente. Outras, e em grande número, surgiram e tiveram o mesmo destino (SCHMIDT, 1951, p. 14).

Geralmente, as formações espontâneas dos povoados rurais tiveram como ponto comum a presença de igrejas e escolas, e também comércio de gêneros de primeira necessidade. Em alguns desses povoados havia artesãos (KELLER, 1970). Foi somente com a vinda da Corte para o Brasil que ideias sobre a necessidade de se criar condições para a implantação de pequenas propriedades passaram a ser mais difundidas. Essas deveriam desenvolver-se ao lado da grande propriedade, não concorrendo com as mesmas no mercado de trabalho, conforme esclarece Petrone (1984).

A pequena propriedade devia ocupar espaços vazios, promovendo a valorização fundiária, e criar condições para o aparecimento de uma camada social intermediária entre latifundiário e escravo, camada essa que pudesse ao mesmo tempo ser mercado consumidor, oferecer braços no mercado de trabalho e diversificar a economia com a produção de gêneros para as quais a grande propriedade não se prestava.

A produção de gêneros e de manufaturas fazia-se necessária não só para abastecer os grandes domínios monocultores que visavam ao mercado externos, mas também as populações urbanas, que estavam aumentando diante da maior complexidade administrativa que a vida política e econômica impunha (PETRONE, 1984, p. 17).

Com opção pelo regime monárquico, em 1822, após a independência, a elite do Brasil composta por fazendeiros, comerciantes e seus clientes, procuraram manter as estruturas tradicionais de produção baseadas no sistema de trabalho escravo, opondo-se à pressão inglesa que visava a abolir o tráfico. Objetivava-se, ainda, manter a grande propriedade, voltada completamente à economia de importação e exportação. Com essa conjectura conservou-se a continuidade da ligação entre Igreja e Estado, mantendo o catolicismo como religião oficial; as eleições indiretas e as disputas por títulos de nobreza (COSTA, 2010).

Através do sistema de clientela e patronagem as elites brasileiras consolidaram sua hegemonia sobre os demais grupos sociais – o que contribuiu em parte para a estabilidade relativa do sistema político. Ainda mais importante para a manutenção dessa estabilidade foi a contínua expansão da economia de exportação, favorecida pelo crescimento do mercado internacional no decorrer do século XIX, e a crescente demanda de produtos tropicais (COSTA, 2010, p. 15).

Ainda segundo a autora²¹, com o desenvolvimento econômico a partir da expansão das exportações, causaram efeitos contraditórios ao estimular uma urbanização, pois essa passou a concorrer diretamente com a economia agrária exportadora. Essa condição acabou por gerar cisões entre os setores da elite, as quais foram agravadas a partir de 1870.

²¹ Id *ibid.*

Outra mudança que intensificou significativamente a dinâmica econômica brasileira foi a criação da Lei de Terras²², datada de 1850. A partir de sua instauração, a aquisição de terras públicas só poderia acontecer através de compra. Os recursos obtidos com essa venda, bem como das taxas de registros, deveriam ser empregados, exclusivamente, na demarcação das terras públicas e na política de imigração internacional (COSTA, 2010). Antes da Lei já havia, no Brasil, uma preocupação a respeito do uso futuro dessas terras, como explicita Gadelha (1982).

O problema das terras havia sido motivo de preocupação dos Estadistas brasileiros, desde a época da Independência. Já em 1821, José Bonifácio, então membro do Governo Provisório de São Paulo, enviava ao Príncipe Regente D. Pedro uma Representação, com a aprovação dos deputados desta Província, recomendando a necessidade de nova legislação que regulamentasse as doações de sesmarias. Sugeriu fossem recolhidas, à massa dos bens nacionais, todas as terras não cultivadas nem aproveitadas e, sobretudo, não se concedesse mais sesmarias gratuitas, recomendando que as terras passassem a serem vendidas pelo Estado (GADELHA, 1982, p. 53).

Ainda de acordo com autora²³, a Lei foi a forma “[...] pela qual, as classes rurais dominantes no Brasil, concretizariam o processo de transição capitalista [...]”. A partir da Lei foi restringida a existência de pequenas propriedades e preservou-se a estrutura de latifúndios. A proximidade da Corte, instalada no Rio de Janeiro, concentrou a maior parte dos negócios e capitais brasileiros da época, pois o “[...] centralismo político e fiscal do império seria outro fator favorável à concentração de capital nesta região, fator esse que impediria a realização da mesma acumulação em outras áreas, como foi o caso da borracha no Pará”.

2.1.1 De Província a Estado de São Paulo - contextualizando a história

A propriedade rural paulista se organizou com a colonização das capitanias de São Vicente e Santo Amaro que, juntas, formaram o Estado de São Paulo, local no qual as sesmarias foram, via de regra, substituídas por grandes fazendas. Esse sistema de ocupação foi pouco favorável à pequena propriedade até o início do século XX (PRADO JÚNIOR, 1945).

Monbeig (1984) descreve que, até 1871, a população paulista era predominantemente instalada no litoral, no Vale do Paraíba e, em menor escala, na Depressão Periférica, detalhando que

[...] em seu conjunto, esboça-se o povoamento do século XVIII, quando as minas de Goiás, do Mato Grosso e do Paraná tinham suscitado as Bandeiras dos paulistas. Ao longo das estradas, haviam-se fixado os pousos, núcleos de

²² Lei n. ° 601, de 18 de setembro de 1850, regulamentada pelo Decreto n. ° 1.318 de 30/01/1854. Lei imperial promulgada por D. Pedro II que visou criar parâmetros e normas sobre as terras devolutas do Império e das que são possuídas por título de sesmaria estabelecendo que a aquisição de terras, a partir da data da promulgação, só poderia ser feita por compra e venda (BRASIL, 1850).

²³ Id. Ibid. p. 78.

povoamento e ponto de partida da ocupação agrícola do solo. Daí provém a disposição quase em linhas retas das principais aglomerações, seja no caminho de Goiás, seja até Porto Feliz, sobre o Tietê, onde se embarcava para demandar Cuiabá, seja na estrada de Curitiba. Quando se intensificou a cultura da cana-de-açúcar e começaram as plantações de café, na depressão periférica, desenvolveram-se fazendas isoladas e aglomerações satélites, à sombra dos velhos pousos, então promovidos à categoria de centros regionais (MONBEIG, 1984, p. 25).

O autor²⁴ complementa sua explicação, mencionando a condição de ocupação do oeste de São Paulo, e os objetivos dos fazendeiros que ocupavam essa região.

Assim, em 1870, os planaltos e as florestas do oeste de São Paulo e do norte do Paraná constituíam vasto sertão, região mal conhecida, habitada sobretudo por índios, na qual se perdiam alguns sertanistas audazes. O sertão ocidental escapava completamente à economia da Província. No entanto, os fazendeiros não o ignoravam inteiramente. Começavam eles a ter contato com esses domínios um pouco misteriosos, que envolviam as narrativas legendárias dos bandeirantes. Pensavam em levar as futuras ferrovias a essas paragens longínquas. Enquanto esperavam, precisavam transportar, em tropas no dorso de mulas ou em carros de boi, toda sua colheita de café ou sua produção de açúcar até Jundiaí, ponto terminal da estrada de ferro de Santos, a 60 quilômetros de São Paulo.²⁵

Gadelha (1982) descreve a Província de São Paulo, no início do século XIX, como sendo um lugar de extensas áreas desabitadas, com algumas fazendas de açúcar, que era o produto que gerava mais renda à Província na época, e roças de miseráveis agregados.

As causas da pobreza paulista, encontradas no início do século XIX, são mais profundas e advêm das próprias origens de São Paulo, desde que circunstâncias geográficas e imperativos econômicos vários impediram o desenvolvimento da capitania de São Vicente, reduzindo a atividade dos seus habitantes à caça do indígena e a uma incipiente agricultura de subsistência. Uma vez vencida internamente a concorrência do seu açúcar pelo produzido no Recôncavo Baiano e Pernambuco, não apenas pela questão do solo, mas devido, também, ao problema do ônus representado pelo custo do transporte, restaria aos paulistas fornecerem mão-de-obra escrava às outras Capitânicas, geograficamente melhor situadas (GADELHA, 1982, p. 43).

Mediante essas circunstâncias apontadas pela autora, fica evidente que o tipo de solo, da maneira como era utilizado na época para o cultivo da cana-de-açúcar, aliado à falta de infraestrutura para o escoamento do produto, não eram adequados, impedindo o desenvolvimento da Província de São Paulo. Foi somente a partir do cultivo do café, o qual encontrou condições de clima e solo adequados no território paulista, que a região de Campinas

²⁴ Id. Ibid.

²⁵ Id. Ibid. p. 27.

passou a ser efetivamente ocupada e explorada. As poucas fazendas implementadas na região até então, foram gradativamente substituídas por novas propriedades.

Ab´Saber (1956) bem pontua que, por meio da análise das bases físicas da geografia paulista, há o entendimento sobre os fatos que motivaram a expansão do homem e da exploração das riquezas sobre esse planalto brasileiro. Diferente do restante do Brasil, nessa região, ao se distanciar da costa litorânea, houve um aumento das áreas agrícolas. Especificamente, a respeito da Depressão Periférica²⁶, o autor realiza a seguinte descrição:

[...] é ali mesmo que se iniciam as primeiras manchas de solos ricos e as primeiras amostras das realizações agrárias que fizeram a fama e o progresso paulista. Na verdade, solos oriundos da decomposição dos diabásio, existentes nos arredores de Campinas e Americana, assim como os *sills* de diabásio que afloram no entremeio de ricos solos calcáreos em Piracicaba e Limeira, já a 200 km da costa, motivaram um novo esquema de aproveitamento dos solos e na produção agrária.

No Estado de São Paulo inverte-se o panorama habitual da vida econômica tradicional das zonas litorâneas e sublitorâneas da fachada atlântica do Brasil. Aqui a medida que o observador se interna na direção dos chapadões ocidentais do território, multiplicam-se as regiões agrícolas, crescendo em muito a densidade das populações rurais e a própria vida das jovens aglomerações urbanas (AB´SABER, 1956, p. 6).

Diniz (1969) também relata e define aspectos da Depressão Periférica.

É uma região bem definida, tanto por suas condições altimétricas e morfológicas como pela formação geológica. De fato, caracteriza-se por baixas altitudes, em torno de 600 metros, um relevo suavemente ondulado com grandes espigões de tópo quase plano e vales largos.

Os terrenos da Depressão são predominantemente sedimentares, sobretudo permo-carboníferos pertencentes aos Grupo Tubarão. Disseminados no meio dessa paisagem, monótona e pouco movimentada, aparecem sills de diabásio que alteram localmente a morfologia. Alterações também ocorrem com a presença de “testemunhos” de *cuesta* mais a oeste.

Com decorrência das diferenças de rochas e dos processos morfo-climáticos, os solos são variados. Do norte da Depressão até as proximidades de Corumbataí, Piracicaba, Artur Nogueira e Campinas, predominam os Latossolos vermelhos-orto ou fase arenosa, aparecendo também o Latossolo roxo (terra roxa) (DINIZ, 1969, p. 6).

Em relação à terra roxa²⁷ e à atribuição de ser um bom tipo de solo para o desenvolvimento da agricultura, Monbeig (1984, p. 78) esclarece que, diferente do que muitos

²⁶ Região que abrange, aproximadamente, 47.000 Km² -19% de área do Estado de São com altitudes que variam de 500 a 700m. São áreas rebaixadas e aplanadas, com relevo pouco desgastado. Há predomínio de clima quente e úmido e manchas de solos férteis, recoberto por densa rede de drenagem (DINIZ, 1969; ROSS, 2009).

²⁷ Terra roxa é uma denominação popular dada, em São Paulo, às argilas férteis de coloração avermelhada, resultantes da decomposição de rochas magmáticas como basaltos e diabásio. A palavra *roxa* do termo trata-se, na verdade, de uma corruptela de *rosso*, que, em italiano, significa vermelho. A expressão se origina na fala dos imigrantes italianos que trabalhavam nas fazendas de café, que se referiam ao solo como sendo: terra *rossa*; a similaridade entre as palavras acabou consolidando o uso do termo *terra roxa* (GUERRA, 1975).

acreditavam, essa não abrange grandes porções no estado de São Paulo, recobrando somente 2%, ou seja,

[...] a verdadeira terra roxa, a que os fazendeiros reconhecessem como “legítima”, é encontrada nas encostas, em que afloram camadas basálticas e, com maior raridade, sobre os planaltos, mas sempre na face reversa, a partir dos altos da *cuesta*. O deslizamento fácil das argilas, transporta-a aos fundos de vale, onde a agricultura é aleatória (MONBEIG, 1984, p. 78).

A cultura do café, intensamente cultivada na Depressão Periférica paulista, modificou, sob vários aspectos, grande parte do Estado de São Paulo. A respeito dos fatores que contribuíram para a melhora da economia, ocupação e desenvolvimento paulista, Araújo Filho (1956) faz a seguinte descrição:

Também os aspectos oferecidos pelos cafezais diferem, das velhas áreas do “norte” paulista e mineiro-fluminense, para as novas do oeste de São Paulo; não só a topografia das citadas zonas cooperam para a diferença (nas áreas do Planalto Ocidental de São Paulo os cafezais se espalham a perder de vista nos chapadões e encostas suaves, ao contrário dos limitados horizontes do vale paraibano, onde morros e as serras limitavam sua expansão), mas também [...] os métodos de cultivo, a qualidade da mão de obra, e particularmente a repartição da propriedade (ARAÚJO FILHO, 1956, p. 117).

Na Figura 5 estão representadas as localizações dos municípios de Cordeirópolis e Piracicaba na Depressão Periférica Paulista.

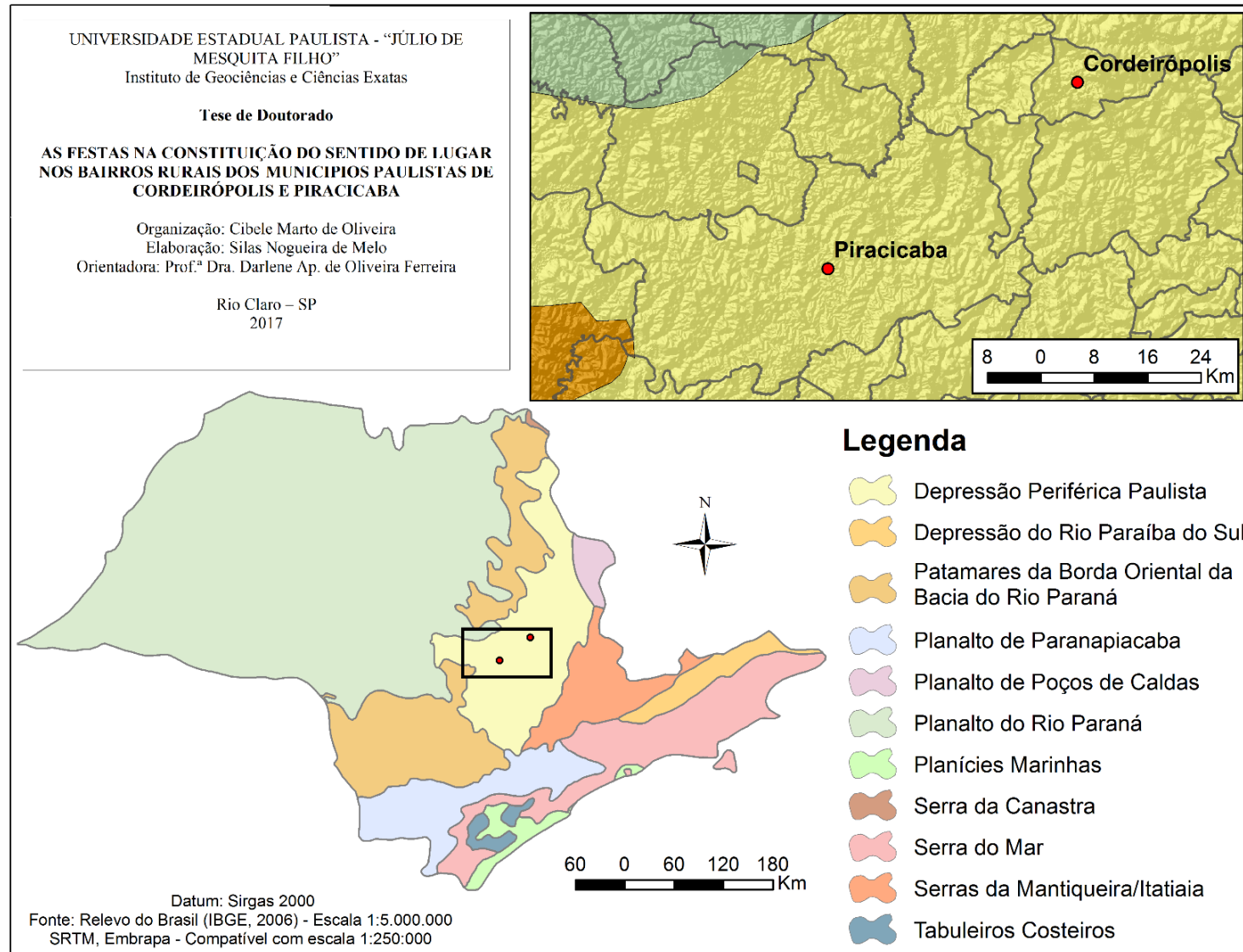


Figura 5 – Localização dos municípios de Cordeirópolis e Piracicaba na Depressão Periférica Paulista

O que não mudou foi a continuidade da existência e domínio da grande propriedade. Com a Lei de Terras, época em que o café passou a vigorar como principal cultura do país, ficou evidente que as classes rurais abastadas impediriam a posse de terra aos menos favorecidos, uma vez que excluía aqueles que tinham um simples roçado. Gadelha (1982) complementa essa afirmação e escreve que:

Estes homens, assim expulsos de suas terras, só parcialmente foram aproveitados pelo mercado de trabalho. Agregados às fazendas de café, seriam responsáveis pelos penosos trabalhos de derrubada das matas, ou então, trabalhadores volantes, e que migrariam de fazenda em fazenda, trabalhando apenas o suficiente para recomprem suas forças físicas (GADELHA, 1982, p. 80).

A autora²⁸ ainda afirma que a prosperidade do 2º Reinado aconteceu, em grande parte, devido à monocultura cafeeira, que garantiu o aumento das exportações de café e que permitiu a concentração de capital na Região Sudeste.

2.1.2 A Cafeicultura e suas transformações

Foi exatamente na primeira metade do século XIX que aconteceu no Brasil a grande expansão da lavoura cafeeira, devido ao aumento de mercados consumidores fora do país, conforme elucida Araújo Filho (1956).

[...] no século XVIII tornara-se bebida predileta de franceses, italianos, escandinavos e centro-europeus, o café, com o raiar do século XIX não só continuaria a se firmar na Europa Ocidental, como particularmente se tornaria uma bebida diuturna dos norte-americanos. Se em meados do século XVIII o café perderia o futuro mercado inglês, mercê da pressão feita ao governo pela *British East India Company*, monopolizadora do comércio do chá, em fins daquele século, querendo ela repetir o fato na colônias norte-americanas, fez com que, não só aparecesse uma primeira nação livre nas Américas, como também surgisse um grande consumidor de café. De fato, os Estados Unidos se tornariam a partir dos fins daquele mesmo século, num importador cada vez maior de café. E como o seu desenvolvimento econômico-demográfico foi simplesmente espantoso no decorrer do século XIX, é fácil imaginar-se a importância de tal fenômeno para o comércio internacional, especialmente no caso do café.

Se lembrarmos que os Estados Unidos, já os maiores consumidores em meados do século XIX, não cobriam impostos de importação sobre o café, teremos mais um motivo porque os mercados de consumo foram de tão grande importância nos primórdios das nossas lavouras cafeeiras (ARAÚJO FILHO, 1956, p. 82).

No Brasil, a plantação de café rumo ao oeste, que se aproveitou do progressivo aumento do consumo mundial, não ocorreu abruptamente. Monbeig (1984) explica que foi de forma

²⁸ Id. Ibid.

progressiva, iniciada na região montanhosa do estado do Rio de Janeiro e adentrando, posteriormente, na região do Vale do Paraíba até chegar à região de Campinas, onde se desenvolveu de maneira bastante promissora, eliminando, lentamente, o cultivo da cana-de-açúcar. A cafeicultura gerou imensas transformações sociais e um melhor aproveitamento da força rural e mercantil.

Assim, não se introduziu uma cultura nova, sem que se fizesse uma revolução na sociedade rural paulista. Como cultura comercial, a do café contribuía para que se formasse uma classe numericamente reduzida, mas econômica e financeiramente onipotente; desferia uma chicotada nos homens mais apegados ao passado. A essa cultura nova, correspondiam novos modos de pensar. A sociedade dos ricos fazendeiros, os do “Oeste” ainda mais do que os do “Norte”, tirava sua força da dupla origem, rural e mercantil ao mesmo tempo; a riqueza e o espírito de empreendimento. Soube ela utilizar essas duas forças, para aproveitar-se das ocasiões que se lhe ofereciam e enfrentar audazmente as dificuldades (MONBEIG, 1984, p. 97).

Devido às transformações ocorridas, Costa (2010) adverte que surgiram dois problemas, um devido à expansão do mercado internacional do café e a consequente e necessária mudança do meio de transporte, e um segundo decorrente da necessidade de ampliação da mão de obra. A problemática inerente à necessidade de mais mão de obra foi consequência da iminente abolição do tráfico de escravos, o que levou os produtores de café paulistas a buscarem na imigração a solução para a execução do trabalho.

Na lavoura do café os trabalhos eram árduos, desde o início. Depois de penosas atividades liadas ao preparo do terreno, e uma vez obtidas as mudas, era preciso impedir que, com as chuvas abundantes, o mato cobrasse vigor e sufocasse as mudas. Atingida uma certa altura, estas eram decotadas e transplantadas. Durante o período seguinte, a carpa assídua do terreno mantinha o cafezal livre das ervas daninha. Às vezes, já no quarto ano, o cafezal frutificava. A época de maior rendimento, entretanto, ocorria do sexto ano em diante. Passados de quinze a vinte anos os cafezais começavam a apresentar, na maioria dos casos, um declínio da produção. O tempo de duração da sua vitalidade ficava na dependência da fertilidade do solo. Quando os cafezais começavam a produzir, os trabalhos aumentavam. A colheita anual exigia grande cuidado, principalmente nas regiões em que o café amadurecia irregularmente, havendo no mesmo pé grãos verdes e maduros, o que pedia um zelo maior na apanha e a renovação da colheita. Colhido o café, o número de tarefas ainda era grande. O transporte até o local de beneficiamento e as fases seguintes, a seca, o despulpamento, a classificação etc., requeriam um trabalho e uma mão de obra abundantes, o que era agravado pelo fato de ser tudo quase exclusivamente manual. Raros os casos, nesses primeiros tempos, em que se empregava algum maquinário. Concluídas as várias etapas de beneficiamento do café, este era ensacado e, finalmente, transportado até o mercado exportador, tudo a exigir, até 1850 pelo menos, um grande número de trabalhadores (COSTA, 2010, p. 229).

Ainda detalhando parte das muitas modificações que aconteceram em relação ao cultivo do café, houve, com o passar dos anos, o aumento do progresso técnico implementado na agricultura, incluindo o aperfeiçoamento no preparo dos grãos, na qual os proprietários estavam incumbidos em procurar máquinas de despolar, secadoras artificiais e classificadoras mecânicas, que pudessem otimizar o tempo de trabalho mediante as grandes colheitas. Essa melhora refletiu diretamente na qualidade de apresentação dos grãos e nos preços praticados no mercado, aumentando os lucros (MONBEIG, 1984, p. 99). Outra grande modificação ocorrida vincula-se à introdução da ferrovia como novo modal. Esses fatores, dentre outros, refletiram na produção de café e no aumento dos lucros.

Na Tabela 2 é possível averiguar no período de aproximadamente um século, o aumento e decréscimo dessa produção no Estado de São Paulo. De 1836 até 1928 o aumento foi constante. A queda na produtividade aconteceu a partir de 1929, em consequência à crise mundial cafeeira.²⁹

Tabela 2 – Produção aproximada de café no Estado de São Paulo durante 100 anos

| Ano | Produção em sacas de 60 kg |
|-------------------------------|-----------------------------------|
| 1836 | 147.034 |
| 1834 | 883.564 |
| 1870 | 1.043.112 |
| 1900 (aproximadamente) | 7.988.000 |
| 1906 | 15.000.000 |
| 1927-1928 | 17.982.000 |
| 1940 | 10.000.000 |
| 1943-1944 | 6.936.000 |

Fonte: Organizado pela autora a partir da adaptação de Monbeig (1984)

O aumento da produção do café, no século XIX, e a expansão pelo território paulista dessa cultura criou, portanto, a demanda para existência de outro meio de transporte, pois o uso das tropas de burros, vigente até então, encarecia a saca do produto, “[...] daí a sua substituição progressiva pelas linhas férreas, que a partir da década de 1870 vão dominando as áreas cafeeiras”. Os burros, os carros de bois e carroções, diante da substituição pelas ferrovias, não deixaram de ser utilizados; passaram a ser empregados na área rural e, mais especificamente, dentro das grandes propriedades para o transporte das safras das fazendas até a estação mais próxima (ARAÚJO FILHO, 1956, p. 83).

Foi então que se iniciou aquela substituição do transporte por meio de tropas pelo transporte ferroviário; a princípio a substituição se fez no trecho mais difícil, isto é, na travessia da barreira da serra do mar. Santos a Jundiá, de um lado, e Rio de Janeiro e Barra do Piraí, de outro, foram os pontos de partida

²⁹ A crise do café aconteceu a partir de 1920, com inúmeras falências e concordatas sendo decretadas ao longo da década; culminando no ano de 1929 com a quebra da bolsa de *Wall Street* de Nova York (FAUSTO, 1995).

para a construção da mais densa rede ferroviária do Brasil, que é justamente a de Sudeste. São as ferrovias do café, as que irão agora penetrar o interior, com seus trilhos, especialmente nas zonas novas de São Paulo de “Oeste” (ARAÚJO FILHO, 1956, p. 83).

Araújo Filho (1956) salienta que, à medida que a necessária expansão da linha férrea ia acontecendo, em virtude das novas propriedades produtoras de café que surgiam, foi havendo um distanciamento do litoral rumo ao interior paulista, em um contexto no qual “[...] café e ferrovias, no findar do século XIX e princípio do XX, marcham juntos na ocupação do interior paulista, e com eles, a crescente população”. A expansão das linhas férreas, que adentraram o interior paulista a partir do século XIX, aconteceu em grande parte devido à participação ativa dos fazendeiros.

A construção dessa via férrea foi confiada a uma sociedade inglesa, que inaugurou o tráfego em 1867, quando já cabia cogitar em prolongar a linha. Disso se encarregavam os principais fazendeiros de Campinas, Rio Claro, Limeira e Araras. Obtiveram eles que os ingleses renunciassem ao privilégio, que anteriormente lhes havia sido outorgado, de estender a linha até Rio Claro. Para formar a Companhia Paulista de Estradas de Ferro, em fins de 1868, 654 acionistas haviam subscrito as 25.000 ações de 200\$000 cada uma, perfazendo um capital de 5.000 contos de réis. A maior parte eram fazendeiros, muitos dos quais pertenciam à recente nobreza imperial (MONBEIG, 1984, p. 98).

Por ocasião da Proclamação da República, em 1889, São Paulo já contava com o funcionamento de várias linhas férreas, incluindo a que chegava até Rio Claro, passando por Cordeirópolis, com estações em funcionamento a partir de 1876. Nessa mesma época, também foram colocadas em prática a subvenção e organização dos serviços de imigração e colonização, o que “[...] propiciou maior autonomia aos novos Estados da União, permitindo-lhes assumir, de forma plena, a direção desses serviços”, como afirma Gadelha (1982, p. 131).

A importância da imigração para a agricultura paulista era de tal monta que, em 1889, um dos primeiros atos do governo provisório, dirigido por Prudente de Moraes, seria regulamentar os serviços da Hospedaria de Imigrantes e criar uma Superintendência de Obras Públicas encarregada da demarcação, divisão e aplicação das terras devolutas do Estado, bem como da inspeção dos núcleos coloniais (GADELHA, 1982, p. 132).

A autora³⁰ também informa que, a partir de 1891, com a criação da Secretaria de Estado dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, se iniciou a segunda etapa da política de colonização do Estado. São Paulo após 1892 assumiu, sozinho, a fundação dos núcleos coloniais, amplamente amparados por 53 decretos e leis até o ano 1930. Essa legislação era

³⁰ Id. Ibid.

alusiva à formação ou regulamentação das pequenas propriedades existentes nos núcleos. Naquele momento, as instituições técnicas e científicas, como a Escola Agrícola Luiz de Queiroz, o Instituto Agrônômico e o Instituto de Veterinária passaram a participar ativamente, a fim de respaldar a atividade do latifúndio cafeeiro e dos núcleos. Com a lei n.º 673³¹, de 1899, buscou-se regulamentar o serviço de introdução de imigrantes, brasileiros e estrangeiros, em São Paulo. Estes deveriam estar atrelados aos novos objetivos da colonização.

Esta lei permitiria não somente a reorganização dos serviços de introdução de imigrantes europeus no Estado, estendendo as vantagens de sustento e alojamento a qualquer tipo de imigrantes, estrangeiro ou nacional, na Hospedaria do Estado, encaminhando-os para colocação em serviço, através da agência oficial, e fornecendo-lhes transporte gratuito da Hospedaria de Imigrantes até a estação ferroviária mais próxima da fazenda onde deveriam se instalar (GADELHA, 1982, p. 198 e 199).

A crise cafeeira de 1929 definiu a pequena propriedade no Estado de São Paulo. A fragmentação de algumas fazendas, ou parte delas, acabou por dar origem a alguns agrupamentos que culminaram com o aparecimento de bairros (FERNANDES, 1972).

Inúmeros agrupamentos, na verdade, já existiam muito antes do aumento da ocupação do território paulista, porém viviam praticamente isolados, “os habitantes do campo pareciam viver em um ritmo próximo da natureza” como refere Oliveira (2003, p. 237). A autora ainda explana que o homem do interior, e mais precisamente o trabalhador das áreas rurais, teve, associadas à sua imagem, durante muito tempo, características como o isolamento, a ignorância e a ociosidade, revelando, assim, as distâncias geográficas e socioculturais que possuíam em comparação ao homem que já vivia nas cidades do litoral.

[...] as origens da sociedade caipira advêm daqueles homens que abandonam as expedições exploradoras e se fixam no território do interior. Suas características dependem da abundância de terras, da mobilidade constante e do caráter aventureiro do mameluco. São esses os traços que marcam sua particular adaptação ao meio ambiente, já que a ocupação do território é transitória e não inclui a propriedade. Sendo o povoamento disperso, é o “bairro” a unidade mínima da sociabilidade caipira; algo entre o povoamento urbano e o isolamento. A base da economia é o trabalho familiar completado pela ajuda dos vizinhos através do “mutirão”, sistema de trocas entre os integrantes do bairro, que estabelece os vínculos sociais do grupo (OLIVEIRA, 2003, p. 238).

As muitas transformações ocorridas no século XIX, incluindo a substituição das tropas de burros pela ferrovia, permitiu uma melhor distribuição do café a partir de 1876, bem como otimizou o transporte de imigrantes (FERNANDES, 1972).

³¹ Lei n.º 673, de 09 de setembro de 1899. Lei estadual paulista que visou regulamentar o serviço de introdução de imigrantes no Estado (SÃO PAULO, 1899).

2.2 A Imigração e os Núcleos Coloniais

A grande propriedade, no Estado de São Paulo, estabeleceu e processou a ocupação do território. Já “a pequena propriedade, pelo contrário, tem uma história mais recente. Constituiu-se depois da grande, e em regra às suas expensas. Primeiro vem a grande propriedade; depois, retalhando-se esta, surge a média e a pequena”. Sem dúvida, a cafeicultura em São Paulo representou um dos maiores expoentes da produção em grandes propriedades do século XIX até as primeiras três décadas do século XX (PRADO JÚNIOR, 1945, p. 695).

Mediante a conjuntura da soberania da grande propriedade, a Secretaria da Agricultura representou para a cafeicultura o órgão estadual de maior importância, executando medidas políticas e econômicas, o que permitiu coordenar e centralizar todos os setores ligados à economia paulista. Essa Secretaria também foi primordial para o desenvolvimento de uma política voltada à colonização e aos núcleos coloniais que foram criados e mantidos por ela (GADELHA, 1982, p. 01).

Diferente do cultivo da cana-de-açúcar, que exigia menos mão de obra, a cafeicultura necessitou de um número maior de trabalhadores, fato que praticamente acabou com culturas de víveres, que existiam até então. Essa situação deixou os fazendeiros com o dilema entre renunciar às culturas de gêneros alimentícios, ou encontrar mão de obra para realizar todas as atividades. A problemática instaurada foi um dos fatores que levou os fazendeiros a recorrerem ao trabalho livre e, conseqüentemente, ao uso da força de trabalho do imigrante estrangeiro (MONBEIG, 1984).

Em relação à mão de obra o “contínuo movimento migratório de homens livres, disponíveis para o trabalho difícil do desbravamento das matas, seria proveitosamente utilizados pelos cafeicultores” (GADELHA, 1982, p. 48).

Em meados do século XIX, recorreu-se, então, à colonização estrangeira, objetivando substituir o trabalho escravo na lavoura de café, a fim de sanar parte do problema que acontecia em decorrência da diminuição das culturas de víveres, que já causava desabastecimento em algumas localidades do Estado. O trabalho escravo intensamente utilizado na primeira fase do cultivo de café, que aconteceu nos estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro, teve diminuição e desaparecimento após a expansão da lavoura cafeeira. Foi sendo substituído à medida que leis de repressão ao tráfico, impostas pela Inglaterra ao Brasil, iam sendo instituídas. Sem dúvida, a característica que mais diferenciou as fazendas do Rio de Janeiro e Minas Gerais das de São Paulo foi o tipo de mão de obra utilizada (ARAÚJO FILHO, 1956).

Embora até fins da escravidão, muitos fazendeiros de Campinas e arredores possuíssem escravos, ainda que ao lado de trabalhadores assalariados, a maioria dos que então penetravam trechos da Depressão e do Planalto

Ocidental, cuidava de suas lavouras com o colono nacional e estrangeiro, este último chegando em levas sucessivas, a partir da década de 1880 (ARAÚJO FILHO, 1956, p. 88).

A introdução do trabalho livre, dos imigrantes, intensificou-se devido à pressão inglesa contra o tráfico de escravos. Segundo Gadelha (1982), essa condição se deu pois havia temor dos fazendeiros em ficarem sem braços de trabalho na lavoura, levando-os ao ensaio de novas opções. A autora contextualiza como foi o início dessa utilização da mão de obra na Fazenda Ibicaba³², primeiro com a vinda de portugueses e, posteriormente, com europeus de outras nacionalidades.

O início desses contratos de parceria, empregando mão-de-obra de colonos estrangeiros, em São Paulo, origina-se a iniciativa tomada pelo Senador Nicolau Pereira de Campos Vergueiro, em 1840. Através de seus esforços chegariam os primeiros imigrantes, de origem portuguesa, então introduzidos na fazenda Ibicaba, de sua propriedade, situada entre Limeira e Rio Claro. A revolução liberal de 1842, da qual participaram Feijó e Vergueiro, poria fim a esta primeira iniciativa. O projeto só voltaria a ser executado a partir de 1846 quando, graças à obtenção de uma subvenção do Estado, Vergueiro pôde fundar uma Companhia, em Santos – Casa Vergueiro & Cia. – encarregada de introduzir colonos para as novas fazendas de café, que começavam a se desenvolver no oeste paulista. A execução do novo projeto, visando a introdução destes colonos em larga escala, seria entregue ao seu filho, José Vergueiro. Agentes de Hamburgo se encarregariam de propagar as vantagens do sistema e recrutar os colonos interessados em sua participação. Em 1847 chegavam as primeiras 64 famílias, compostas de 364 indivíduos, de origem alemã, na sua maioria prussianos, bávaros e suíços dos cantões de Unterwalden e Hosltein (GADELHA, 1982, p. 93 e 94).

A Lei de Terras, instituída em 1850, contribuiu para a implementação do trabalho livre e fomentou, de forma direta e indireta, a criação de estradas de ferro; bancos; manufaturas; melhoramentos urbanos; desenvolvimento no processo de beneficiamento de café; fabrico de açúcar; produção de charque e avanço dos meios de transporte. Essas mudanças também requeriam mais mão de obra e tornaram o trabalho livre mais viável e lucrativo (COSTA, 2010).

Araújo Filho (1956, p. 88) afirma que, fosse por meio da iniciativa particular de inúmeros proprietários de fazendas cafeeiras, ou por meio da ajuda do governo provincial, o trabalho de cultivo do café foi realizado nas propriedades paulistas por trabalhadores livres. E nos chama a atenção para outras questões quando: “[...] chegou a abolição total dos escravos em 1888, a maior zona cafeeira do Brasil tinha se enraizado em São Paulo, província que, ao contrário de Minas e do Rio de Janeiro, pode aguentar as crises políticas, econômicas e sociais do findar do século sem abalos na sua economia”.

³² A Fazenda Ibicaba, atualmente, está situada no município de Cordeirópolis – SP. n. a.

É importante salientar que os fazendeiros paulistas não queriam utilizar a mão de obra negra devido aos anseios de ter uma sociedade mais branca, igualando-se a padrões étnicos e sociais europeus, considerados mais civilizados (PAIVA, 2013). Tendo essa condição de branqueamento como meta, os projetos de núcleos de pequenas propriedades acabaram por excluir os escravos (PETRONE, 1984).

O número de imigrantes estrangeiros aumentou, efetivamente, a partir da década de 1880. Petrone (1956), em seu trabalho sobre “O homem paulista” realiza um delineamento sobre o crescimento, densidade e povoamento do Estado de São Paulo, e nos apresenta a quantidade de estrangeiros desde o início da imigração, em 1827, até 1920, quando esse contingente passou a diminuir devido às medidas restritivas contidas na Constituição Brasileira de 1934; às medidas limitadoras nos principais países de emigração (Itália e Portugal, por exemplo) e também devido à Segunda Guerra Mundial (1939 a 1945). Esse aumento, segundo o autor, é apreciável, pois atrelado a ele está o crescimento vegetativo que houve em seguida. Vale também salientar que, no ano de 1920, 48,1% dos estrangeiros em terras paulistas eram italianos. Os italianos, principal força de trabalho da cafeicultura paulista, chegaram tardiamente ao Brasil em comparação com outros grupos de europeus; os primeiros desembarcaram a partir de 1877.

Na Tabela 3 consta a quantidade de imigrantes em distintos períodos.

Tabela 3– Número de imigrantes no estado de São Paulo no período de 1827 - 1920

| Período | Quantidade de Imigrantes |
|------------------|---------------------------------|
| 1827-1836 | 982 |
| 1837-1854 | 3.227 |
| 1855-1874 | 6.965 |
| 1875-1886 | 42.342 |
| 1887-1900 | 909.969 |
| 1901-1920 | 890.968 |

Fonte: Petrone (1956, p. 41)

Esses dados sobre a imigração da Tabela 3 são importantes, pois vão além de serem meramente quantitativos e nos fazem compreender que a imigração europeia, principalmente a italiana, refletiu sobre inúmeros aspectos da cultura do povo paulista, influenciando gerações até os dias atuais, quanto muitos dos hábitos e costumes são reproduzidos e evidenciados.

Costa (2010) aborda que a imigração de estrangeiros, ao contrário do que pensava inicialmente D. João VI, que serviria para compor uma política demográfica, acabou sendo diferente na medida que não era esse o objetivo dos fazendeiros de café paulista. Esses visavam a fixação dos colonos nas fazendas a partir do sistema de parceria. Essa ideia teve, como pioneiro da implementação do sistema, o senador Vergueiro, que, antes de 1840 já havia levado para sua fazenda, em Limeira, trabalhadores imigrantes livres. Esse sistema pareceu na época

pertinente, pois buscava solucionar o problema de mão de obra para a crescente expansão das plantações de café.

Os colonos eram contratados na Europa e trazidos para as fazendas de café. Tinham sua viagem paga, assim como o transporte até as fazendas. Essas despesas, entretanto, entravam como adiantamento feito ao colono pelo proprietário, assim como, igualmente, lhe era adiantado o necessário à sua manutenção, até que ele pudesse se sustentar pelo próprio trabalho. A cada família deveria ser atribuída uma porção de cafeeiros, na proporção da sua capacidade de cultivar, colher e beneficiar. Aos colonos também era facultado o plantio, em certos locais predeterminados pelo fazendeiro, dos mantimentos necessários ao seu sustento (COSTA, 2010, p. 208).

Ainda segundo o autor³³, o objetivo dos fazendeiros era obter uma mão de obra que substituísse, de forma vantajosa, o trabalho executado pelos escravos. O imigrante, por sua vez, não assimilara, exatamente, as condições do trabalho livre, o que ocasionou situações de conflito. Esses desentendimentos e brigas surgiram quando os imigrantes constataram que a situação que os esperava no Brasil não era compatível com a propaganda e as promessas que lhes foram feitas anteriormente, pois discerniram que a realidade de trabalho que os aguardava assemelhava-se muito à condição de trabalho escravo. Um dos exemplos mais emblemáticos dessa crise aconteceu com a insurreição dos colonos na primeira fazenda paulista que havia iniciado o processo de parceria, a Ibicaba, localizada, na época, no município de Limeira³⁴. Outros fatores concorreram para a insatisfação dos colonos, além da clausura contratual, como a desadaptação ao meio rural tropical, ao clima e aos hábitos. Foi só a partir desse contexto que os fazendeiros buscaram outras formas de trabalho, incluindo remuneração por salário fixo e locação de serviços.

As vicissitudes e o fracasso do sistema de parceria contribuíram também para desmoralizar a política emigratória para o Brasil, chegando mesmo a resultar em restrições sérias e até mesmo na interdição total por parte de alguns Estados europeus. A partir de então, tornou-se mais difícil recrutar, nessas áreas da Europa, elementos que quisessem vir para as zonas do café. As queixas dos colonos que chegaram à Europa desestimularam novos sonhos de emigração. As sindicâncias realizadas repercutiam mal junto aos governos estrangeiros. Enquanto isso, os fazendeiros viam expirar seus contratos sem tomar nenhuma medida no intuito de renová-los.

O regime de parceria, que, em princípio, tudo levava a crer, seria a solução ideal para o problema da mão de obra nas regiões de economia cafeeira, fracassava na sua realização prática. A ambiguidade dos contratos, as injustiças e os abusos cometidos de parte a parte minavam o sistema cujas bases já eram por si frágeis (COSTA, 2010, p. 225).

Sobre a questão da inexistência de leis, necessárias para a regulamentação dos contratos de trabalho dos imigrantes, Gadelha (1982) assinala que:

³³ Id. Ibid.

³⁴ Atualmente a Fazenda Ibicaba pertence ao município de Cordeirópolis – SP.

[...] a lei de 13/09/1830 procurava regulamentar o contrato por escrito sobre a prestações de serviços, feitos por brasileiros e estrangeiros. Esta lei, excluindo populações africanas, daria ampla vantagem ao contratante, pois permitia transferir a outros o contrato, isto é, o trabalhador, desde que mantendo-se iguais condições (art. 2º). Quanto ao contratado, só poderia romper o acordo restituindo os pagamentos recebidos, e pagando a metade do que teria direito ainda a receber, caso cumprisse o contrato por inteiro (art. 3º). A pena para o não cumprimento desta cláusula, ia da simples prisão aos trabalhos forçados, cujo produto seria recolhido, a título de indenização, em benefícios do contratante (art. 4º) (GADELHA, 1982, p. 89).

Monbeig (1984) menciona que os fazendeiros do café não dependeram somente do governo para trazer o imigrante estrangeiro ao Brasil, e participaram de forma direta na organização da imigração, desde o ano de 1871 quando, pela primeira vez, o Governo da Província de São Paulo abriu crédito para a compra das passagens dos imigrantes. Essa ação mais efetiva aconteceu depois do fracasso da experiência na Fazenda Ibicaba (Limeira – SP) e de tentativas de implementação dos sistemas de agricultura de meação. O papel do Estado na criação de uma agência de colonização e trabalho e na hospedaria foi primordial para o avanço do cultivo do café, conforme descreve o autor.



Figura 6 – Início da construção do prédio da Hospedaria do Imigrante na capital paulista.
Fonte: Museu da Imigração do Estado de São Paulo (1886)

No mapa da Figura 7 é possível visualizar o cultivo de café, em verde escuro, em 1910 no estado de São Paulo. Este mapa histórico apresenta ainda indicações sobre agricultura, comércio, instrução pública, indústria e colonização no início do século XX, quando ainda acontecia a ocupação territorial paulistas no sentido oeste do estado.

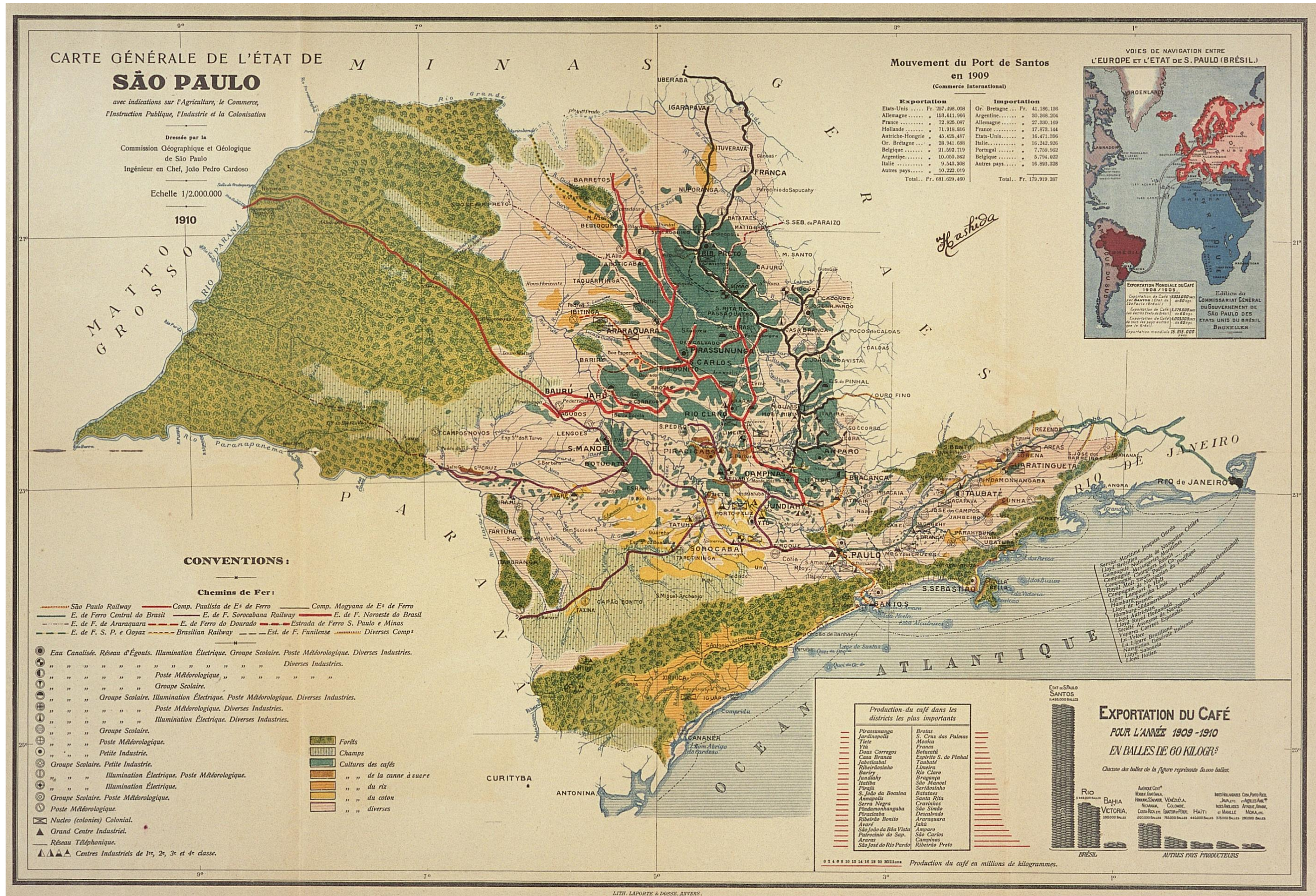


Figura 7 - Carte Générale de L'état de São Paulo
Fonte: Cardoso (1910)

Inúmeros fatores confluíram para que os Estados Unidos, e não o Brasil, recebessem um número maior de imigrantes durante o século XIX. Costa (2010) aborda essa questão e esboça o seguinte contexto:

A organização democrática das colônias americanas do Norte, o progresso econômico dessa região, a rede de transportes que aí se instalara precocemente, o clima de liberdade religiosa, a relativa semelhança da paisagem americana com a europeia, ambas dentro da mesma área de clima temperado, a maior proximidade da Europa, o que significava passagens mais baratas, tudo contribuía para dar aos Estados Unidos uma primazia absoluta entre os países americanos. Para lá se dirigia espontaneamente a corrente imigratória. Nada que se lhe comparasse oferecia o Brasil (COSTA, 2010, p. 198).

Diante dessa conjuntura, foi necessária a implementação de modificações no processo de imigração no Brasil, com o compromisso de atrair os trabalhadores do continente europeu. Uma dessas mudanças diz respeito ao modo de trabalho, na qual o sistema de parceria, inicialmente implantado, deu lugar ao pagamento de salário fixo. Essa mudança contribuiu para a criação e ampliação de núcleos coloniais oficiais, uma vez que, mediante pagamento, os pequenos proprietários poderiam arcar com as despesas das parcelas do loteamento que receberam do governo (FERNANDES, 1972).

A fim de compreender a diferença entre os núcleos coloniais oficiais, intuídos pelo Estado, e as colônias, sintetizamos as principais características no Quadro 2.

Quadro 2 – Principais características do núcleo colonial oficial e da colônia

| Núcleos Coloniais | Colônias |
|--|--|
| Projeto de assentamento promovido pelo Império, com glebas de terras loteadas para venda a imigrantes, na qual deveriam se instalar, implantar uma cultura e construir sua própria casa. | Conjunto de habitações (casas) iguais, que serviam como moradia para os imigrantes chamados colonos, enquanto esses trabalhavam nas plantações de café ou de cana nas propriedades dos fazendeiros |

Fonte: Organizado pela autora a partir de Gadelha (1982)

A instauração de núcleos coloniais ocorreu no Brasil desde 1812, com a formação do núcleo de Santo Agostinho, no Espírito Santo. Esses núcleos foram seguidos pelas seguintes formações, segundo Costa (2010): Leopoldina (BA), em 1819; Nova Friburgo (RJ), em 1819; São Leopoldo (RS), em 1825; Três Forquilhas (RS), em 1826; São Pedro de Alcântara de Torres (RS), em 1826. Em São Paulo, as primeiras localidades a receberem essa forma de ocupação

estavam na região de Itapecerica, Embu e Santo Amaro. Ainda segundo a autora³⁵ “[...] esses colonos acabaram por debandar, abandonando, na sua maioria, seus lotes depois de enfrentar muitas dificuldades; ou se deixaram ficar, num ritmo de vida comparável ao das populações nativas”.

No Império foram criados catorze centros de colonização, número considerado modesto, cabendo à iniciativa particular dos fazendeiros do café a ação para efetivar a colonização (MONBEIG, 1984).

A implantação dos núcleos coloniais oficiais no Estado de São Paulo aconteceu, de forma gradual, a partir de 1854, recebendo variações políticas de acordo com o período conforme afirmação do Arquivo Público do Estado de São Paulo (2009):

Seu histórico remonta ao ano de 1854, quando foi criada a **Repartição Geral de Terras Públicas**, órgão que na época cuidava do estabelecimento dos núcleos coloniais e seu desenvolvimento. Para tanto, foi aprovado em 1867 o primeiro regulamento a estabelecer normas para a criação dos núcleos coloniais. Em 1871, foi fundada a **Associação Auxiliadora de Colonização e Imigração**, responsável pela instalação dos imigrantes em regiões mais acessíveis. Já em março de 1884, foi criada uma lei que estabelecia o fornecimento de fundos para o subsídio à imigração, autorizando o governo provincial a estabelecer até cinco núcleos coloniais nos principais distritos agrícolas, sempre próximos às estradas de ferro. Em 1892, é criada a **Repartição de Terras, Colonização e Imigração** a fim de validar títulos, fiscalizar e alienar terras públicas.

Entre os anos de 1904 e 1908, sob a administração do então presidente da província, **Carlos Botelho**, foram criados núcleos coloniais também mediante o auxílio de iniciativa particular, como é o caso do Núcleo Colonial Gavião Peixoto.

Vale salientar que entre os anos de 1885 e 1911 foram criados 25 núcleos coloniais no estado de São Paulo, período em que percebemos várias mudanças na política de formação desses núcleos, que proporcionaram o estabelecimento de imigrantes e, conseqüentemente, mão-de-obra para as fazendas de café (ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2009, s/p, grifos do autor).

Gadelha (1982, p. 125) esclarece, de forma concisa, quais os princípios dos núcleos coloniais, nos quais fazendeiros e empresários paulistas organizaram e colocaram em prática, desde 1871, a vinda de imigrantes. Nas palavras da autora:

Os princípios que nortearam a fundação das colônias voltadas a pequena produção, ou núcleos coloniais, foram os mesmos que levaram o Governo Central a subsidiar companhias particulares, incentivando a introdução de imigrantes estrangeiros, a fim de trabalharem nas grandes fazendas, sob contrato de parceria ou prestação de serviços. Ambos sistemas cumpriram seu papel em função da acumulação capitalista no setor cafeeiro. Um exame mais detido na legislação que regula o uso das terras, a colonização, a imigração

³⁵ Id. Ibid. p. 198.

assalariada e subvencionada, e as relações de trabalho, no período, indica que, longe de serem políticas isoladas, fazem parte de um todo, uma medida legislativa complementando outra (GADELHA, 1982, p. 126).

Os núcleos coloniais, portanto, surgiram em várias áreas do Estado de São Paulo, mas tiveram “[...] incidência expressiva na Média Depressão do Estado” (FERNANDES, 1972, p. 75). A implantação aconteceu de forma estratégica e tinha como objetivo principal um planejamento em rede para a então Província de São Paulo, como esclarece Pereira (2006).

Os Núcleos Coloniais estruturaram a cidade de São Paulo e o Estado, através da eleição de cidade e regiões. Contribuíram com as implantações agro-industriais dos Engenhos Centrais, com o desenvolvimento do então deserto nordeste da Província da região de Ribeirão Preto, e até mesmo com a indústria automobilística, através da instalação da General Motors em São Caetano na década de 1930 (PEREIRA, 2006, p. 14).

De acordo com Gadelha (1982), em São Paulo não estava em jogo a necessidade de povoamento da Província, o que certamente ocorria em outras regiões do país, mas a necessidade de trabalhadores. A possibilidade de aquisição de um lote de terra representava uma espécie de prêmio ao colono que, trabalhando arduamente nas fazendas de café, pudesse vir a ser um pequeno proprietário, graças à aplicação de seu pecúlio obtido por meio do trabalho extra nas lavouras de café. O trabalho remunerado no sistema de colonato aconteceu de três formas:

- 1º) uma remuneração fixa, por cada 1.000 pés de café tratados, que deviam ser podados, limpos, etc.;
- 2º) uma quota, variável por alqueire³⁶ de café colhido;
- 3º) permissão para utilizar terras para o plantio de produtos, visando sua própria subsistência. Assim, em alguns períodos de rentabilidade do preço do café, teria sido possível certa poupança beneficiando uma pequena parcela de trabalhadores rurais (GADELHA, 1982, p. 166).

De forma análoga, vários imigrantes que viviam nas colônias, nas fazendas, saldaram suas dívidas com os fazendeiros e conseguiram comprar terras próximas dessas, formando ou aumentando o número de bairros rurais (FERNANDES, 1972).

A aquisição de terras nos Núcleos Coloniais oficiais não foi uma conquista fácil, pois os donos das grandes fazendas do Estado de São Paulo, no século XIX, queriam somente “[...]”

³⁶ O alqueire difere em alguns lugares do Brasil. Na região **Norte** 1 alqueire equivale → 27 225 m² → 2,72 ha. Um alqueire Em **Minas Gerais, Goiás e Rio de Janeiro** equivale → 48 400 m² → 4,84 ha. O **paulista** equivale → 24 200 m² → 2,42 ha. n. a.

conceder aos colonos terras no sertão, longe das estradas, de exploração impraticável, que não tivesse despertado até então a cobiça, e por isso tivessem ficado preservadas das ocupações de posseiros e da gula dos solicitadores de sesmarias” (COSTA, 2010, p. 202).

Fernandes (1971, p.74) assinala que, independente dos anseios dos grandes proprietários, “a preocupação que norteou a criação destes núcleos coloniais foi a de diversificar as lavouras [...] dedicadas a uma atividade agrícola variada”. Ainda segundo a autora, tal condição de serventia visava, na verdade, continuar servindo à grande lavoura praticada pelas grandes propriedades, tanto no fornecimento de alimentos que não produziam, quanto de reserva de mão de obra em períodos de maior necessidade.

Além de representarem áreas de pequenas propriedades de produção diversificada e de constituírem, eventualmente, reservatórios de mão-de-obra para as fazendas cafeeiras, a importância destes núcleos prende-se ao fato de terem fornecido numeroso contingente humano, que, juntamente com aqueles provenientes do colonatos das fazendas, foram se estabelecendo nas redondezas, contribuindo para maior importância da pequena propriedade, para ocupação mais efetiva do solo e, inclusive, evidentemente, para maior significado dos bairros rurais, pelo aparecimento de novos agrupamentos (FERNANDES, 1972, p. 76).

Em relação ao desenvolvimento dos núcleos coloniais oficiais, Pereira (2006, p. 11) afirma que há diferenças, “[...] sempre em direção ao desaparecimento: ou pela integração total à ocupação urbana que existia, ou pela sua transformação em cidade, ou até, em alguns casos, à total involução”. E complementa com outra declaração: “quase todos os Núcleos Coloniais foram instalados em terras ruins, o que contribui para confirmar a sua destinação, urbana, desde o seu projeto”³⁷. Vários desses núcleos deram origem aos bairros rurais, como foi o caso de Cascalho.

2.2.1 Considerações sobre a pequena propriedade nos núcleos coloniais e nas colônias

De acordo com a abordagem de Fernandes (1972), a imigração europeia, iniciada em meados do século XIX, foi um fator decisivo para a formação das pequenas propriedades e, conseqüentemente, de inúmeros bairros rurais.

Além dos “núcleos coloniais” propriamente ditos, originários de colonização dirigida, oficial ou particular, agrupamentos espontâneos iam-se formando na zona rural, constituídos especialmente por contingentes provenientes das fazendas de café ou resultantes de seu retalhamento.

³⁷ Id. Ibid p. 16.

Estes agrupamentos iriam traduzir-se, no espaço, pelo aparecimento de novos bairros, denominação genérica consagrada para designação destas unidades sociais e espaciais elementares (FERNANDES, 1972, p 13).

A pequena propriedade permitiu outro tipo de organização do espaço, incluindo a volta do cultivo das culturas de víveres quando os imigrantes passaram a constituir a mão de obra na cultura do café, tornando-se parte integrante de núcleos coloniais oficiais e das colônias formadas dentro das grandes fazendas (FERNANDES, 1971).

A caracterização do habitat, segundo Bernardes (1957), é essencial para a descrição da paisagem; trata-se de um elemento que contribui para a análise do processo de transformação cultural, sendo o último que se altera em estrutura quando acontecem modificações econômicas ou culturais do espaço rural.

A respeito da casa dos colonos existentes nas fazendas, que constituíam as colônias, Araújo Filho (1956) tece algumas considerações.

As colônias são habitações melhores que as senzalas, é claro, mas ainda deixam muito a desejar no que diz respeito ao mínimo de conforto que um trabalhador moderno requer; construções de tijolos e às vezes de madeira, com um dos dois quartos, uma saleta e cozinha, estas modestas residências, que alojam os trabalhadores numa fazenda de café, conquanto possuam, em São Paulo, luz elétrica, não têm instalações sanitárias, salvo raríssimas exceções. Em geral se situam no sopé das colinas e encostas, nas proximidades de nascentes d'água, ou à beira de ribeirões, nas áreas cristalinas e de terra roxa, pois no Planalto Ocidental, como os próprios cafezais, elas ficam nos espigões, e aí, ao problema da falta de conforto, junta-se mais um, o da água, que tem que ser retirada de poços, com dificuldade e parcimônia (ARAÚJO FILHO, 1956, p. 115).

As primeiras casas construídas, segundo Pereira (2006, p. 39), eram feitas de forma precária, com materiais disponíveis na ocasião, tais como “[...] madeiras roliças, madeiras cortadas à mão, barro em taipa de mão, sobras de materiais e bambus”. Ainda a respeito dessas construções, que não eram demolidas quando a casa definitiva fosse construída, o autor afirma que: “as pequenas construções cumpriam sua função até a casa definitiva prevista em contrato: depois não foram destruídas, permanecendo como registro de ligação com a própria história, a preservar a memória coletiva”.³⁸

A casa definitiva era construída o mais cedo possível, sendo que alguns imigrantes só conseguiram construí-las depois de realizarem a primeira colheita. O material utilizado

³⁸ Id. Ibid. p. 40.

dependia dos recursos trazidos da pátria mãe e, também, da quantidade e qualidade do material disponível no entorno (PETRONE, 1984).

Nos primeiros tempos a casa raramente apresentava vidraças, apenas venezianas e as ferragens eram substituídas por engenhosos mecanismos de madeira feitos pelo próprio colono. Pregos e parafusos entravam com parcimônia na construção da primeira casa. Dobradiças eram de couro. O material de construção nos primeiros tempos da colonização vinha do exterior; aos poucos aparecem pequenas oficinas que produzem ferragens rudimentares, vidraças, azulejos, cerâmica para piso. É a indústria da substituição que, não raro, surge da própria capacidade de inventar do colono imigrante que, em lugares de difícil acesso, de estradas ruins e de preços exagerados para os produtos vindos de além-mar, encontrava soluções para suas necessidades (PETRONE, 1984, p. 66).

Pereira (2006) pondera que, na atualidade, as casas construídas na época da implantação dos Núcleos Coloniais, década de 1880, são raras. As que as substituíram estão, atualmente, bastante modificadas. Essa condição ocorreu, principalmente: “pela necessidade de atualização, de integração na ideologia do momento e de imposições de higiene, da propaganda de produtos, do modelo de viver e de consumir, o que alterou definitivamente essas casas principais, nas cozinhas, na introdução dos banheiros e nas sucessivas modificações”.

O marco importante é que esses imigrantes estrangeiros em muito contribuíram para a formação do povo paulista, sob vários aspectos (COSTA, 2010), desde que passaram a vir para o Brasil, sendo encaminhados para o trabalho em lavouras de café, substituindo os trabalhadores escravos. No estado de São Paulo, assim que puderam, abandonaram as lavouras de café, onde viviam, devido às precárias condições de trabalho. Alguns conseguiram voltar para sua pátria, outros migraram para outras regiões do país; houve os que conseguiram obter uma melhora de vida e se fixaram em área urbana e, também, os que continuaram na área rural e viveram como produtores rurais.

Esses grupos de imigrantes formaram bairros rurais paulistas, sendo que alguns perduram até nossos dias, mantendo a cultura dos antepassados, ou buscando, de alguma forma, recuperar algumas tradições. Parte dessa cultura está associada, diretamente, à realização de festas tradicionais.

2.2.2 Contribuições da imigração italiana para a agricultura e o trabalho

Nem sempre tradições culturais praticadas em ambientes diferentes renderam bons resultados. Os imigrantes estrangeiros e seus familiares são exemplos de como esse descompasso gerou problemas e instabilidades econômicas, principalmente quando esses se fixaram em lugares diferentes daquele de suas origens (PETRONE, 1984). Porém, de maneira

geral é possível constatar que os imigrantes estrangeiros, que se estabeleceram no Brasil no decorrer de nossa história, propiciaram ao país acréscimo na cultura material e imaterial³⁹.

Os italianos que vieram e se fixaram no Brasil são responsáveis por inúmeras práticas culturais incorporadas na agricultura, na culinária, na religiosidade católica (incluindo santos de devoção), na arquitetura, na língua e nas festas. Outra contribuição do imigrante italiano, instalado em pequenas propriedades, é alusiva ao campo ideológico, como a valorização do trabalho e a difusão de ideias cooperativistas (PETRONE, 1984). Esses aspectos puderam ser fortemente evidenciados nos bairros rurais paulistas, lugar que os descendentes de imigrantes se aculturaram e propagaram a cultura herdada (QUEIROZ, 1973).

Para entender as contribuições dos imigrantes italianos no contexto brasileiro é necessário pontuar aspectos da história até a chegada desses no país. Colbari (1997) destaca que o sistema colonial foi configurado por contingentes de negros, brancos e índios, e pela miscigenação desses três grupos que, excluindo parte dos brancos, eram tidos como preguiçosos e indolentes; viviam de forma inadequada por substituir um trabalho organizado e disciplinado, por atividades como pesca, caça e coleta.

A indolência era considerada vocação nacional e tinha caráter hereditário, o que reforça a tese dos componentes eugenia e civilização embutidos no cálculo racial que orientava a política imigrantista brasileira: a idéia de regeneração do povo e de uma reforma moral. Assim, a questão não era somente a falta de população, os vazios demográficos, mas a falta de população portadora de certos atributos que permitissem sua incorporação ao processo de produção (COLBARI, 1997, p. 55).

A necessidade de fixação de estrangeiros italianos no Brasil visava, além da substituição do trabalhador, melhorar as formas de trabalho. Essas mudanças iam ao encontro dos objetivos de criação dos núcleos coloniais, que era ocupar as terras, consolidar o território e dinamizar a economia com o desenvolvimento de novas culturas agrícolas (PAIVA, 2013).

Como parte dos imigrantes dedicavam-se, anteriormente, a atividades artesanais e tinham conhecimentos e experiência diferenciados nas áreas agrícolas e de criação de gado, além de serem portadores de técnicas mais evoluídas e adaptadas à Revolução Industrial, era esperado que se tornassem agentes modernizadores, contribuindo, assim, para tirar o país da situação de atraso a que o sistema colonial o tinha relegado (DINIZ, 1973).

³⁹ Entende-se por “patrimônio cultural imaterial” as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. (IPHAN, 2004, p. 373).

Era atribuído ao imigrante italiano possuir espírito de iniciativa, ética do trabalho e respeito às leis. “Eram considerados funcionais tanto para os propósitos de constituição do mercado de trabalho livre para a lavoura cafeeira quanto para garantir o sucesso dos núcleos coloniais instalados nas áreas de fraco povoamento” (COLBARI, 1997, p. 56).

Os que vieram para serem agricultores trouxeram consigo novas técnicas de plantio, cultivo, colheita, armazenamento e uso dos produtos. A enxada foi substituída pelo arado e houve a introdução de um novo processo de beneficiamento por meio de máquinas a vapor, que os italianos prontamente passaram a manusear com êxito (DINIZ, 1973).

Colbari (1997, p. 57) afirma que grande parte dos italianos possuía um capital cultural que lhes assegurava a superioridade em relação ao trabalhador nativo brasileiro, pois muitos eram alfabetizados e “tinham assimilado uma cultura do trabalho e um forte sentimento de organização social cujo eixo estava na igreja e nos grupos de parentesco”. Além disso, eram brancos, o que facilitava a mobilidade e ascensão em uma sociedade impregnada pelos estigmas da escravidão. Diante dessa conjuntura, esperava-se que esse grupo propiciasse mais êxitos para a agricultura do que os demais que compunham a sociedade de trabalhadores da época.

Associado ainda aos conhecimentos, habilidades e vivências que os imigrantes tinham, Petrone (1984) afirma que ganharam espaço e conquistas aqueles que para cá vieram com a ideologia de trabalhar sua própria terra para obter o sustento da família, vendendo o excedente produzido por meio da prática da policultura, principalmente hortigranjeiros, que engrossava os circuitos comerciais de um mercado interno em desenvolvimento.

Nessas pequenas propriedades predominava a policultura e uma pequena criação de animais que, em geral, abrangia aves, porcos, alguns bovinos e cavalos para puxar arado e carroça. Tudo girava em torno da ideia de que o colono devia ser suto-suficiente, vendendo os excedentes e produzindo alguns gêneros em quantidade maior a fim de destiná-los ao mercado internos [...]. Com o decorrer do tempo, os colonos foram especializando-se em determinados produtos, continuando, entretanto, sempre policultores, pelo menos para garantir sua própria subsistência. Tradições culturais e as características do solo e do clima levavam a essa especialização, embora a demanda de mercado também tivesse seu papel (PETRONE, 1984, p. 60 e 61)

Dois terços dos trabalhadores imigrantes que chegaram ao Brasil eram agricultores, conforme quantifica Klain (1989), dos quais 65% eram alfabetizados. Em São Paulo, apenas 32% eram analfabetos entre os migrantes italianos a partir dos sete anos de idade que chegaram ao porto de Santos, entre 1908 e 1936.

A colonização no estado de São Paulo diferiu do restante do Brasil ao se praticar uma imigração subvencionada, que culminou com os imigrantes se tornando pequenos proprietários.

Essa condição contribuiu para o desenvolvimento da agricultura familiar. Na medida do possível, eles procuravam um produto agrícola de alto valor para poder basear sua cultura comercial e ter, assim, acesso ao mercado. Contrariamente aos japoneses, que foram grandes introdutores de novos produtos no Brasil (chá, juta, seda etc.), os italianos não introduziram nenhuma importante cultura nova, mas deram notável impulso àquelas a que se dedicaram, como a uva, o trigo, o café e, em menor escala, o arroz (VALVERDE, 1961, p. 165).

Em meio às levas de imigrantes, houve aqueles que trouxeram um conhecimento imprescindível, um saber-fazer atrelado à produção de algo que pudesse ser comercializado (BRANDÃO, 2015).

No inverno europeu, quando os campos ficavam cobertos de neve, os camponeses ocupavam seu tempo com os mais variados afazeres. Essas pessoas tinham de construir e reparar casas, estradas, pontes, produzir seus próprios tecidos, dentre outras coisas supridas por uma produção doméstica. Por isso, parte considerável dos estrangeiros aportados no Estado de São Paulo, em pleno ápice da expansão cafeeira, possuía algum tipo de saber-fazer. Com a decadência da escravidão e a substituição da mão de obra escrava pelo trabalho assalariado europeu, os imigrantes tiveram uma grande oportunidade – principalmente em cidades interioranas, cujas economias estavam alavancadas pela lavoura cafeeira – de lançar mão de seu conhecimento em busca de sua ascensão social. Alguns exerceram funções indispensáveis que, contemporaneamente à sua vinda, não havia quem as ocupasse. Podemos dizer que tais imigrantes chegaram ao lugar certo na hora certa (BRANDÃO, 2015, p. 320 e 321).

A partir do momento que se instalavam era comum cultivarem milho e feijão, não só nas ruas dos cafezais das fazendas que trabalhavam, como também em lotes ao lado de suas habitações (trabalhando nas horas vagas). Com o conhecimento de técnicas diferenciadas, produziam também laticínios, mel de abelhas, produtos que comercializavam (DINIZ, 1973).

A ideologia de trabalhar a própria terra se concretizou muito em função do apoio de grupos de parentesco que sustentavam a organização e o trabalho nas propriedades, pautadas completamente sobre o alicerce familiar. Colbari (1997) elucida como, geralmente, essa condição acontecia.

O modelo de família era o patriarcal, onde a autoridade sobre a mulher, filhos e agregados cabia ao pai, principal provedor do núcleo familiar. As famílias eram numerosas e a emancipação dos filhos somente ocorria com o casamento, fato não necessariamente marcado pelo abandono da propriedade paterna. À mãe, a quem os filhos deviam dedicação e respeito, cabia o cuidado e a educação da prole. O nível de escolaridade possível de se atingir era o básico, muitas vezes obtido através de aulas ministradas por professor contratado pelas famílias. A família era tanto uma unidade de produção quanto de reprodução: era praticamente autossuficiente na produção de alimentos e bens artesanais necessários ao trabalho e ao consumo pessoal. As diversas formas de sociabilidade que constituíam o cotidiano dos

imigrantes o trabalho, a religião, o lazer etc. estavam estruturadas a partir da vida familiar, que foi o núcleo desencadeador das motivações necessárias ao enfrentamento das adversidades das condições físicas e sociais da região e para o manutenção da coesão dos grupos numa vivência comunitária. (COLBARI, 1997, p. 57 e 58)

Houve, ainda, o aspecto do incremento fundiário no qual os interesses agrários atraíram os imigrantes para obter uma valorização a baixo custo, obtida pelo próprio trabalho do pequeno proprietário. Nessa conjectura o imigrante tornava “a terra cultivável depois do desmatamento, construindo estradas e pontes, valorizava a terra a baixo custo para os interesses fundiários que se confundiam com os capitalistas” (PETRONE, 1984, p. 20).

Colbari (1997), de maneira geral, definiu elementos recorrentes que se destacaram entre grupos de imigrantes italianos: a ética do trabalho; a organização familiar; a religiosidade; a honradez; a solidariedade; a resignação e o espírito comunitário. Esses elementos foram importantes para explicar a sobrevivência desses imigrantes e o legado que deixaram para seus descendentes. Sendo passados de geração em geração, perpetuam-se até nossos dias.

Era o bairro rural um grupo de vizinhança de “habitat disperso, mas de contornos suficientemente consistentes para dar aos habitantes a noção de lhe pertencer, levando-os a distingui-lo dos demais bairros da zona. O “sentimento de localidade” constituía elemento básico para delimitar a configuração de um bairro, tanto no espaço geográfico quando no espaço social. Tradicionalmente, uma capela marcava o núcleo central, e a festa do padroeiro constituía um dos momentos importantes de reunião para componentes dispersos pelas cercanias, - momento em que se afirmava a personalidade do bairro, em relação aos bairros vizinhos. Cada bairro se compunha de famílias conjugais autônomas, autárquicas, lavrando independentemente suas roças quando e como queriam. Não podiam, porém, prescindir do auxílio dos vizinhos sem grave diminuição de seus recursos, pois suas técnicas eram mais rudimentares. O mutirão, a troca de dias de serviço e outras formas de auxílio mútuo eram as soluções adotadas para resolver a escassez de mão de obra, por um lado, e, por outro lado, a escassez de meios para obtê-la: pois cultivar a terra apenas com os braços da família não era muito produtivo, não havendo também dinheiro para comprar escravos e, mais tarde, para alugar assalariados. O trabalho rural em comum se tornava assim uma segunda maneira de congregar os habitantes do bairro, além da festa religiosa (QUEIROZ, 1973, p. 03 e 04).

3 AVANÇANDO NA PESQUISA – REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Nos atemos, neste capítulo, a dois conteúdos para poder fundamentar os temas que balizarão nossa pesquisa e, conseqüentemente, permitirão um avanço na análise de nosso trabalho: bairro rural e a relação campo-cidade. Compreendemos que os bairros rurais não possuem, hoje, características que tinham no passado. Mesmo assim, buscamos os melhores referenciais para entendimento do tema que interessa à pesquisa, que são contemporâneos ao período no qual surgiram. O objetivo foi reconhecer os elementos e traços que se conservaram e ainda são presentes.

Iniciamos o capítulo escrevendo sobre o bairro rural e suas concepções, pois na atualidade não há como estudar essa unidade de análise em si mesma, devido à intensa relação

que há dos bairros com outras localidades dos municípios em que estão inseridos e, também, com municípios vizinhos. Daí a necessidade da revisão bibliográfica sobre a relação campo e cidade, que é a parte subsequente deste capítulo.

3.1 Perspectivas sobre os Bairros Rurais Paulistas

O estudo sobre bairros rurais, na atualidade, não é um tema recorrente nas pesquisas como pôde ser constatado por meio da procura de referências para compor nosso trabalho⁴⁰. Acreditamos que esse recorte espacial tenha deixado de ser um objeto de estudo devido muitos bairros rurais terem crescido e se tornado distritos de seus municípios. Outro ponto sobre a ausência de conteúdos temáticos que priorizem esse viés relaciona-se ao fato de, historicamente, tal definição espacial é restrita ao Estado de São Paulo e ao sul de Minas Gerais, em áreas de influência do estado paulista, o que delimita bastante o uso em um país com as dimensões do Brasil (FERNANDES, 1972).

Sobre essa questão da regionalização do uso do termo, Müller (1966, p. 83) acrescenta que se trata de uma “forma regional de organização do habitat, que pode encontrar similares em outras áreas do país”, porém não aparece com a designação “bairro rural”. Vale ressaltar que o termo caiu em desuso, mesmo sendo o bairro rural um tipo de povoamento e de grupo social antigo e persistente, que atravessou séculos mantendo as mesmas características (QUEIROZ, 1973, p. 50).

Esse tipo de povoamento antigo surgiu no século XIX atrelado à três condições:

[...] a) desmembramento de terras b) estabelecimento de núcleos coloniais e c) colonização espontânea, por elementos vindos de outras áreas, atraídos pela tomada de posse de terras [...] ou por patrimônios estabelecidos por fazendeiros na esperança de garantir um centro permanente de fornecimento de mão-de-obra (MÜLLER, 1966, p. 90).

Essa formação, de acordo com Candido (2010), aconteceu inicialmente pelos denominados caipiras, tendo como característica uma proximidade maior das casas e uma organização comunitária, em comparação à dispersão que havia predominado no país até o século XIX. Para a configuração do bairro, dois elementos foram imprescindíveis: a base territorial e o sentimento de localidade de seus moradores, dessa forma, os bairros se formaram a partir da proximidade física, da cooperação existente e da consciência dos moradores de pertencerem ao lugar, formando uma unidade diferenciada.

⁴⁰ Outra justificativa para esse contexto se pautava na condição de o Estado de São Paulo ser extremamente urbanizado; havendo, portanto, poucos bairros rurais. n.a.

Posteriormente, dotados de uma dinâmica interna própria, passaram, também, a ser constituídos por populações de imigrantes estrangeiros e seus descendentes (QUEIROZ, 1973, p. 135).

De acordo com Gadelha (1982, p. 303) a formação e aumento de bairros rurais foi possível devido à política de terras do Estado de São Paulo, pautada na colonização, imigração e trabalho, visando “[...] subsidiar os setores ligados à grande lavoura de café, propiciando condições para a existência de mão-de-obra abundante e mesmo excedente neste setor”.

Se o aspecto mais conhecido desta política consistiu na imigração subsidiada de colonos estrangeiros para trabalharem nas lavouras cafeeiras, não menos importante, na visão dos homens de Estado da época, seria a colonização tal qual foi concebida em função da valorização das áreas de café.

Esta colonização não visava o povoamento de zonas desertas, como ocorreu em outras regiões do país, mas se daria a partir dos centros de mais antigo povoamento, ocupado pelas primeiras fazendas de café (GADELHA, 1982, p. 303).

Ainda nos utilizando dos estudos da autora, que aborda sobre a importância desse povoamento a partir dos núcleos, citamos que:

Do ponto de vista do povoamento das zonas cafeeiras, os núcleos efetivamente atuaram como polo aglutinador de mão-de-obra, fixando o trabalhador rural, mesmo quando este não podia aspirar se tornar proprietário de pequenas parcelas de terras. De fato, graças aos núcleos e à política de retalhamento de terras particulares desenvolvida pelo governo, não se assistiu, em São Paulo, os extensos vazios que acompanham as concentrações de áreas dominadas pelos latifúndios, predominantes na maior parte das regiões brasileiras. As terras excedentes do latifúndio seriam arrendadas, cultivadas em parceria ou loteadas para a venda a pequenos agricultores, possibilitando ao proprietário latifundiário extrair delas uma renda suplementar (GADELHA, 1982, p. 306).

Antes dessa política de terras, que tanto contribuiu para o povoamento do estado paulista e, conseqüentemente, para a formação dos bairros, nas áreas mais antigas o termo foi amplamente difundido “[...] para indicar determinada porção de território, de limites nem sempre muito precisos, geralmente definidos em função de um sentimento de localidade” (FERNANDES, 1972, p. 2). Foi se estabelecendo no lugar um modo de habitat fixo e suficientemente denso, propiciando estabelecer contatos entre os vizinhos. O bairro rural é, portanto, uma unidade social e espacial que fez parte do processo evolutivo do espaço paulista interiorano quando esse passou a ser explorado de forma intensa pelas grandes monoculturas. Para conceituar essa unidade social e espacial nos baseamos em autores estudiosos da Geografia e da Sociologia.

O primeiro conceito que utilizamos é da pesquisadora Nice Lecocq Müller, que define o bairro rural como:

[...] todo conjunto de casas, suficientemente próximas para que se estabeleçam contatos sociais entre seus moradores. É uma célula de comunidade rural onde existem certos tipos de parentesco ou de vizinhança, reforçados frequentemente pela existência de venda, capela ou escola, e cujo raio de ação marcou os limites do bairro (MÜLLER, 1966, p. 129).

Keller (1970, p. 314) é outra autora que tece considerações e define o bairro como uma modalidade de povoamento transitória para a aglomeração local, sendo a capela, a escola e o comércio edificações importantes em sua composição. De forma geral, os bairros rurais se formaram em áreas de povoamento mais antigas, com pequenas unidades de cultura e aproximação das habitações que, devido à necessidade de entreaajuda, houve um envolvimento da vizinhança.

Queiroz (1973) avança nas definições e enaltece a importância da sociabilidade dos habitantes do bairro, incluindo as festividades.

[...] para definir o que é um bairro rural, o aspecto econômico passa para a segundo plano, deixando no primeiro plano o tipo específico de relações sociais e de relações de trabalho. Bairro rural é aquele cujos membros, estando à frente de empreendimentos rurais de que guardam responsabilidade (mesmo quando não conservam a totalidade da colheita), desenvolvem entre si relações de trabalho expressas na ajuda mútua, e conservam relações de vizinhança que se concretizam na participação, em nível igualitário das atividades cotidianas e festivas do grupo de localidade (QUEIROZ, 1973, p.49).

A autora⁴¹ ainda pontua que se afastar a economia como definição, será possível entender melhor as relações sociais e, por conseguinte, compreender a conservação de aspectos folclóricos do mesmo, pois estas confluem para uma outra característica do bairro que é o sentimento de localidade e identidade. Dessa forma, “os habitantes de um bairro conhecem e pertencem a ele, sentem-se a ele ligados, pleiteiam benefícios e vantagens em seu nome, enfim, demonstram uma consciência grupal patente”.

Sob a perspectiva de Azevedo (1957, p. 55) os bairros rurais são compreendidos como sendo sementes de muitas cidades, definidos como “[...] uma área servida por um caminho ou estrada, ao longo dos quais se alinham pequenos *sítios* em que se cultivam cereais e cria-se gado menor”.

Prosseguindo sobre a conceituação, Schmidt (1951) fala do bairro como um lugar ou área qualquer; com características mais ou menos próprias e que tem como elemento

⁴¹ Id. Ibid. p. 134

fundamental o fato de os moradores lhe conferirem o nome de bairro. Essa condição deixa claro o valor do pertencimento para aqueles que fazem parte desse lugar.

Em relação à área abrangida, Queiroz (1973) estabelece que a dimensão de um bairro rural fica evidenciada por meio das relações sociais existentes.

[...] nos momentos de reunião que podemos medir a extensão de um bairro, saber onde ele se estende espacial e socialmente, uma vez que a forma de habitação é dispersa: pertencem ao bairro aquelas famílias que vivem num raio tal, a partir do núcleo formado pela igreja, pela escola e pela venda, que lhes permite vir a pé com regularidade ao centro, a fim de participar das reuniões coletivas (QUEIROZ, 1973, p. 75).

Essas relações são regidas por um ritmo de dispersão cotidiana que se alargam em diferentes graus a partir dos vínculos familiares, perpassando pela associação que há com a vizinhança, prosseguindo para relações mais abrangentes que acontecem entre os bairros vizinhos e desses com a região que fazem parte, até atingir o elo de vinculação com tudo que ultrapassa a região. Essas escalas estão representadas na Figura 8.

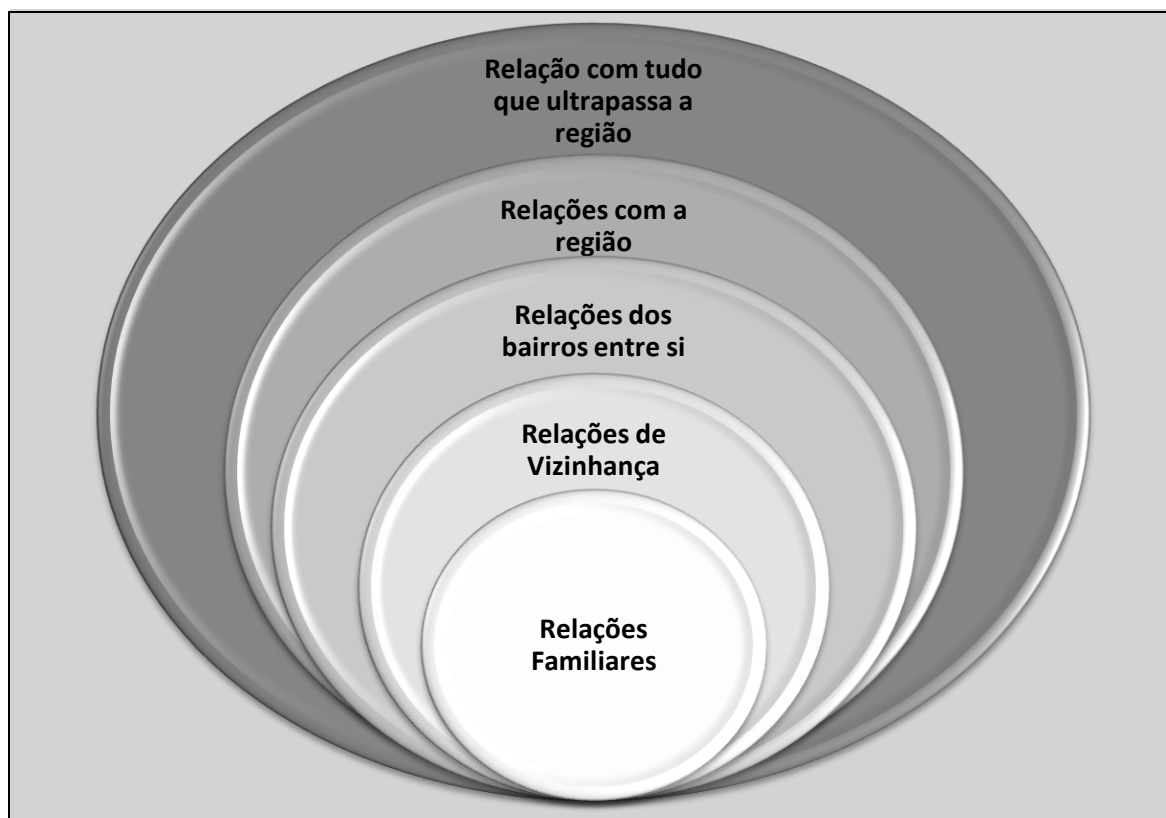


Figura 8- Escala das formas elementares de sociabilidade da vida rústica de um bairro rural.
Fonte: Organizado pela autora a partir da adaptação de Queiroz (1973, p. 04)

Ainda segundo a autora⁴² há elementos da sociedade global agindo no interior da sociedade formada pelos bairros e efetuando uma ligação entre ambas, na qual algumas instituições, como as educativas e as religiosas, podem desempenhar o papel de intermediários. O grau de afastamento ou de aproximação possibilita indicar os limites da autonomia desses lugares.

Fernandes (1971) aponta que a distribuição das casas dentro dos limites do bairro rural não deve subsidiar as análises, pois essa varia muito, não cabendo como componente de definição. A autora ainda menciona que

[...] não raro, esses grupos de casas estão polarizadas em volta de capelas, armazéns ou escolas, vindo a presença desses serviços reforçar os laços sociais, pela frequência à missa ou culto, pela organização das festas religiosas, pelas conversas que se entabulam à porta do botiquim aos domingos e feriados, pelos contatos entre as crianças nas aulas (FERNANDES, 1971, p. 7).

Ao estabelecer alguns parâmetros de definição social de bairro rural Fernandes⁴³ pontua que um elemento permanente é constituído pela unidade entre um grupo de vizinhos, que estabelecem contatos e relações dentro de uma determinada área. Ainda sobre o envolvimento, a autora menciona que o traço semelhante, o denominador comum, é representado por esse sentimento, resultado do espírito gregário, da necessidade humana de estabelecer contatos com os vizinhos. Essa relação de vizinhança é que dá suporte para o desenvolvimento da sociabilidade e formação de associações.

Outro tipo de vínculo do bairro rural aconteceu com as sedes municipais ou as cidades, Queiroz (1973, p. 132) explica que essa integração, geralmente, ocorreu de duas formas: complementaridade independente e complementaridade subordinada.

No primeiro caso, o sitiante é um produtor e consumidor que em grande parte se basta a si mesmo, tendo como recurso econômico de base uma roça em regime de policultura, na qual se apoia para viver. Quando a roça constitui o centro de sua economia, estamos lidando com o camponês no sentido estrito do termo: quando a roça é um complemento que lhe permite ainda certa independência diante de um mundo econômico diverso, o roceiro é classificado como um agricultor, cuja produção se orienta primordialmente para a venda. Num e noutro caso, porém, a cidade é seu ponto de mira para a comercialização da colheita; a diferença é a maneira pela qual está comercialização é encarada (QUEIROZ, 1973, p. 132).

⁴² Id. Ibid.

⁴³ Id. Ibid. p. 08.

Sob uma perspectiva territorial de atuação e influência de um bairro rural, Fernandes (1972) pontua que as conexões podem influir e refletir na organização da malha fundiária, nas características culturais, na disposição do habitat rural além dos caminhos vicinais.

Outro aspecto acerca do bairro rural é a existência de um núcleo. Müller (1966, p. 101), o define como o “core” do bairro, o elemento que o individualiza e caracteriza. E acrescenta que esses núcleos são muito variáveis em suas dimensões (reduzidos ou amplos), formas e composição. Em relação a esse último elemento, o arranjo dependerá do número e variedade de atividades ou serviços que se fazem presentes.

Por não ser diversificada a variedade dos serviços existentes em um bairro rural, as diferenças entre classes sociais sempre foi algo sutil, não dando lugar nem mesmo para o aparecimento de uma liderança, e muito menos ao desenvolvimento de uma estrutura de estratificação social (QUEIROZ, 1973, p. 5). Essa condição mais igualitária permitiu o desenvolvimento do trabalho coletivo de mutirão.

A partir das características mencionadas até aqui, podemos, por meio das obras de Candido (2010), Fernandes (1972) e Queiroz (1973) extrair alguns atributos que consideramos ser importantes na configuração e formação de um bairro. Esses elementos estão elencados no Quadro 3.

Quadro 3- Principais características do bairro rural

| Antônio Candido | Liliana Laganá Fernandes | Maria Isaura P. de Queiroz |
|---|---|---|
| <ul style="list-style-type: none"> ● Agrupamento de famílias ● Grupos de vizinhança ● Posse de terras ● Trabalho doméstico ● Auxílio vicinal/mútuo - mutirão ● Margem de lazer ● Sentimento de localidade ● Práticas de atividade lúdico-religiosas | <ul style="list-style-type: none"> ● Unidade elementar ● Unidade social e espacial ● Tipo de povoamento ● Sentimento de grupo ● Relações entre os moradores ● Vizinhança ● Mutirão | <ul style="list-style-type: none"> ● Relações familiares ● Relações vicinais ● Relações de trabalho ● Ajuda mútua (mutirão) ● Compadrio ● Realização de Festas ● Ausência de estratificação social |

Fonte: Organizado pela autora a partir da adaptação de Candido (2010); Fernandes (1972) e Queiroz (1973)

Fica evidente, por meio da leitura do Quadro 3, que não é a base territorial que determina a unidade do bairro rural. Essa até pode ser considerada em um primeiro momento ao se constituir um, porém os elementos afetivos é que o determinam.

Embora a base territorial ou espacial possa variar muito entre os bairros, é possível que certos elementos do meio físico, como a presença de um vale, por exemplo, tenham orientado os contatos, definindo, assim, os limites da “vizinhança”. Significativo é, por exemplo, o fato de que muitos bairros rurais

possuam nomes ligados a ribeirões que atravessam seu território. No entanto, [...] a formação e delimitação da vizinhança não está necessariamente presa a elementos do quadro natural. O essencial é o estabelecimento de contatos entre determinado número de vizinhos.

Na época de formação dos primeiros bairros, estas relações de vizinhança desempenhavam importante papel na vida do habitante rural, e estas se manifestavam tanto no plano econômico, como social e espiritual (FERNANDES, 1971, p. 9).

Outra categorização feita por Candido (2010) é sobre os dois tipos característicos de bairros: centrífugos e centrípetos. Essas características estão sintetizadas no Quadro 4.

Quadro 4 – Características de bairro rural centrífugo e centrípeto

| Centrífugo | Centrípeto |
|---|--|
| <ul style="list-style-type: none"> - Proporcionam uma interação mínima; - Duas ou três reuniões por ano; - Aglomeração quase abandonada; - Número alto de casas fechadas; - Função principal é a religiosa; - Não há centralização de autoridade. | <ul style="list-style-type: none"> - Vida social e cultural mais ativa; - Existência de comércios e escola; - Procura do núcleo para ocasiões distintas (como festas); - Função ditada pelo ritmo de trabalho no campo e calendário religioso. |

Fonte: Organizado pela autora a partir da adaptação de Candido (2010)

De acordo com Queiroz (1973), são as relações econômicas de um bairro rural que acabam por determinar as relações externas. Esses vínculos econômicos podem ser de trabalhadores voltados a um regime de subsistência e aqueles que se dedicam à comercialização de produtos agrícolas.

Os primeiros são formados por camponeses, isto é, pequenos empresários rurais (proprietários ou não das terras) vivendo numa economia de que o fulcro é a roça de subsistência e cujo excedente costumam vender – são os caipiras; os segundos são compostos de agricultores, que também constituem uma categoria independente de pequenos produtores rurais (proprietários ou não), em cujo sistema econômico a roça é um elemento constante, mas subsidiário, pois sua manutenção depende de negociarem um produto principal que cultivam. Nos dois casos, cumpre reparar que os roceiros vivem num sistema de economia mista, em que o cultivo do solo está sempre aliado às atividades comerciais; quando estas constituem a base do regime econômico, classificados os roceiros como “agricultores” (QUEIROZ, 1973, p. 133).

Essa divisão realizada pela autora não será aqui pormenorizada, uma vez que o foco se concentra na realização das festas e os atores sociais que as realizam, mas pensamos ser pertinente explicitar, visando compreender como era essa composição quando foram feitos seus estudos em comparação com a constituição atual dos bairros rurais.

3.1.1 Elementos e funções do bairro rural

A escola, que aparece nos trabalhos dos autores como uma instituição integrante dos bairros, nem sempre foi vista como algo positivo. Uma primeira contestação, segundo Schmidt (1951, p. 17), aconteceu pelo fato de a formação do professor ser exclusivamente urbanista, o que na concepção das comunidades não era uma característica favorável ao profissional que iria preparar os futuros agricultores, ou seja, a escola em área rural acabava funcionando como um elemento de despovoamento desse espaço, pois “[...] ela prepara a criança para a vida chamada “civilizada” e cria-lhe, até um certo ponto, relativo desprezo pela terra. Inconscientemente, o professor enxota o povo da roça para os centros urbanos”.

Já Queiroz (1973) exalta o papel da unidade escolar sob uma outra perspectiva, afirmando que essa funcionava como uma ligação entre o bairro rural e a sociedade global; o que dava condição às crianças de se aproximarem culturalmente do estado e do país, pois os conteúdos curriculares aprendidos eram os mesmos.

Esses dois aspectos que os autores abordam são primordiais para compreensão dos valores da época. O que podemos constatar a respeito dos bairros de Cascalho e Santana é que a escola foi uma reivindicação desde o início da formação desses lugares e teve papel fundamental para a difusão, alfabetização e aprendizado da língua portuguesa.

A religiosidade é outro elemento primordial na constituição dos bairros rurais. Seja exercida por meio de rezas, missas, cultos, procissões, ou relacionada com festividades no decorrer do ano.

Grande parte dessa religiosidade culmina com a realização de festas e, sem dúvida, a considerada mais importante é a do (a) padroeiro (a), que além de ter comemoração especial, costuma ser cultuado (a) em função das promessas proferidas no decorrer do ano (FUKUI, 1979). As atividades religiosas sempre colaboraram para alargar os limites das relações dos habitantes dos bairros rurais, levando-os a centros de peregrinação, muitas vezes, longínquos. Atualmente, essa peregrinação é realizada também por meio de visitas a outros países, principalmente para a Itália (QUEIROZ, 1973).

Müller (1966, p. 104) assinala que essa religiosidade é basicamente exercida pelo catolicismo e acontece em função da existência da igreja/capela que é “[...] um dos elementos mais constantes da paisagem dos “núcleos” dos bairros, constituindo fator importante de coesão entre os seus habitantes”. Também fazendo referência à capela, Azevedo (1957, p. 55) menciona que essa “[...] representou e continua a representar um papel importantíssimo como elemento condensador do povoamento, ponto obrigatório de reunião da gente rural fixada em suas vizinhanças”. Sem dúvida, mesmo passado mais de meio século em relação a data de

publicação do artigo, concordamos com a condição da existência dessa edificação religiosa ser um elemento agregador dos moradores do bairro.

A recreação é outra função importante que acontece nos bairros, em decorrência da existência de equipamentos como a bocha, quadras e campos esportivos, além do salão de festas. A cancha de bocha é “[...] sempre lembrada como uma característica da presença de elementos italianos, constitui sem dúvida um dos equipamentos recreativos mais generalizado nos bairros rurais” (FERNANDES, 1972, p. 206).

A venda também aparece, segundo Müller (1966) como outra unidade de coesão dos bairros rurais. Esse estabelecimento comercial tinha como função ser o centro abastecedor, e o local de reuniões⁴⁴, ponto difusor de novidades e em alguns bairros paulistas funcionava, também, como agência postal. A quantidade e qualidade de mercadorias oferecidas à clientela nunca foi muito farta, iam desde simples balcões para venda de bebidas e alguns poucos doces para as crianças, até estoques mais ricos e instalações mais modernas.

Outros serviços também constituíram os bairros rurais, como loja de ferramentas, ferragens, farmácia. Com o passar dos anos, alguns estabelecimentos e infraestrutura tornaram-se uma exigência da população, como postos de saúde e transporte coletivo.

O mutirão é outro componente socializador que aparece de forma determinante associado aos bairros rurais. Era uma ação incompatível com a estrutura de trabalho das grandes propriedades, mas fundamental para as comunidades rurais. Apesar de ter diminuído a prática com o passar dos anos, existe até hoje, principalmente na realização de festas e eventos.

3.1.2 Mutirão – mudanças e existência

Caldeira (1956) afirma que essa atividade de trabalho coletivo, que não é exclusiva de nenhum espaço e nem forma de vida, é praticada em todas as regiões do globo, apesar da decadência que houve com o passar da introdução e substituição⁴⁵ por sistemas que visam as relações monetárias e o lucro. Em relação à origem, no Brasil, é dada como incerta, pois são encontrados registros das atividades nas sociedades indígenas, negras e portuguesas. Ainda de acordo com os estudos do autor, o auxílio mútuo, no Brasil, recebeu e ainda recebe inúmeros nomes.

⁴⁴ Exclusivamente realizado por homens adultos. n.a.

⁴⁵ Já no ano de 1956, quando a obra do autor foi editada, o mutirão era tido como decadente e em vias de desaparecer. Porém, não é possível determinar um ponto exato em que a população rural deixou de praticar a ajuda mútua de forma mais ampla e intensa. n.a.

Como forma de atividade aplicável a uma parte do sistema econômico ou como comportamento social, o auxílio mútuo no Brasil é um costume desenvolvido à margem da grande propriedade fundiária, interessando principalmente as camadas pobres do campo, dispersas nas grandes áreas interiores ou mais ou menos agrupadas em exploração a que de ordinário faltam recursos para custear mão-de-obra (CALDEIRA, 1956, p. 42).

Ainda de acordo com os estudos do autor⁴⁶ o auxílio mútuo no Brasil recebeu e ainda recebe inúmeros nomes. No Quadro 5 estão elencadas as denominações por regiões brasileiras. A palavra “mutirão” é a única que se repete em todas elas.

No Brasil, o auxílio mútuo recebe numerosas denominações, variáveis geralmente de uma unidade política para outra, e dentro do próprio âmbito regional, de uma para outra zona. A par de algumas designações de uso restrito e alguns Estados, assinalam-se outras extensivas a vários. É o caso da palavra mutirão ou muxirão, que se acha associada a uma espantosa variedade de vocábulos afins, derivados de um étimo comum, muitos deles simples variações dialetais ou corruptelas; é o caso ainda do termo adjunto, usado em todo o Nordeste e conhecido em alguns Estados do Leste, e também do substantivo adjutório ou **ajutório**, comum a quase todo o Brasil (CALDERIA, 1956, p. 25, grifo do autor).

Quadro 5- Denominações de ajuda mútua utilizadas nas regiões brasileiras

| Região | Denominação para ajuda mútua |
|--------------|--|
| Norte | Aiuri ou ajuri; putinum; mutirão |
| Nordeste | Adjunto, adjutório, adjitório, ademão, ajuda, putirão, mutirão ; riosca; reunião; arrelia, faxina; bandeira; junto; batalhão; roubo; bois-roubados. |
| Centro Oeste | Mutirão , muxirão, traição |
| Sudeste | Ajuntamento; mutirão ; adjuntório; motirão; ademão; corte; bandeira; junta; traição; puxirão; muquirão; butirão; putirão; ajutório; ganha dia. |
| Sul | Mutirão ; puxirão; adjuntório; pitoco; pixurum, puxirum; puxirão; putchirão; pouxirão; pixuru; piarum. |

Fonte: organizado pela autora a partir de Caldeira (1956)

Fukui (1979) assinala que o mutirão tem como fundamento a reciprocidade, a troca de trabalho na qual o convocador tem como hábito fornecer comida e bebida e os convocados atendem de maneira espontânea e gratuita; havendo, portanto, uma integração das famílias envolvidas, com uma obrigação moral cujas sanções são sociais, levando aquele que não atender ao mutirão ser marginalizado pelo grupo.

O fato é que a ação do mutirão no campo não existe sem a presença e o bom relacionamento dos vizinhos, portanto, trata-se de uma relação direta entre eles. Fernandes (1972) realiza considerações a respeito dessa articulação.

Em época em que o trabalhador rural não dispunha senão de sua força braçal e a sua família (está implícita no caso a exclusão da grande unidade de exploração baseada na utilização de mão de obra servil) o auxílio do “vizinho” revestia-se de importância fundamental. Daí o aparecimento do “mutirão”, do troca-dias e de outras formas de auxílio mútuo, que muitas vezes foi lembrado

⁴⁶ Id. Ibid. p. 23

como fator importante na definição dos grupos de vizinhança (FERNANDES, 1972, p. 10).

Caldeira (1956) divide em três tipos as formas de mutirão, o primeiro alusivo aos casos mais comuns; outro referente a efetivação de inúmeras tarefas, e um terceiro conexo à execução de obras ou serviços de interesse geral da comunidade. No Quadro 6 estão elencadas as ações mais comuns de cada tipo.

Quadro 6 - Formas de mutirão

| Casos Comuns | Efetivação de tarefas | Obras e serviços |
|---|---|--|
| <ul style="list-style-type: none"> ● mortes ● doenças ● partos ● casamentos ● batizados ● acidentes de trabalho | <ul style="list-style-type: none"> ● derrubadas ● roçadas ● encoivramento ● queimas ● sementeiras ● limpas ● colheitas ● cobertura de casas | <ul style="list-style-type: none"> ● construção de estradas vicinais ● conserto de estradas vicinais ● limpeza de córregos ● atos recreativos ● atos religiosos |

Fonte: organizado pela autora a partir de Caldeira (1956)

A partir das considerações de Candido (2010) e Fernandes (1972) sobre o mutirão e a relação de vizinhança, podemos estabelecer outros vínculos, representadas na Figura 9, que demonstram o dinamismo com que se configurou essa relação dos bairros, demonstrando que residir nos mesmos não era um fator estático.

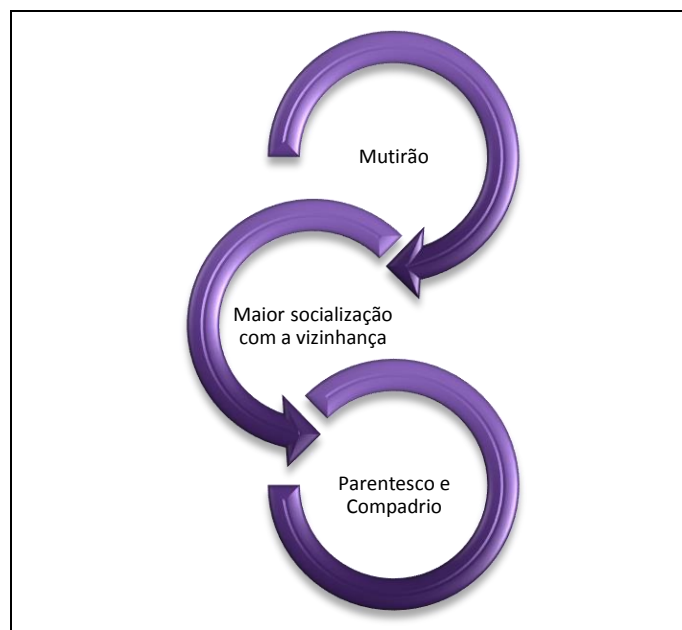


Figura 9 – Possíveis relações estabelecidas a partir do mutirão

Fonte: Organizado pela autora a partir da adaptação de Candido (2010); Fernandes (1972).

Candido (2010) aponta que só é considerado membro do bairro quem convoca e é convocado para as atividades de mutirão. Trata-se, na verdade, de uma obrigação bilateral; um elemento integrador da sociabilidade. O autor também expõe que, mais do que ser uma obrigação entre vizinhos, devido à religiosidade praticada nos bairros, é uma obrigação com Deus. Sendo assim, tanto o trabalho quanto a religião nos bairros levam à prática do mutirão.

Consiste essencialmente na reunião de vizinhos, convocados por um deles, a fim de ajudá-lo a efetuar determinado trabalho: derrubada, roçada, plantio, limpa, colheita, malhação, construção de casa, fiação etc. Geralmente os vizinhos são convocados e o beneficiário lhes oferece alimento e uma festa, que encerra o trabalho. Mas não há remuneração direta de espécie alguma, a não ser obrigação moral em que fica o beneficiário de corresponder aos chamados eventuais dos que o auxiliaram (CANDIDO, 2010, p. 82).

Outra abordagem é sobre a participação da mulher. Por ser considerada inapta para a execução de tarefas mais árduas, sempre teve seu papel relegado a um segundo plano, ou parecido com os que exercem em casa no dia-a-dia. A mesma condição é extensiva às crianças. A exceção acontece quando “[...] determinado serviço é extremamente urgente e demanda o máximo de emprego de mão-de-obra, as mulheres participam diretamente da tarefa agrícola, observando-se o princípio da divisão do trabalho em consonância com a tradição local” (CALDEIRA, 1956, p. 35).

Laraia (2003, p. 19) nos ajuda a compreender um pouco melhor essa divisão de gêneros ao associar a cultura como fator determinante. De acordo com o autor “a verificação de qualquer sistema de divisão sexual de trabalho mostra que ele é determinado culturalmente e não em função de uma racionalidade biológica”. Daí caber às mulheres, mesmo na atualidade, determinadas funções/tarefas não exercidas pelos homens e vice-versa.

Queiroz (1973, p. 35) chama a atenção para um outro ponto sobre o mutirão, que é ter ao mesmo tempo forças sociais de coesão e de divergência, sendo a realização das festas do bairro o único momento que congrega todos os moradores, portanto, é a situação exclusiva na qual a coesão acontece.

As práticas de auxílio mútuo, voltadas às atividades de ordem econômica e social foram realizadas de formas mais intensa entre as populações rurais brasileiras e concretizaram “velhos hábitos solidaristas”. Nos bairros rurais foram exercidas em função das relações de amizade, de parentesco e compadrio, grupos que faziam parte da vizinhança e que foram fundamentais para a manutenção e socialização desses (CALDEIRA, 1956, p. 29).

3.1.3. Vizinhança e compadrio

O compadrio sempre foi muito importante no bairro rural, sendo os compadres escolhidos dentro da própria família, entre aqueles que tivessem boa situação financeira ou política. Apesar das opções de escolha, é importante ressaltar que como fator de preferência sempre prevaleceu a boa relação em detrimento da condição financeira ou política. Essa escolha contribuiu para reforçar os laços que há entre as partes, bem como o de vizinhança (QUEIROZ, 1973).

Fukui (1979) discorre que o compadrio difere do parentesco de sangue porque é uma relação individual que liga dois adultos e uma criança, ou então dois adultos. A característica principal é a escolha voluntária e se subdivide em outras formas atreladas a duas categorias, o de sacramento, que obedece aos cânones da Igreja Católica e o folclórico, realizado em determinadas ocasiões. No Quadro 7 são apresentadas as principais características de cada tipo.

Quadro 7- Formas de compadrio

| Tipos | Denominação do compadrio | Características |
|-------------------|--------------------------|---|
| Canônico | Batismo | Ao nascer da criança os pais convidam um ou dois casais para serem padrinhos celebrando o batizado |
| | Crisma ou confirmação | O jovem adota um padrinho do mesmo sexo por ocasião da crisma, geralmente acontece na adolescência |
| Folclórico | Fogueira | Realizado em festas juninas na qual dois adultos pulam juntos a fogueira – visa o respeito, ao auxílio mútuo e perpetuação da amizade |
| | De vela | As pessoas fazem juntas orações durante três sextas-feiras seguidas |

Fonte: Organizado pela autora a partir da adaptação de Fukui (1979)

O entendimento dos elementos e funções que constituem um bairro rural explicitados até aqui foram necessários para avançarmos em nossa pesquisa. Todas as leituras efetuadas permitem considerar que apesar de a base ser física, delimitada em algum momento da história, a constituição de um bairro rural se define e solidifica pelo sentimento de pertencimento e pelas relações estabelecidas entre as famílias e os vizinhos.

3. 2 Cidade - campo; rural - urbano, a busca de critérios para delineação

Definir e conceituar rural e urbano, campo e cidade não é fácil, principalmente se tomarmos como parâmetro as diversas condições dos países do mundo como densidade demográfica ou ocupação econômica, por exemplo. Para defini-los é necessário analisar a história dos fatos e os processos a fim de compreender a dinâmica da sociedade. Começamos

este tópico, então, com os dizeres de Carneiro (1998), pois a autora nos permite obter uma profícua reflexão inicial.

O ritmo das mudanças nas relações sociais e de trabalho no campo transforma as noções de “urbano” e “rural” em categorias simbólicas construídas a partir de representações sociais que, em algumas regiões, não correspondem mais a realidades distintas cultural e socialmente. Torna-se cada vez mais difícil delimitar fronteiras claras entre as cidades e os pequenos vilarejos ou arraiais a partir de uma classificação sustentada em atividades econômicas ou mesmo em hábitos culturais (CARNEIRO, 1998, p. 53).

O Brasil foi, durante séculos, um país essencialmente rural. Silva (2006, p. 65) contextualiza que a urbanização do Brasil no período colonial era totalmente voltada às exportações e localizada basicamente no litoral. Foi somente com as transformações ocorridas após os governos de Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek que “[...] aconteceu uma nítida transição nos cenários políticos e econômicos, passando de um país agrário-exportador para um país urbano-industrial”.

A partir do período de 1930, com o início da transição do Brasil de um país agrário-exportador para um país urbano-industrial, com a implementação das indústrias de base, sobretudo estatais, que as cidades passaram a ser produzidas segundo esta nova lógica, ou seja, com uma dinamicidade muito maior, com uma complexidade na divisão social e territorial do trabalho muito mais intensa, aumentando os fluxos internamente e externamente por todo Brasil, sendo o início da constituição da rede urbana brasileira, paralelamente ao primeiro momento de efetiva gestão do território nacional (SILVA, 2006, p. 75).

Essas transformações refletiram no perfil demográfico em decorrência da migração campo-cidade e nas novas formas geográficas.

De uma sociedade essencialmente rural nos anos 1950, o Brasil teve seu perfil demográfico invertido e, na atualidade, ela é, segundo os critérios normativos utilizados pelo IBGE, predominantemente urbana. Essa mudança do perfil demográfico brasileiro foi o resultado do intenso processo de migração campo-cidade que levou parcela expressiva da população para os centros urbanos e provocou a redução significativa da população rural (HESPANHOL, 2013, p. 105).

Essas políticas, iniciadas na década de 1930, acabaram evoluindo para um processo de internacionalização da economia brasileira e a penetração de capitais multinacionais. Houve a introdução das indústrias de bens de consumo e uma gradual necessidade de mão de obra para o trabalho nessa área, o que intensificou a migração de trabalhadores pelas regiões do Brasil. A migração do campo para a cidade, além de acelerar o processo de urbanização e da produção

desta, teve como consequência o aumento da mobilidade interna. Essas transformações na esfera produtiva se refletiram em novos processos e formas urbanas, o que representa, na atualidade, uma diferenciação dos espaços em virtude da ampliação na seletividade no consumo no e do espaço (SILVA, 2006).

As transformações também refletiram no perfil demográfico em decorrência da migração campo-cidade e nas novas formas geográficas. Para compreender, portanto, os modos de vida e os espaços é necessário considerar as condições e distintas caracterizações no período histórico. O debate sobre o que caracteriza o rural e o urbano percorre a história e inclui elementos que oscilam no decorrer da mesma. As considerações teóricas alteram-se conforme as dimensões espacotemporais, por isso deve-se considerar a conjuntura histórica (ENDLICH, 2006).

Ao tratar de espaço, Bernardelli (2006) também afirma que é sempre necessário saber que esses apresentam diferentes especificidades em função de sua construção histórica. A autora avança em suas considerações e elucida que

[...] um primeiro apontamento deve ser feito com referência à grande influência que a estrutura fundiária acaba tendo sobre a dinâmica de uma região. Mudanças se processam de forma diferente em áreas de grandes e pequenas propriedades: o acesso e a possibilidade de utilização de modernas tecnologias, o acesso ou não acesso ao crédito e financiamento da produção relativa à política agrícola, os produtos agropecuários privilegiados, as formas, tipos e relações de trabalho articulam-se entre si como determinantes dessa dinâmica.

Ao pensarmos nas mudanças que vêm se processando com grande rapidez e intensidade, é preciso mediar a questão, sempre considerando o acesso e os impactos que ocorrem e se processam diferentemente, dependendo da classe social e do modo como um indivíduo se insere socialmente, como proprietário, como arrendatário, como parceiro etc., ou se somente com o trabalho e todas as implicações daí decorrentes, ou se nem mesmo consegue inserir-se via trabalho.

Sem dúvida que o trabalho – as atividades às quais os habitantes de uma dada localidade se dedicam – é um importante fator a ser considerado na definição de um lugar com caráter urbano ou rural (BERNARDELLI, 2006, p. 46).

Silva (2006) é outro autor que afirma ser o trabalho o elemento que condiciona uma separação física da produção, ou seja, pelo fato de possuírem formas e função diferenciadas levam a uma diferenciação dos espaços, mesmo que esses, incondicionalmente, sejam articulados e constituam uma totalidade.

No Brasil, a partir da década de 1990, o campo passou a introduzir e ampliar novas atividades e funções, passando a executar novas formas de trabalhos, como por exemplo o

trabalho agrícola em tempo parcial, a indústria à domicílio, a descentralização industrial e residencial, dentre outras (LOCATEL, 2013).

Hespanhol (2013, p. 106) menciona que o campo e cidade expressam o processo de divisão técnica, social e territorial do trabalho. A autora atribui essa distinção à forma desigual pela qual a ciência, a técnica e a informação se disseminaram, o que acabou por distingui-los, criando uma heterogeneidade socioespacial, dificultando, assim, uma definição normativa e analítica dos mesmos. Essas condições não permitem compreender os espaços restritos a si mesmos, pois “[...] embora no período contemporâneo as articulações entre campo e cidade tenham se intensificado, esses espaços continuam apresentando características que lhe são específicas, particulares, como fragmentos do espaço geográfico (totalidade)”.

Campo e cidade são compreendidos como espaços (formas) dotados de conteúdos que, por sua vez, denominam-se rural e urbano. Esses conteúdos (ruralidade e urbanidade), entretanto, podem extrapolar seus espaços de origem e, portanto, qualquer definição a priori que se apresente de forma estanque pode impossibilitar uma análise mais completa da realidade que, em si, é dotada de uma multiplicidade de sentidos (HESPANHOL, 2013, p. 109).

Se não há uma “definição unitária”, como também esclarece Abramovay (2000, p. 13), identificar atualmente os limites físicos entre cidade e campo é uma tarefa bastante difícil. Essa condição também é pontuada por Endlich (2006) que menciona que “[...] encontravam-se expressos de forma mais evidente nas cidades muradas, peculiares do período medieval. Definir os limites, a partir de então, converteu-se em tarefa extremamente complexa”.

Propostas que estabelecem uma segmentação muito precisa tornam impossível o estudo comparado. No caso do Brasil, a complexidade é ainda maior devido às grandes diferenças regionais e à quantidade de elementos envolvidos (BERNARDELLI, 2006).

Portanto, longe de consensos, o entendimento do rural e do urbano não deve se valer de uma definição no sentido estrito, mas se apoiar num conjunto de elementos que possa permitir a leitura de um espaço num determinado tempo, pois sendo a realidade sujeita a constantes transformações é preciso sempre se redimensionar os conceitos que permitem sua compreensão. Noutras palavras, isso significa que os conceitos não devem ser lidos como definições prontas e acabadas, sempre restritivas, mas permitir apreender o movimento da realidade, entendendo-os em sua perspectiva histórica (BERNARDELLI, 2003, p. 49).

No Brasil e no mundo, muitos aspectos associados ao modo de vida, rural e urbano, são representados como opostos. Há uma profusão de ideia de que o rural é atrelado ao passado, ao rústico, porém um lugar mais “puro”. O urbano aparece atrelado ao futuro, ao progresso e à

modernidade, mas também associado a um lado negativo como ser um lugar repleto de problemas. Raymond Williams bem retratou essa condição sob vários aspectos em sua obra, originalmente publicada em 1973, “O campo e a Cidade: na História e na Literatura”. Nas palavras do autor,

[...] o campo passou a ser associado a uma forma natural de vida – de paz, inocência e virtudes simples. À cidade associou-se à ideia de centro de realizações – de saber, comunicações, luz. Também constelaram-se poderosas associações negativas: a cidade como lugar de barulho, mundanidade e ambição; o campo como lugar de atraso, ignorância e limitação. O contraste entre campo e cidade, enquanto formas de vida fundamentais, remonta à Antiguidade clássica (WILLIAMS, 1989, p. 11).

De acordo com Bernardelli (2003, p. 48), existem outras relações na qual a vida rural é geralmente vinculada à valorização da comunidade; de vida familiar e a prática da religiosidade. Já a vida urbana é centrada no agrupamento, principalmente a partir da profissão, e não tanto pela família e nem pela religiosidade. Outro elemento “[...] refere-se à classe social, que tem profunda implicação no estabelecimento do “modo de vida”, na medida em que a renda irá permitir o acesso (ou não) a uma série de bens e tecnologia também constantemente transformados e incorporados ao “urbano””. Óbvio que esses elementos devem ser considerados, mas não se pode criar generalização.

Complementando o que expõe Williams e Bernardelli, Moreira (2003) também cita elementos atribuídos ao rural e urbano e o fato de serem considerados como opostos.

Considerado como oposto às relações sociais oriundas das instituições burguesas do mercado e do Estado e simbolicamente ligadas à cidade, o rural da modernidade ficou identificado com a tradição, incivilidade e irracionalidade. Associado às relações face a face, às culturas estáveis, homogêneas e primitivas ficou identificado como conservador. Associado ao antigo regime – feudal em alguns casos e escravistas em outros – ficou identificado como autoritário, e não democrático. Noutro sentido, enquanto o território urbano é simbolicamente referido ao tempo contínuo, ao mecanismo do relógio e ao espaço geométrico horizontal-vertical das ruas e dos edifícios (a natureza controlada), o território rural é associado ao tempo sazonal e ao espaço ecossistêmico da natureza (MOREIRA, 2003, p. 134).

Avançando nas explanações e adentrando sobre a amenização e perda da dualidade dos espaços, Carneiro (1998, p. 57) considera que as atividades de turismo e lazer no campo contribuíram para sua valorização. O campo passou a ser visto, também, como um “lugar de vida”, tendo vários de seus aspectos reconhecidos sem serem descaracterizados. Ainda de

acordo com a autora⁴⁷, não se trata de um processo de descaracterização dos núcleos rurais, já que tanto pode acontecer desses sucumbirem às pressões e interesses externos como há a possibilidade de consolidar a identidade. Acreditamos que pode haver, ainda, uma terceira opção, que é ceder às pressões e interesses somente em alguns aspectos, prevalecendo determinadas características associadas à ruralidade.

Outro ponto consiste em que, durante muito tempo, o espaço agrário foi sinônimo de espaço rural, e de forma mais simplista definido como tudo aquilo que não é urbano. Não é possível entender os espaços de forma isolada, há a necessidade de romper com a dicotomia. As mudanças provocadas pelo processo de industrialização geraram competitividade por novos usos do solo, anteriormente considerados como rural, e passaram a ter nova função voltadas para as atividades industriais, residenciais, de lazer e turismo (LOCATEL, 2013).

Conexo à essa conjuntura há um processo, denominado por Moreira (2003, p. 123) de “desenraizamento do tempo”, que significa que o passado desaparece e depois reaparece com uma nova representação associada ao patrimônio e às tradições com a finalidade de subsidiar as atividades turísticas em área rural; a produção e mercantilização de produtos artesanais confeccionados com tradições “camponesas”, além da revalorização de festas, rodeios e feiras agropecuárias, por exemplo.

Na atualidade, devido ao desenvolvimento dos meios de transporte, das comunicações, das ciências, da tecnologia e da informação, que também acabam chegando, em maior ou menor grau, ao setor agropecuário brasileiro, “[...] o espaço rural tendeu a apresentar maior complexidade e heterogeneidade em termos da sua organização socioeconômica, das relações sociais e, sobretudo, dos agentes/sujeitos que o compõem” (HESPANHOL, 2013, p. 105).

Diante desse contexto, Carneiro (1998, p. 62) afirma que é cada vez mais difícil pensar e definir a ruralidade a fim de conceituar a natureza das relações sociais num espaço determinado, porém o mesmo não se aplica à localidade, uma vez “[...] a noção de localidade não define, de forma alguma, a natureza rural ou urbana do grupo ou das práticas e relações sociais que ele desenvolve”.

Há alguns critérios utilizados para definir os diferentes espaços, como: o tamanho demográfico; a densidade; as formas urbanas (aspectos morfológicos); as atividades praticadas; os modos de vida; as inter-relações e a geração de inovações. Se tomados isoladamente como elementos de análise, não permitem estabelecer e nem definir o campo, a cidade e nem o rural e o urbano (ABRAMOVAY, 2000; BERNARDELLI, 2006; ENDLICH, 2006). Da mesma

⁴⁷ Id. Ibid. p. 59

forma, também não é possível se apoiar somente pelas leis para determiná-los, pois de acordo com o Decreto Lei 311, de 02 de março de 1938, toda a sede de município foi transformada em cidade (BRASIL, 1938).

Se basearmos os modos de definição em parâmetros internacionais, as tentativas serão ainda mais confusas.

a) Os limites estabelecidos internacionalmente são arbitrários: correspondem muito mais a tradições histórico-institucionais que a situações geográficas refletidas.

b) Exatamente em função disso, a comparabilidade internacional das informações sobre o meio rural fica seriamente comprometida, já que este envolve aglomerações de, no máximo, 500 habitantes na Escócia e de até 10 mil na Grécia.

c) O mais importante, entretanto, é que o critério de patamar populacional não permite uma abordagem regional da ruralidade. Ele nos diz que tal localidade ou tal município é ou não rural — segundo os critérios estipulados —, mas não é capaz de indicar se existem regiões ou territórios mais ou menos rurais. Uma aglomeração populacional de 25 mil habitantes cercada por pequenos povoados e distritos de 2 ou 3 mil habitantes será caracterizada — a justo título — como urbana, mas sem que se tenham instrumentos estatísticos que permitam perceber que ela está no meio de uma região que, globalmente, é rural (ABRAMOVAY, 2000, p. 5).

Abramovay (2000) afirma que há um pensamento equivocado no Brasil, utilizado para definir as áreas rurais, como o definido pelo IBGE, que reduz aquelas que se encontram fora dos limites das cidades, acarretando a essas áreas uma conotação de atraso e de falta de infraestrutura. O autor elenca três dessas formas de delimitações baseadas na delimitação administrativa.

- o rural é definido, ao menos em parte, ao arbítrio dos poderes públicos municipais, em que as consequências fiscais da definição acabam sendo mais importantes que seus aspectos geográficos, sociais, econômicos ou culturais;
- desde que haja extensão de serviços públicos a um certo aglomerado populacional, ele tenderá a ser definido como urbano: é assim que, no Brasil, as sedes de distrito com algumas centenas ou dezenas de casas são definidas como “urbanas”; e
- o rural tenderá a ser definido, em princípio, pela carência, o que não pode ser considerado um critério adequado sob qualquer ponto de vista (ABRAMOVAY, 2000, p. 4).

Essas delimitações, ainda segundo o autor⁴⁸, não respondem de forma satisfatória às características dessas áreas. Não há, portanto, uma definição universalmente consagrada de meio rural, mas sobressai a consideração que ele se define por sua relação com as cidades e não por oposição a essas.

⁴⁸ Id. Ibid.

José Eli da Veiga (2002) também tece críticas à metodologia adotada pelo IBGE e alega que o Brasil é menos urbano do que se calcula. Urbano e rural, portanto, não podem ser definidos por critérios estatísticos somente.

Ainda a respeito do critério adotado pelo IBGE, Hespanhol (2013) salienta que utilizar uma delimitação criada em 1937, em uma contextualização muito diferente da atual, não leva em consideração às inúmeras mudanças ocorridas nos espaços, o que levaria a obter uma nova redefinição de formas e conteúdo mais atuais.

Basear-se, portanto, em indicadores e parâmetros estatísticos, é inviável (MARAFON; SEABRA, 2014).

A urbanização não representa a construção e a edificação de morfologias típicas das cidades; o urbano não é sinônimo de cidade e a cidade não é antônima de campo. Urbanidades e ruralidades são práticas e conteúdos sociais em interação e a urbanização generalizada (não física) integra campo e cidade. A superação da dicotomia entre campo e cidade passa, nessa leitura, pela compreensão do urbano como devir e como centralidade e, neste sentido, as urbanidades como reflexo de práticas e normas exógenas (tornadas endógenas) ao rural, com capacidade de transformação e individualização do campo pode ocorrer, por exemplo, pelas transformações em curso na comercialização de gêneros agrícolas (MARAFON; SEABRA, 2014, p. 26).

Para uma compreensão sobre as diferenças do campo e da cidade e obtenção de uma dimensão mais totalizante do próprio espaço geográfico, torna-se necessário analisar a dimensão material, jurídica e o uso e apropriação, pois tanto em um como no outro é feita pelos cidadãos quanto pelos camponeses, em maior ou menor grau (LOCATEL, 2013).

Face a tantos aspectos, é imprescindível realizar uma análise das atuais transformações do campo, uma vez que além das funções tradicionais, principalmente de produção agropecuária, o campo abriga, cada vez mais, atividades não agrícolas como a produção industrial e os serviços associados às atividades de turismo, que valorizam as áreas com aspectos naturais e remetem às mudanças em curso, gerando postos de trabalho de algumas novas profissões como caseiros, diaristas, jardineiros etc. (MARAFON; SEABRA, 2014).

Para tratar de toda essa complexidade, há na literatura três abordagens que buscam considerar os espaços campo e cidade e os modos de vida rural e urbano, são elas: dicotômica, *continuum* e a permanência das ruralidades (HESPANHOL, 2013). As principais características delas estão sintetizadas no Quadro 8.

Quadro 8 – Principais características das abordagens dos espaços e modos de vida

| Dicotômico | Continuum | Permanência das ruralidades |
|---|--|--|
| <ul style="list-style-type: none"> - Oposição entre os espaços; - Visão setorial, - Campo restrito à produção agropecuária; - Cidade voltada à produção industrial e ao fornecimento de bens e serviços; - No Brasil foi dominante até a década de 1980. | <ul style="list-style-type: none"> - Alega o fim do rural; - Homogeneização espacial em decorrência do aumento dos processos de industrialização e globalização; - Considera o rural e o urbano como polos extremos em uma escala de gradação que tem como resultando a urbanização geral da sociedade. | <ul style="list-style-type: none"> - Defende a permanência de diferentes ruralidades derivadas das particularidades de cada lugar; - Considerar o rural como categoria de análise do social. |

Fonte: organizado pela autora a partir de Hespanhol (2013).

Não é possível na atualidade entender e aprender o urbano e o rural, a cidade e o campo a partir de leituras dicotômicas, pois os processos “[...] passados e em curso, que (re) produzem e (re) definem o espaço devem ser pensados a partir de múltiplas dimensões (sociais, políticas, ideológicas, econômicas, históricas, culturais), extrapolando, portanto, definições estanques, se buscamos apreendê-los em sua totalidade” (BERNARDELLI, 2006, p. 52).

Locatel (2013, p. 87) afirma que, na ciência geográfica, convencionou-se definir o rural como campo e o urbano como cidade. Com esse pensamento, durante muitos anos perpetuou-se a concepção dicotômica e a de *continuum*. “A concepção dicotômica entre campo e cidade está vinculada ao pressuposto teórico que considera a produção do espaço urbano, ou seja, da cidade, e a produção do espaço rural, como processos distintos, que de fato não são”. O rural, portanto, continua a aparecer como social e economicamente atrasado, e que o homem do campo é rústico. Prosseguindo a respeito do *continuum* o autor menciona que,

[...] nessa concepção, a análise do meio rural é feita a partir do paradigma da modernização e normalmente são ressaltadas as relações assimétricas existentes entre esse e o meio urbano-industrial. Assim, o rural, conseqüentemente, é percebido como área periférica ou dependente de interesses de grupos ou classes externas a ele. Confunde-se, portanto, a dimensão setorial da agropecuária com a dimensão territorial do rural, que não está circunscrita, por sua vez, à mera dimensão econômica. Ou seja, todos os elementos e processos que compõem o rural, mas não estão relacionados ao setor agropecuário, são excluídos da análise.

Além disso, rural e urbano são diferentes, porém são subcategorias do espaço geográfico, logo, são complementares, um não existe sem o outro. É preciso entender a urbanização nessa perspectiva como processo, e enquanto processo ela não se circunscreve aos perímetros urbanos. Esse processo é de caráter territorial e não se restringe simplesmente à produção da cidade (LOCATEL, 2013, p. 89).

Em relação à permanência das ruralidades, Marafon e Seabra (2014, p. 13) mencionam que “o rural torna-se, cada vez mais, diferente de agrícola. Ao mesmo tempo, distinguem-se cidade e urbano, explicitando a crescente complexidade que marca tais relações. Rural e urbano fundem-se, mas sem se tornarem a mesma coisa, já que preservam suas especificidades”.

A maior aproximação e articulação entre o rural e o urbano não leva, necessariamente, à homogeneização e à urbanização da sociedade (HESPANHOL, 2013).

A despeito de toda a problemática até aqui explicitada, definir a ruralidade na atual conjectura é algo difícil e complexo, sendo que essa não pode ser entendida como uma oposição à urbanidade, uma vez que há intensa expansão da sociedade urbana e assimilação de parte dos hábitos e costumes pelas pessoas do campo.

3.2.1 Relação campo-cidade

O espaço rural nas últimas décadas torna-se fortemente marcado por características distintas, coexistindo, de um lado, os complexos agroindustriais e o agronegócio, fruto da Revolução Verde, da modernização e da industrialização da agricultura; do outro, está o espaço rural da produção familiar, da pluriatividade, e de grupos que valorizam o patrimônio natural e histórico. São práticas que “[...] constituem uma produção alternativa ao modelo dominante do agronegócio e têm por objetivo construir novas bases agroecológicas e sustentáveis que incentivem o fluxo de pessoas oriundas da cidade, sejam turistas ou residentes, em busca de tranquilidade e qualidade de vida”. Com essa contextualização se estabelecem novas relações campo-cidade baseadas na complementaridade e na dependência desses espaços, uma vez que as fronteiras são cada vez mais difíceis de serem identificadas (MARAFON; SEABRA, 2014, p. 10).

Configuram-se, então, novas relações entre o campo e a cidade, com novas qualidades e uma impressão forte na paisagem. Além da produção agrícola e da industrialização, há novas atividades que devem ser identificadas para caracterizar o campo e suas relações com a cidade. A presença de uma enorme diversidade de atividades decorre da ação dos pequenos produtores, que contribuem de forma significativa para a produção de alimentos e que, de forma criativa, traçam suas estratégias de sobrevivência. Há também muitos sujeitos sociais, como os grandes proprietários, os assalariados, os pequenos proprietários, os parceiros, os trabalhadores volantes e os sem-terra com sua luta pelo acesso à terra. Tais sujeitos materializam no espaço rural, com o seu trabalho, uma ampla diversidade de objetos, elementos e situações que tornam esse espaço bastante complexo. Surgem, assim, novas territorialidades e ruralidades (MARAFON; SEABRA, 2014, p. 10).

Há, na atualidade brasileira, portanto, amparados no discurso do desenvolvimento rural sustentável, a compreensão do espaço agrário como um novo mundo rural, que comporta além

das atividades agropecuárias, que envolve a diversificação da produção; tecnologias alternativas de cunho agroecológico e natural; a reforma agrária e fortalecimento da agricultura familiar, além da expansão de atividades voltadas ao turismo e lazer (MOREIRA, 2003).

Assim, rural e urbano extrapolam os limites espaciais tradicionais. As contradições colocam a realidade plural do desenvolvimento da sociedade: o campo é espaço predominantemente rural, mas não exclusivamente; a cidade é espaço urbano, o que não significa que seja exclusivamente urbano.

O fato de ambos os espaços incorporarem atividades e estratégias de vida que não são próprias de suas lógicas, não significa que a tendência seja a completa homogeneização. Os espaços não se homogeneizam, pois, especificidades são mantidas. As diferenças são sustentadas, pois são justamente elas que caracterizam cada subespaço.

A relação entre ambos se fortalece, pois, tanto o campo quanto a cidade passam a ser cada vez mais valorizados pelas suas peculiaridades. Espaços que se diferenciam, mas que também se completam pela intensidade da relação estabelecida. (LOCATEL, 2013, p. 88 e 89).

Parte da valorização que se faz do rural, hoje, é atribuída aos aspectos naturais e conexões com as questões culturais. Atualmente, é possível afirmar que há mudanças no espaço rural, transformações nos padrões de sociabilidade, novas formas, intensidades e escalas de articulações com o espaço urbano, novos conflitos e, também, embates de identidade e representações (MARAFON; SEABRA, 2014, p. 18).

Dentre as condições para as transformações do campo, alguns elementos foram os mais determinantes, como o aumento da mobilidade pela utilização de vários meios de transporte; acesso a mais meios de comunicação. A influência maior sobre os novos elementos inseridos, com certeza, é praticado e vivenciado pela parcela mais jovem residente no campo (LOCATEL, 2013).

Como todas as transformações que gradualmente ocorrem no espaço rural, por meio da incorporação de novas tecnologias ao processo produtivo (modernização da agricultura), dos avanços nos meios de transporte e de comunicações e das novas demandas que isso implica, o meio rural se vê afetado pelo deslocamento da vida social. Esses deslocamentos, em parte, se dão pelas novas relações estabelecidas pelo conjunto da população do campo com outros grupos e, em maior medida, pelas novas formas de interação social dos jovens. Estes passam a se deslocar para a cidade para trabalhar ou para receber instruções nas instituições de ensino, além de buscarem também atividades de lazer. Dessa forma, se multiplicam os deslocamentos desse segmento da população rural (que agora passam a ser quase que diários) fora do meio de vida residencial. Este fator associado a objetos como o rádio, a televisão e, recentemente, o telefone (fixo e móvel) e ainda em menor proporção a internet, servem para difundir o modo de vida urbano que a população rural toma como seu. Todas as transformações estruturais do campo são acompanhadas por transformações das representações sociais e culturais no meio rural (LOCATEL, 2013, p. 94).

Refletir e compreender melhor a relação entre o campo e a cidade nos permite avançar na pesquisa e analisar nosso objeto de estudos e as festas realizadas nele de maneira mais abrangente e profícua. Nessa busca, novamente utilizamos as contestações de Carneiro (1998, p. 60), que aponta que as festas, hoje, não são mais realizadas somente para os “de dentro”, para o autoconsumo; nos conduzem a averiguar qual a conjectura dos significados da participação dos “de fora”⁴⁹ uma vez que essa inter-relação acontece, cada vez mais, de forma intensa.

⁴⁹ A expressão “de fora” foi utilizada ao longo de todo o trabalho para designar as pessoas que não são residentes nos bairros de Cascalho e Santana. n.a.

4 GEOGRAFIA CULTURAL E AS FESTAS

As concepções sobre Geografia Cultural fazem parte da fundamentação teórica e representam o caminho escolhido para podermos realizar nossa pesquisa sobre as festas. A abordagem dessa temática nos permitiu realizar análises e inferências sobre determinados aspectos dos eventos realizados nos bairros rurais, além de oportunizar uma melhor compreensão de perspectivas que as comunidades envolvidas possuem sobre o seu lugar de vivência.

A inserção dos referenciais da Geografia Cultural tornou-se essencial mediante as questões e elementos a serem analisados, principalmente sobre os aspectos sociais que nos remetem às especificidades das comunidades pesquisadas e às temáticas envolvidas como: as simbologias, a religiosidade, a identidade e, sobretudo, as festividades.

Em relação às festas, Duvignaud (1983) afirma que não existe uma história sobre elas, porque não se restringem a uma cultura somente, sendo assim, não é possível tecer uma cronologia e nem abordar, historicamente, sua realização no mundo e tampouco no Brasil. Isso posto, delineamos, neste capítulo, aspectos que julgamos importante compreender, sem nos atermos a uma ordem de acontecimentos.

Como foco de análise, os eventos configuram um singular objeto de estudo (FERREIRA, 2006, p. 112); pois sua pesquisa implica investigar, também, aspectos históricos e culturais que evidenciam as características de determinada comunidade. O estudo das festas se faz caro ao geógrafo a partir do momento que se busca a compreensão das transformações do lugar, da existência de elementos materiais construídos em função da existência e realização dos eventos, da análise do simbolismo incutido na paisagem dos lugares e da religiosidade quase sempre presente (FERNANDES, 2003).

Em conjunto, essas duas abordagens nos permitiram realizar uma análise adequada dos eventos realizados em Cascalho e Santana e responder à tese desta pesquisa.

4.1 Apontamentos iniciais sobre a Geografia Cultural

A noção de Geografia Cultural “é velha e complexa”. No início, o termo cultural foi utilizado por geógrafos alemães e estadunidenses como algo distinto de natureza. No Brasil, até os anos 2000, a Geografia Cultural foi pouco trabalhada, porém, em virtude dos aportes teórico-metodológicos que ela contempla, houve mudanças históricas e começaram a ser desenvolvidas pesquisas com temáticas variadas, tais como: representações da natureza, construção social,

cotidiano, identidades, cultura “material”, costumes sociais e significados simbólicos (ALMEIDA, 2008, p. 28).

A tônica cultural condiciona a produção dos trabalhos por meio das relações emocionais e simbólicas que se estabelecem no espaço geográfico. Esse espaço é convertido em lugar, entendido como espaço de valores, portador de sentidos que remetem, por sua vez, ao sentimento de pertencimento e à formação de uma identidade (HENRIQUES, 2001).

De forma precisa, Claval (2002) estabelece como se configurou o cultural na Geografia e subdivide e avalia essa história em três tempos.

1- Final do século dezenove até os anos cinquenta: os geógrafos adotavam uma perspectiva positivista ou naturalista, não estudando a dimensão psicológica ou mental da cultura. O interesse voltava-se para os aspectos materiais da cultura, as técnicas, as paisagens e o gênero de vida. As representações e as experiências subjetivas dos lugares foram completa e voluntariamente esquecidas. Contudo, a contribuição desse período também foi importante. Esta perspectiva mostrou que os aspectos culturais fundamentais para a Geografia inserem-se em três domínios: a) das relações homens/meio ambiente, através do estudo do meio humanizado, da paisagem, das técnicas e das densidades; b) das relações sociais, a partir do estudo das instituições, da comunicação e da difusão das ideias e das técnicas; c) da organização regional e do papel dos lugares [...]

2- Anos sessenta e setenta: a evolução da Geografia Cultural deu-se numa tentativa de utilizar os resultados da “Nova Geografia” para uma sistematização metodológica [...].

3- Após anos setenta: ocorreu uma mudança significativa, haja vista a Geografia Cultural deixar de ser tratada como um subdomínio da geografia humana, posicionando-se no mesmo patamar da Geografia Econômica ou da Geografia Política (CLAVAL, 2002, p. 19 e 20).

Rosendahl e Côrrea (2013) também tecem uma divisão em fases, apontando os dois caminhos mais importantes para se chegar às características de hoje em termos de gênese e percurso: Geografia Cultural saueriana, ou Escola de Berkeley, e a Nova Geografia Cultural ou Geografia Cultural pós-80. No Quadro 9 estão descritas as principais características de cada uma.

Quadro 9- Quadro comparativo entre aspectos da Geografia Cultural saueriana e a nova Geografia Cultural

| | Geografia cultural saueriana ou Escola de Berkeley | Nova Geografia Cultural ou Geografia Cultural pós-80 |
|------------------------------|---|---|
| Marco temporal | Ano de 1925 quando Carl Ortwin Sauer publica a obra “A morfologia da Paisagem” | <ul style="list-style-type: none"> ● Final da década de 1970 - após a morte de Carl Sauer; ● inaugurado a partir da crítica de James Duncan⁵⁰ - em artigo polêmico que denunciava o princípio teórico de toda a produção científica da escola de Berkeley. |
| Características | <ul style="list-style-type: none"> ● Calcada no historicismo; ● valorizava-se o passado em detrimento do presente; ● estudo sobre sociedades tradicionais; ● dimensão material. | <ul style="list-style-type: none"> ● Coexistência de inúmeras interpretações distintas; ● inserção do homem nos estudos – a vida e os grupos para compreensão do espaço. |
| Entendimento sobre a Cultura | <ul style="list-style-type: none"> ● Como entidade supra orgânica⁵¹ – com suas próprias leis; ● indivíduos como mensageiros da cultura – sem autonomia | <ul style="list-style-type: none"> ● Não tem papel determinante – é reflexo, meio e condição de existência e reprodução dos diferentes grupos sociais; ● dimensão material e imaterial da cultura |

Fonte: Organizado pela autora a partir de Rosendahl e Corrêa (2013).

Com o desenvolvimento e a consolidação da Nova Geografia Cultural, ao longo da década de 1980, principalmente entre os geógrafos britânicos, houve uma articulação entre a cultura e as relações sociais levando a uma alteração dos temas e das formas de abordagem nos estudos geográficos, incluindo a renovação dos estudos sobre paisagem (HENRIQUES, 2001).

Foi por meio da combinação de distintas fontes que emergiu a Nova Geografia Cultural, como esclarece Corrêa (2011, p. 08), a qual recebeu “[...] aportes da fenomenologia, hermenêutica, materialismo histórico e dialético, das ciências sociais como a antropologia interpretativa, linguística, história da arte e semiótica”. Portanto, deve haver um reconhecimento que os avanços com a Nova Geografia Cultural, efetuados principalmente a partir dos estudos de Cosgrove, se deram a partir da obra saueriana, na qual o interesse pelo simbolismo não apareceria sem o conhecimento da gênese e da morfologia da paisagem.

A Geografia Cultural contemporânea tem como característica a compreensão de um conhecimento múltiplo, que depende das situações encontradas. Há estudos sobre lugar,

⁵⁰ Duncan tornou-se um dos expoentes da nova geografia cultural. Seu livro sobre as representações da paisagem da cidade de Kandy, no Sri Lanka, constitui um marco da Nova Geografia Cultural (CÔRREA, 2011).

⁵¹ A cultura não era compreendida como algo socialmente produzido, inerente a relação entre os indivíduos. A enxergavam como uma força superior, independente (HENRIQUES, 2001).

identidade, visões das paisagens construídas, o “outro”, a alteridade, a maneira como a representação simbólica da paisagem reflete nas relações de poder e, também, são feitas críticas sobre a validade das representações do mundo feitas só pelos homens. Há, ainda, estudos sobre as maneiras como o sentimento de identidade e comunidade permanecem enraizados em um lugar (ALMEIDA, 2008, p. 50).

Em relação à paisagem cultural, esta constitui-se, desde o final do século XIX, quando houve a institucionalização da geografia como disciplina acadêmica, em um de seus mais importantes conceitos-chave. Mas, foi somente a partir da década de 1970 que passou a ser analisada como forma simbólica, impregnada de valores, resgatada, portanto, sob um novo olhar, registrando-se seus distintos significados, criados por distintos grupos sociais. Desde então, seus estudos podem ser geograficamente realizados em variadas escalas espaciais, que podem contemplar uma região, uma cidade, um bairro e, ainda, um monumento (CORRÊA, 2011).

A compreensão da paisagem enquanto produto cultural, com os seus significados em torno das relações entre sociedade e natureza, implica considerá-la como expressão fenomênica do modo particular como uma específica sociedade está organizada em um dado tempo e espaço, isto é, uma dada formação econômica e social ou simplesmente formação social [...] A paisagem não é apenas o produto, mas um agente ativo que desempenha importante papel na reprodução da cultura (CÔRREA, 2011, p. 13).

Associados às áreas rurais, esses aspectos ganham a dimensão de lugar de memória e da herança; despertam nostalgia e remetem a noção de lugar idílico de calma e tranquilidade. Sua gastronomia, a música, o modo de ser e viver, a fala diferenciada acabam por se tornar objetos de estudos da Geografia Cultural, juntamente com outros elementos de análise, tais como: economia do lugar, política e sociabilidade.

Em referência à cultura, há muitas definições para o uso do termo, como ser empregada para sinônimo de cultivo; se utilizada de forma mais erudita, reporta-se às obras como a música, a pintura, a literatura, a filosofia. Sob outro viés, aparece associada a um modo de vida “[...] que remete para o conjunto dos valores, crenças, conhecimentos e costumes que caracterizam e diferenciam os vários grupos humanos ou povos, bem como para as formas materiais em que aqueles valores, crenças e conhecimentos se exprimem”. Sendo, essa última, a concepção que os geógrafos culturais trabalham (HENRIQUES, 2001, p. 157).

Objetivando vincular parte de nosso trabalho à Geografia Cultural, nos apoiamos na definição de Claval (2001) para compreensão e delineamento de nossa pesquisa.⁵²

⁵² Cultura é abordada e definida por inúmeros autores. n.a.

[...] a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em uma outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte. A cultura é herança transmitida de uma geração a outra. Ela tem suas raízes num passado longínquo, que mergulha no território onde seus mortos são enterrados e onde seus deuses se manifestam. Não é, portanto, um conjunto fechado e imutável de técnicas e comportamentos. Os contatos entre os povos de diferentes culturas são algumas vezes conflitantes, mas constituem uma fonte de enriquecimento mútuo. A cultura transforma-se, também, sob o efeito das iniciativas ou das inovações que florescem no seu seio (CLAVAL, 2001, p. 63).

Como forma de análise, Claval⁵³ nos remete, ainda, a uma abrangência maior da definição, explanando que se trata de um campo comum para o conjunto das ciências humanas, sendo que cada qual o aborda sob pontos de vista diferentes. Analisando epistemologicamente, ele expõe três aspectos sobre cultura:

1- Numa primeira concepção, a cultura aparece como um conjunto de práticas, de *savoir-faire* ou *know hows*, de conhecimentos e de valores que cada um recebe e adapta a situações evolutivas. Nessa concepção, a cultura aparece ao mesmo tempo como uma realidade individual (resultante da experiência de cada pessoa) e social (resultante de processos de comunicação). Não é uma realidade homogênea. Ela compõe muitas variações.

2- Numa segunda concepção a cultura é apresentada como um conjunto de princípios, regras, normas e valores que deveriam determinar as escolhas dos indivíduos e orientar a ação. Essa concepção a define como imutável. Essa concepção é útil para compreender a componente normativa dos comportamentos, mas as regras são interpretadas tanto para justificar escolhas diversas como para motivá-las.

3- Numa terceira concepção, a cultura é apresentada como um conjunto de atitudes e de costumes que dão ao grupo social a sua unidade. Essa concepção da cultura tem um papel importante na construção das identidades coletivas (CLAVAL, 2002, p. 21).

Côrrea (2007) enfatiza que aqueles que recebem ou herdaram determinada cultura não são passivos diante dela, há uma constante transformação, seja para interiorizar ou rejeitar. Essa afirmativa nos permite refletir sobre nosso trabalho, pois é nítido que nos bairros pesquisados a cultura tem se apresentado de forma bastante mutável, modificando determinadas tradições e conservando e incluindo elementos, recuperando outros que já não eram mais praticados, como, por exemplo, as danças apresentadas nas festas.

A cultura não organiza o espaço, ela penetra nele e “desenha no solo” seus signos e representações, dessa forma, a cultura possibilita ao Geógrafo obter respostas para os seus estudos (BONNEMAISON, 2002, p. 105).

⁵³ Id. Ibid.

4.1.1 Símbolos na Geografia Cultural

Símbolos são criações humanas de mundos mentais; utilizados pelo homem para se relacionarem entre si e com a realidade externa, com o objetivo de se sentir mais confortáveis na natureza (TUAN, 190).

Um símbolo é uma parte, que tem o poder de sugerir um todo: por exemplo, a “cruz” para a Cristandade, a coroa para a monarquia, e o círculo para a harmonia e perfeição. Um objeto também é interpretado como um símbolo quando projeta significados não muito claros, quando traz à mente uma sucessão de fenômenos que estão relacionados entre si, analógica ou metaforicamente. O costume de estruturar o mundo em substâncias, cores, direções, animais e traços humanos, estimula uma visão simbólica do mundo (TUAN, 1980, p. 26).

Inúmeros aspectos são representados, de formas simbólicas, no lugar. Essa simbologia aparece quando envolvem localizações (fixos) e itinerários (fluxos), podendo ainda ter valor de *status* dependendo do investimento capitalista a ele atrelado. “Palácios, templos, cemitérios, memoriais de guerra, estátuas, shopping centers, parques temáticos, nomes de ruas, florestas e rios são exemplos de formas simbólicas espaciais fixas, enquanto paradas, procissões e marchas são exemplos de fluxos que geram itinerários simbólicos” (ROSENDAHL; CÔRREA, 2013, p. 12).

As relações entre formas simbólicas e espaço são complexas, caracterizando-se por serem de mão dupla. As formas simbólicas espaciais se realizam, enquanto tais, em grande parte, em razão da localização e itinerário que cada uma apresenta. Localizações e itinerários, por sua vez, são marcados pela presença de formas simbólicas. Assim, as formas simbólicas podem incorporar os atributos já conferidos aos lugares e itinerários, como estes podem, por outro lado, beneficiar-se ou não da presença de formas simbólicas (CÔRREA, 2007, p. 09).

O simbolismo contido nas paisagens e no lugar reproduz, de forma consciente ou não, as normas culturais e os valores de grupos dominantes (COSGROVE, 2004).

O caráter simbólico do lugar, por ser para as pessoas um precedente da linguagem, possui uma relação em que os símbolos aparecem como uma realidade material, e estão embutidos de um valor, um sentimento. A análise deles foi, primeiramente, uma tarefa associada à psicanálise, por meio de um trabalho sistemático de decodificações, decompondo o símbolo numa série de significados, passando, posteriormente, a ser analisado por outras áreas, como a Geografia, que decodificou no espaço os símbolos e suas definições (COSTA, 2008).

As formas simbólicas, no entanto, são sujeitas a interpretações distintas, caracterizando-se por uma variedade de significados e sentidos (CÔRREA, 2007).

Os símbolos, ou geossímbolos como designa Bonnemaïson (2002, p. 111), surgem motivados por razões religiosas, políticas ou culturais ou, ainda, por uma junção delas. Ganham maior força e realce quando se “encarnam” no lugar, situação na qual adquirem afetividade e significações.

Mello (2008) aponta que, ao longo dos anos, por meio dos laços emocionais, tanto os lugares quanto os símbolos passam a adquirir significado. O autor nos auxilia a compreendê-los, ao efetuar uma análise e conceituar a inserção deles no lugar. No Quadro 10 expomos de forma concisa essa conceituação.

Quadro 10 – Tipos de símbolos

| Tipo | Características |
|-------------------------------|--|
| Símbolo | Componente que expressa o todo |
| Anti-símbolo | Fragmentos expostos em alguma porção espacial e que já não despertam maiores atenções |
| Símbolo transcendentes | Criados a partir da experiência vivida, dos valores, da cultura, do vai-e-vem do dia-a-dia e do estoque de conhecimento |
| Símbolos impostos | Edificações projetadas via reformas urbanas que buscam extinguir formas espaciais pretéritas |
| Símbolos ressonantes | Valem-se do passado lendário para se sustentar ou recuperar o brilho e exaltação de outrora seguindo como sendo importante |
| Símbolos rejeitados | Alocados em espaços repulsivos e de temor |

Fonte: organizado pela autora a partir de Mello (2008)

Ainda de acordo com o autor⁵⁴, os templos católicos, pertencentes ao grupo dos símbolos transcendentes, são compostos pela parte exterior, como a torre de uma igreja de bairro (que significa a elevação do espírito aos céus), como também de seus arredores. Esse tipo de símbolo é reconhecido também por aqueles que não o frequentam, mas que o utilizam como indicador geográfico, transformando-o em referência. Já os cemitérios encontram-se sob a tipologia de símbolo rejeitado.

Essa concepção de rejeição do cemitério não é unânime, pois sua existência também evoca um lugar de recordação e reencontro. Portanto, estão associados à afetividade. Há casos,

⁵⁴ Id. Ibid.

também, de apreciação do lugar, principalmente se abrigar monumentos, estátuas ou outros elementos associados à arte, compondo, em alguns casos, parte de roteiros turísticos.

As formas simbólicas também possuem características distintas em relação à sua localização, podendo ser absoluta, relativa ou relacional. Por meio do Quadro 11 são apresentadas as principais características de cada tipo.

Quadro 11 – Principais características dos tipos de localização das formas simbólicas

| Localização absoluta | Localização relativa | Localização relacional |
|---|--|---|
| Lugar onde ocorreu um dado evento considerado significativo ou com potencial para ser um espaço de celebração, contestação ou memorialização. | Lugar associado à visibilidade, à acessibilidade em relação a outros lugares | Localizado em relação a outras formas simbólicas. |

Fonte: elaborado pela autora a partir de Côrrea (2007).

O autor⁵⁵ também aborda a questão da política de escala.

Há também uma política de escala, isto é, uma política na qual as dimensões das formas simbólicas são concebidas politicamente. Fala-se, em realidade, em dimensão absoluta e dimensão relacional. A primeira diz respeito ao fato da forma simbólica apresentar uma certa dimensão física, expressa em área, volume e altura, às quais associam-se a magnitude do evento ou personagem a ser celebrado, contestado ou memorializado, e aos recursos disponíveis. A dimensão relacional da escala das formas simbólicas diz respeito à comparação com outras formas simbólicas caracterizadas pelas dimensões físicas imponentes, que representam eventos, personagens ou posições em conflito. As dimensões absoluta e relacional da escala associam-se à idéia de poder, e, mais do que isto, à superioridade (CÔRREA, 2007, p. 09 e 10).

A restauração dos símbolos do passado perpetua-se por meio da memória e das lembranças dos lugares/símbolos outrora frequentados. Tanto as pessoas, como as artes e também os estudiosos retransmitem e restauram os símbolos pretéritos, (re) valorizando-os (MELLO, 2008).

Símbolos afloram na experiência direta, transmitidos por outras pessoas ou apenas cultuados nos sonhos. Alguns são transitórios, outros imorredouros. Mas permanecem sendo construídos ou esquecidos pelos indivíduos e grupos sociais nos mais diversos lugares, espaços e “deslugares” (MELLO, 2008, p. 173 e 174).

⁵⁵ Id. Ibid.

As formas simbólicas, dotadas de um sentido político, são concebidas segundo os seus idealizadores para realizar as seguintes funções: glorificar o passado (acentuando alguns aspectos julgados relevantes para o presente e o futuro), reconstruir, transmitir valores de um grupo como se fossem de todos (caso que envolve fortes relações de poder), afirmar a identidade de um grupo – religioso, étnico, racial ou social – e criar "lugares de memória". As formas simbólicas espaciais vinculadas à identidade religiosa de um grupo específico ou pretensamente de toda uma nação, são numerosas. A identidade católica do povo brasileiro está representada por diversas formas simbólicas que remetem à abordagem da cultura e religiosidade (CÔRREA, 2007).

4.1.2 Cultura e Religiosidade

Ao associar a Geografia e a religião, necessariamente nos deparamos com os elementos relacionados às luzes, ao uso das cores, aos sons/música, à orientação/posição, números, movimentos, dentre outros componentes, como nos esclarece Flickeler (2008). O autor justifica o estudo fazendo a seguinte consideração:

[...] que todas as religiões criaram, no curso de seu desenvolvimento, um *cultus* mais ou menos manifesto, sendo o mesmo espacial e temporalmente perceptível através de eventos mágicos ou simbólicos, de objetos e comportamentos, os fenômenos religiosos aparecem em relação real com a superfície terrestre, podendo ser, portanto, estudados geograficamente. A investigação e a exposição das relações entre religião e geografia é a tarefa científica da geografia da religião que forma, assim, um ramo da geografia cultural (FLICKELER, 2008, p. 7).

Claval (2001) considera que os geógrafos preocupados com as realidades culturais dedicam uma atenção crescente aos fatos religiosos. O autor adverte que essa preocupação não deve limitar-se somente ao concreto, que é impresso na paisagem. É necessário ir além e analisar a influência sobre o comportamento e as escalas de preferências, pois a religião influi nos ritmos de vida de todos pelos calendários e as festas que institui.

A religiosidade, no Brasil, tem sido intensamente estudada, de diferentes formas e por distintas áreas, sendo a Geografia Cultural uma delas. Os estudos nessa área são compostos, em grande parte, por pesquisas empíricas sobre o sagrado, o profano e suas relações. As pesquisas versam, também, sobre as manifestações materiais e imateriais motivacionadas pela fé, representando o valor simbólico de grupos e comunidades. Igualmente, a religião marca as paisagens dos lugares por meio da cultura como igrejas, calvários, torres, cruzeiros, oratórios etc.

(ROSENDAHL, 2013b). A tradição da Geografia nos estudos sobre religião é dividida em duas etapas:

A primeira é tradicional e bem demarcada, dos anos de 1940 aos 1970, caracterizada por estudos de realidades religiosas sem abordar os símbolos e as representações do sagrado no espaço. A segunda é mais contemporânea, de 1970 aos nossos dias, influenciada pela abordagem humanista, com ênfase, sobretudo, na vivência e nas trocas simbólicas que se realizam no lugar do sagrado. Assim, a motivação de fé dos atores e suas marcas no espaço sagrado representam a demarcação do sagrado e do profano – parte fundamental que faltava nos estudos tradicionais (ROSENDAHL, 2013b, p. 107).

A autora⁵⁶ aborda também sobre a questão do entendimento que a Geografia traça sobre o espaço sagrado e profano.

A geografia define o espaço sagrado como um campo de forças e valores que eleva o homem religioso acima de si mesmo, transpondo-o para um lugar distinto daquele no qual transcorre seu cotidiano. É possível qualificar o *espaço sagrado* – caracterizado por sua sacralidade máxima, expressa por uma materialidade à qual atribui grande valor simbólico – e o *espaço profano* em torno do *espaço sagrado*, caracterizado pela existência de elementos que não possuem sacralidade (ROSENDAHL, 2013b, p. 114).

A religiosidade, no Brasil, é amplamente interligada com a dinâmica espacial que se constitui pela crença, pela identidade e pelo contexto geográfico. Essa conexão entre esses elementos contribui para definição e redefinição do território religioso, no qual o religioso deve ser entendido como reflexo do espaço vivido, onde se estabelecem e se fortalecem as relações de fluxos, originando uma identidade (ROSENDAHL, 2013a).

Na religião católica, que é a que nos interessa por ser ela a praticada nos bairros rurais pesquisados, essa religiosidade está constituída de elementos visíveis e invisíveis, que permeiam a existência e delimitação de um determinado território. Por meio da Figura 10 expomos de forma sintetizada esses elementos.

⁵⁶ Id. Ibid.

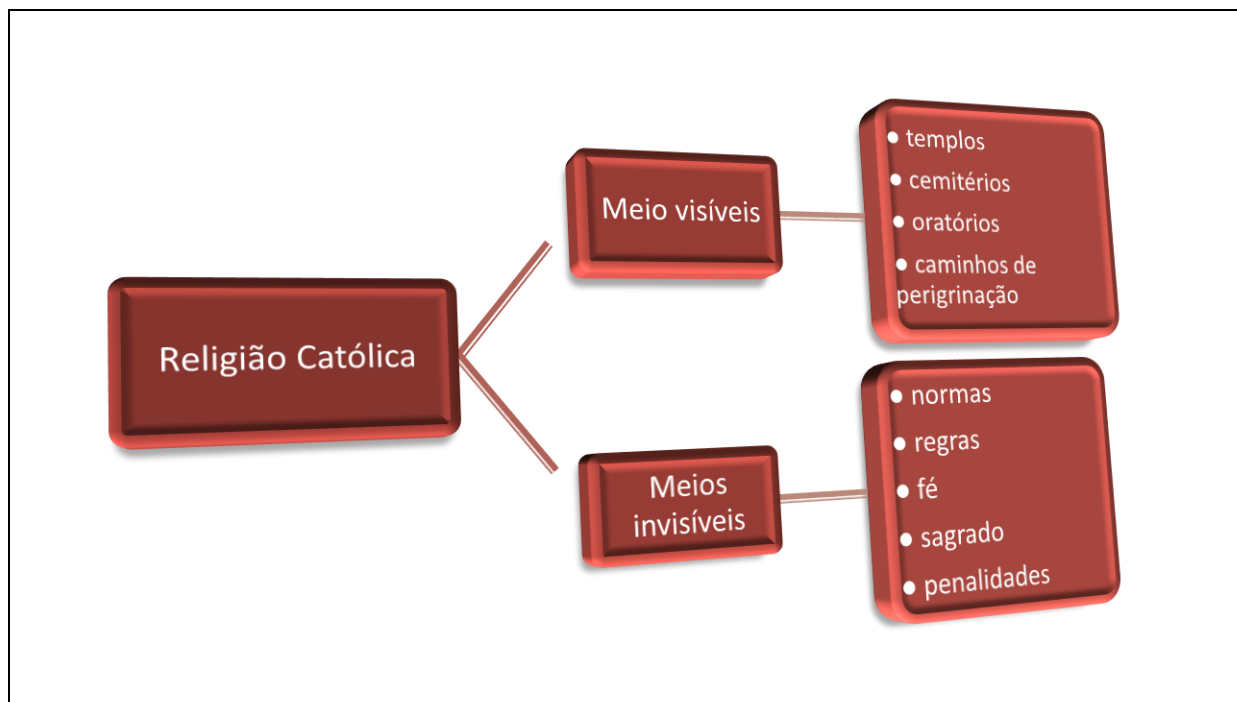


Figura 10 – Meios visíveis e invisíveis que permeiam a delimitação da ação e atuação do catolicismo

Fonte: elaborado pela autora a partir de Rosendahl (2013a).

Torres (2016, p. 182) afirma que nas igrejas e em outros espaços religiosos a comunicação acontece a partir da concepção do sagrado; é no espaço religioso que “[...] a identidade religiosa se constrói e se fortalece, à medida que as pessoas compartilham e vivenciam juntas as manifestações do sagrado, construindo ou reforçando valores que refletem nos espaços externos ao espaço religioso por meio das ações dos indivíduos”. Cada espaço religioso possui características sonoras específicas, envolvendo os fiéis seja pelos cânticos, pelas preces, entoar dos sinos e das músicas, cantadas ou não.

4.1.3 Cultura e Identidade

A cultura é, sem dúvida, um elemento complexo, pois ela varia de acordo com o tempo e, mesmo quando se trata de uma manifestação específica, ela difere quando acontece em distintos lugares, pois a população/comunidade faz transparecer o sentimento de pertencimento e acaba, assim por aplicar sua própria identidade (CLAVAL, 2001).

Por sua vez, a palavra identidade implica a concepção de pertencimento ou enquadramento; trata-se de um conceito de natureza eminentemente relacional (ROSENDAHL, CÔRREA, 2013).

De acordo com Le Bossé (2013, p. 223), essa associação entre pertencimento e a criação da identidade trata-se, na verdade, da similaridade que “[...] consiste em se assemelhar a

qualquer coisa ou a qualquer um e se traduz, principalmente, tanto para o indivíduo como para o grupo, por um sentimento de pertencimento comum, de partilha e de coesão sociais”. Toda forma de identificação também pressupõe um processo de diferenciação. Sobre essa questão o autor avança e explicita que:

Logicamente, toda forma de identificação supõe também, ao menos implicitamente, um processo de diferenciação: nos identificamos com – ou, eventualmente, contra – qualquer coisa. Pelo pertencimento ou pela exclusão, a identidade aproxima-se tanto daquilo que ela leva em consideração como daquilo que ela negligencia. A própria recusa de se identificar é indício de uma identificação negativa ou *a contrário*. Na medida em que o sentido psicológico da identidade significa consciência e singularidade, é preciso admitir que o “próprio” [o *soi*, o *self*] se apreende e se reconhece em uma troca diferencial e dialética com aquilo que é entendido como o “outro”. Para o indivíduo ou para o grupo que tomam consciência de sua identidade, são necessários não apenas os elementos de reconhecimento mútuo e de solidariedade interna, mas também outro grupo, um “eles” em relação ao qual se terá “nós”, um “aqui” face a um “alhures” ou a um “além”.

De forma descritiva, toda identidade se define por um conteúdo compreendido em termos de caracteres referenciais, percebidos a partir de perspectivas diferentes, e que podem incluir igualmente aspectos de ordem física ou psíquica, material ou intelectual. Assim, a identidade se exprime e se comunica de maneira interna e externa, por meio de práticas simbólicas e discursivas (LE BOSSÉ, 2013, p. 223, grifos do autor).

Almeida (2014) ressalta que não é possível pensar cultura e identidade considerando apenas o que está posto, uma vez que a “identidade” é um constante processo de fazer-se. Em relação a um determinado grupo, é fato concreto que quanto maior a identidade desse, mais o sentimento de localidade estará presente. Dessa forma,

A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos apresentados ou interpretados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente e, não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor do “eu” crescente (HALL, 2006, p.13).

A identidade que a Geografia cultural se apropria e estuda permite aprofundar a reflexão sobre os sentidos dos objetos geográficos, especificamente sobre o lugar e o espaço, como esclarece Le Bossé (2013).

Os geógrafos se interessam particularmente pela identidade dos lugares e pelos papéis que eles desempenham na formação de consciência individuais e coletivas. Observam como as pessoas, sujeitos e agentes geográficos recebem e percebem, constroem e reivindicam identidades cristalizadas em suas

representações e em suas interpretações dos lugares e das relações espaciais (LE BOSSÉ, 2013, p. 222).

Ainda segundo o autor⁵⁷, “o lugar é considerado o suporte essencial da identidade cultural [...]”. Essa condição acontece porque é no lugar onde acontece a vida dos indivíduos e dos grupos, na qual se constrói a herança, a conservação do patrimônio sócio-histórico, onde se recorda, preserva e perpetua o passado. É, também, onde acontecem as práticas ativas e atuais. A atuação local não significa pensar que a identidade cultural se limite a esse local, pois em um mundo onde as relações se estabelecem de forma ampla, é recorrente que se tenha conhecimento dessa identidade fora de seus limites geográficos.

Em relação à identidade e à alimentação, que é também um dos enfoques de nossa pesquisa, podemos inferir que, mesmo nos dias de hoje, quando há maior diversidade de alimentos que são importados e exportados, oportunizando, assim, um acesso maior a produtos diferenciados, a alimentação continua sendo uma ação vinculada diretamente com a identidade, visto que resulta de um sistema com características singulares, na qual a cozinha revela-se como eixo da integração que acontece entre as características geográficas de um lugar e cultura de uma dada comunidade. Dessa forma, “[...] os grupos sociais marcam sua distinção, se reconhecem e se veem reconhecidos. Em outros termos, as maneiras pelas quais constroem suas identidades sociais” (MACIEL, 2005, p. 49).

A festa associada especificamente à área geográfica permite a investigação e descoberta de símbolos vinculados à identidade de grupos que festejam e ao espaço em que estão inseridos. “Essa identidade é constituída sob a perspectiva de atribuir valores políticos, ideológicos e afetivos aos espaços da festa, condição básica para a territorialização desta” (CÔRREA, A., 2013, p. 207).

4.1.4 Sobre o conceito de lugar

Para a ciência geográfica a concepção de lugar representa um dos conceitos-chave fundamentais para o estudo da Geografia. Essa importância só apareceu a partir da década de 1980. Até então, o lugar consistia num objeto de estudo relegado ao plano secundário pelos geógrafos, restringindo-se ao sentido locacional. Esse atraso, de acordo com Relph (2012), aconteceu provavelmente pelo fato de a Geografia ter se dedicado à descrição e ao mapeamento da diversidade de lugares da Terra em decorrência da exploração e colonização praticada durante muitos séculos pelos europeus.

⁵⁷ Id. Ibid. p. 225.

Posteriormente, tanto para os ramos da Geografia Humanista como para a Geografia Crítica⁵⁸, o lugar surgiu como uma contestação ao positivismo que prevalecia até então. Os aportes filosófico, metodológico e epistemológico dessas duas correntes geográficas, mesmo sendo diferentes, tiveram em comum a busca da compreensão do mundo a partir da relação sociedade e natureza e de seus elementos (FERREIRA, 2000).

O avanço do significado, nas décadas posteriores a 1980, permite afirmar que o lugar é definido, pela Geografia Humanista, pela relação entre a localização e seu entorno e “[...] ao modo de ver o mundo, a seus padrões objetivos, mas, também, às crenças das pessoas, aos significados subjetivos dos lugares” (HOLZER, 1999, p.69).

Não há, na verdade, uma definição única para o termo, mas é possível definir alguns elementos a partir das concepções de estudiosos da Geografia, que se utilizam dessa categoria de análise. Para eles, é por meio dos lugares que se estabelecem as relações entre os indivíduos e a sociedade com o mundo, e onde o mundo se relaciona conosco (RELPH, 2012).

A preocupação desses estudiosos e pesquisadores, baseados na Geografia Humanista, foi de definir o lugar, tendo como critério uma experiência na qual o espaço é vivenciado pelos seres humanos, podendo ser analisado a partir da experiência pessoal de cada indivíduo. Outra característica a ele associada diz respeito à identidade, oriunda das intenções e conhecimentos, que resultam da familiaridade, iniciadas com o nascimento e aprofundadas com experiência (HOLZER, 1999, TUAN, 2011).

A identidade de um lugar seria “a expressão da adaptação, da assimilação, da acomodação e da socialização do conhecimento”. O lugar passa a ser um centro de significações, um conceito de lar, pois permite a fundação de nossa identidade como indivíduos e como membros de uma comunidade (FERREIRA, 2000, p. 68).

Ainda sobre a identidade de um lugar, Relph (2012) estabelece que o seu processo de desenvolvimento acontece a partir da constituição de um contato direto, compreendido pelas etapas de adaptação, assimilação, acomodação e da socialização do conhecimento. A associação do indivíduo com o lugar acontece em vários níveis, desde o mais superficial até consolidar-se uma ligação completa.

Buttimer (1985, p. 178) explicita que a experiência com o lugar manifesta-se em diferentes escalas, entendendo-se que “cada pessoa está rodeada por camadas concêntricas de espaço vivido, da sala para o lar, para a vizinhança, cidade, região e para a nação”. Para além

⁵⁸ Esse conceito associado à ciência geográfica é pesquisado e estudado por duas vertentes epistemológicas: a Geografia Humanista/Cultural e a Geografia Crítica (Dialética Marxista). Neste trabalho prevalecem os referenciais teóricos da primeira. n. a.

dessas escalas, existem, de forma concomitante, os significados atribuídos ao lugar: simbólico, emocional, cultural, político e biológico.

Tuan (2001), por sua vez, evidencia que o sentido do lugar é adquirido após um período de tempo. Assim, quanto mais permanecemos, melhor será para conhecê-lo, implicando, também, no aprofundamento do significado adquirido. O autor avança em suas reflexões, e afirma que o vínculo com um dado lugar é construído com a mediação, inclusive, do sistema sensorial. Os sentidos como o olfato e o tato acabam por exigir um longo tempo de permanência, já a visão, por exemplo, exige menos tempo. Outro apontamento faz referência entre as relações do tempo passado em uma determinada localidade na infância, a ligação com uma experiência intensa e a imaginação.

1. Infância. Três anos de experiência na infância ou na adolescência não são a mesma coisa que três anos na maturidade. Muitas das experiências mais profundas com o lugar ocorrem na infância. O mundo sensorial da criança é um mundo ao qual os adultos, de vez em quando, desejam voltar, mas não podem.
2. Experiência intensa. Permanecer meia hora em uma área selvagem pode se tornar uma experiência colorida e gratificante que será fielmente lembrada por toda a vida; a área selvagem pode tornar-se um lugar sagrado em curtíssimo espaço de tempo.
3. Imaginação. A mente humana pode imaginar um lugar dos sonhos, uma utopia em pequena escala, e quando o sonho é transportado para a realidade de um lugar, ocupa o centro de nossos pensamentos. A experiência real — no sentido de vivermos ali muitos anos — é desnecessária (TUAN, 2011, p. 14).

O conceito adquire, desse modo, um papel central, pois oportuniza estudos e pesquisas que articulam as experiências e vivências do espaço. E, para se conhecer esse mundo vivido, é necessário conhecer seus atores, suas práticas, suas representações, sua morada, seu trabalho, os modos de consumo, o trabalho e o imaginário espacial. A respeito do aspecto que diferencia o espaço do lugar é que passamos a conhecer, esse último, quando o dotamos de valor (FERREIRA, 2000).

Outra diferenciação diz respeito entre “lugar” “lugares”, pois a

[...] Geografia como estudo de lugares se refere à descrição e comparação de diferentes partes específicas do mundo; geografia como estudo de lugar baseia-se (e ao mesmo tempo transcende), naquelas observações particulares para esclarecer as maneiras como os seres humanos se relacionam com o mundo (RELPH, 2012, p. 22).

O autor nos faz refletir, ainda, sobre outra perspectiva que é o conceito de deslugar ou não lugar, uma designação utilizada por ele e traduzida para o português das duas maneiras, para definir as formas uniformizadas e repetidas, a exemplo de redes de lanchonetes *fast food*.

Na concepção abordada, trata-se de uma situação resultante da inautenticidade do homem frente ao lugar, ou seja, o lugar é construído sem experiências afetivas, planejado por outros.

Outra compreensão sobre o lugar, abordada por Buttimer (1985), que tem uma relação direta com os aspectos dos bairros pesquisados, pondera que os imigrantes europeus transladaram seus patrimônios culturais dos lugares de origem, a fim de reproduzir nos lugares de morada aspectos da arquitetura, a repercussão da música, a realização das festas e a religiosidade. Essa situação enaltece o grau de integração entre a identidade das pessoas e do lugar.

O conceito de lugar, utilizado aqui em nossa pesquisa, representa, portanto, onde se encontra um sistema de valores das comunidades envolvidas, demonstrados por aspectos concretos e subjetivos. O lugar dos bairros e das festas vai além de ser restrito ao sentido de localização, de ter sido delimitado e planejado, seu verdadeiro sentido está no reconhecimento de sua importância, baseado em suas relações sociais (TUAN, 2011).

4.1.5 Geografia Cultural e festas

Há festas que são designadas como folclore, outras são consideradas modernas; há festas que manifestam a autonomia de um grupo/comunidade e as que são realizadas com apoio institucional; há festas profanas e sagradas; internacionais, nacionais, regionais e locais, mas “[...] o que essas distintas manifestações têm em comum, apesar de tudo, é o fato de serem predominantemente produzidas e consumidas pela gente simples deste país, das cidades e do campo [...]” (MONTES, 1998, p. 146).

O aumento gradual da realização das festas, no Brasil, repercute no campo de estudos sobre elas, que, ao longo dos anos, foi feito pela antropologia, sociologia e história, apenas mais recentemente atraiu a atenção dos geógrafos, como apontam Rosendahl e Côrrea (2013), que passaram a pesquisá-las sob a perspectiva de sua espacialidade.

O arranjo espacial da festa evidencia uma hierarquia ou espacialização dos locais em que ela efetivamente se realiza. Em cada local, há atividades específicas, diferenciando os diversos locais. Escala e arranjo tem lógicas que definem a natureza das festas, qualificando-as em parte. Em muitos casos, elas são móveis, gerando itinerários simbólicos (ROSENDAHL, CÔRREA, 2013, p. 14).

Além da perspectiva da espacialidade, sob um viés de análise da Geografia Cultural é possível identificar práticas culturais relacionadas à religiosidade, à economia, à arte, ao lúdico

e à política. Dessa forma, os eventos e festas permitem estudos e pesquisas tanto nos espaços da cidade quanto do campo (CÔRREA, A., 2013).

4.2 Festas

O Brasil, por ser um país que tem uma diversidade cultural desde sua época de colônia, possui uma infinidade de festas, desde aquelas que são promovidas por comunidades mais simples, até grandes eventos com caráter político e intenso apoio de patrocinadores, sendo, o carnaval a maior festa popular do país⁵⁹. Fernandes (2003)⁶⁰ atribui essa condição ao fato de na modernidade, mais ainda na pós-modernidade, por intermédio dos esportes, da política, dos nacionalismos, serem constituídos novos vínculos comunitários e re-ligações que se realizaram através de símbolos, do ritual e da festa. O que representa um gradual e constante aumento no número de eventos realizados em todo o país.

Ferreira (2006, p. 112) afirma que o fenômeno "festa" é uma prática realizada desde épocas antigas pelos conjuntos humanos, sendo que jamais existiu nenhuma civilização que não a tivesse feito. Trata-se de uma prática que sofreu aculturação, mas continua a resistir no decorrer do tempo, dessa maneira “[...] prevalecem até a atualidade numa reafirmação da cultura como força propulsora de processos civilizatórios integradores e, também, como poderoso instrumento de comunicação”.

Antes da invenção dos modernos meios de comunicação, as festas constituíam a mais importante atividade pública: eram os momentos centrais dessa atividade, funcionando como autênticos sistemas de comunicação entre a comunidade e entre esta e os visitantes que participavam do evento. Para a comunidade, eram momentos de afirmação da identidade coletiva, mediante os quais o indivíduo tomava consciência de seu "pertencimento" a determinado grupo, assumindo o papel de protagonista de sua própria história. A festa era também um "lugar simbólico", no qual eram veiculados os valores e as crenças do grupo, transformando-se, portanto, no principal lugar onde afloravam os conflitos de significado na disputa pelo monopólio da informação e, até mesmo, do controle social (FERREIRA, 2006, p. 112).

São vários os aspectos relativos à execução das festas. Ferreira (2005) aponta dois considerados altamente relevantes: o econômico e o fato de ser instrumento de comunicação, que acontece por meio dos textos, músicas, danças, imagens, oralidade, crenças, costumes, dentre outras formas que remetem à concepção de que a mensagem estabelecida nas festas é

⁵⁹ Festa nascida de antigos rituais romanos, Saturnálias, em homenagem a Saturno, um dos deuses mais venerados pelos antigos romanos, que era protetor da agricultura. O carnaval é praticado desde o século V e foi exportada de Roma para o mundo (FERREIRA, 2005).

⁶⁰ Documento não paginado.

cultura. O nosso estudo visou abordar a festa como elemento de comunicação. Para chegarmos aos nossos objetivos de análise das festas contempladas neste trabalho, foi necessária uma compreensão da evolução dessas desde a Antiguidade, portanto, de uma concepção histórica.

Muitas festas populares, em diferentes regiões e cidades do Brasil, evoluíram para uma apresentação elaborada, complexa e até mesmo luxuosa, com organizações que envolvem talento, habilidades, planejamento e elaboração durante um ano inteiro. Por essa razão cria-se uma rede de sociabilidade a partir de grupos de pessoas envolvidas na organização e preparação da festa, profissionalizando-as cada vez mais (BUENO, 2006, p. 93). De modo a compreender parte dessas transformações é necessário retomar aspectos históricos.

4.2.1 Um pouco de História

Em todos os tempos e sociedades o homem sempre prestigiou seus deuses e fundadores com festas, estabelecendo um calendário de dias comemorativos. Cada sociedade, tinha, e ainda tem, seus hábitos e rituais acerca das celebrações realizadas. Em Atenas os grupos se reuniam ao redor do altar, imolavam uma vítima e comiam carnes cozidas sobre o fogo sagrado, sendo que nenhum estranho participava. Em Roma sempre houve uma sala destinada aos banquetes das cúrias⁶¹; nas festas solenes as mesas eram preparadas nas ruas e todo o povo podia participar (COULANGES, 2009).

Havia também as festas dos campos, da lavoura, da sementeira, da floração, das vindimas. Tanto na Grécia como na Itália, cada ato da vida do agricultor era acompanhado de sacrifícios, e os trabalhos eram executados recitando-se hinos sagrados. Em Roma, os sacerdotes definiam a cada ano o dia em que deviam começar as vindimas e o dia em que se podia beber o vinho novo. Tudo era determinado pela religião [...]. Toda cidade tinham uma festa para cada uma das divindades que adotara como protetoras, e não raro elas eram muitas. À medida que o culto de uma nova divindade se introduzia na cidade, era preciso encontrar um dia do ano para consagrar a ela. O que caracterizava essas festas religiosas era a proibição do trabalho, a obrigação de estar alegre, o canto e os jogos em público (COULANGES, 2009, p. 176).

Acredita-se que foi também em Roma que surgiu o carnaval, transmutado da comemoração das Saturnálias, cerimônias sagradas realizadas para o deus Saturno, com rituais de passagem do Ano Velho para o Ano Novo. Era uma festa de confraternização, na qual eram feitos pedidos para boas colheitas e para se ter um bom Ano Novo. Com a adoção do

⁶¹ Lugar de reuniões do senado romano (COULANGES, 2009).

Cristianismo a Igreja incorporou essa comemoração no seu calendário, antecedendo a quaresma (FERREIRA, 2005).

Nos primeiros tempos, o carnaval começava em 26 de dezembro, mas a Igreja transferiu seu início, segundo cada local, para de 6 a 17 de janeiro. Para instrumentalizar a forte presença da ideia de purificação presente na população desde tempos imemoriais, a Igreja mudou o carnaval e a Quaresma para o mês de fevereiro.

[...] A necessidade que teve a Igreja em enquadrar o carnaval como uma das suas manifestações litúrgicas colocou em destaque a atuação dos papas como organizadores desta festa de grande tradição popular entre os romanos (FERREIRA, 2005, p. 56).

Ainda segundo Ferreira⁶², assim como no princípio do festejo de carnaval, a quase totalidade das festas no Ocidente antes do calendário pré-cristão tinham como cunho e comemoração o ciclo agrário e solar. Mesmo diante das transformações históricas, espaciais e sociais que ocorrem, tanto no Ocidente quanto Oriente, o homem continua incessantemente a festejar e perpetuar seus velhos costumes.

No período colonial da América portuguesa a realização de festas era constante. Duas condições eram fundamentais para que ocorressem: “[...] a grande quantidade de gente desocupada (senhores, fidalgos, clérigos, e todo tipo de pessoas que viviam de rendas) e a enorme quantidade de feriados religiosos e cívicos” (BRANDÃO, 2014, p. 52).

Teixeira (2010) ao mencionar fatos históricos sobre o século XV e a vinculação entre festas revela o seguinte contexto:

A história da Igreja regista a profusão de festas e a abundância de procissões como uma peculiaridade do século XV (mais de um dia em cada três era festivo). No que toca ao processo de identificação, a capacidade de um burgo, de uma cidade ou de um povoado ostentarem um padroeiro próprio revestia-se de tanta importância que, em algumas terras sem “santo da casa”, se chegou ao extremo de matar alguém com fama de santidade para suprir essa lacuna identitária por meio de um mártir que se pudesse exibir processionalmente (entre os santos, o mártir destaca-se). Para erradicar tais abusos e evitar a confusão entre sagrado e profano (sendo tantos, era inevitável que os dias festivos fossem profanados pelo trabalho servil ou lucrativo dos mercados, das tarefas sazonais, etc.), a Igreja reduziu os dias festivos e passou a controlar melhor a sua organização. Mais tarde, já com Urbano VIII, Roma reservou-se o direito de estabelecer as festas, limitando em muito o seu número. (TEIXEIRA, 2010, p. 27).

O autor⁶³ também pontua que no século XVII o poder real passa a concentrar as festas na corte, retirando-as das cidades e dos campos. Esta ação que expropria as festas coletivas,

⁶² Id. Ibid.

⁶³ Id. Ibid. p. 26.

acaba também por concentrar a organização no poder papal, ato que acabou com parte da identidade dos grupos que as praticavam, fazendo com que de participantes, passassem a ser espectadores dos seus príncipes.

É notório que no Brasil surge cada vez mais festas, Amaral (1998, p. 34) afirma que nesse processo de acréscimo acontecem muitas transformações, além de muitas perdas, pois, inúmeras deixam de existir, “mas é preciso notar, também, o enriquecimento de outras, que foram adquirindo muito em símbolos e riqueza com o passar do tempo, como é o caso da maior festa brasileira, o Carnaval, o Círio de Nazaré, no Pará ou o São João nordestino”.

[...] as antigas festas populares, compartilhadas por grande número de pessoas (principalmente as festas religiosas) fragmentaram-se em formas diferentes de festejar conforme foram se formando grupos em decorrência do crescente processo de desenvolvimento capitalista, e a consequente divisão social do trabalho, dos espaços, das classes sociais e, principalmente, do crescimento de diferentes denominações religiosas com maneiras variadas de festejar (AMARAL, 1998, p. 34).

No Brasil muitas das festas que são realizadas acontecem em devoção aos Santos. D´Abadia (2010, p. 94) menciona que a Igreja Católica adotou o princípio das festas pagãs para homenagear e cultivar os seus santos, “elas têm o objetivo de louvar e agradecer as graças concedidas aos homens pela divindade protetora escolhida que, no universo católico, correspondem a Jesus, à Virgem Maria, ao Espírito Santo e aos santos de maneira geral”. Esses santos foram surgindo de acordo com os relatos feitos e as graças alcançadas, o que criou inúmeros, sendo que a maioria deles são europeus de Portugal, Espanha e Itália. Atualmente a Europa é um dos maiores centros de roteiros internacionais de peregrinação. Exemplos de festas desses santos europeus em nosso país não falta, incluindo as que serão nosso foco de pesquisa.

A Europa, principalmente a cidade de Roma, foi o centro das atividades religiosas cristãs. O poder organizacional do cristianismo primitivo – hoje, cristianismo católico – encontra na figura do papa seu maior expoente. O poder dado a esse representante permite que hoje se considere a organização de um território religioso, que se estende a todos os estados nacionais e que mantém relações diplomáticas com o Vaticano. Tal poder é visto na construção desse território religioso que infere na territorialização do catolicismo por meio de práticas culturais que se expressam na expansão e solidificação dessa religião. Essa afirmativa é corroborada ao se destacar que alguns dos principais santos padroeiros na Europa são tradicionalmente conhecidos por suas festas (D´ABADIA, 2010, p. 95).

Amaral (1998, p. 10) cita que as festas em devoção aos santos acabou sendo um elo no período colonial entre os portugueses, índios e negros. Tratou-se de uma das formas utilizadas

pelos colonizadores para se estabelecer, pois “[...] a festa se mostrou, no período colonial, como tradução, ponte forte entre culturas, já que todas elas conheciam e compreendiam, apesar da diversidade, este termo universal”. A autora prossegue e faz a seguinte afirmativa:

Contudo, sendo uma festa transplantada da sociedade portuguesa para o Novo Mundo, ela é profundamente marcada pela cultura e religiosidades medievais. Junta-se a isto a necessidade de estabelecer mediações entre natureza local e o instrumental cultural dos colonizadores, entre etnias, mitos e tempos históricos diversos, o que a festa teria o poder de fazer estabelecer uma linguagem possível para o diálogo entre os muito diferentes. Estabelecer a comunicação entre as culturas foi a tarefa principal da festa no período colonial, ao mesmo tempo em que, através desta comunicação, exercitou e estabeleceu contrato social brasileiro e nosso modelo de sociabilidade, que é o de busca da semelhança dentro da diversidade (AMARAL, 1998, p. 46).

D´Abadia (2010), ao tratar das festas portuguesas, que ainda influenciam na realização de comemorações brasileiras, contextualiza que:

As festas de padroeiros portuguesas, em sua maioria, foram transportadas para o Brasil e, no longo processo de expansão do povoamento e ocupação do território nacional, foram incorporadas, nos mais longínquos rincões desse território, por imposição da coroa portuguesa. Essas festas fazem-se presentes no cotidiano do século XXI, no Brasil [...] como frutos da herança cultural portuguesa (D´ABADIA, 2010, p. 95).

Apesar dos colonizadores europeus terem se utilizado das festas para estabelecimento e poder, DaMatta (1998, p. 76) alude que houve também uma assimilação das festividades de negros e índios. Essas festas brasileiras eram diferentes das dos Estados Unidos, por exemplo, na qual quem criou/estabeleceu a grande maioria delas foi o governo daquele país. Essa conjuntura brasileira forma um sistema que inclui festas populares, comemorações cívicas e solenidades religiosas, denominada pelo autor de “um triângulo ritual”.

Sobre a diferenciação entre festa e solenidade, o autor⁶⁴ realiza a seguinte distinção: “na festa há sempre a obrigatoriedade de rir, dançar, cantar, “comer” e mostrar alegria; ao passo que as solenidades dizem respeito ao “sério” e uma prescritiva circunspeção corporal”. Mesmo havendo a distinção entre os momentos de sagrado e profano de muitas das festas, a junção desses dois elementos acabam por acontecer no mesmo espaço em momentos diferentes.

A respeito da conceituação de sagrado e profano das festas, Teixeira (2010, p. 24) afirma que as cerimônias e festividades possuem um caráter paradoxal, ou seja, toda a festa, por um lado é um objeto sagrado ou sacralizado, como os ritos de passagem, os aniversários, por

⁶⁴ Id. Ibid. p. 78.

exemplo, e, por outro, necessita de comportamentos profanos. “Sem espírito e corpo não há festa”.

Ferreira (2005, p. 25) analisa que “numa festa de significado religioso, podem ocorrer processos modernizadores, transformando-a em espetáculo com conotações mundanas e lúdicas, com estruturas grandiosas e suntuosas que, muitas vezes, fogem ao contexto do meramente religioso”. Essa condição geralmente acontece em função do predomínio do valor econômico sobre os outros aspectos. A busca por aquisição de lucros, que vão ou não ser direcionados para alguma entidade ou instituição.

No estado de São Paulo, devido à intensa imigração de italianos, portugueses e japoneses acontecem inúmeras festas, com caráter religioso ou não, praticadas pelos descendentes até os dias atuais. Os portugueses se reúnem nas denominadas Marejadas, quando comem peixe e bebem vinho; os japoneses realizam festas religiosas e profanas. Os italianos católicos da capital paulista, realizam um ciclo de festas tradicionais, com ápice no mês de agosto (AMARAL, 1998).

Assim como no Estado de São Paulo, os registros existentes sobre festa no Brasil aparecem atrelados atualmente ao espaço urbano e associados ao uso dos espaços públicos, como ruas e praças em sua grande maioria. Essa condição é consequência da área urbana deter a maior parte dos empregos e, portanto, dos habitantes dos municípios (BEZERRA, 2008). Essa hegemonia de festas em área urbana aconteceu de forma gradual na história a partir do século XX, quando leis trabalhistas passaram a vigorar e um determinado tempo das vidas dos trabalhadores passou a ser dedicado à ociosidade (TEIXEIRA, 2010, p. 27).

O estudo das festas populares no Brasil, de modo geral, é relativamente recente, com exceção dos estudos sobre o carnaval, principalmente o carioca. A maioria dos trabalhos possui um caráter antropológico ou sociológico, ou ainda acabam por ser descrições dos eventos, sendo que podem e devem ser analisados sob inúmeros aspectos (FERREIRA, 2006).

As festas podem ser examinadas do ponto de vista da atividade lúdica, mas também como um acontecimento aglutinador da realidade das comunidades envolvidas, no sentido de avaliar seu potencial como formadora da cidadania, da conscientização e da participação social, porque um dos elementos mais significativos no processo de realização da festa é a transformação do indivíduo comum em protagonista daquele evento (FERREIRA, 2006, p. 111).

4.2.2 Aspectos e elementos das festas

Do ponto de vista da Geografia, abordar especificamente a festa, representa uma oportunidade para compreender os laços de identidade de um determinado grupo territorial

(BEZERRA, 2008). Identidade que só pode ser compreendida a partir de uma análise mais abrangente, ou seja, a partir de um estudo sobre os elos sociais.

Brandão (2014, p. 53) enaltece que a festa, ao se realizar de forma constante, acaba por remeter a um “[...] elemento agregador e renovador sociocultural. Além de ser parte integrante da cultura e da identidade nacional, as festas são também aglutinadoras de sociabilidade”, ou seja, na concepção do autor - e concordamos com ele - a festa não comemora e nem se restringe somente a um momento, mas o reatualiza, regenerando dessa forma os momentos de encontro de um grupo/comunidade.

Outras características pertinentes às festas são a tradição e inovação. A festa modifica-se porque é viva. Esse fenômeno é visível a todos os organizadores e participantes “[...] que com seus comentários indicam que a festa é a mesma de cada ano, mas é diferente daquela anterior. Essa relação constitui, além de um forte elemento de dinamismo, um índice de vitalidade do fenômeno festivo” (FERREIRA, 2006, p. 115).

Bezerra (2008) também atenta para a questão de mudanças ao longo do tempo e menciona que as festas nas cidades, mas também entendemos que assim tem acontecido no campo, passam por um processo de (re) criação e (re) invenção em que os valores espontâneos e tradicionais populares, vêm sendo substituídos por outros segmentos, como administradores públicos e empresas em uma ação que visa fundamentalmente a parte econômica, o lucro, obtendo muitas vezes características de grandes espetáculos, passando a restringir e/ou mudar o público participante.

Independente das restrições que aconteçam, de maneira geral as festas para os brasileiros de todas as classes sociais, são eventos geralmente relacionados à alegria, sociabilidade e felicidade. Apesar dessa associação com o contentamento, há festas que são consideradas tristes, pois celebram acontecimentos passados associados a mortes/perdas (TEIXEIRA, 2010).

A partir das leituras sobre festas, o que nos permite iniciar uma concepção própria dos aspectos e elementos importantes de serem analisados em nossa pesquisa, vai ao encontro do que pontua Ferreira (2006), que é o fato dela ser composta por três etapas: a preparação, a execução e a ideologia. Essa tríade forma um conjunto de símbolos, valores e crenças que, explícita ou implicitamente, são repetidos.

A respeito da necessidade de preparo prévio, Teixeira (2010, p. 19) deixa claro que “a festa nada tem de caótico, antes exige uma cuidada organização: distribuição das tarefas, distinção dos papéis, hierarquização dos eventos, alinhamento dos momentos, diferenciação das personagens, marcação dos lugares”. Outra condição que podemos já apontar como primordial,

é que as festas assumem inúmeros papéis: de (re) afirmação de identidade da comunidade; de caráter político; econômico; união dos participantes e de representar, geralmente, espetáculo.

Questão também relevante é que as festas refletem e tornam notórios os valores culturais dos grupos e pessoas que as praticam, e as realizam para se reafirmarem como grupo/comunidade. Portanto, há uma associação circular, não viciosa como afirma Teixeira (2010), entre festa e identidade, em um processo que se retroalimenta. Sobre esse processo o autor faz a seguinte consideração:

O binómio festa/identidade é uma subespécie do binómio mais lato cultura/identidade, alimentando-se ambos de uma causalidade circular: porque já está identificado, o grupo festeja e, por sua vez, a festa cria ou reforça a identidade. Festa e identidade precedem-se mutuamente, são ambas factor e resultado, causa e efeito, mas em patamares e momentos diferenciados, num processo inacabado de identificação e de reinvenção celebrativa (TEIXEIRA, 2010, p. 18).

Amaral (1998), no que lhe concerne, enfatiza que a festa concentra recursos dos grupos e os redistribui. Adquirindo em certa medida uma forma de construir, suprir ou melhorar outros estabelecimentos ou instituições que pertencem à comunidade, como no caso de creches, asilos e até mesmo escolas. Fator também notório é que em muitos casos a festa adquire um caráter político, “[...] pois na maioria das vezes são utilizadas como forma de legitimação das elites políticas locais” (BEZERRA, 2008, p. 12).

A festa acaba por mobilizar recursos e torna necessário que as pessoas disponibilizem seu tempo, principalmente aqueles que trabalham de forma efetiva na organização e execução do evento. Trabalho e festa são eventos separados e opostos, sendo o primeiro considerado algo ruim se comparado ao segundo, que mesmo demandando um trabalho a ser feito para que aconteça, é carregada de adjetivações positivas (BRANDÃO, 2009).

Uma coisa é o trabalho: necessário, duro, penoso, vazio de ritos e, não raro, até mesmo de palavras. [...] Outra coisa é a festa, mesmo quando “dê trabalho” prepará-la. Ela é o oposto do trabalho. Nela mulheres e homens reúnem-se em algum lugar sagrado ou profano para, juntos, conviverem entre gestos, palavras e objetos carregados com a leveza e a força dos símbolos, a fé, a alegria, o conagraçamento, a homenagem, a data festiva de uma pessoa, de uma família, de uma parentela, de um clã, de uma tribo, de uma aldeia, de uma comunidade, de uma nação (BRANDÃO, 2009, p. 39).

Ferreira (2005) também faz menção sobre essa distinção de tempos, pois a festa para os protagonistas difere muito do cotidiano na qual a comunidade interrompe o tempo coloquial

para realizar uma ação carregada de implicações culturais diferenciadas. A festa estabelece uma relação complexa com a realidade.

4.2.3 Festas no campo e em bairros rurais

Tanto na Grécia quanto na Itália antigas, essas já eram bastante praticadas. Eram associadas ao trabalho e reguladas pela religião. Praticamente toda cidade tinha uma festa para uma das divindades que haviam adotado como protetora (COULANGES, 2009). Desde a Antiguidade as festas atreladas ao campo continuam a existir, mesmo que tenham diminuído e/ou perdido espaço e público para a cidade. Esse fato é compreensível na medida que há mais pessoas vivendo e trabalhando nele, além de possuir uma diversidade maior de culturas.

Na época da escravidão alguns senhores permitiam que os negros dançassem e cantassem aos sábados e domingos e em dia de festas; nas cidades, na mesma época, essas festividades eram praticamente proibidas (COSTA, 2010). As festas nas cidades não aconteciam somente para afirmar a coesão dos habitantes que ali viviam, mas também para construir uma unidade, dar identidade aos grupos subalternizados historicamente, que só ganharam mais espaço e notoriedade com o tempo (BEZERRA, 2008).

No Brasil contemporâneo, de acordo com Oliveira (2004, p. 3), “a ruralidade tem sido o espaço onde, hoje, muitos procuram *valores-refúgio* e reconstroem as suas raízes e identidade”. Concordamos com a autora, pois acreditamos que parte dessa busca aconteça por meio da participação, na condição de visitante, nas festas realizadas em área rural.

Chianca (2007, p. 46) chama a atenção para o aspecto das festas realizadas no campo simbolizarem o que “ficou para trás”. Esses eventos representam um lugar, um tempo, uma lembrança que “[...] desencadeia a elaboração de uma memória social que recupera o “interior” como uma referência significativa e central, objetivada na composição de uma paisagem “rural”, que compõe um “território do passado”. Brandão (2014) também faz uma reflexão a respeito dessa rememoração do passado.

Ao mesmo tempo a festa é uma revitalização da memória social. Pois o indivíduo/grupo que participa da festa, vive a recordação de uma outra festa. Festa idealizada (“antiga”), que povoa a memória social, pois a festa representa o momento-espaço das emoções intensas e da metamorfose, tanto em nível individual como coletivo. Mas o tempo-espaço da festa é também vivido como um tempo sagrado, quando se reatualiza um evento que teve lugar num passado mítico. “Um eterno retorno”, no qual estes domínios são regenerados. É graças a este "eterno retorno", às fontes primordiais, que a própria festa se eterniza também (BRANDÃO, 2014, p. 54).

O tamanho e a visibilidade do campo brasileiro hoje podem ser dimensionados também pela realização das festas como salienta Oliveira (2003), mesmo essas tendo sido extremamente transformadas para atender aos anseios de moradores da área urbana que participam delas como excursionistas ou turistas. Grande parte dessas festas acontecem por meio da realização de rodeios, como a Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos, Americana e Jaguariúna. Outros acontecimentos também ocorrem configurando os festejos da área rural como: exposições, feiras, eventos esportivos, cívicos e religiosos. Essas comemorações, refletem a hierarquia existente no mercado como aludido pela autora.

Grandes empresas disputam os espaços mais visíveis e privilegiados nas feiras. Empresas menores ficam com espaços laterais. Pipoqueiros, churrasqueiros, vendedores de maçãs do amor, de amendoim, de bebidas, de artesanato (os trabalhadores informais) ficam em torno do evento permitindo compor um cenário chamado de “mercado persa” que acompanha as exposições em seu calendário por todo o Brasil (OLIVEIRA, 2003, p. 249).

A autora prossegue com suas reflexões e acrescenta que,

O rural se transfigura em referencial múltiplo. Ora aponta o passado, ora o presente, ora o futuro. A festa tem normalmente elementos fixos, aqueles ligados à tradição e a certas empresas cujos produtos são ligados a produtos e insumos rurais. E elementos variáveis, aqueles mais ligados aos consumidores ou a eventos do momento. Redes de emissoras de rádio e a TV se encarregam de anunciar sua realização. A divulgação é feita também com caminhões com alto-falante divulgando o evento – algo entre os antigos anúncios de circo na cidade e o trio elétrico (OLIVEIRA, 2003, p. 249).

Compartilhamos da afirmação de Bezerra (2008, p. 7), de que “as festas desempenham um importante papel na relação entre o homem e o meio, pois estas manifestações sempre refletiram o modo como os grupos sociais pensam, percebem e concebem seu ambiente, valorizam mais ou menos certos lugares”. Portanto, as festas nos bairros rurais refletem o modo de vida de seus habitantes e, conseqüentemente, da comunidade, e este se mostra como um atrativo para aqueles que vivem na área urbana. Queiroz nos fala sobre as comemorações realizadas no campo e o fato de representarem a união em determinadas ocasiões de um grupo disperso.

As atividades religiosas, cujo momento de realização mais comum são as festas, servem para congregar os moradores de um bairro; as famílias dispersas no espaço geográfico se definem como grupos pelo fato de atenderem também a tais encontros periódicos. Além dessas ocasiões regulares, encontros informais e ocasionais também tem lugar, multiplicando as reuniões. A vida dos bairros se caracteriza por um ritmo que lhe é próprio, em que a dispersão habitual e cotidiana alterna com momentos de aproximação, proporcionados ora pela necessidade de certos trabalhos em comum, ora pelas festas, tanto em

sua função religiosa quanto em sua função recreativa (QUEIROZ, 1973, p. 73).

A autora⁶⁵ ainda menciona que a realização das festas só é possível quando os moradores do bairro assumem coletivamente a responsabilidade pela organização e execução do evento, sendo essa ajuda mútua uma das mais imprescindíveis para a manutenção da comunidade.

DaMatta (1998, p. 79) também contribui com essa reflexão ao mencionar que “todo grupo brasileiro tem seus ritos (como as festas de santo que só fazem sentido para aquela comunidade específica), [...] de um ponto de vista global, temos um sistema que celebra tantos ritos quantas são as coletividades que se mantêm vivas em seu espaço”.

As festas de padroeiros (as) no Brasil, que acontecem de forma intensa na área rural, contribuem para agregar as comunidades e é reflexo da colonização europeia e da conseqüente influência católica pelo mundo. D’Abadia (2010, p. 103) fala que “em nosso país, a espacialização dessas festas deu-se em virtude da presença do Estado aliado à Igreja Católica num amálgama produzida por essas instituições para a organização territorial do Brasil”.

A escolha dos santos padroeiros deve-se ao papel que o culto aos santos desempenha na formação de uma consciência identitária. O santo padroeiro fortalecia as relações comunitárias e afinava os laços de pertencimento da comunidade. Por isso, a consagração de capelas, igrejas e paróquias faz parte de ações práticas da Igreja Católica (D’ABADIA, 2010, p. 103).

Nos bairros rurais as funções religiosas, juntamente com a recreativa, sempre exerceram a congregação de seus habitantes. Juntas promovem a socialização mais efetiva do grupo. As festas propiciam a união de pessoas de todas as idades e gêneros. Diferentes de outras formas de lazer que acontecem nos bairros que são, em sua grande maioria, direcionadas aos homens. Desta forma, a festa religiosa é um evento com caráter de recreação que reúne todo o grupo, sem distinção de gênero e de idade (QUEIROZ, 1973).

Nas palavras de Fernandes (1972) a função religiosa:

[...] exerce papel fundamental para a manutenção dos laços de união entre os habitantes sendo de grande poder centralizador, especialmente por ocasião das festas anuais que, pelo caráter lúdico de que se revestem, acabam exercendo atração sobre numerosa população de bairros vizinhos e até mesmo de centros urbanos (FERNANDES, 1972, p. 192).

A autora⁶⁶ também alude sobre a função da festa religiosa nos bairros rurais.

⁶⁵ Id. Ibid. p. 133.

⁶⁶ Id. Ibid. p. 199.

A função da festa religiosa como elemento de coesão social pode ser colocada em dois planos: de um lado ela reforça o sentimento de “união”, e conseqüentemente de “localidade”, da população do bairro, que se vê mobilizada para que a festa possa ser realizada. A Festa torna-se como que um símbolo da importância do bairro e então o esforço é grande para que ela seja bem-sucedida.

Müller (1966) também sinaliza que é a prática religiosa dos membros que frequentam a igreja local e que estabelecem a coesão social para realização das festas. Em seus dizeres:

Raros são os bairros que não contam com festas religiosas; pelo menos uma, a do padroeiro, é realizada todos os anos. É comum a realização de duas ou três festas anuais, com santos e datas variáveis, de acordo com a devoção dos festeiros. Nessas ocasiões, além da população do bairro, pessoas de outros bairros comparecem, vivendo o núcleo dias realmente festivos, com visitas de amigos e parentes (MÜLLER, 1966, p. 105).

Ainda abordando sobre os festejos nos bairros rurais, Fukui (1979) menciona que esses podem apresentar tanto aspecto de sagrado, como novenas, procissões e missas; ou profanos, como leilões, danças, divertimentos folclóricos, dentre outras manifestações.

A festa é, pois, além de um momento de reunião, de um encontro com a dimensão do sagrado, uma ocasião de prestação de serviços coletivos. Por tudo isso, a festa é o momento em que o grupo toma consciência de sua unidade. O contato face a face de todos os moradores do bairro permite uma avaliação do grupo como um todo, em comparação com outros grupos e outras festas dos bairros vizinhos. É no momento da festa que se estreitam as relações entre vizinhos e se redefinem as posições e o prestígio de cada família, de cada morador (FUKUI, 1979, p. 189).

As festas possuem, para além da questão religiosa, que geralmente a antecede de alguma forma (como missas, rezas, procissões), o fator recreativo, que acontece em forma de quermesses, jogos, apresentações musicais e de danças, e até mesmo encenações e teatros. Sagrado e profano geralmente não acontecem no mesmo espaço, são geograficamente separados. Há também a relação diferenciada com o trabalho, que quando executado nas festas pelos colaboradores e organizadores possuem uma dimensão distinta daquele que é realizado no dia-a-dia.

Um viés bastante distinto, conexo diretamente com o simbólico do campo, é o fato da colheita aparecer como elemento a ser celebrado. Brandão (2009, p. 39) menciona que “o trabalho gera os frutos da terra, a festa camponesa celebra os seres-humanos, naturais ou sobrenaturais – por meio dos quais acredita-se ou sabe-se que os frutos são gerados”. Há diferenças quanto ao trabalho com a terra como forma de se obter uma remuneração e o trabalho voluntário, ou, como denominado pelo autor, “trabalho-festa” ou “trabalho-ritual”.

O trabalho com a terra é quase sempre duro e “cansa o corpo”. Conhecemos todos, por vivência, por depoimentos ou mesmo pelas letras de velhas modas de viola, o quanto é penoso o trabalho camponês. Mais ainda quando é “cativo”, quando é realizado “no que é dos outros” ou “para o outro”. Sobretudo quando esse outro é um “senhor”, um “patrão”. Pior ainda quando se é um “peão” de um “senhor” impessoal e se trabalha não se sabe onde nem para quem.

Mas o trabalho “com outros” ou “para o outro” é sempre um gratificante e alegre trabalho-festa, ou trabalho-ritual, quando voluntário. Quando, em vez de ser uma imposição ou uma “obrigação”, é uma escolha livre, uma “ajuda a um amigo” de quem se pode esperar a contraparte, quando necessário. Os antigos e os ainda remanescentes mutirões rurais são o melhor exemplo do trabalho solidário vivido entre o labor e o prazer, entre o “lavar” e o “festar” (BRANDÃO, 2009, p. 51).

Ir a uma festa promovida por um grupo específico representa mais do que diversão, vai além no sentido de representar uma oportunidade de reencontrar com outros membros da sociedade a que pertencem, amplia o sentimento de pertencimento em viver em comunidade (BRANDÃO, 2014). Outra função que a festa acaba tendo é a de promover namoros, uniões e casamentos, bem como é um evento que ocasionalmente promove desentendimentos.

A festa é o momento de congraçamento, mas que pode se transformar em uma situação de tensão e de explosão de conflitos latentes. Muitas vezes a fartura de comida convida ao congraçamento e faz esquecer-se das rixas antigas; outras vezes [...] forma situações tensas que rompem conflitos, terminando em desordem, brigas, agressões, quando não com mortes (FUKUI, 1979, p. 190).

Geralmente as brigas e desentendimentos acontecem durante ou após o evento, raramente durante o trabalho de mutirão, que antecede a preparação da festa. Independentemente da existência ou não de conflitos, as festas para a comunidade representa uma ocasião que agrega bem mais do que gera conflitos (CALDEIRA, 1956).

No caso das festas analisadas, além da população dos bairros vizinhos, há também de forma intensa a participação de habitantes de Piracicaba e Cordeirópolis, além de municípios próximos. Como há a participação efetiva de pessoas “de fora”, o conflito foi um dos fatores analisados sobre as festas. Outro viés é que com a pesquisa se objetivou uma análise a respeito da recuperação de parte da cultura, enaltecendo, assim, uma busca das origens.

4.2.4 Festa e hospitalidade

A hospitalidade é concebida como um dos modos mais essenciais de socialização, já que é uma forma de viver em conjunto regido por regras, ritos, implicando em uma relação interpessoal que inclui ainda solidariedade e valores como preservação da distância. A

hospitalidade, no cerne de seu funcionamento, tem a necessidade de manter um certo nível de estranhamento através do afastamento. Não tem primeiramente vocação para a integração, pelo contrário, a hospitalidade cessa onde essa começa (MONTANDON, 2011).

Vê-se bem o quanto a hospitalidade pode ser paradoxal e complexa, já que é suscetível de ser interpretada e entendida como um jogo de distinção que, sob a capa de uma integridade oposta à integração, é distanciamento, manutenção do outro no seu segundo plano, numa distância protetora para aquele que acolhe e manutenção de um isolamento (MONTANDON, 2011 p. 34).

As abordagens sobre hospitalidade das civilizações ocidentais estão pautadas em três vertentes segundo Camargo (2011, p. 28): a que a considera apenas quando exercida gratuitamente; as que a reduzem ao turismo; e uma equidistante das duas anteriores, privilegiando a abordagem socioantropológica. Todas elas remetem à ideia de não agressão, de amizade, de generosidade, de caridade. É uma condição daqueles “assumem o desafio do contato humano”.

De maneira geral, a hospitalidade pode ser definida a partir de um tempo e espaço planejado, em que os seres humanos entram em contato com outros seres humanos, tendo como consequência a criação de laços e estabelecimento de relações (BUENO, 2004; CAMARGO, 2011).

Na atualidade o estudo da hospitalidade está dividido entre a escola francesa e a estadunidense. A francesa é pautada na condição do dar-receber-retribuir. O foco é a hospitalidade doméstica e pública descartando a comercial, que é o principal eixo da escola estadunidense, baseada no contrato e nas trocas comerciais de atividades ligadas ao turismo e lazer principalmente (CAMARGO, 2011).

A hospitalidade ainda pode ser exercida no contexto doméstico, público ou profissional, abrangendo o ato de recepcionar, hospedar, alimentar e também entreter as pessoas que estão temporariamente fora de seu local de moradia (DENCKER; BUENO, 2003).

É recorrente um visitante agradecer ao anfitrião um encontro que em sua concepção tenha como resultado um saldo positivo. A definição desse encontro feliz faz parte das definições de dicionários da língua portuguesa, inglesa e francesa. Em definição geral, a hospitalidade é um atributo daquele que recebe, do anfitrião, como se o visitante aguardasse passivamente o seu gesto, como um simples receptor (CAMARGO, 2011).

Para além do tipo de festa que envolvem distintas características e culturas, existe em comum em todas elas a criação de um espaço para a socialização e para o fortalecimento das relações pré-existentes de amizade e parentesco, dessa maneira funciona como um campo

privilegiado para a prática da hospitalidade e do acolhimento (BUENO, 2004). Cabe aos organizadores, colaboradores e até mesmo aos habitantes da comunidade, na condição de expectadores (não trabalhando diretamente no evento), realizar a doação de seu tempo e trabalho da melhor forma possível como meio de atrair e zelar pela participação das pessoas “de fora”.

Nas festas, devido às características e elementos diferenciados, bem como a busca da recuperação das tradições, a hospitalidade emerge como mais um diferencial em meio ao atribulado cotidiano da vida moderna. O evento dessa forma se torna interessante porque propicia uma inserção a um espaço e tempo distintos do dia-a-dia.

Toda festa que recebe pessoas “de fora” tem em sua essência a condição da hospitalidade. Se essa for considerada adequada pelo visitante, é esperado que quando for feita sua divulgação, principalmente pelo “boca-a-boca”, seja evidenciado seus aspectos positivos em relação à receptividade e ao atendimento. Dessa maneira, o sucesso de um evento depende também da hospitalidade propiciada em seu decorrer.

Quem consome algo quer no ato da compra ser bem atendido. Se a compra envolver alimentos e bebidas quer ser bem servido. A festa envolve sujeitos com expectativas e vontades diferentes, para que o evento seja considerado positivo, tanto para os que os executam quanto para aqueles que usufruem, é necessário haver hospitalidade, denotada nas festas em forma de serviços adequados.

O exercício da hospitalidade é realizado nas festas, portanto, quando os alimentos são preparados e comercializados pensando em agradar não somente a comunidade local, mas sim todos que participam dos eventos. Essa comercialização visa criar uma identidade cultural em que “comida boa” e receptividade são fundamentais para o sucesso da festa.

4.2.5 Não há festa sem comida

A grelha, iniciada por uma simples armação; o forno, desde o mais rudimentar aos abobadados e as cerâmicas, possibilitam ao homem obter melhoras significativas na arte de preparar os alimentos e refeições, adicionando, assim, mais sabor a eles. As incorporações dessas técnicas aconteceram de forma constante, bem como a elaboração de novos pratos e a perpetuação de outros, que se transformaram em receitas tradicionais. Com o uso de utensílios e procedimentos variados o ato fisiológico de alimentar-se foi impulsionado na busca do paladar e sabores. No caso brasileiro essa identidade cultural do que comemos e como comemos foi estruturada a partir da tríade: indígena, europeia e africana (CASCUDO, 2004).

Os objetos adicionados à nossa colonização estrangeira, contribuíram para a diversificação da culinária brasileira. Essa diversificação, logicamente, aparece como elemento cultural nas festas, seja na forma de comidas salgadas, doces, quentes, frias, fritas, cozidas, assadas e também nas bebidas. Alguns pratos são atrelados à riqueza de nosso folclore e até mesmo figuram atualmente como patrimônio imaterial (DAMANTE, 1980).

A respeito da existência de comidas na grande parte das festas que são realizadas no Brasil e no mundo, Teixeira (2010, p. 24) afirma que por ser uma ação de fora do cotidiano, a festa necessita de elementos do próprio dia-a-dia para marcar a presença “carnal do grupo”, sendo a refeição o elemento mais marcante.

Já de acordo com Mintz (2001, p. 31), o “comportamento relativo à comida liga-se diretamente ao sentido de nós mesmos e à nossa identidade social, e isso parece valer para todos os seres humanos”. O autor ainda ressalta, nos fazendo refletir sobre a atualidade, que independente das mudanças de hábitos alimentares que vem acontecendo no mundo todo como: o deslocamento de pessoas e alimentos; a separação crescente de produtores e consumidores; o consumo cada vez maior de alimentos preparados; dentre outras tendências, a comida continua a ser relativa à identidade de pessoas, povos e comunidades. Sem dúvida a existência de comidas e pratos denominados de típicos em uma festa tem o valor simbólico de representação.

Sobre a diferenciação conceitual que há entre típico e tradicional, Woortmann (2007) esclarece que a comida típica é marcada pela exotização de seus ingredientes, representa uma tradição, mas não necessariamente faz parte da alimentação diária de uma população; é um processo de fora para dentro, oposto do denominado prato tradicional que é de dentro para fora e expressa os valores do alimento do lugar.

A alimentação é, portanto, um elemento diferenciador da identidade humana, pois nela encontra-se a forma de viver de uma determinada população, sendo que todos os povos têm uma maneira própria de comer (DAMATTA, 1998).

A comida para os grupos de imigrantes italianos, como salienta Santos e Zanini (2008), é sem dúvida um fator de construção das memórias, uma vez que demarcam sinais específicos de seus pertencimentos e origens. Nesse contexto, as mulheres sempre apareceram como protagonistas, pois é em suas cozinhas e nos ensinamentos de receitas de geração para geração que se passaram muitos valores do universo “italiano” de origem, principalmente se essas receitas forem legitimadas pelas *nonnas*⁶⁷. As autoras tecem mais algumas considerações e acrescentam que:

⁶⁷ Adaptação da língua portuguesa para o plural de avó. n. a.

A comida, e especialmente o apelo à fartura e a abundância são centrais na propaganda da festa. Nela, o preparo das comidas típicas aparece como de responsabilidade exclusiva das mulheres, sendo freqüentemente ilustrados com fotos de “mamas” e nonas” gordas e sorridentes. A mesa farta é o mote principal de cartazes, folders e cartões postais (SANTOS; ZANINI, 2008, p. 266).

A partir dos dois bairros escolhidos para o desenvolvimento da pesquisa foram analisados os elementos integrantes das festas que nos permitem avançar e realizar nos próximos capítulos uma descrição detalhada de nossos objetos de estudo e dos eventos.

5 HISTÓRIA E CARACTERIZAÇÃO DOS BAIRROS

Nos bairros rurais paulistas de Cascalho (município de Cordeirópolis) e Santana (município de Piracicaba) determinadas condições como a prática religiosa, certa homogeneidade cultural, compartilhamento de áreas comuns, os vínculos com a natureza, além dos laços de amizade, vizinhanças e parentesco, são evidenciados de inúmeras formas, seja pela existência de hortas em grande parte das casas, denotando o vínculo com o cultivo de espécies para uso próprio; na perpetuação da religiosidade, que aparece pela presença de oratórios nos jardins e entrada das residências; perpassando pelos relatos de que ainda acontece aos domingos o almoço em família com mesa farta, muita conversa e frequentemente cantoria. A abordagem desses aspectos sociais e culturais, acrescidos dos econômicos, que caracterizam o lugar e lhe dão identidade, faz parte da composição deste capítulo, que tem como finalidade relatar as principais características e acontecimentos dos bairros.

Para poder pormenorizá-los nos baseamos na observação feita nos trabalhos de campo, nos relatos dos moradores e na coleta de dados dos aspectos relacionados no Quadro 12.

Quadro 12 – Aspectos observados em campo para compor a descrição do bairro

| |
|---|
| Modo de uso da terra |
| Área humanizada ou não |
| Relação do bairro com a cidade |
| Função econômica |
| Caracterização dos comércios e serviços existentes |
| Mobilidade |
| Caracterização dos equipamentos de lazer |
| Religiosidade⁶⁸ |
| Aspectos culturais |
| Caracterização das escolas |
| Presença de Organizações e Cooperativas |

Fonte: Elaborado pela autora

⁶⁸ No caso dos bairros analisados na pesquisa essa função será investigada tendo em consideração a religião católica, já que é a única praticada de forma efetiva conforme comprovada na ocasião dos trabalhos de campo realizados pela autora.

5.1 Aspectos gerais sobre os bairros de Cascalho e Santana

Em termos geomorfológicos os bairros fazem parte da Depressão Periférica Paulista, em área pertencente à Zona do Médio Tietê - constituída pela Zona do Médio Tietê, Zona do Paranapanema e Zona do Mogi Guaçu. São áreas com altimetria entre 500 a 650 metros, com predomínios de colinas de topo amplo, tabulares e convexos, declividade baixa a moderada e densa rede de drenagem (CEAPLA, 2011).

O clima de Cascalho e Santana é o Cwa de acordo com a classificação de Köppen, caracterizado por ser quente com inverno seco e verão chuvoso. Marcado por um período de estiagem muito nítido, no qual a frequência da pluviosidade diminui consideravelmente tendo como resultado uma das áreas de inverno mais seco do Estado de São Paulo. Considerando a latitude e altitude, verifica-se que as temperaturas médias anuais variam entre 18,1°C a e 20,9°C. No mês de janeiro, a variação ocorre entre as médias de 20°C e 23,7°C. Em julho as médias distribuem-se entre 14,9°C e 17,1°C (CEAPLA, 2011; ROLIM et. al, 2007).

O tipo de solo de Cascalho é predominantemente o Latossolo vermelho-escuro, que tem como característica serem solos profundos, porosos, com boa permeabilidade e coloração vermelho-escura, situado em áreas com relevo plano e suavemente ondulado. A altitude é de 665 metros em média (CEAPLA, 2011).

No bairro de Santana a altitude varia de 540 a 600 m e o tipo de solo predominante é o Neossolo Litólico. É um tipo de solo raso, que não ultrapassa 50 cm, dessa forma, o risco de erosão é grande devido à sua pequena profundidade e declive acentuado (CEAPLA, 2011; BARRETO et al., 2006).

Para poder compreender como as modificações do espaço e sua caracterização geográfica influenciam em um grupo, inicialmente é preciso considerar, como orienta Candido (2010), que sua existência requer um equilíbrio entre as necessidades e os recursos existentes no meio. Quando os bairros foram formados, de acordo com as necessidades da época, eles se caracterizavam economicamente pela produção de gêneros atrelados ao autoconsumo, mas também com cultivos que faziam parte de uma economia de mercado como a cana-de-açúcar e o café. Atualmente a constituição deles encontra-se bastante transformada.

Em ambos os bairros há ainda a existência de propriedades com produção agropecuária e a constituição de um núcleo de povoamento, onde está a maior aglomeração das residências, o comércio, os serviços e a igreja com sua praça.

Dentre os elementos de coesão dos bairros do passado estava a existência das vendas. Estas eram muito mais do que um simples comércio. Era onde acontecia a socialização entre os homens e um lugar de produção e circulação de notícias, sendo o proprietário do

estabelecimento um verdadeiro interlocutor, pois “assistia” a todas as conversas e conhecia todos os moradores do bairro (MÜLLER, 1966, p. 111). As vendas nos moldes do passado não existem mais em Santana. Em Cascalho o bar que substituiu a venda já não é ponto exclusivo de encontro masculino, apesar de ainda prevalecer esse gênero.

O comércio nos bairros atualmente é restrito, o que pressupõe uma dependência em relação à cidade para fazer compras, aquisições e utilização do setor de serviços. O fluxo oposto acontece para utilização dos espaços de lazer existentes em Cascalho (pesqueiro e chácaras) e pelos restaurantes que funcionam atualmente nos dois bairros. Esses lugares acabam por atrair pessoas da cidade e até mesmo de outros municípios⁶⁹.



Figura 11 – Casa da Família Rosolem na década de 1970 – lugar onde funcionou uma das vendas do bairro de Cascalho.

Fonte: Casa da Cultura de Cascalho ([197-])⁷⁰

Outro aspecto relativo aos bairros é a religiosidade praticada e também evidenciada nos espaços pela existência de seus símbolos e edificações. A Igreja Católica Apostólica Romana elaborou um sistema hierárquico que permite exercer suas metas e políticas. Trata-se de um território religioso demarcado, com acesso controlado e com autoridade exercida por um profissional designado. “A hierarquia se inscreve nos limites de uma paróquia ou território que abrange diversas unidades de povoamento ligadas a uma matriz, sede da paróquia” (ROSENDAHL, 2013a, p. 148).

A paróquia representa também, para seus paroquianos, um lugar simbólico, em que cada habitante se insere sem grandes questionamentos, e com o qual,

⁶⁹ Na abordagem sobre as especificidades de cada bairro o comércio atualmente existente será descrito com mais detalhes. n.a.

⁷⁰ Casa da Cultura de Cascalho. **Casa da Família Rosolem**. [197-]. 1 fotografia, p&b.

na maioria dos casos, desenvolve uma forte identidade religiosa. Porém, se o espaço sagrado da paróquia favorece o exercício da fé e a vivência religiosa do sagrado, por outro lado, a unidade paroquial não é viável sem a presença de um profissional religioso especializado. O pároco, juntamente com outros agentes religiosos, organiza a vida religiosa, assegura a permanência do sagrado e, conseqüentemente, a estabilidade da instituição religiosa (ROSENDAHL, 2013a, p. 148).

Nos dois bairros o catolicismo é exercido pela quase totalidade da comunidade, sendo a religião católica a única praticada de forma notória. Os templos edificadas existem desde que as primeiras famílias italianas chegaram ao local, em ambos foi construída primeiramente uma capela que deu origem às igrejas.

A religiosidade é desenvolvida de várias formas no decorrer do ano, como missas, rezas, procissões, comemorações e festas; sendo que esta última possui também a função de ser recreativa, pois representa um dos maiores acontecimentos na vida social do bairro rural, tornando-se importante momento de encontro e interação entre os habitantes da comunidade (FERNANDES, 1972).

Queiroz (1973, p. 42) também faz alusão à religiosidade e à realização das festas nos bairros por ela estudados. A autora afirma que “as festas religiosas constituem a atividade recreativa por excelência e o pretexto para os moradores do bairro se encontrarem regularmente, reunindo-se também com os habitantes de bairros vizinhos [...]”. Apesar da declaração ser a respeito da área de estudo da autora e em outro período histórico, décadas de 1950 e 1960, tal situação se aplica perfeitamente aos bairros rurais estudados por nós. Conclui-se que mesmo passado algumas dezenas de anos essa tradição ainda permanece.

Essas festas acontecem nos núcleos dos bairros rurais, ou seja, no “[...] nódulo de concentração do povoamento” como define Müller (1966, p. 102). Esse encontro envolve hoje também o espaço das praças e dos salões de festas/paroquial, construídos com o objetivo de atender de forma satisfatória o público participante dos eventos.

Para além das festas, Roberto Lobato Côrrea (2013) afirma que as instituições religiosas constroem monumentos e outras formas simbólicas, materializando o local do culto e comunicam por meio deles o poder e a influência que possuem. Outro ponto é que em todo o ambiente rural italiano, desde a época medieval, sempre houve signos como proteção territorial (MARCONDES, 2008, p. 105). Nos bairros em questão está simbologia também aparece, principalmente vinculada à religiosidade na forma de imagens de santos e santas que “guardam” as entradas das casas.

Sempre existiu a necessidade do homem deixar a memória do seu passar pela terra, levantando monólitos, construindo montanhas de pedras, construindo sua morada. A noção de monumento, que se projetou no ícone de grandes

edifícios, abrangeu também a exaltação de edificações menores, naturalmente sem a altivez da arquitetura monumental, ganhou significativas interpretações históricas, que falam da sua gente, do trabalho, do cotidiano (MARCONDES, 2008, p. 27).

O lugar, portanto, é rico em signos que expressam as estruturas sociais. O simbolismo ganha materialidade e acaba por representar os meios pela qual os valores culturais são modelados e projetados (ROSENDAHL; CÔRREA, 2013). Em Cascalho e em Santana, devido à formação original ser de imigrantes italianos, os habitantes possuem uma diversificação cultural que aparece no modo de vida e em vários elementos e aspectos denotando a identidade da comunidade e desse lugar.

A identidade e o sentido de pertencimento da comunidade são bastante presentes e notórios. Pessoas que são de outras localidades, mesmo que tenham parentes e frequentem os bairros, são consideradas “de fora”. Sobre esse aspecto Carneiro (1998) realiza importante consideração.

[...] o sentido de localidade não estará presente em todo e qualquer espaço, ele será tão mais forte quanto mais consolidada for a identidade do grupo, ou seja, quanto mais forte for o sentimento de pertencimento à uma dada localidade. Para tal, supõe-se que a lógica de existência do grupo se sustente em um conjunto de valores tidos como indelével e que serve para distingui-los dos demais. É na possibilidade de se estabelecerem relações de alteridade como os “de fora” que reside a capacidade do grupo de definir a sua identidade sustentada no pertencimento à uma localidade (CARNEIRO, 1998, p. 62).

Esse sentido de pertencimento é decorrente também de outro aspecto pertencente ao bairro rural, que é a fixação duradoura de seus habitantes. Ainda hoje, Cascalho e Santana são formados por famílias desde a época de sua constituição, no século XIX. São nessas famílias que o trabalho, os valores e os princípios sempre foram alicerçados no decorrer da história, como relatados pelos próprios moradores.

5.2 Aspectos da formação dos bairros

No Estado de São Paulo, até meados do século XIX, era impossível desenvolver um regime de pequena propriedade, pois as grandes funcionavam de forma autossuficiente. Os proprietários tinham orgulho de comprar fora da fazenda apenas alguns itens, como o sal, o ferro, o chumbo e a pólvora que utilizavam. Essa autossuficiência afastava as correntes de imigrantes, que iam para outras regiões do mundo com melhores perspectivas econômicas, sendo assim, a condição para o desenvolvimento da pequena propriedade em São Paulo mudou somente após a decadência da cafeicultura, quando a área central do estado presenciou a

transformação das grandes áreas fundiárias darem lugar ao início da formação de sítios devido os constantes desmembramentos que vinham ocorrendo (COSTA, 2010; KELLER, 1970).

Costa (2010) afirma que, independente da fase de desenvolvimento econômico brasileiro, a política de terras e a mão de obra sempre estiveram relacionadas. A partir dessa afirmação, a autora realiza a seguinte descrição sobre a expansão do mercado, das políticas de terras e do trabalho no século XIX.⁷¹

O crescimento da população, as migrações internas e/ou internacionais, os melhoramentos nos meios de transporte, a concentração populacional nos centros urbanos, o desenvolvimento da indústria e a acumulação de capital estimularam a incorporação da terra e do trabalho à economia comercial e industrial. Conseqüentemente, houve uma expansão das áreas cultivadas para fins comerciais e uma redução da agricultura de subsistência. Nos lugares onde a terra tinha sido explorada apenas parcialmente, a expansão do mercado provocou a intensificação do uso da terra e do trabalho, resultando frequentemente na expulsão de arrendatários e meeiros ou na expropriação das pequenas propriedades e das terras comunitárias (COSTA, 2010, p. 172).

A imigração europeia para o Brasil contribuiu para o povoamento e adensamento de algumas vilas e cidades existentes na época, principalmente na Província de São Paulo e na região Sul do país. No específico processo histórico de formação dos bairros pesquisados, a imigração de população italiana trouxe a importância da constituição familiar, a dedicação ao trabalho e a prática da religiosidade. Legados que ainda permanecem com as famílias que vivem nos bairros.

Como afirma Azevedo (1970, p. 239): “salvo os casos um tanto raros de vilas e cidades que já nasceram como tais, são os povoados as mais elementares das formas de aglomerações urbanas existentes em nosso país”. Esses povoados são bastantes diversificados devido às diferenças regionais que há no Brasil. Mesmo diante dessa diversidade há algumas características em comum, como pontua o autor:

- 1) População reduzida (umas poucas dezenas de habitantes) e habitações modestas (palhoças, casa de madeira, casas de barrote ou de tijolos);
- 2) Uma rua principal (às vezes, a única), prolongamento do caminho ou paralela à margem de um rio, embora também possam existir outras (duas, três ou pouco mais), sem pavimentação e geralmente não obedecendo a nenhum plano geométrico;
- 3) Um pequeno templo (capela ou igreja modesta), localizado na rua principal ou em pequeno largo rudimentar, destituído de ajardinamento;
- 4) Pequenas casas de comércio – botequins, “vendas”, lojas de armarinhos e de produtos variados – mais raramente farmácia;

⁷¹ Este é o período que mais nos interessa compreender por ser relativo ao início da história dos bairros pesquisados. n.a.

- 5) Um estabelecimento escolar de nível primário, em geral simples escola mista;
- 6) O predomínio da função comercial, se bem que importante seja a função religiosa, corporificada no templo e que se manifesta aos domingos e dias de festa religiosa, quando ali se congrega a população rural circunvizinha (AZEVEDO, 1970, p. 239).

Cascalho e Santana se constituíram na mesma época, “nasceram” como povoados, mas em condições distintas. Se desenvolveram a partir da mão de obra de imigrantes italianos, que mesmo sendo de regiões diferentes, possuem inúmeras semelhanças. A seguir são apresentados aspectos importantes dos dois bairros analisados.

5.3 Aspectos Históricos do bairro de Cascalho: processo de formação

A cana foi o primeiro cultivo nas terras pertencentes ao atual município de Cordeirópolis. A partir desse produto foi possível o desenvolvimento de uma infraestrutura na área. Na década de 1850 a cana foi substituída pelo café como produto comercial de exportação, foi exatamente nessa época que surgiu o Núcleo Colonial de Cascalho (LOMBARDO, 1978).

O Núcleo Colonial de Cascalho foi criado pela então Província de São Paulo no ano de 1885, a partir das terras adquiridas da Fazenda Cascalho, produtora de café, de posse do Sr. Domingos José de Nogueira Jaguaribe.

O proprietário de Cascalho, Domingos Jaguaribe Filho, era genro do Barão de Porto Feliz, um dos maiores fazendeiros do oeste paulista. Em 1884, necessitando de dinheiro para pagar as hipotecas que pesavam sobre suas outras propriedades, resolveu vender a Fazenda de Cascalho. As terras eram de primeira qualidade, mas a zona, sujeira às geadas, tornava-se imprópria para o plantio de cafezais. O governo provincial compraria a propriedade de 1500 hectares por 60:000\$000 réis, ou seja, 40\$000 réis p/hectare (GADELHA, 1982, p. 162).

A divisão dos lotes da Fazenda Cascalho ficou a cargo do engenheiro João Emygdio Ribeiro, resultando a princípio em 91 lotes, sendo 44 deles com área de 10 hectares; 46 com 8 hectares e 1 com 8,70 hectares. Os 46 lotes de 8 hectares não tinham abastecimento de água, portanto, quem os adquirisse teria direito a mais um lote, destinado à casa e quintal de 2 hectares, situado no antigo pasto da fazenda, que possuía água em abundância (PROVINCIA DE SÃO PAULO, 1885).

Os primeiros grupos imigrantes que se estabeleceram em Cascalho eram formados por suecos e dinamarqueses. Esses não conseguiram se adaptar às condições locais e migraram para São João do Rio Claro (atual município de Rio Claro). No ano de 1887 é que chegou ao Núcleo a primeira família de italianos, os Maronesi, e só a partir de 1890 é que os italianos da região

de Vêneto acabaram se estabelecendo no Núcleo (TAMIAZO, 2014). Esse segundo grupo era em sua grande maioria de trabalhadores do campo.

Em 1891 o Núcleo estava composto da seguinte forma, como aponta o Relatório da Superintendência de Obras Públicas do Estado de São Paulo:

Durante o anno de 1891, pela 3.^a secção foram feitas diversas inspecções nesse núcleo colonial, constituído por 73 lotes ruraes, 52 suburbanos e 124 urbanos, existindo desoccupados 13 por ser nelles o terreno alagadiço.

Em Julho de 1891 existiam na colônia 124 familias, compostas de 536 pessoas e 9 colonos solteiros.

Por nacionalidades o numero de famílias eram: 61 italianas, 34 brasileiras, 11 portuguezas, 9 allemãs, 4 austriacas, 3 dinamarquezas, 1 sueca, 1 hollandeza. Os colonos solteiros são de proveniência: italianos 5, brasileiros 3, dinamarquez 1.

No núcleo do Cascalho os lotes ruraes ocupam uma área de 7,235,740 metros quadrados, achando-se cultivada aproximadamente a superfície de 4,100,000 ms. 2, sendo 3,500,000 metros plantados de milho, 250,000 ms 2 de canna de assucar, 200,000 ms 2 de café, 50,000 ms. 2 de vinlia e 100,000 ms. 2 de culturas diversas (feijão, mandioca etc.).

Dous lotes ruraes não tem cultura; quase todos acham-se completamente roçados, existindo somente 8 que tem metade maio ou menos de matta (SÃO PAULO, 1892. p. 64).

O Núcleo foi emancipado por meio do Decreto n. 225 A de 30 de dezembro de 1893. Essa data representa o fim de uma fase na qual o Governo retira-se dele como autoridade e interrompendo os recursos financeiros. Após a emancipação se conservaram ali a grande parte da população que já estava instalada, tendo como ocupação a continuação do trabalho como agricultor; ou a absorção como mão de obra para as nascentes indústrias. Desta forma, a partir de 1894, Cascalho passou a ser uma povoação vinculada aos poderes locais e municipais, inclusive para os casos de eleição (BOTTEON, 2005; TAMIAZO, 2014).

Os núcleos da Província de São Paulo, incluindo Cascalho, se transformaram “[...] efetivamente, em centros de produção de gêneros alimentícios, fornecendo produtos agrícolas variados e a preço reduzido nos mercados prósperos das cidades cafeeiras como Campinas, Rio Claro, Araras, Jaboticabal, Ribeirão Preto, Franca, Mogi-Mirim, etc.” O fato de estar próximo da Companhia Paulista de Estrada de Ferro, facilitou o escoamento da mercadoria. Logo nos primeiros anos foram colhidos em Cascalho, arroz, feijão, milho, batata, batata roxa, mandioca e abóbora, além de produtos da horta para consumo próprio (GADELHA, 1982, p. 268).

Os italianos da região de Vêneto constituíam grandes famílias⁷². Essa condição levava os descendentes dos primeiros imigrantes a se mudarem do bairro, pois os lotes dos núcleos não eram suficientes para o sustento de todos. Eles saíram para trabalhar como mão de obra nas grandes propriedades da região, para buscar emprego em estabelecimentos comerciais em locais distantes e também para nas indústrias que estavam surgindo na época (PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO, 2014; TAMIAZO, 2014).

No Vêneto as pequenas e médias propriedades concentravam-se nas montanhas, enquanto que as grandes se instalavam nas planícies. Os trabalhadores se dividiam entre os que trabalhavam a própria terra; os assalariados (grandes propriedades); os trabalhadores braçais, que eram ligados à propriedade mediante contrato, e os que trabalhavam somente em momentos de grande necessidade, recebendo por cotas diárias. Em Cascelho os imigrantes reproduziram em parte essa condição na qual o proprietário trabalhava em suas próprias terras e era arremetido para a colheita do café nas fazendas mais próximas (ALVIM, 1985).

Os imigrantes foram acometidos por inúmeras dificuldades desde que chegaram ao Brasil, incluindo as doenças tropicais como a febre amarela, tifo e varíola. Outro problema enfrentado era com o fazendeiro da região na época, José Quinteiro, que dentre outras ações, fechou um dos caminhos da sua propriedade que também eram utilizados pelos moradores do Núcleo, causando uma série de transtornos (TAMIAZO, 2014).

Lombardo (1978) pontua que a comercialização de café em Cascelho durou até a década 1920, quando a crise tornou inviável a continuidade do plantio e as propriedades agrícolas tiveram que se adaptar a outros tipos de produtos comerciais como policultura, a produção da seda e a citricultura (LOMBARDO, 1978).

Nas pequenas propriedades do núcleo, intensificou-se a policultura, tendo como objetivo o abastecimento interno, uma vez que a zona urbana crescia, devido ao êxodo rural. Nestas pequenas propriedades, desenvolvia-se, também, a criação do bicho-da seda⁷³, produto que exige mão-de-obra qualificada.

A cultura da laranja começa a ser incentivada nas pequenas propriedades do Cascelho, a partir de 1927. A grande expansão do comércio de citrus, aliada às características internas da região, assim como à instalação da Estação Experimental de Citricultura, foram responsáveis pelo alastramento da cultura na área (LOMBARDO, 1978, p. 3).

⁷² As famílias da região de Vêneto eram de doze a quinze integrantes ao todo, geralmente aptos ao trabalho. Eram simples, sua alimentação era basicamente constituída de polenta e, nas mesas mais fartas, havia peixe, ovo, salame, verduras. Raramente comiam carne (TAMIAZO, 2014).

⁷³ A criação do bicho da seda durou pouco mais que uma década, de 1930 até meados de 1940 (LOMBARDO, 1978)

Nas décadas entre 1930 e 1950, quando já se referia à Cascalho como um bairro, havia no lugar uma diversidade de comércios e pequenas fábricas como pontua a autora⁷⁴, sendo: dois açougues, uma loja, oito armazéns, uma padaria e duas farmácias. Havia ainda uma fábrica de macarrão; a fábrica de Cerveja União; fábrica de sabão; fábrica de vinagre; fábrica de fubá; fábrica de farinha de milho e mandioca; engenhos de pinga (movido à vapor); máquina de beneficiamento de arroz e milho; diversas olarias e uma hospedaria.

Aqui, o bairro aqui, era muito divertido. Baile “tudo” sábado. “Tudo” sábado. Tinha banda de música, tinha tudo. Aqui tinha... “oia” o que tinha no tempo de “Cascaio” tinha uma “foia” de “paper” assim lotada. “Cascaio” tinha dentista, tinha farmácia, tinha fábrica de vinagre, tinha fábrica de cerveja, tinha padaria, tinha... que mais? Correio...⁷⁵

Mas não havia no lugar locais para entretenimento dos mais jovens, que se socializavam de outra maneira, mesmo que fosse trabalhando de uma forma mais divertida.

Aquele tempo “nóis” descascava “mendoim” de noite. A gente se reunia, a moçada da rua... quatro, cinco descasca “mio”. Reunia porque não tinha nada de noite. Agora tem “television” ninguém mais sai. Naquele tempo então a gente se divertia, ia na casa e tinha que descasca “mendoim”... depois ia descasca “mio” tudo junto. Ia “eles pegava” fazia um “arrois” doce lá. Fazia “arguma” coisa “prá” gente come... “i tuda” noite a gente ia numa casa, ia “na outra”. Ninguém interessado em ganhar dinheiro, nada, era só “prá sai” de casa.⁷⁶

Os colonos italianos, seguindo a tradição de seu país de origem, plantaram uma diversidade de culturas e criam seus próprios animais para o sustento da família, quando possível vendiam os excedentes. Os principais plantios do bairro eram: café; milho; arroz; feijão; algodão, amendoim⁷⁷; alho; cebola; frutas; mandioca; batata; batata doce; abóbora; verduras (hortas), ervas para fazer chá. Produziam ainda: ovos, leite, banha, linguiças e queijos. Algumas famílias cultivavam a uva para produção de vinho (consumo próprio), mas pela falta de adaptação dessa espécie, logo desistiram. Outros moradores produziram o vinho de laranja, que foi um cultivo praticado em grande escala no bairro.

⁷⁴ Id. Ibid.

⁷⁵ R.T.S., 92 anos. Moradora e ex-colaboradora nas festas.

⁷⁶ R.T.S., 92 anos. Moradora e ex-colaboradora nas festas.

⁷⁷ Cascalho foi um grande produtor dessa cultura nas primeiras décadas do século XX. Era plantado intercalado com os corredores dos pés de café. n.a.

Com as transformações ocorridas na agricultura do Estado de São Paulo a partir da década de 1940, houve uma gradativa redução da população residente no campo (FERNANDES, 1972). Desde a década de 1960, houve a substituição do café pela cana-de-açúcar. Cascalho estava inserido nesse contexto.

[...] a substituição do café efetuou-se, principalmente, pela cana-de-açúcar. Esta cultura, após um século, iria retomar o seu lugar, e em novas bases: os canaviais estenderiam-se, em quadras regulares, por vastos espaços, recobrando uniformemente os suaves espigões que caracterizam toda esta área, interrompidos apenas por eucaliptais, que substituíam as antigas reservas de matas; as culturas deixariam de ser itinerantes, tornando-se semi-permanentes; os toscos engenhos iriam ser substituídos pelas usinas; as áreas em pastagens diminuiriam [...] substituída pela mecanização (FERNANDES, 1972, p. 94).

Cascalho precisou diversificar as culturas plantadas em suas terras ao longo do século XX e início do século XXI para se adaptar e atender às demandas do mercado, conseqüentemente a relação com a cidade se estreitou e muitas das tradições e costumes do bairro foram sucumbindo em meio as transformações do espaço e mudanças de ordem social e econômica, refletindo diretamente no modo de vida rural. Porém, é consenso da comunidade afirmar que os três pilares: a família, o trabalho e a religião não mudaram (BOTTEON, 2005).

5.4 Detalhando e descrevendo Cascalho

O bairro de Cascalho localiza-se na parte centro-oeste do município de Cordeirópolis e fica próximo de três rodovias importantes do Estado de São Paulo: Washington Luís (SP-310); Rodovia dos Bandeirantes (SP-348) e Rodovia Anhanguera (SP-330). O bairro é ainda entrecortado pela Rodovia Constantine Peruche (Cordeirópolis - Rio Claro/SP-316). A origem do nome do lugar se deve pela quantidade de cascalhos que havia no leito do Ribeirão do Tatu, que deu nome à Fazenda do Cascalho e posteriormente ao bairro. Hoje vivem em Cascalho aproximadamente 250 famílias.

A proximidade de Cascalho com o núcleo urbano de Cordeirópolis oportuniza atualmente uma intensa relação, tanto no âmbito econômico como social. No próprio bairro hoje a relação é bastante ampla, algo impensável no passado, quando havia a divisão entre o “Gramado” e “Sapezeiro”. Essa separação de ordem geográfica tinha como marco um lugar próximo à igreja. Os moradores que residiam ao lado oeste da Paróquia, em direção à cidade de Cordeirópolis eram do “Gramado”, do lado oposto eram os “Sapezeiros”. A rivalidade era tanta que os casamentos entre os moradores dos lados opostos praticamente não aconteciam. Essa condição é diferente nos dias de hoje em relação à área urbana de Cordeirópolis, mas ainda há o sentimento de pertencimento ou não, como é admitido pela própria comunidade.

Durante os séculos XIX e XX foram sucessivos usos do solo voltados para inúmeros cultivos, que vão desde gêneros de primeira necessidade (agricultura de subsistência), até monoculturas para o mercado externo, como a cana-de-açúcar, o café, a laranja, e nas últimas décadas o retorno da cana-de-açúcar. Apesar da diminuição de áreas para a atividade agropecuária, foi fundada em outubro de 1997, no bairro, a Associação Agroindustrial de Cascalho (AAC), tendo como objetivo discutir problemas relacionados à agropecuária, à agroindústria e ao meio ambiente; informar sobre melhoras de determinadas culturas e realizar cursos gratuitos. Atualmente os produtores vivem nas áreas periféricas do bairro, onde as propriedades são maiores.

Devido às recorrentes divisões de terras que aconteceram nas propriedades, por partilhas de herança, principalmente, e loteamentos que acabaram se tornando chácaras de lazer, essas deixaram de produzir para a agropecuária. Porém, inúmeras ainda possuem hortas e pomares. Dentre as que produzem há: mudas de abacate; abacate de mesa; milho; milho safrinha⁷⁸; banana; cana-de-açúcar; soja; girassol⁷⁹; mandioca; hortaliças e algumas espécies de legumes. Há também criação de bovinos; suínos e granjas com aves para corte e produção de ovos. Entre os anos de 2015 e 2016 foram plantados no bairro 25 mil pés de café [informação verbal].⁸⁰

Houve inúmeras trocas de áreas de agricultura e criação de animais por instalação de comércios, empresas, indústrias e cultivo de plantas ornamentais. No bairro há hoje, também, loteamentos irregulares com casas já construídas e inacabadas e instalação de comércio que funcionam de forma clandestina.

As indústrias cerâmicas instaladas em Cascalho causam degradação ao meio ambiente e prejudicam a produção de algumas espécies. Caso emblemático dessa conjectura é em relação ao cultivo de abacate, que por precisar de pouca água tinha no bairro as condições perfeitas para o seu desenvolvimento, porém sua produção tem sido prejudicada pela contaminação causada no ar. As folhas do abacateiro “[...] são altamente sensíveis ao fluoreto emitido pelas cerâmicas⁸¹. Em certos locais onde o contaminante é carregado pela ação dos ventos a produção foi diminuindo e os pomares acabaram dizimados”. Cascalho chegou a ser reconhecida como a “terra do abacate” entre as décadas de 1960-1980, quando aconteceu o auge da produção. Na

⁷⁸ É definido como o milho de sequeiro cultivado extemporaneamente, de janeiro a abril. O "safrinha" começou a ser cultivado há cerca de 30 anos e tem esse nome por representar uma safra menor (CRUZ; PEREIRA FILHO; DUARTE, 2017).

⁷⁹ O girassol produzido no bairro é utilizado como ração para aves. n.a.

⁸⁰ Informação concedida pelo responsável da Casa da Agricultura de Cordeirópolis em 27/07/2016 durante a realização do trabalho de campo ao bairro de Cascalho. n.a.

⁸¹ Cordeirópolis possui inúmeras indústrias cerâmicas instaladas no município. n.a.

ocasião aconteceu até mesmo o surgimento de duas variedades: Quintal e Breda⁸², batizados com os sobrenomes das famílias que produziam a fruta (JORNAL REGIONAL, 2008, p. 12).

Em razão das áreas de produção não serem extensas, os maquinários, principalmente tratores, são alugados de uma usina. Os produtores pagam aos funcionários dessa usina para fazerem a colheita quando necessário, dessa forma, por ser um trabalho realizado de forma pontual, não formalizam um contrato trabalhista.

Dentre todos os cultivos destinados ao mercado, somente as plantas ornamentais, produção de orgânicos⁸³ e de mudas de abacate são irrigados com água da captação dos poços artesanais das propriedades onde são cultivados.

O cultivo de plantas ornamentais existe no bairro desde o final da década de 1970. É uma produção que tem se mostrado promissora, ocupando aproximadamente 50 há, com mais de 300 espécies⁸⁴ cultivadas e empregando aproximadamente 200 funcionários do bairro de Cascalho e município vizinhos.

A pouca quantidade de culturas irrigadas ocorre pela indisponibilidade de água no bairro, sendo o Rio Tatu o único da região com maior vazão. Esse Rio nasce em área rural de Cordeirópolis, segue percurso pelo município de Limeira e deságua no Rio Piracicaba.



Figura 12 – Plantações - bairro de Cascalho
Fonte: Arquivo da autora (2015)

⁸² Abacates são divididos em três espécies: Mexicano, Guatemaltecos e Antilhanos e subdivididos em variedades (JORNAL REGIONAL, 2008)

⁸³ Possui área aproximada de 20 hectares. n.a.

⁸⁴ Não há informações e dados precisos sobre a quantidade de plantas ornamentais produzidas. n.a.

O abastecimento de água sempre foi um problema do bairro, sendo até mesmo motivo de sermão pelos padres que passaram pela Paróquia de Cascalho⁸⁵. No ano de 2015 foi lançado um projeto entre a prefeitura de Cordeirópolis e o Consórcio Intermunicipal das Bacias dos Rios Piracicaba, Capivari e Jundiá (Consórcio PCJ)⁸⁶ para reflorestamento no município, denominado “ProMata”. O objetivo é aumentar a oferta hídrica futura, por meio do reflorestamento da Bacia Hidrográfica do Ribeirão do Tatu, que possui apenas 14% de vegetação nativa. Nos estudos da área foi constatada a existência de 56 nascentes na região, demonstrando a potencialidade de melhora (CONSÓRCIO PCJ, 2015).

Em Cascalho há uma represa que abastece todo o município de Cordeirópolis⁸⁷. Existe a intenção de se construir no bairro uma segunda, pois a primeira e está no limite da capacidade e demanda uma rápida implementação.

A primeira represa foi construída na década de 1920 com o objetivo de abastecer o município de Limeira, tarefa que cumpriu durante aproximadamente quatro décadas. A construção, na época, criou muitos problemas para os moradores, pois diminuiu drasticamente o fluxo do curso d’água e prejudicou o cultivo de muitas culturas que eram irrigadas, principalmente as hortaliças.



Figura 13 – Construção da Represa do bairro de Cascalho na década de 1920
Fonte: Casa da Cultura de Cascalho ([192-])⁸⁸

⁸⁵ Sobre o desperdício, o mau uso e também sobre a falta de ação dos políticos para melhorarem o abastecimento. n.a.

⁸⁶ Fundado em 13 de outubro de 1989 O Consórcio Intermunicipal das Bacias dos Rios Piracicaba, Capivari e Jundiá é uma associação de direito privado sem fins lucrativos, composta por municípios e empresas, que tem como objetivo a recuperação dos mananciais de sua área de abrangência (CONSÓRCIO PCJ, 2015).

⁸⁷ Represamento das águas do Ribeirão do Cascalho. n.a.

⁸⁸ Casa da Cultura de Cascalho. **Construção da Represa de Cascalho na década de 1920**. [192-]. 1 fotografia, p&b.



Figura 14 – Represa do bairro de Cascalho em 2014
 Fonte: Arquivo da autora (2014)

A energia elétrica chegou em 1914, mas até hoje a iluminação das vias públicas é exclusiva do núcleo do bairro e ruas próximas a ele. Cascalho ainda não possui saneamento básico e o abastecimento feito pela Represa não possui tratamento, o que leva os moradores continuarem a usar a água dos poços artesianos.

A relação econômica do bairro também é movida atualmente pela realização de festas e eventos, não só da comunidade católica, mas também por inúmeros proprietários e empresas que os realizam em sítios e chácaras alocados com essa finalidade. Voltados ao entretenimento e lazer há também no bairro três pesqueiros e duas canchas de bocha, uma que funciona no fundo de um dos bares e a outra no Clube e Esportes da Paróquia de Cascalho (CEPAC)⁸⁹.

No ano de 2016 foi reinaugurado o Posto de Saúde, nele há um clínico geral e um enfermeiro que realizam atendimento o dia todo de segunda a sexta-feira; também foram contratados um ginecologista e um pediatra que atendem uma vez na semana. A mudança de local dessa unidade de saúde aconteceu devido à construção de prédio próprio da prefeitura. Há no local uma sala para funcionamento de consultório dentário, serviço ainda não implementado.

Cascalho também possui a instalação de pequenas fábricas e alguns comércios, como de lojas de plantas ornamentais, loja de produtos orgânicos, restaurantes, bares, peixaria e uma pequena mercearia. Desde o ano de 2014 funciona uma unidade comunitária de Agência dos

⁸⁹ O clube foi fundado em 1997; construído por meio de mutirão no lugar que anteriormente era a capela da Fazenda do Barão, onde as orações eram feitas antes da construção da Igreja de Nossa Senhora da Assunção. n.a.

Correios. Essa pouca expressão comercial é explicada em partes pela relação que o bairro mantém com a área urbana, já que no passado, quando a comunicação e a locomoção eram mais difíceis, o bairro possuía mais estabelecimentos comerciais.

Parte de toda essa transformação do espaço, que permite uma maior mobilidade, é resultado das obras de asfaltamento e melhoras que aconteceram na SP- 316 (Rodovia Constantine Peruche). Em 2009 foi feito recapeamento asfáltico e em 2015 restauração da pista, pavimentação dos acostamentos e duplicação em dois trechos.



Figura 15 – Início da pavimentação de asfalto na SP-316 – bairro de Cascalho
Fonte: Casa da Cultura de Cascalho ([197-])⁹⁰



Figura 16 - Rodovia SP- 316 no ano de 2015 – bairro de Cascalho
Fonte: Arquivo da autora (2015)

⁹⁰ Casa da Cultura de Cascalho. **Início da pavimentação de asfalto na SP-316.** [197-]. 1 fotografia, p&b.

Sobre as mudanças de ordem social foram muitas. Uma das características mais marcantes do bairro rural, o mutirão, deixou de ser praticado em atividades voltadas à agropecuária, ficando restrito à execução das festas, como relembra uma das antigas moradoras.

Por exemplo, se ficava doente uma pessoa na casa, se reunia o povo “prá ajudá”... se tinha amendoim “prá colhê”... arroz “prá cortá”... aí reunia as famílias “prá ajudá” a outra família... já não existe mais isso⁹¹.

O mutirão ficou restrito as atividades desenvolvidas igreja, principalmente às festas. A comunidade de Cascalho sempre foi católica desde a formação do Núcleo Colonial. Nenhuma outra religião ou crença se estabeleceu efetivamente no lugar no decorrer de sua história. É em torno da igreja que a maior parte da sociabilidade do bairro acontece nos dias atuais.

5.4.1 Paróquia Nossa Senhora da Assunção

A igreja de Nossa Senhora da Assunção foi concluída em 1936, durante o período em que Padre Luiz Stefanello era o pároco. Posteriormente, a comunidade estruturou a praça em frente à igreja e colocando o nome do padre em sua homenagem, em reconhecimento de todo o trabalho por ele realizado (PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO, 2014).

Além da Paróquia Nossa Senhora da Assunção, há quatorze⁹² capelas espalhadas pelo bairro, localizadas em sítios e fazendas que fazem parte de sua jurisdição. Nessas capelas são celebradas missas nos dias de celebração de seus Santos e Santas. Na quaresma era costume fazer uma procissão percorrendo todas elas, acontecimento que deixou de ser realizado nos últimos dois anos.

É importante lembrar que as capelas atestaram o início de muitas comunidades italianas, pois assim que se instalavam nas terras brasileiras, providenciavam um lugar para rezar e expressar sua fé. Muitas dessas capelas do início passaram posteriormente a se constituírem em igrejas. No Quadro 13 estão elencadas as Capelas que pertencem à jurisdição da Paróquia de Nossa Senhora de Assunção.

⁹¹ I. C. P., 83 anos. Moradora e colaboradora nas festas.

⁹² Até o ano de 2016 eram quinze capelas, porém a mais antiga delas, a Capela de Santa Tereza, construída em 1850 e localizada na fazenda de mesmo nome, foi desfeita e as imagens de seus Santos e Santas doados para a Casa da Cultura de Cascalho. n.a.

Quadro 13 – Capelas que fazem parte da jurisdição da Paróquia Nossa Senhora da Assunção

| Denominação | Localização |
|--|-------------------------|
| Capela São Roque | Fazenda Itaporanga |
| Capela do Cemitério | Cemitério de Cascalho |
| Capela de São Cristóvão | Rodovia Anhanguera |
| Capela Nossa Senhora das Dores | Propriedade particular |
| Capela Nossa Senhora Rosa Mística | Propriedade particular |
| Capela São Francisco | Propriedade particular |
| Capela Nossa Senhora das Graças | Propriedade particular |
| Capela de São José | Propriedade particular |
| Capela Oratório Nossa Senhora da Assunção | Propriedade particular |
| Capela de Santo Alberto | Fazenda do Bosque |
| Capela de Nossa Senhora da Conceição Aparecida | Fazenda Velha |
| Capela de Nossa Senhora da Penha | Fazenda Experimental |
| Capela Santa Cruz | Propriedade particular |
| Capela Nossa Senhora de Fátima | Rodovia Washington Luiz |

Fonte: Elaborado pela autora a partir de Paróquia Nossa Senhora da Assunção (2014).

A atual Paróquia foi criada em 12 de agosto de 1914, mas seu início remonta o ano de 1893, quando o Governo da Província autorizou a construção da igreja, inaugurada no ano de 1898, ocasião em que foi elevada a Curato, ou seja, uma igreja não autônoma que dispunha de um sacerdote regularmente. A construção a partir de 1914 aconteceu em razão da criação da Diocese de Campinas que, objetivando aumentar a arrecadação, permitiu a criação de novas divisões autônomas (TAMIAZO, 2014).

A construção a partir do ano de 1914 foi uma iniciativa do Pároco da época, Luiz Stefanello, devido ao aumento da população no bairro. A Paróquia foi inaugurada oficialmente em 1936 (PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO, 2014).

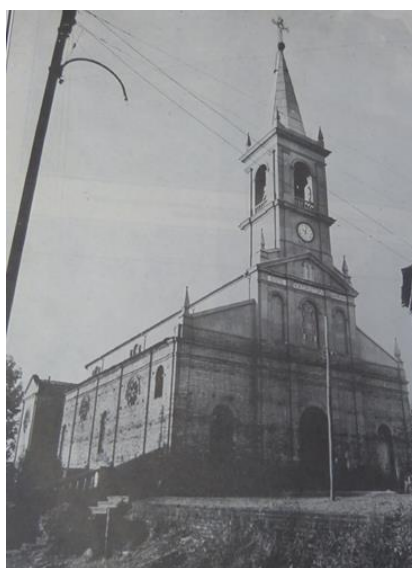


Figura 17 – Igreja Nossa Senhora da Assunção, década de 1930 – bairro de Cascalho

Fonte: Casa da Cultura de Cascalho ([193-])⁹³.

⁹³ Casa da Cultura de Cascalho. **Igreja Nossa Senhora da Assunção**. [193-]. 1 fotografia, p&b.

A construção seguiu modelos de igrejas da região do Vêneto na Itália, assemelhando-se à igreja *São Tomé de Colle Humberto* (PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO, 2014), conforme descreve (BOTTEON, 2005, p. 39):

[...] ela é constituída de 3 naves. No presbitério temos um painel com a pintura da coroação de Nossa Senhora, realizada pelos Irmãos Bastiglia em 1968, sob a direção do Pe. Antonio Klein, SVD.

No coro, encontra-se o órgão de tubos, de fabricação do Sr. Lins, de Indaiatuba-SP, em perfeito funcionamento até hoje. Na torre, encontra-se o carrilhão de 3 sinos, que funcionam em sistema de rodas, possibilitando o toque de vários tipos de chamada para as missas, os funerais e as solenidades. No ano de 2000 foi instalado um relógio.

A imagem da padroeira foi trazida da Itália pelo Pe. Luiz Stefanello, em 12 de agosto de 1914. É uma imagem de 1,20 m de altura, esculpida em madeira e com pintura policromada. Nos pés ela tem 4 anjos, inclusive nas asas de dois, notam-se as cores da bandeira da Itália, e nas asas dos outros dois, as cores da bandeira do Brasil, lembrando a integração dos dois povos.



Figura 18 – Paróquia Nossa Senhora de Assunção na atualidade – bairro de Cascalho

Fonte: Arquivo da autora (2014)

A Paróquia de Cascalho foi administrada, de 1893 a 1953, pelos Missionários de São Carlos (scalabrinianos), Congregação Religiosa fundada na Itália, por D. João Batista Scalabrini, à qual pertencia o Pe. Luiz Stefanello. De 1953 a 1965, ela foi administrada pelos párocos da Paróquia de Santo Antonio, de Cordeirópolis. De 1965 a 1977 esteve sob a gestão dos missionários do Verbo Divino, sendo Pároco o Pe. Antonio Klein, SVD. De 1977 até hoje são os Missionários Claretianos (PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO, 2014).

Cada altar da igreja, com acabamento em mármore, é dedicado a um Santo principal e dois secundários.

Seguem a tradição das igrejas construídas antes da reforma litúrgica do Concílio do Vaticano II, em que se concebiam um altar-mor (principal) e altares secundários, que possibilitam aos sacerdotes celebrar a missa individual, além de favorecer a decoração das igrejas com os Santos Devotos da Paróquia, geralmente doados por famílias (PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO, 2014, p. 15).

Há uma tradição dos altares laterais da igreja terem pessoas responsáveis para cuidar; limpando, lavando as toalhas e ornamentando os mesmos. Essa tarefa permanece com a responsável por várias décadas, até que elas queiram ou precisem passar para uma substituta, que é geralmente de sua família.

Em relação aos meios invisíveis da igreja e uma definição do território religioso, abordados nos estudos de Rosendahl (2013a), é possível considerarmos que as batidas dos sinos representavam no passado, menos no presente, um meio de comunicação. Havia diferentes tipos de batidas para cada uma das circunstâncias e acontecimentos do bairro, como missas, mortes de alguém da comunidade, Dia de Finados, festas. No Dia de Nossa Senhora Assunção os tocadores batiam o sino durante todo o percurso da procissão, que durava aproximadamente quarenta e cinco minutos.

Um ano “alembro” que saia a procissão, “começamo tocá” o sino lá, procissão vem “prá” cá, dei a “vorta” lá tudo, tocando o sino... até “entrá” na igreja [risos]. Nossa, como “me alembro” desse tempo, tudo tocando o sino durante a procissão.⁹⁴

A repetição de ações do passado, como no caso das batidas do sino, mesmo que tenham sofrido modificações, remetem a um ato herdado que, quando reproduzido na atualidade, acaba dando ênfase à identidade local e colabora para a perpetuação e fortalecimento das tradições.

Outras das tradições de Cascalho são as festas, que acontecem desde o início da paróquia. Com o objetivo de oferecer melhores condições aos que participam dos eventos promovidos pela igreja, foram construídos os salões de festa durante o sacerdócio do Padre Antonio João Klein, entre os anos de 1965 a 1978, e em homenagem a ele o salão leva seu nome. Ao assumir o posto a partir de 1987, O Padre Luiz Botteon deu continuidade às obras, melhorando e ampliando as instalações.

Em maio de 1991 foi inaugurada na Praça Luiz Stefanello uma gruta com Imagem de nossa Senhora de Lourdes. O objetivo dessa construção foi poder disponibilizar um lugar de oração para aqueles que passam por Cascalho e eventualmente encontrem a igreja fechada. Na

⁹⁴ A. P., 86 anos. Morador e colaborador nas festas.

gruta é realizada, de forma periódica por alguns moradores do bairro, a oração do terço. A praça e seu entorno receberam no ano de 2005, por parte da prefeitura, melhoras no sistema de iluminação, nas galerias pluviais e revitalização das áreas jardinadas.



Figura 19 – Gruta com imagem de Nossa Senhora de Lourdes – bairro de Cascalho
Fonte: arquivo da autora (2015)

5.4.1.1 O protagonista: Padre Luiz Stefanello – 1878-1964

Dentre as muitas pessoas que foram importantes para Cascalho, desde o início da formação do Núcleo Colonial, sem dúvida o Padre Luiz configura entre elas, sendo que até hoje é lembrado por todos os cordeiroenses e principalmente pelos moradores do bairro.

Filhos de lavradores, Stefanello nasceu em 06 de outubro de 1878 em Pionca, Província de Pádua na Itália. Entrou no seminário quando já tinha 23 anos, terminando os estudos em 1907, mesmo ano que veio para o Brasil. Permaneceu como pároco de Cascalho até o ano de 1953, quando foi afetado por problemas de saúde e desentendimentos políticos, e foi para Santa Bárbara do Rio Pardo⁹⁵ (PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO, 2014).

Quem mora em Cascalho não esquece. Percorrendo os sítios e visitando as famílias, você logo se surpreende. Tem uma presença do passado que explica a realidade de hoje. Para os da comunidade de Cascalho, o padre Stefanello é aquele que faz essa conexão. Não é apenas pelo fato de encontrarmos obras que ele deixou, marcas de sua laboriosidade, mas é que esta sua ação em favor do povo continua no tempo presente. É preciso estarmos atentos para perceber que os moradores têm uma relação com Stefanello como se ele continuasse presente ali. Fazem seus pedidos ao padre. Acreditam no seu poder. E vêm

⁹⁵ Atual município paulista de Águas de Santa Bárbara. n. a.

continuamente sua intercessão em favor da vida da comunidade (FERNANDES, 2001, p. 53).

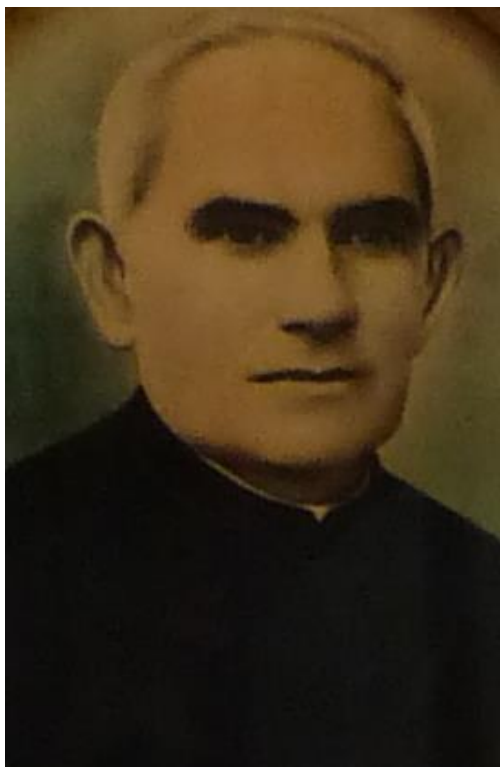


Figura 20 – Padre Luiz Stefanello
Fonte: Casa da Cultura de Cascalho ([193-]).⁹⁶

O padre tinha um envolvimento muito profundo e amplo com a comunidade de Cascalho. Com ele houve uma dinamização do lugar por meio da criação da Banda de Música, composta por aproximadamente 35 membros; do Coral Paroquial⁹⁷; do grupo de teatro; do time de futebol e da área de lazer. Muitas vezes era o próprio Padre quem comprava o instrumento e dava a algum morador do bairro.

Os times de futebol do bairro ainda existem e, como no passado, costumam ser formados pelas famílias, sendo que cada uma possui seu próprio uniforme. Geralmente as partidas e campeonatos acontecem aos finais de semana. Já o time oficial de Cascalho não existe mais.

A banda de músicos era motivo de orgulho para a comunidade. Era ela a encarregada de acompanhar a procissão de Nossa Senhora de Assunção e animar as festas. “A cada quinze dias, após o terço de domingo à tarde, tocava no coreto da praça. A primeira música era sempre o Hino Nacional” (PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO, 2014, p. 63).

⁹⁶ CASA DA CULTURA DE CASCALHO. **Padre Luiz Stefanello** [193-]. 1 quadro. Colorido.

⁹⁷ Na atualidade há cinco grupos de corais no bairro. n.a.



Figura 21 – Banda Católica do bairro de Cascalho – década de 1930
Fonte: Casa da Cultura de Cascalho ([193-])⁹⁸

Stefanello também é lembrado por aqueles que o conheceram por sua bondade e a ação constante de ajudar as pessoas.

*Uma vez o Zé Daroz tinha um carro de praça né? E não sei como foi que pegou fogo no carro do Zé, não sei o que aconteceu, que coitado...era o ganha pão dele aquilo. Pois o padre deu um jeito de ele ter um carro novo. Ele ajudou...ajudou...E o Zé logo voltou a dirigir o carro dele.*⁹⁹

O envolvimento do padre com a comunidade ia muito além dos encontros nas missas, era comum ele frequentar os comércios, que eram também ponto de encontro, e ir nas casas dos moradores, onde era tratado como parte da família. Nessas ocasiões Stefanello sempre aproveitava para realizar orações e abençoar. Serviço que nunca foi cobrado, mas era comum, e bem-vindo, ele aceitar donativos para as obras de manutenção que executava na comunidade. Fernandes (2001) pontua o destino dado às doações.

O dinheiro era uma necessidade para a manutenção da vida da comunidade, que estava envolvida em obras muito importantes, tais como: a construção da nova Igreja e da casa paroquial; as contribuições para a assistência do Orfanato Cristóvão Colombo, de São Paulo, a quem Stefanello estava ligado por pertencer a Congregação dos Escalabrinianos; e a sustentação da banda e do clube de esportes. Além disso, devemos contar os gastos com os serviços

⁹⁸ Casa da Cultura de Cascalho. **Banda Católica de Cascalho** [193-]. 1 foto, p&b.

⁹⁹ M. J.C. h., 92 anos. Antiga moradora e colaboradora nas festas.

litúrgicos, com o padre, com as taxas para a paróquia de Cordeiro e para a Cúria etc. (FERNANDES, 2001, p. 125).

O autor¹⁰⁰ esclarece que grande parte das doações vinham de pessoas de fora, inclusive de pessoas de outros estados para conhecerem o padre e seus poderes. E acredita-se que se não fossem por esses visitantes, que vinham em romarias, Cascalho não teria construído na década de 1930 a igreja e a estrutura voltada para a comunidade. Parte do dinheiro necessário para construção da igreja foi ofertado também pela Família Portela, proprietária da Fazenda Santa Thereza, pertencente a Cascalho na época.

Os poderes atribuídos ao padre eram muitos, principalmente o de ser exorcista como lembrado uma antiga ex-moradora do bairro.

Chegava gente com camisa de força, amarrado... ele falava: pode desamarrar... pode desamarrar [falando mais alto]. E falava: entra. Falava para a pessoa entrar. A pessoa refugava, não queria entrar na igreja, receio do poder dele¹⁰¹.

As bênçãos que o Padre dava a fim de exorcizar acabava por representar uma espécie de atração para os moradores do bairro.

Stefanello dava uma bênção todo domingo uma hora da tarde. Eu era pequena assim... mas como a gente é curioso “prá vê tirá” espírito da turma... eu saía lá da Santa Cruz, lá perto do “Barerense” e vinha a pé “prá” assisti” as bênçãos do Padre Stefanello. Vinha gente de caminhão, sabe? Do Paraná, de tudo lugar... ele tirava espírito a uma hora da tarde no domingo. E eu vinha “assisti” a missa dele, tudo domingo... tinha medo [rindo].¹⁰²

Era atribuído a ele também o poder de curar, de resolver problemas de variadas ordens e de interferir nos infortúnios da natureza que atingiam diretamente as plantações, mesmo não estando presente no ato da bênção.

Padre Luiz também... no tempo que dava aquelas pragas na lavoura lá, tinha muito daqueles gafanhotos que atacava a lavoura né? Falava com ele “prá” ir em casa... hoje não vai dá só amanhã [resposta do padre segundo o entrevistado]. Chegava na roça não tinha mais nenhum bicho... tinha limpadado tudo.¹⁰³

¹⁰⁰ Id. Ibid.

¹⁰¹ M.J.C.T., 92 anos. Antiga moradora e colaboradora nas festas.

¹⁰² L.Z.C., 78 anos. Antiga moradora e colaboradora nas festas.

¹⁰³ A.P., 86 anos. Morador e colaborador nas festas.

É importante lembrar que o uso de agrotóxicos no Brasil passou a ser utilizado após a década de 1950, ou seja, em conjunto com o processo da modernização da agricultura. Padre Luiz Stefanello permaneceu no bairro de Cascalho até o ano de 1953, portanto, a sua atuação junto ao combate às pragas e a fé da comunidade eram as alternativas da época.

Outra lembrança da comunidade é quando há formação de temporais.

A “força terrível” de Stefanello afastava também os temporais que podiam prejudicar as plantações. Quando começava a formar-se qualquer temporal, o padre ficava para fora de casa benzendo o tempo e “não vinha temporal nenhum em Cascalho”. As pessoas do bairro, quando se viam ameaçadas pelo mau tempo, logo se lembravam de Stefanello e perguntavam: “-Será que o padre Luiz não vai benzer?” (FERNANDES, 2001, p. 127).

Essa crença no Padre é ainda muito presente, sendo que quando chove e ameaça temporal, vários moradores pedem a sua intervenção.

Eu tenho uma foto dele em um “porta-retrato”, e começou chover, que eu vejo que a coisa começa a estourar muito, eu vou lá, eu rezo, acendo uma vela bem... mas é num segundo e some, viu? Testa “prá” você ver. Num segundo some...¹⁰⁴

O padre também possuía a fama de ser muito enérgico e intolerante com a vaidade feminina, não permitia que as moças pintassem as unhas e usassem maquiagem. Foi dele também a exigência de dividir os paroquianos em gêneros nas missas e impor o uso do véu às mulheres.

Padre Luiz não queria que misturasse, de um lado “ficava” as moças, as mulheres, do outro lado eram os homens. E outra coisa que depois ele começou a exigir [rindo] que todo mundo tinha que ir com véu na cabeça, na missa. Todo mundo. As moças com veuzinho branco, e as casadas com veuzinho preto¹⁰⁵.

Ele também não permitia que fossem realizados casamentos entre primos de primeiro grau. Caso houvesse algum grau de parentesco entre os noivos, o casal deveria pagar penitência.

Outra característica apontada nos relatos orais foi o fato do padre ser econômico, não gostava de desperdícios, recuperando e reaproveitando tudo que podia.

Agora o Padre Luiz, então... ele fazia “tuda” a vela, nunca comprava uma vela e no cemitério aquele tempo “cendia” muita vela... sabe? Aquela tempo, agora ninguém mais “cende” né? Ai “quê fazia”? “Nois

¹⁰⁴ V.L.R.L., 75 anos. Moradora e colaboradora nas festas.

¹⁰⁵ M.J.C.T., 92 anos. Antiga moradora e colaboradora nas festas.

trabaiava” lá [ela e o pai trabalhavam como coveiros no cemitério próximo ao centro de Cordeirópolis e no cemitério do bairro de Cascelho] pegava “carocinha” de mão enchia tuda aquela sacaria, cinco, seis “saco” de cera por ano né? Principalmente os Finados né? Que era bastante. Aí catava tudo “ponhava” no saco pegava a “carocinha” de lá do cemitério Cordeiro trazia aqui “prá” ele na igreja, um na frente puxava o “otro empurava atrás”, a “carocinha” a mão né? Levava tudo a cera “prá” ele. Fazia “tuda” a vela “prá” igreja.¹⁰⁶

Apesar de todo envolvimento com a comunidade de Cascelho, e reconhecimento de todas as obras realizadas, incluindo as espirituais, não foram suficientes para que Stefanello não se envolvesse em problemas. Seu temperamento explosivo e inclinado a fazer intrigas levou a inúmeras reclamações feitas ao bispo da época, Dom Barreto (Diocese de Campinas), que solicitava que o padre parasse com as sessões e atendimentos às pessoas possuídas (FERNANDES, 2001).

A casa paroquial, quando residia lá o padre Stefanello, era considerada um lugar mal-assombrado, nenhuma criança entrava sozinha devido à fama de exorcista. Nas sessões que realizava contra os demônios Stefanello usava além das orações objetos pessoais que batia nas pessoas como seu crucifixo e o asperge da caldeira de água benta. Porém o mais comum utilizar água benta.

Eu “alembro” num domingo lá, domingo fica cheio de gente... tinha uma mulher de fora, não sei de onde que era... dando a benção e ela com o terço na mão, rezando, com voz “arta memo”, lá no banco da frente lá, rezando “arto”, rezando “arto”... dando a benção dele, de repente ele olha “prá” ela pega água benta e joga... é a mesma coisa que jogar um tijolo na cabeça dela [rindo]...desmaiou [rindo].¹⁰⁷

Os residentes de Cascelho até hoje reconhecem o padre Luiz como uma pessoa que possuía poderes, fé e dom especial. Os problemas do campo eram resolvidos com muito esforço pelos produtores mas tinham como aliado a intervenções de Stefanello. O apelo para que as plantações, os campos e os bens recebam proteção ainda faz com que a comunidade tenha apego pela figura dele (FERNANDES, 2001).

No ano de 2001 a Paróquia de Cascelho conseguiu autorização para trazer os ossos do braço e da mão direita do padre para serem sepultados no altar da igreja, o que se revelou uma grande surpresa, “[...] ao cortarem o mármore do altar, encontraram ali um espaço vazio, já preparado à medida para depositar a urna com os restos mortais”

¹⁰⁶ R.T.S., 92 anos. Moradora e ex-colaboradora nas festas.

¹⁰⁷ A. P., 86 anos. Morador e colaborador nas festas.

(PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO, 2014, p. 43).

Os parentes do padre, juntamente com a comunidade, solicitaram mais de uma vez a vinda do corpo para sepultamento no cemitério de Cascalho, mas tanto a prefeitura de Santa Bárbara quanto a Igreja nunca deferiram o pedido alegando a importância de Stefanello para o município¹⁰⁸. A única maneira de aproximação com o corpo é feita pelas visitas e romarias organizadas pelos moradores de Cascalho. Mesmo diante dessa distância geográfica as lembranças dos 40 anos que esteve à frente da comunidade permanecerão.

Padre Luiz Stefanello jamais será esquecido, pois o sacerdote que não apenas construiu a Igreja-pedra, mas também a Igreja-família de Cascalho. Ele construiu a atual Igreja de Cascalho, a Casa Paroquial e trouxe da Itália a Imagem de Nossa Senhora da Assunção. Por 40 anos, dedicou sua vida ao atendimento espiritual das pessoas que a ele vinham pedir saúde e conforto (PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO, 2014).

Inúmeros são os aspectos evidenciados ainda no bairro sobre a importância do Padre Luiz Stefanello, seja por meio de objetos guardados, lembranças rememoradas e até mesmo pela quantidade de moradores que possuem nome de Luiz em sua homenagem.

5.4.2 Associação *Trevisani Nel Mondo Cascalho*

Foi a partir da visita em abril de 2004 de uma delegação italiana composta por quatro pessoas que faziam parte da *Associazione Trevisani Nel Mondo*, que surgiu o objetivo de instalar no lugar um núcleo dessa Associação. Na ocasião foi realizada uma missa e almoços para mais de 600 moradores do bairro.

A Associação foi instalada no ano de 2005 e desde então promove inúmeras ações, difunde a cultura e as tradições italianas, além de colaborar com a organização de eventos no bairro, principalmente a Semana Italiana.

5.4.2.1 Casa Da Cultura

A criação da Casa da Cultura de Cascalho foi uma iniciativa da Associação *Trevisani Nel Mondo* em parceria com a Prefeitura do Município de Cordeirópolis. A sede foi inaugurada

¹⁰⁸ A ação movida pela comunidade de Cascalho e parentes do padre Stefanello inicialmente feita à Prefeitura de Santa Bárbara, em função do corpo estar enterrado no cemitério municipal. Com o processo em andamento, houve transferência para a Igreja, a pedido do pároco Dom Nicolau, que tinha evidentes influências políticas na cidade e nítido interesse que o corpo permanecesse no município. Para o traslado do corpo da Igreja, os requerentes teriam também que mover uma ação contra a Diocese de Botucatu, mediante a situação, a família não quis entrar em questão contra a própria Igreja (FERNADES, 2001).

em abril de 2013, em uma casa alugada, que passou por reformas para poder receber e expor acervo histórico das famílias do bairro. Esse espaço cultural tem apoio também da Paróquia Nossa Senhora de Assunção. Há também na Casa da Cultura réplica de uma cozinha temática, que retrata fielmente a realidade dos antepassados. A cozinha, ricamente reproduzida, possui até mesmo um fogão à lenha.

O acervo do lugar é bastante variado e composto praticamente de doações feitas pelas famílias que residem no bairro. Há desde pertences pessoais, móveis, utensílios, documentos, roupas, mapas dentre outros objetos e mais de 6.000 fotos. Há também exposições itinerantes, seja com acervo da própria casa ou comunidade, ou com mostras de outras instituições.

Na Casa da Cultura também é realizado curso de língua italiana, e nos últimos anos foram realizados cursos de iniciação fotográfica e informática.



Figura 22 – Cozinha temática - Casa da Cultura do bairro de Cascalho
Fonte: Acervo da autora (2015)

5.4.2.2 Monumentos de Cascalho: simbolismo, exaltação às origens e recriação da identidade

Dois dos monumentos existentes em Cascalho ficam localizados na praça central, em frente à Paróquia Nossa Senhora da Assunção. O local foi escolhido estrategicamente para permitir uma maior visibilidade a todos que moram e visitam o bairro. Um desses monumentos representa o Centenário da chegada das famílias em Cascalho, que foi no ano de 1993.

A cor escolhida, “terra roxa”, é para enfatizar os desígnios que tinham os primeiros habitantes que foram morar no Núcleo Colonial Cascalho: trabalhar a terra, produzir alimento e prosperar.

A base do monumento nasce do chão em três partes, significando as 3 colunas de Cascvalho: a família, o trabalho e a religião, elas se fundem em busca do futuro, amparadas na história e na tradição, a base com o desenho dos mapas da Itália e do Brasil com a relação das famílias que vieram para Cascvalho, a cor de terra, representa a terra vermelha do bairro muito fértil e produtiva (BOTTEON, 2005, p. 190).



Figura 23 – Monumento do Centenário da Chegada das Família ao bairro de Cascvalho
Fonte: Arquivo da autora (2013)

Outro símbolo existente na praça é um obelisco construído no ano de 1950, que contém duas placas comemorativas. A primeira é de “Honra e Mérito ao Padre Luiz Stefanello”. E a segunda foi uma homenagem da comunidade ao Centenário da Imagem de Nossa Senhora de Assunção e da Paróquia.



Figura 24 – Obelisco com as duas placas comemorativas – bairro de Cascvalho
Fonte: Arquivo da autora (2015)

No ano de 2014, centenário da chegada da Imagem de Nossa Senhora de Assunção à Cascalho, foi projetado e criado o “Caminho do Rosário”, composto de 20 oratórios em um percurso de 2,5 quilômetros em ruas próximas ao núcleo do bairro.

O projeto dos quadros, oratórios e o texto do livro do Caminho do Rosário [obra também lançada no centenário] foram projetos por Padre Ademir Zanarelli. O objetivo é tornar o projeto um marco da presença de Maria na vida da Paróquia de Cascalho e fazer cumprir-se o lema da paróquia: *Siste viator ora Mariam* (viajante, pare e ore à Maria) (PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO, 2014, p. 25).

Todos os oratórios, construídos com tijolos, possuem o mesmo modelo. Neles há três quadros em cerâmica retratando os 20 mistérios do terço, que abordam a vida, a missão, a morte e a ressurreição de Jesus. No primeiro quadro cerâmico há uma imagem sacra do artista Ademir Zanarelli, que inicialmente a pintou em tela para depois ser reproduzida. No segundo é feita a descrição do mistério, e no terceiro uma indicação do roteiro a ser percorrido, que tem início e fim em frente à Paróquia.

Cada oratório recebeu um trabalho de paisagismo e foi “adotado” por uma das famílias do bairro que tem a tarefa de cuidar dos monumentos.



Figura 25 – Dois dos oratórios do “Caminho do Rosário” – bairro de Cascalho
Fonte: Arquivo da autora (2016).

Todos esses monumentos e elementos representam de acordo com Bonnemaïson (2002, p. 109), “um lugar, um itinerário que, por razões religiosas ou culturais, aos olhos de certas pessoas assume uma dimensão simbólica que os fortalece em sua identidade”. A cultura hoje é compreendida por meios das representações simbólicas, de acordo com a visão de mundo da

qual um grupo faz parte, em uma relação da sociedade com o espaço. Por ser a comunidade católica em quase sua totalidade é possível essa construção dos signos pelo bairro, demarcando a paisagem na reafirmação de uma identidade religiosa.

5.4.3 Escola em Cascalho

A solicitação da primeira escola instalada em Cascalho aconteceu em 10 de agosto de 1893 e foi uma iniciativa da população que residia no núcleo. A respeito desse pedido Abreu (2013) faz o seguinte relato:

A escola isolada de Cascalho foi uma solicitação diferente de todas as outras localizadas no município de Rio Claro¹⁰⁹. Com a necessidade de escolarização para seus filhos os imigrantes italianos organizaram um abaixo assinado e enviaram à Inspetoria de Terras, colonização e imigração do Estado de São Paulo, reivindicando a construção de uma escola. O abaixo assinado contou com 165 assinaturas dos munícipes daquela região (ABREU, 2013, p. 124).

A história da escola, portanto, é paralela à história do bairro. A solicitação à Inspetoria de Terras foi atendida no mesmo ano e a primeira classe foi formada em 1895. Com o pedido se previa que o ensino na escola se daria na língua portuguesa (PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO, 2014).

A primeira classe foi formada em 1895 e, em 1923, começou a funcionar, oficialmente, como Escola Reunidas de Cascalho, com 160 alunos. Em 11 de fevereiro de 1968, foi inaugurada a construção da Escola, que funcionou vinculada à Escola Estadual Coronel José Levy, de Cordeirópolis, com o nome Escola Mista de Cascalho. Em 15 de maio de 1979, iniciaram-se as atividades como Escola Agrupada de Cascalho. Em 2 de abril de 1981, recebeu o nome de Escola Estadual de Primeiro Grau Professor Jorge Fernandes.

Em 2003, com a reestruturação educacional do Estado, a escola foi municipalizada e passou a se chamar Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Professor Jorge Fernandes. Em 2006, a escola foi ampliada e começou a funcionar em período integral (PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO, 2014, p. 68).

Na época em que funcionou como Escolas Reunidas, a unidade escolar possuía três salas de aulas, com primeiro, segundo e terceiro ano. Duas professoras davam aulas para as meninas e um professor para os meninos. Atualmente no bairro permanece somente essa unidade escolar, onde funciona o Ensino Infantil e Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano) atendendo aproximadamente 120 alunos. Para continuar os estudos as crianças do bairro precisam se matricular em escolas da área urbana; e dependem de meios de mobilidade próprios ou

¹⁰⁹ Na época o Núcleo pertencia ao atual município de Rio Claro. n.a.

contratados, uma vez que o município não disponibiliza transporte público para locomoção desses alunos.



Figura 26 – Turma da Escola Reunidas de Cascalho – Década de 1940
Fonte: Casa da Cultura de Cascalho ([194-])¹¹⁰



Figura 27 – Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Professor Jorge Fernandes - bairro de Cascalho
Fonte: Arquivo da autora (2016)

¹¹⁰ Casa da Cultura de Cascalho. **Escola de Cascalho** [194-]. 1 fotografia, p&b.

5.5 Aspectos históricos do bairro de Santana: processo de formação

A expansão dos bairros rurais em Piracicaba aconteceu de forma intensa no século XX quando aconteceu a fragmentação de terras, com predominância das pequenas propriedades como afirma Müller (1996). Dessa conjuntura faz parte o bairro de Santana. Nas palavras da autora:

Com essa subdivisão, novos bairros se instalaram, passando de 11, em 1939, a um total de 45. O fato se deve não apenas à introdução do imigrante, que faz seu pé de meia para tornar-se proprietário, mas, basicamente, à decadência do café, que levou à subdivisão da terra que possibilitou a instalação do imigrante. Também foi importante o desenvolvimento da cultura do algodão, um dos substitutos do café, que, por ser anual e admitir o sistema de parceria, foi importante fator de formação de bairros, o que atendia aos interesses dos fazendeiros empobrecidos, que assim tinham uma produção sem a responsabilidade de assalariados fixos. Os bairros, então, se distribuem por todo o município ocupando especialmente a porção oeste distribuindo-se ao longo dos rios Tietê e Piracicaba e de seus afluentes, concentrando-se ao redor da cidade, num raio de cerca de 10 km (MÜLLER, 1966, p. 91).

Ainda segundo Müller¹¹¹ foi após 1946 que houve diminuição do aparecimento de novos bairros, “[...] talvez porque o seu número já fosse suficiente para atender às necessidades de organização do espaço agrário”.

A história de Santana é associada ao processo imigratório do Brasil e especificamente do Estado de São Paulo, que a partir do século XIX recebeu grande quantidade de europeus para trabalharem na lavoura do café. Os antigos imigrantes de Santana vieram da região de Trento, localizado ao Norte da Itália.

Pode-se dizer que os tirolezes de Piracicaba já se constituíram enquanto comunidade nos finais do século XIX, ainda nas pequenas aldeias dos Alpes tirolezes onde seus antepassados, em busca de uma vida melhor, pensaram em emigrar para o Brasil. Esta região passava por sérias dificuldades: guerras contínuas ocasionadas, principalmente, pela Unificação Política da Itália, ameaçavam a população, que sofria com a falta de terras, trabalho e passava fome (ULRICH, 2002, p. 23).

Nessa região há uma mescla da cultura ítalo-germânica e os trentinos são também chamados por tirolezes¹¹². A característica principal é que a língua desse lugar é historicamente a italiana, enquanto a das demais regiões do entorno é a alemã. O Brasil foi um dos países que mais recebeu imigrantes da região de Trento. Como aconteceu em todo o Estado de São Paulo,

¹¹¹ Id. Ibid. p. 93.

¹¹² O termo *tirolês* os caracterizou por serem um grupo étnico, descendentes de imigrantes (camponeses) oriundos do Tirol, uma região que fazia parte do Império Austro-húngaro que após a Primeira Guerra Mundial, em 1919, passou a ser parte da Itália com o nome de Trento, através do tratado de *Saint German*” (LEME, 2001, p. 01).

a grande maioria veio para trabalhar no campo, principalmente com o cultivo do café nas grandes fazendas (LEOPOLDINO, 2014).

As terras onde está o bairro faziam parte da Fazenda Sant'Anna de propriedade do Barão de Serra Negra, que contraiu muitas dívidas e seus descendentes não conseguiram quitar, levando a propriedade a ficar em poder do banco que as vendeu. Em 1893, a família de Bortolo Vitti¹¹³, residente em Rio Claro na época, adquiriu as terras, cerca de 350 alqueires que na ocasião da compra estavam abandonadas. Uma parte da propriedade ficou em nome dos filhos casados, de um genro e a outra foi atribuída aos filhos solteiros. Nessas terras haviam matas, água, plantações de café, tulhas, casa de máquina e moinho (ULRICH, 2002).

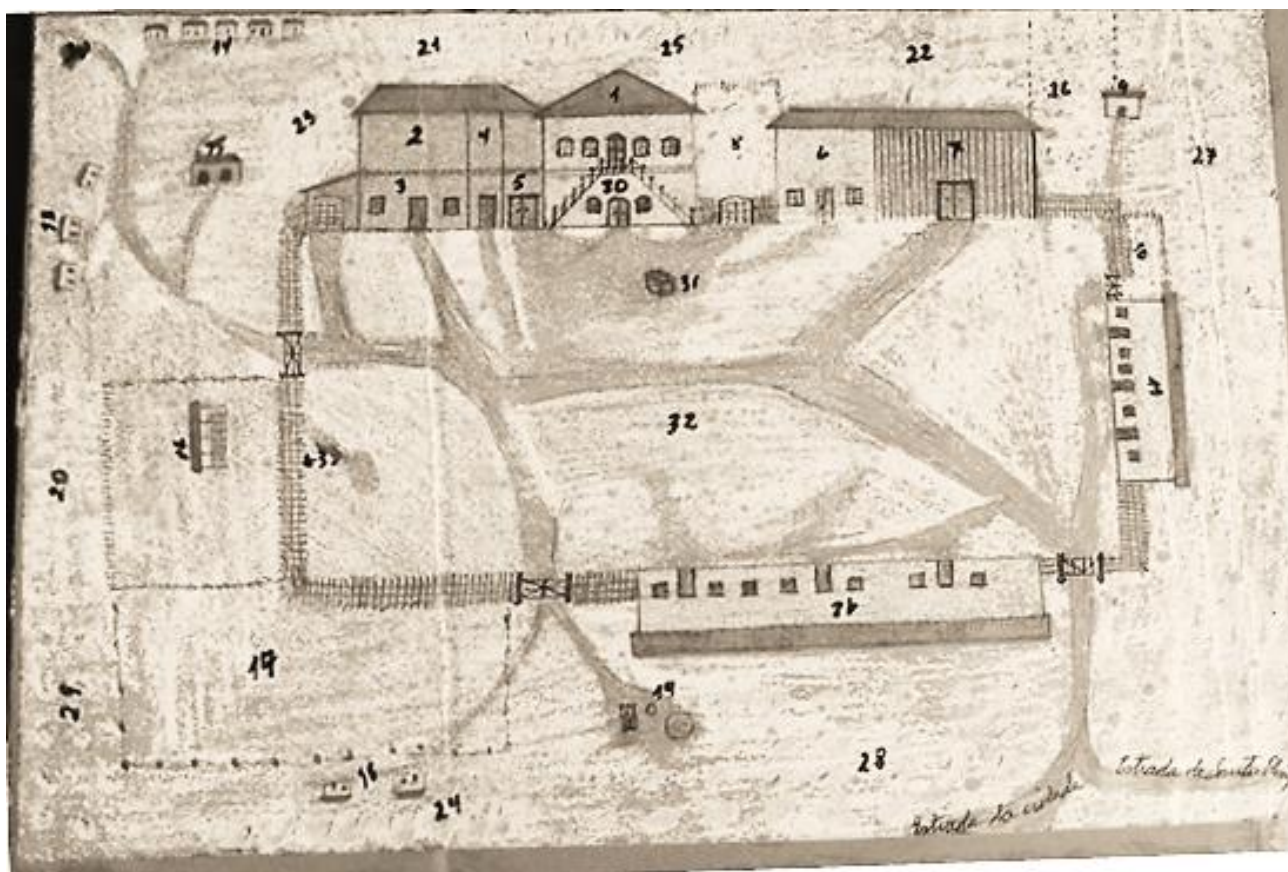


Figura 28 - Planta da sede da fazenda de Sant'Anna no ano de 1893 - José Vitti Jorge
Fonte: Dirce G. Vitti (arquivo pessoal)

De acordo com a planta da Fazenda Sant'Anna de 1893, Figura 32, desenhada pelo morador do bairro de Santana, José Vitti Jorge, faziam parte do lugar várias edificações e espaços, que estão elencadas no Quadro 14.

Quadro 14- Infraestrutura da Fazenda Sant'Anna no ano de 1893

| | | |
|--|----------------------|---------------------------|
| 01 - Casa grande do Barão de Serra Negra | 13 – Casa de colonos | 25 – Área de mata |
| 02 – Tulha de café | 14 – Casa de colonos | 26 - Pomar |
| 03 – Beneficiador de café | 15 - Olaria | 27 - Cafezal |
| 04 - Maquinaria | 16 - Chiqueiro | 28 - Cafezal |
| 05 – Entrada para os terreiros atrás da casa | 17 - Pasto | 29 - Cafezal |
| 06 – Casa do administrador | 18 – Casa de colonos | 30 – Senzala |
| 07 – Paiol de milho | 19 – Poço e tanque | 31 - Rocha |
| 08 - Pomar | 20 - Roça | 32 - Pátio |
| 09 – Caixa d'água | 21 - Roça | 33 – Cerca de pau-a-pique |
| 10 – Casa de colonos | 22 - Roça | 34 - Porteira |
| 11 – Casa de colonos | 23 – Área de mata | |
| 12 – Casa de colonos | 24 – Área de mata | |

Fonte: Dirce G. Vitti (arquivo pessoal)

Antes de comprarem as terras da Fazenda Sant'Anna, Bortolo Vitti, Maria Maddalena Saltori Vitti e os dez filhos¹¹⁴, saíram da Itália em 31 de julho e chegaram ao Rio de Janeiro em 23 de agosto de 1877 com outras famílias e foram trabalhar por dez anos na fazenda Sete Quedas, de propriedade do Visconde de Indaiatuba. Na fazenda receberam “[...] uma casa onde havia mantimentos, colchões, roupas de cama, mesa e cadeiras, latas para transportar água e uma lamparina e querosene” (GIRALDELLI, 1992, p. 23).

A entrada no Brasil foi pelo porto do Rio de Janeiro. O objetivo era seguir para Porto Alegre - RS, mas os planos foram mudados ao serem interceptados pelo administrador da Fazenda Sete Quedas (Campinas-SP). Nessa ocasião foi estabelecido o período de contrato que o casal e os filhos tiveram de cumprir (LEOPOLDINO, 2014). Quando as condições eram adequadas, os imigrantes conseguiam pagar suas dívidas e alcançar o objetivo de comprar suas próprias terras.

Em condições tidas como boas, quando os patrões pagavam pontualmente, as famílias eram numerosas, moravam nas proximidades dos centros consumidores e, por fim, se não sofressem com doenças, calculava-se que um colono precisava de quatro anos para conseguir suas primeiras economias...o imigrante demorava de oito a dez anos para chegar a pequeno proprietários (ALVIM, 1985, p. 158).

¹¹⁴ Ângelo Pietro Vitti, Anna Maria Domenica Vitti; Giorgio Massimiliano Vitti; Beniamino Giacomo Vitti; Narcisa Teresa Vitti; Paolo Vitti; Giacomo Damaso Vitti; Giacinto Francesco Vitti; Ottavio Felice Vitti; Domenico Quirino Vitti. n.a.

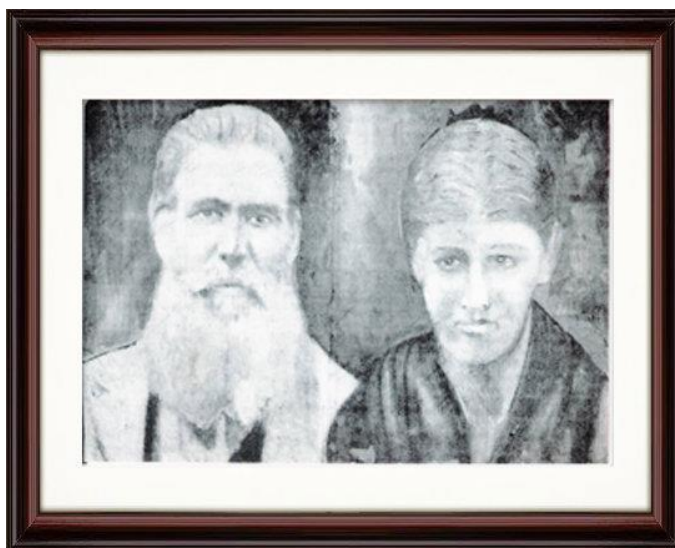


Figura 29 – Bortolo Vitti e Maria Maddalena Saltori Vitti
 Fonte: Dirce G. Vitti (arquivo pessoal)

Dali, após a aquisição de algumas economias, foram para Rio Claro, onde adquiriram uma propriedade denominada “Sítio Rio Cabeça” e permaneceram por lá durante seis anos. Como a propriedade passou a não comportar de maneira satisfatória as demandas da família, eles venderam o sítio em 1893, e adquiriram terras da Fazenda Sant’Anna, área pertencente atualmente ao município de Piracicaba. Mudaram para a Fazenda na época da compra 40 pessoas.

Devido à religiosidade do grupo e por serem devotos de Nossa Senhora, deixaram que permanecesse o nome de Santana.

Desde a chegada dos imigrantes e com a fundação do bairro de Santana na década de 1940, muitas das tradições foram mantidas em função do isolamento do lugar, distante aproximadamente 20 quilômetros do centro do município de Piracicaba. Devido ao difícil acesso, houve pouco envolvimento dos moradores de Santana com pessoas que não fossem da comunidade. Essa condição refletiu diretamente no aprendizado da língua e de certa forma da conservação das tradições.

Até uma dezena ou pouco mais de anos atrás, os trentinos [...] viviam como que isolados, distantes da vida da urbe, parecendo estar envolvidos num casulo estranho. Apesar de haverem eles sido aquinhoados com um grupo escolar, hoje denominado “Dr. Samuel de Castro Neves”, os tirolezes persistiam em falar o dialeto nas conversas entre si e nas famílias, criando-se interessante dualidade de línguas: uma, para uso doméstico; outra, para uso na sala de aula com os professores e pessoas visitantes, isto é, no relacionamento com quem falava o português. Nesse dialogar ou conversar podia-se facilmente perceber o profundo sotaque do dialeto tirolês, ou trentino, mormente nas sílabas anasaladas ou no ê com circunflexo, quase sempre proferido como é aberto. Assim, você, o tirolesinho pronunciava você. Hoje, o dialeto é apenas de uso dos mais velhos dos bairros, já que as gerações sucessivas foram assimilando

mais e mais o português, passando a ser atualmente de uso corrente. Para que isso, entretanto ocorresse, foi necessária uma assimilação linguística de mais de cem anos, sucedendo-se, no mínimo, cinco ou seis gerações (VITTI, 1991, p. 15).

Com a instalação de usinas próximas ao bairro na década de 1950, a produção agrícola comercial de Santana passou a ser dedicada quase que exclusivamente a essa cultura, prevalecendo até os dias atuais. O cultivo da cana-de-açúcar causa muitos problemas para a agricultura na região, em decorrência ao uso de agrotóxicos. O intenso uso não permite o crescimento adequado de outras espécies, como o da uva, que sempre foi uma fruta cultivada no lugar.

Leme (2001) contextualiza que a partir do início da década de 1950 muitas famílias do bairro passaram a se mudar para a cidade de Piracicaba e outros municípios da região em busca de melhores condições de trabalho e de vida. Para alguns o motivo foi não querer mais trabalhar como produtor rural. Para outros foi devido a não ansiarem seguir uma vida tão religiosa como a que os moradores estavam habituados. Essa explicação para número alto de religiosos é devido à influência dos padres capuchinhos e da congregação dos estigmatinos, que incentivavam o recrutamento de meninos e meninas para entrarem no mundo religioso. A adesão significava para a família motivo de muito orgulho, além da possibilidade de ascensão social, uma vez que os pais não tinham dinheiro para pagar os estudos dos filhos.

Portanto, aquele que não desejasse ser lavrador ou religioso, e quisesse estudar ou trabalhar fora da comunidade, antes do final da década de 60, sem dúvida, deveria se retirar do grupo, pois não fazia parte do *habitus* daquele povo. Isto significa dizer que se criava uma "crise de identidade", no sentido etimológico da palavra, não havendo similitude perfeita entre aqueles que pudessem pensar diferente em relação ao grupo como um todo. Dessa forma, a solução era deixar o enclave e partir individualmente ou com toda a família (o que era mais comum entre os descendentes tirolezes) para a zona urbana ou qualquer outra região da redondeza que ficasse fora do espaço geográfico ou dos limites que estabelecesse o território tirolês em Piracicaba (LEME, 2001, p. 57).



Figura 30- Casa da década de 1930, na ainda Fazenda Sant'Anna
Fonte: Leme (2001)

Foi a partir da comemoração do centenário da vinda de Bortolo e Maria Vitti em 1977, que a comunidade passou a repensar nas origens e querer manter e tornar notória parte da cultura e tradição do bairro.



Figura 31 – Vista parcial do bairro de Santana na década de 1980
Fonte: Barbara Neto (1987, p. 05)

5.6 Detalhando e descrevendo Santana

O bairro rural de Santana fica a noroeste do centro do município de Piracicaba e está distante cerca de 20 quilômetros do centro. Como acesso há somente uma rodovia estadual, a Hermínio Petrin (SP-308). Santana é formado por descendentes de imigrantes trentinos.

Em 1977, os trentinos de Piracicaba comemoraram o Centenário da Imigração de seus antepassados e organizaram uma grande festa, que desde então passou a fazer parte do calendário de eventos do bairro. Na ocasião do evento foram convidados o Cônsul austríaco e representantes diplomáticos, além de autoridades de Piracicaba. Com a divulgação do evento, outros grupos tirolezes do Brasil passaram a se conhecer e identificar familiares distantes, inclusive da região de Trento (ULRICH, 2002).

Foi por meio desse evento que os moradores do bairro tiveram o real conhecimento que a região dos antepassados não pertencia mais à Áustria e sim à Itália. Essa constatação permitiu que se iniciasse um intercâmbio dos moradores do bairro com a região de Trento na Itália.

Em 1977, quando os membros de Santana resolveram comemorar o centenário de imigração (1877-1977), eles fazem uma grande festa e convidam o cônsul austríaco para homenageá-lo, como se estivessem rememorando e homenageando o lugarejo de onde seus avós emigraram, o antigo sul do Tirol austríaco. Muitos na comunidade [...] só foram saber que o Tirol (local de origem de seus antepassados) recebia o nome de Província Autônoma de

Trento, e que este lugar (Trento) não fazia mais parte da Áustria e sim da Itália, só quando fundaram o *Circolo Trentino di Piracicaba*, em 1987. Esse relato revela que a anexação do Tirol à Itália em 1919, tornou-se um fato na vida dos imigrantes somente no ano de 1987, pois com a fundação do *Circolo Trentino di Piracicaba*, subsidiada pela Itália, começam a receber visitas italianas, e a compreender a nova realidade: Tirol era agora Trento. (LEME, 2001, p. 02).

Santana tem na atualidade aproximadamente 750 habitantes, sendo a grande maioria aparentada entre si. Há cerca de 250 moradias dispersas em 200 alqueires¹¹⁵. A idade dos residentes varia entre 0 a 110 anos e não há nenhum idoso em asilo, pois os trentinos sentem-se muito orgulhosos de poderem cuidar de seus *nonni*¹¹⁶. Outro aspecto positivo do bairro e que não existe nenhum caso de analfabetismo, sendo essa condição motivo de muito orgulho como relatado pelos moradores.

Olha, dá muito orgulho viver aqui... as “criança” pode correr, brincar à vontade, sem nenhum problema. Todas vão na escola, e não tem aqui ninguém analfabeto, um orgulho mesmo! Aqui é tudo família, um cuidando do “outro”, um olhando pelo “outro”... sempre foi assim¹¹⁷.

Adoro “mora” aqui. Eu moro “num” pedaço do céu. Aqui é um paraíso. Jesus “ando” aqui e “descanso”. Aqui “num” tem “anarfabeto”, pessoas no asilo, nenhum na cadeia. Tudo se respeita e “anda” direito... pessoas “honrada memo”.¹¹⁸

Os primeiros moradores do bairro além de plantarem para o consumo próprio, cultivaram inicialmente o café, que foi posteriormente substituído por culturas variadas, como milho, arroz e cana-de-açúcar. As culturas para subsistência das famílias eram irrigadas com águas dos poços artesianos. Os moradores sempre criaram também animais, principalmente galinhas, porcos e vacas.

Houve também no decorrer da história do bairro outras experiências de cultivos. Na década de 1940 foi o eucalipto e o algodão, tentativas que também não deram certo. No caso do eucalipto faltou conhecimento de técnicas corretas e o algodão não foi rentável. Nas décadas de 1930 e 1970 houve a criação do bicho da seda. Em ambas ocasiões a atividade não teve êxito e causou vários prejuízos (LEOPOLDINO, 2014; LEME, 2001).

¹¹⁵ Alqueires (SP) que equivale a 484,0000 hectares ou 4.840.000,0000 metros quadrados. n.a.

¹¹⁶ Avós em italiano. n. a.

¹¹⁷ J.M.V., Moradora e colaboradora nas festas.

¹¹⁸ G. C. V., 59 anos. Morador e colaborador nas festas.

A condição de mudança de culturas foi possível devido à qualidade do solo. Nos estudos de Müller (1966, p. 96), que fez uma análise complexa de todos os aspectos envolvendo os bairros rurais do município de Piracicaba, classificou os solos de Santana, provenientes da formação Corumbataí, como bons; pois “[...] dão terras barrentas e férteis”.

Nem todos os moradores conseguiam trabalhar na própria terra, havia em Santana três tipos de trabalhadores rurais, além da grande contribuição do trabalho das mulheres como ilustra Leme (2001).

A organização de trabalho na comunidade era de três espécies: os lavradores eram os pequenos proprietários; os colonos eram aqueles tiroleses que trabalhavam para os lavradores e seus pagamentos eram feitos mensalmente; havia, também, os camaradas, aqueles que trabalhavam para os lavradores e podiam receber seus pagamentos como diarista ou mensalmente. Além desses três tipos de trabalhadores rurais havia as mulheres, esposas de lavradores e um número enorme de filhos. A tarefa das mulheres era dobrada, pois, além de cuidarem das crianças, que geralmente eram de doze a treze filhos ou mais, faziam as tarefas de casa, cuidavam dos animais e ajudavam na roça (LEME, 2001, p. 89).



Figura 32 – Produtores rurais de Santana em 1924
Fonte: Dirce G. Vitti (arquivo pessoal)

Devido à falta de meios de transportes para escoamento e comercialização de outros produtos provenientes da agricultura praticada no bairro até então, fizeram com que prevalecesse em Santana, após a década de 1930, o plantio de cana de açúcar em decorrência da proximidade geográfica com a Usina Costa Pinto¹¹⁹.

¹¹⁹ Pertencente atualmente ao grupo Raízen, empresa brasileira de produção de etanol e açúcar. n.a.

O clima do município foi favorável à produção de cana-de-açúcar em decorrência da variação temporal de chuva, temperatura e radiação solar que favorecem tanto as condições de colheita como de maturação, além dos solos, que são adequados para essa cultura (BARRETO et al., 2006).

Com os desmembramentos de terras, devido à divisão das heranças, muitas das propriedades não eram mais suficientes e inúmeros habitantes do bairro passaram a trabalhar na indústria da cidade de Piracicaba. Houve, também a partir da década de 1960, um aumento das terras arrendadas para a Usina, bem como a busca por trabalho na lavoura de outros proprietários.

“Nóis abandonamo” a lavora. “As familia era” grande, o sítio foi ficando pequeno, “começo” a familia cresce e tudo que você produzia... era muita gente não dava. Na época a gente plantava a cana né? O arroz “prá” consumo próprio, o milho, a gente criava porco... galinha, plantava o feijão, era tudo “prá mantê”. Depois quando “começo” a “afunilá” e o dinheiro não sobrava... o que “cê faiz”? Vai “fica” aí. “Tivemo” que ir embora, trabalha na cidade, na indústria.¹²⁰

Mediante todo o contexto histórico do bairro é possível afirmar que o que sempre deu sustento econômico à comunidade foi a produção de cana-de-açúcar, que mesmo sendo produzida por poucos moradores na atualidade, é o único cultivo em escala comercial. Uma das moradoras relembra como era no passado e um dos fatores que levaram a insuficiência.

Todos que moravam aqui tinham seu pedaço de terra e produziam a cana, depois, com o passar do tempo a terra foi dividindo e ... acabou quase tudo. Poucos plantam agora... teve muita divisão de terras, e gente indo trabalhar fora.¹²¹

Nas poucas propriedades que ainda há produção são arrendadas para dois moradores do bairro que cultivam cana-de-açúcar com o uso de maquinários pertencentes a eles. A cana é comercializada com as usinas, ficando os proprietários das terras com 20% do valor da colheita.

A comercialização dos produtos agropecuários na área central de Piracicaba foi sempre muito difícil devido à falta de meios de transportes. Poucos moradores tinham cavalos ou carroças. Os primeiros caminhões foram adquiridos no decorrer da década de 1940 e os carros só apareceram no final da década de 1950. A linha de ônibus urbano só passou a atender de forma regular o bairro a partir de 1997.

¹²⁰ W. V., 72 anos. Morador e ex-colaborador nas festas

¹²¹ M. E. V., 74 anos. Moradora e organizadora das festas do bairro de Santana.

Outra condição que não facilitava as atividades agropecuárias era o uso de técnicas antigas até a década de 1930. Utilizavam apenas três instrumentos: a foice, a enxada ou enxadao e o machado, sendo que o principal era o machado para carpir o café e derrubar o mato” (LEME, 2001, p. 96).

Mesmo diante da falta de produção para o mercado, praticamente todas as casas de Santana têm horta e criação de animais, principalmente galinhas. Em algumas também há pomar, no qual se cultiva poucas espécies. As principais são banana, abacate, manga, laranja, limão, além de milho e mandioca.

Há também tentativas de cultivo de uva em três propriedades, mas a escala de produção é pequena e não atende à demanda da cooperativa de vinho que há no bairro. Em Santana a produção de vinho sempre foi uma tradição, fosse a partir da uva comprada no Rio Grande do Sul, ação mais recente, ou a partir das próprias parreiras plantadas no fundo do quintal. Os moradores nunca produzem o vinho no período de Lua cheia, porque os torna de péssima qualidade.

Nossos nonos trouxeram essa raiz também, esse incentivo da uva, do plantio, então geralmente nas casas, todo fundo de quintal tinha sua parreira, sua uva para o seu gasto, para a família.¹²²

Essa tentativa de plantio da uva faz parte de um projeto maior que visa o resgate da tradição de agricultor entre os moradores mais jovens. Para que esse projeto seja executado com êxito será arrendado um terreno e nele serão cultivados aproximadamente 5.000 parreirais e construída a nova sede da Cooperativa, que já não comporta de maneira adequada a fabricação atual de vinhos, espumantes, sucos e geleias.

O cultivo da própria uva deverá também acontecer por precaução, uma vez que os cooperados estão com dificuldades de negociar a compra da fruta¹²³, realizada na região Sul do país entre os meses de novembro e dezembro pelo técnico contratado por eles. A fim de realizarem o projeto da melhor forma possível, os cooperados estão fazendo cursos ofertados pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE).

Como há pouca produção, nenhuma indústria e nem fábrica, Santana é considerada como um “bairro dormitório”, pois no decorrer dos dias da semana só se encontra uma parcela da população, constituída em sua maioria por habitantes mais idosos e aposentados.

¹²² D. G. V., 66 anos. Moradora e organizadora das festas.

¹²³ O desabastecimento de uva tem acontecido em decorrência da demanda pela fruta para a produção de suco, que está aumentando a cada ano devido ao consumo interno e exportações. n.a.

Nem mesmo as difíceis condições de infraestrutura no decorrer da história do bairro representaram um fator determinante para que as famílias de lá saíssem. A luz elétrica chegou à Santana na metade da década de 1950¹²⁴, a água encanada na década de 1970, porém ainda há muitos moradores que utilizam poço artesiano. O asfalto, que era uma reivindicação antiga e promessa de várias campanhas dos políticos que passaram pelo bairro, só foi feito em 1996, e ainda de maneira parcial, pois nem todas as ruas possuem pavimentação.

Nunca houve em Santana uma preocupação com o alinhamento das ruas, acompanhando em grande parte as subdivisões do terrenos das distintas famílias e em alguns casos o declive do relevo. As casas no princípio eram simples com estruturas de pau-a-pique e de madeira. Somente com o decorrer dos primeiros anos é que passaram a serem construídas com tijolos, provenientes da olaria construída no bairro. Hoje a grande parte das moradias são casa bem construídas, com estruturas adequadas e algumas com espaços para entretenimento e lazer das famílias (churrasqueiras, fornos e fogões à lenha, piscina). Muitas não possuem portões e nem grades, o que denota a falta de criminalidade no bairro.

As vendas que existiam em Santana representavam um meio de socialização e fonte de comunicação, pois era ali que as notícias eram transmitidas, incluindo as de outros lugares e do Brasil. Outras formas de socialização e entretenimento acontecia por meio das práticas esportivas, principalmente a bocha e futebol. Porém estas sempre foram exclusivas para os homens, às mulheres só cabia torcer quando a disputa era considerada mais importante. Uma das poucas possibilidades que as mulheres tinham de participar, era quando o circo ficava alguns dias em Santana

Até a década de 1980 o sistema de comunicação do bairro era bem restrito, havia uma única linha telefônica, que ficava em um dos armazéns; a pessoa que atendesse a ligação anotava o recado que era posteriormente repassado ao morador. Para receber correspondências a população pagava coletivamente uma caixa de correio.

“Mai” era “dificir” consegui “fala” com a cidade. Quando tinha recado importante “vinha” logo “arguém fala”... “prá ligá” era mais “facir”... duro era recebe ligação... o recado “prá nois”. Hoje tudo tem telefone “nas casa” ... celular, tudo “facir” hoje né?¹²⁵

¹²⁴ Por influência do vereador da época, Guilherme Vitti, que era nascido no bairro. n.a.

¹²⁵ M. B. G., 84 anos. Moradora e ex-colaboradora nas festas.

Parte dessa condição de não admitirem sair do bairro por nenhum motivo, é também em função da integração que há entre os habitantes e o desejo da conservação da cultura e do modo de vida.

Dentre os elementos da cultura, é possível destacar a música, que sempre fez parte do cotidiano da população (ULRICH, 2002).

A música sempre fez parte da vida dos tirolezes de Piracicaba, pois não existe festa ou reunião sem que algumas pessoas se juntem e se coloquem a cantar as músicas trazidas pelos imigrantes. A origem dessas músicas [...] vem da época da colheita onde os antepassados se reuniam, faziam festas e cantavam por essa época “abençoada” (GIRALDELLI, 1992, p. 91).



Figura 33 - Foto da Banda de Santana na década de 1930
Fonte: Leme (2001)

Atualmente Santana possui uma banda com integrantes da comunidade, que promove música trentina e variadas, participando de todas as festas do bairro. Mas a banda do passado deixou muitas saudades nos moradores, e ainda é motivo de orgulho pelo fato de ter sido formada em uma época em que a instrução era pouca.

Hoje tem uma banda que toca, “mai num” é igual a antiga. Antiga, que tocava os “véio” daqui. Até eu falo “oie” aquele tempo esses “véio” aí, nenhum deles tinha faculdade, nenhum deles era estudado... e eles “tocava” o instrumento de cada um tudo “oiando” na nota. Aprendeu com maestro né? Tinha um maestro que vinha “insiná” eles. E “aprendero” com o maestro, “mai” era tudo na nota. E agora tanta

*mocidade que tem, tanta gente que tem estudando, “num” é “capai” de “pegá” um instrumento e “começa” a “tocá”.*¹²⁶

Outro aspecto do bairro foi ter perpetuado o casamento entre parentes durante muitas décadas, principalmente entre primos, a endogamia. Essa situação aconteceu primeiramente porque não sabiam falar o português e também pela falta de mobilidade, que eram restritas e difíceis. Outro fator é que os homens da comunidade tinham preferência pelas mulheres do lugar, pois as consideravam trabalhadeiras, honradas, honestas e praticantes da religião católica.

O próprio afastamento do núcleo urbano do município de Piracicaba nos permite apontar que a união entre os parentes foi um dos principais fatores para um vínculo/união maior entre os habitantes dos bairros.

Observando a trajetória social deste grupo étnico específico, percebe-se que, num período de mais de um século, aspectos como a conservação do domínio do dialeto - percebido pelo forte sotaque arrastado até nas crianças ainda hoje; a preservação de hábitos e costumes demonstrados no cotidiano, através da culinária; da música e do lazer; as relações familiares; a forte religiosidade; denotam a preservação da cultura originária [...] (ULRICH, 2002, p. 25).

A religiosidade é outro elemento que sempre foi aglutinador da comunidade. A religião católica é a única a ser praticada de forma notória no bairro, não havendo praticamente espaço para a introdução de outra religião. Caso algum morador queira cultuar outra crença de forma explícita, terá de fazê-lo fora do bairro. Sobre a predominância hegemônica do catolicismo, quando questionamos os moradores sobre a prática de outras religiões, recebemos como resposta sempre uma negação de que eles não permitem.

*Não, aqui não tem outra religião que não a católica, “nóis” não permite, “num dexa”. Se quiser ter, não tem problema, mas aqui no bairro não*¹²⁷.

As festas e encontros (batizados, casamentos, comunhão etc.), promovidos pela igreja nos bairros rurais sempre representaram para os moradores um momento de socialização. Especificamente para as mulheres esses eventos sempre foram muito importantes, já que no bairro sempre houve poucos lugares para o encontro delas. Algumas décadas atrás uma das exceções acontecia em Santana quando as moradoras iam lavar roupa, pois existia ali uma caixa d'água grande, com uma bica, na qual as mulheres se encontravam para realizar a tarefa. Nessa

¹²⁶ W. V., 72 anos. Morador e ex-colaborador nas festas

¹²⁷ D.V. 67 anos. Morador e colaborador nas festas.

ocasião as mulheres se reuniam para conversar, contar as novidades e de certa forma se distrair dando risada.

O comércio do bairro hoje é constituído por uma cantina, que funciona somente aos finais de semana; um minimercado; uma venda e uma padaria, todos localizados no núcleo. Santana ainda possui um posto de saúde que conta com a presença diária de uma médica e duas enfermeiras. Essas, além de executarem o trabalho na unidade de saúde, percorrem todo o bairro exercendo um controle preventivo de doenças.



Figura 34 – Posto de Saúde do bairro de Santana

Fonte: Arquivo da autora (2016)

Santana possui uma Associação de Moradores criada em 1986 e que atua para melhorias do bairro junto a órgãos administrativos municipais e também auxilia na execução das festas. Possui seu próprio estatuto e muda a cada dois anos seu presidente, vice e membros. A cada nova eleição são formadas chapas, havendo em alguns anos chapa única.

A partir de 1977 e com maior ênfase depois de 1993, quando foi celebrada a festa do centenário da chegada à Santana, houve uma busca em recuperar as tradições. É também a partir desse ano, um impulso para se criar uma cooperativa do bairro, tendo em mente o perfil da comunidade. O objetivo é que não fosse associada somente à produção de vinho¹²⁸, mas voltada à cultura dos antepassados de forma mais abrangente, retratando todos os aspectos das tradições conservadas até então, principalmente pelas danças e músicas trentinas.

Nesse evento houve a criação do símbolo da comunidade, o “macinho de flor”. Trata-se de um buquê de flores do campo que faz alusão a música *Massolin di Fiori*¹²⁹, muito cantada

¹²⁸ Vinho de uva, já que no bairro é também produzido em menor escala o vinho de laranja. n.a.

¹²⁹ Anexo A.

pelos imigrantes e seus descendentes desde o início da formação do bairro e que remete a paisagem montanhosa da região de Trento.



Figura 35 – Símbolo do bairro de Santana

Fonte: Dirce G. Vitti (arquivo pessoal)

O laço do símbolo de Santana representa a fé, o amor e a união, tripé tido como fundamental para o desenvolvimento e manutenção da comunidade. A flor que está no laço é a *stella alpina*, típica da região de Trento na Itália. As cores azul e amarela representam a bandeira de Trento – Itália. O verde, vermelho e branco faz alusão a bandeira da Itália e o verde, amarelo, azul e branco simboliza a bandeira do Brasil.



Figura 36 – Vista do bairro de Santana no ano de 1987

Fonte: Diário de Piracicaba (1987)¹³⁰

¹³⁰ Diário de Piracicaba. **Vista do bairro de Santana em 1987**. 28 ago. 1987. 1 fotografia, p&b.



Figura 37 – Vista do Bairro Santana no ano de 2017
 Fonte: Dirce G. Vitti (fotografo Davi Negri¹³¹)

Dentre as tradições que resistiu ao tempo está o mutirão. Realizado de maneira ampla nas festas, ele também acontece em outras ocasiões, como na construção da igreja, do salão de festas e no centro da catequese. A igreja foi construída em 1965, mas foi inaugurada oficialmente, após ampla reforma, em 2015. O sistema de mutirão foi imprescindível para a sua finalização. Para tanto foram realizadas rifas, eventos, colaborações, doações, campanhas e pagamento de carnês.



Figura 38 – Mutirão para a construção da Igreja na década de 1960 – bairro de Santana
 Fonte: Dirce G. Vitti (arquivo pessoal)

¹³¹ NEGRI, Davi. **Vista do Bairro de Santana** [Evento de comemoração aos 140 anos da chegada da Família Vitti ao Brasil]. 2017. 1 fotografia, color.



Figura 39 – Inauguração da Igreja em 1965 – bairro de Santana
Fonte: Dirce G. Vitti (arquivo pessoal)

Algumas tradições não resistiram ao tempo, como as caças e a prática de bocha. As caças, antes da legislação ambiental¹³², deixaram de ser praticadas em consequência de os animais terem sumido, sendo dois os motivos principais: as queimadas da cana e o uso intenso de agrotóxicos. A cancha de bocha, instalada em área pertencente a igreja, desapareceu em uma das reformas, e deu lugar à construção da sacristia.

Muitas das tradições dos habitantes do bairro, devido às transformações do espaço e a influências do modo de vida urbano, acabaram se modificando. Essas mudanças, pela qual passa toda e qualquer sociedade, acabou originando um alerta, e receio, na comunidade de Santana, que passou a ter como objetivo a perpetuação da cultura do bairro, criando, assim, uma espécie de defesa frente ao temor que há de que as novas gerações se esqueçam das histórias e das conquistas dos *nonnos*¹³³ e *nonnas*.

Visando manter a cultura e desenvolver a atividade turística no bairro, no ano de 2013 foi feita uma parceria entre a Secretaria de Turismo e o Sindicato Rural de Piracicaba (Sindirp) por intermédio do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR) para promover um curso de Turismo em Área Rural. Alguns moradores participaram mais a atividade não foi implementada de forma abrangente. Nessa ocasião foi instalada a Cantina Tirolesa.

5.6.1 Paróquia Santana

Santana foi assistida desde o seu começo pelos frades capuchinhos, de origem trentina, que além de frequentarem a comunidade prestavam orientação à população.

¹³² Lei N° 5.197, de 3 de janeiro de 1967. Lei federal que regulamentam o Código de Caça e a proteção à fauna (BRASIL, 1967).

¹³³ Adaptação da língua portuguesa para o plural de avô. n. a.

Baseado em fortes regras morais, calcado na idéia do pecado, os tirolezes preocuparam-se em salvaguardar sua fé; os casamentos ocorriam internamente, entre primos e tinham o apoio das famílias e o respaldo nas leis eclesiásticas. Essa rigidez, sem dúvida, contribuiu para uma formação religiosa sólida das futuras gerações (ULRICH, 2002, p. 26).

Quando os primeiros imigrantes compraram as terras da Fazenda Sant'Anna, não havia no lugar nenhuma capela. As rezas então eram feitas nas casas. O início da construção da primeira igreja só aconteceu a partir de 1929, e o lugar escolhido foi no centro do bairro, em terreno doado por Paulo Vitti e seus filhos. A benção da igreja e a primeira missa só foram realizadas pelo Cônego Gerônimo Gallo em 27 de junho de 1929¹³⁴.



Figura 40 – Missões realizada no bairro de Santana em 1942. Ao fundo a antiga igreja
Fonte: Dirce G. Vitti (arquivo pessoal)

A partir de 1962 a comunidade decidiu derrubar a edificação da igreja e fazer outra, devido aos problemas de estrutura. No dia 29 de julho de 1962 foi rezada a primeira missa. Desde então inúmeras melhoras foram realizadas por meio da mobilização de toda a comunidade, que sempre contribuiu trabalhando, doando dinheiro, material e até mesmo parte da produção do cultivo de cana.¹³⁵

Uma das funções da igreja sempre foi promover a assistência e fraternidade entre seus membros e pessoas de fora da comunidade. Atualmente são feitas doações de alimentos todo

¹³⁴ VITTI, Maria Emília. Cinquenta anos de inauguração da Igreja 26 de setembro de 1965. 4 p. Trabalho não publicado. 2015.

¹³⁵ Id. Ibid.

primeiro final de semana do mês e são encaminhados para outras paróquias da região, pois nenhuma família do bairro do Santana precisa desse amparo. Caso alguma família necessite, a assistência é feita entre os moradores/parentes sem necessidade de acionar a igreja.



Figura 41 – Igreja de Santana no ano de 2015
Fonte: Arquivo da autora (2015)

5.6.2 Escolas em Santana

Em 1923, por meio da intervenção e iniciativa de “Zia Maria”¹³⁶, moradora de Santa Olímpia, e de José Vitti, morador do Santana, foi construída, em terreno doado pela família Vitti a primeira escola do bairro de Santana, na divisa com o bairro de Santa Olímpia, denominada de “Escolas Reunidas de Sant’Ana”. A unidade escolar era constituída de cinco salas e atendia aos dois bairros, além das crianças da Fazenda Negri. Antes dessa construção as crianças recebiam o ensino em casa (LEME, 2001).

¹³⁶ Codinome de Maria Correr Stenico, líder comunitária no bairro nas décadas de 1920 e 1930. n.a.



Figura 42 – Escola Reunidas de Sant’Anna no ano de 1923 – prédio demolido em 1966
 Fonte: Fonte: Dirce G. Vitti (arquivo pessoal)

A comunidade de Santana sempre usou o dialeto tirolês, inclusive na escola, porém, com a nacionalização do ensino, a partir da década de 1940, houve a proibição por parte do governo do uso de língua estrangeira, generalizando a conversação em português. Essa condição não mudou o hábito dos mais idosos, mas com o passar do tempo, mediante a proibição, esse deixou de ser usado pelas gerações que nasceram depois dessa década (ULRICH, 2002).

A partir de 1944, por meio do Decreto n.º 14.058 de 28/06/1944, a escola passou a ser chamar “Grupo Escolar Dr. Samuel de Castro Neves”. O nome foi uma homenagem ao então deputado estadual por esse ter realizado uma gestão satisfatória aos bairros de Santana e Santa Olímpia. O primeiro prédio foi demolido em 1966, devido às precárias condições de sua edificação, e uma nova unidade escolar foi construída. A escola voltou a funcionar no ano de 1967, em área cedida por Lázaro e João Gobeth, moradores do bairro de Santana (E.E. DR. SAMUEL DE CASTRO NEVES, 2012).

O novo prédio escolar foi inaugurado no 1º dia de agosto de 1967, com o reinício das aulas aos dezesseis dias de fevereiro de 1968. Nos anos subseqüentes à inauguração, esta Unidade Escolar passou por quatro alterações, sendo elas: Escola Estadual de Primeiro Grau “Dr. Samuel de Castro Neves” (Res. SE nº 23/76, publicada em 28/01/76), Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau “Dr. Samuel de Castro Neves” (Res. nº 92/88 publicada em 10/05/88), Escola Estadual de Primeiro Grau “Dr. Samuel de Castro Neves” (Res. SE nº 98/95 publicada em 03/05/95) e Escola Estadual “Dr. Samuel de Castro Neves” (Parecer nº 67/98, publicado em 21/03/98). A escola atendeu Ensino Regular de 1º e 2º Grau, Ensino Supletivo 1º e 2º Grau,

- Telessala Ensino Fundamental e Ensino Médio, suprindo as necessidades da comunidade (E.E. DR. SAMUEL DE CASTRO NEVES, 2012¹³⁷).

Hoje a Escola atende Ensino Fundamental I e II e Ensino Médio. Desde o ano de 1996 funciona também no bairro uma escola de ensino infantil, E.M.E.I. Santana, que atende crianças entre 3 a 5 anos de idades (Maternal e Jardim). Dessa forma os moradores só necessitam sair do bairro para estudarem a partir do ensino superior, ou se desejarem fazer cursos técnicos e de formação complementar.



Figura 43 – E.M.E.I. Santana
Fonte: Arquivo da autora (2016)

5.6.3 *Circolo Trentino di Piracicaba*

Juntamente com o bairro vizinho de Santa Olímpia, são considerados a única comunidade tipicamente trentina do Estado de São Paulo (ULRICH, 2002). O fato dos descendentes serem da região de Trento oportunizou que Santana faça parte do Círculo Trentino (*Circolo Trentino del Brasile*), que são entidades formadas pelos descendentes brasileiros desenvolvendo um trabalho de conservação da cultura trentina. A sede do *Circolo Trentino di Piracicaba* fica no próprio bairro desde o ano de 1987, quando foi criado. Há a intenção de se construir no local uma Casa da Cultura com exposição de acervo dos antigos moradores¹³⁸. A fim de comemorar a criação do *Circolo*, todos os anos no mês de maio é realizado o Jantar Trentino.

¹³⁷ Documento sem paginação.

¹³⁸ Algumas peças, objetos e documentos já foram conseguidos para compor o acervo. n.a.



Figura 44 – Sede do *Circolo Trentino di Piracicaba* – bairro de Santana
 Fonte: Arquivo da autora (2015)

Foi a partir da fundação do *Circolo Trentino di Piracicaba* que se criou a oportunidade de intercâmbio¹³⁹ e também da valorização da cultura que essa comunidade carregou desde que as terras da Fazenda Sant'Anna foram adquiridas. A partir de sua estruturação a comunidade passou a receber vários materiais da *Assoziacione Trentini Nel Mondo*¹⁴⁰ que auxiliam compreender a cultura trentina.

[...] um dos objetivos do Intercâmbio Cultural para a Província de Trento era incentivar os estudos agrícolas de uva, morango e maçã, os quais são produzidos à região de Trento. Porém, a região de Piracicaba produz cana-de-açúcar e, além disso, os jovens daquela época de 1987, não tinham mais interesse em continuarem com o trabalho rural, e sim chamarem a atenção da *Assoziacione Trentini Nel Mondo* para os aspectos culturais da comunidade tirolesa de Piracicaba (LEME, 2001, p. 204).

No ano de 1987 aconteceu o primeiro encontro entre alguns membros da Família Vitti de Santana com os parentes residentes em Cortezano (Trento – Itália). Santana também passou

¹³⁹ Viagens de aproximadamente um mês de estadia em Trento. O pré-requisito para poder participar era falar a língua italiana. n.a.

¹⁴⁰ A Associação promove e gerencia atividades em apoio dos direitos econômicos, sociais e culturais dos imigrantes. Colabora com o resgate da tradição trentina e facilita os contatos e relações entre as comunidades no exterior e sua terra natal. Todos os projetos têm como objetivo a emancipação dos emigrantes trentinos e seus descendentes. n.a.

a receber os parentes trentinos que vieram no ano de 1988. O reencontro aconteceu após 110 anos e por meio dele novas e fortes relações se estabeleceram.

Muitos dos costumes dos antepassados ainda são praticados, modificados ou não, em maior ou menor grau, no dia-a-dia e de maneira bastante evidente quando são realizadas as festas. Leme (2001) atribui que parte das modificações que ocorreram foi uma forma das gerações mais novas poderem participar das tradições e costumes da comunidade e também de obterem um orgulho de serem parte dessa cultura. É possível afirmar, portanto, que as viagens à Itália contribuíram para emoldurar a identidade e a cultura evidenciada pelo bairro hoje.



Figura 45- Grupo de parentes residentes em Trento – bairro de Santana
 Fonte: Fonte: Dirce G. Vitti (arquivo pessoal)

5.6.3.1 Monumentos e simbolismo de Santana: exaltação às origens

Outras formas de identidade existentes no bairro estão relacionadas à existência de elementos concretos. Essas formas simbólicas são construções materiais que geralmente representam eventos passados e compõe a paisagem de lugares públicos associados à temas diversos como poder, celebração e até mesmo conflitos. Os monumentos apresentam “[...] forte potencial para perpetuar antigas tradições, fazer parecer antigo o que é novo e representar valores que são transmitidos como se fossem de todos” (CÔRREA, R., 2013, p. 74).

O monumento, inaugurado em 1993, quando aconteceu a Festa do Centenário da compra das terras da Fazenda Sant’Anna, representa as famílias que fundaram o bairro. A idealização, o projeto e a execução são de autoria da comunidade de Santana, que prestou uma homenagem inserindo o bairro de Santa Olímpia. A obra está localizada na entrada dos bairros, próximo à estrada, em localização que amplia o potencial simbólico do espaço e deixa notório o objetivo de exaltar a história da imigração e da comunidade.

Côrrea (2007, p. 09) explica que “uma forma simbólica tem uma localização absoluta, um sítio onde ocorreu um dado evento considerado significativo ou que se deseja transformar em local de celebração, contestação ou memorialização, por apresentar um potencial positivo para este fim”. A entrada do bairro foi considerada um desses lugares de celebração e memória.

No ano de sua inauguração foi a ocasião em que se escolheu o símbolo de Santana, por meio de um concurso feito no bairro. Nessa data também aconteceu o lançamento da frase comemorativa: “Esperança de uma vida nova”.



Figura 46 – Monumento na entrada dos bairros Santana e Santa Olímpia
Fonte: Arquivo da autora (2016)

A ponta do monumento representa as mãos postas dos imigrantes e de seus descendentes, sinal da fé, da religiosidade e da adoração a Deus. As flechas simbolizam as direções tomadas pelos imigrantes ao formarem os dois bairros. A águia que há na extremidade representa o símbolo oficial da região de Trento (Itália). A base significa o joelho dos patriarcas, que no caso de Santana foi Bortolo Vitti. Há o símbolo de Santana, *Massolin di Fiori*; duas alianças que representam a união dos bairros com o Brasil e a Itália. As inscrições estão em vermelho e simbolizam uma das cores da bandeira da Itália; o contorno do monumento em

verde é em homenagem à bandeira do Brasil. O monumento, feito pelo escultor piracicabano Marco Antonio Cavallari, contém ainda a frase *'Benvenuti alle comunità trentine'* (bem-vindo à comunidade trentina).

Outra obra simbólica do bairro localiza-se na entrada da igreja. Trata-se de um grande mosaico retratando a saga de seus fundadores. O mosaico foi feito em 1993 pelo artista piracicabano Osvaldo Perón, outro elemento de comemoração do centenário da chegada das famílias ao lugar. No Quadro 15 segue a descrição dos elementos contidos nele.



Figura 47 – Foto do Mosaico que retrata a saga dos fundadores do bairro de Santana

Fonte: Arquivo da autora (2015)

Quadro 15 – Descrição dos elementos do Mosaico da Figura 50

| |
|--|
| 01 – Ano de 1877 – partida da terra natal - Cortesano |
| 02 – Três montes da região de Trento: Vigo Meano, Gazzadina e Cortesano ¹⁴¹ |
| 03 – Vegetação típica de Trento |
| 04 – Olhos com lágrima – tristeza de partir |
| 05 – Produção de uva |
| 06 – Bandeira da Itália |
| 07 – Navio <i>Nord America</i> |
| 08 – Rosto na proa do navio – o “olhar” pelo futuro e a esperança de uma vida nova |
| 09 – Chegada ao Rio de Janeiro – Baía de Guanabara |
| 10 – Município de Santos e município de Campinas - Fazenda Sete Quedas |
| 11- Cafezais |
| 12 – Peixe simbolizando o município de Piracicaba |
| 13 – Charrete com o casal Bortolo e Maria Vitti – chegada à Santana |
| 14 – Produção de cana-de-açúcar e algodão |
| 15 – Produção de milho |
| 16 - Igreja em 1929 |

Fonte: elaborado pela autora.

¹⁴¹ O símbolo dos Três Montes é reproduzido em vários lugares do bairro de Santana. n.a.

6 DETALHANDO E DESCRREVENDO AS FESTAS

A temática sobre festas foi abordada no quarto capítulo, sob o viés teórico. Neste capítulo, voltamos ao tema, descrevendo e detalhando os principais eventos realizados pela comunidade de Cascalho e Santana. Na atualidade, para compreender as festas é necessário retroceder ao passado e analisar os aspectos e elementos que perduraram, caracterizando as tradições.

De acordo com Montes (1998, p. 158) as festas no Brasil, estruturadas a partir da realidade colonial, se reproduziram como forma de sociabilidade e união das diferentes raças, etnias e culturas. Elas tinham como pressuposto ensinar a hierarquia social e o lugar de cada um, mas também pretendiam demonstrar a existência de “[...] uma forma de igualdade radical de todos frente ao reino de Deus, instituindo assim uma ética da reciprocidade, que impunha a solidariedade entre os iguais, bem como obrigações de retribuição, ainda que assimétricas, entre os desiguais”.

Outro preceito histórico, que nos ajuda a compreender a constituição atual, foi em razão da colonização europeia que houve no Brasil. A Europa foi um centro difusor da religião católica para o mundo e influenciou o culto e devoção dos Santos. No Brasil, esses santos passaram a ser padroeiros de inúmeros lugares e receberam homenagens, honrarias e festas (D´ABADIA, 2010, p. 95). Vale ressaltar, ainda, que para as comunidades agrícolas as colheitas sempre foram associadas às celebrações, e, devido à prática do catolicismo, aliadas aos dias dos Santos e Santas. Dessa forma,

[...] o homem ao apreciar o resultado da colheita, sente necessidade de agradecer à própria Natureza a dádiva fecunda da terra. É o grande agradecimento do lavrador.

A festa confunde-se com a cerimônia, a alegria com o culto; o entusiasmo com a sincera congratulação.

As festas tipicamente agrícolas usufruem essa dupla feição: hierática e lúdica. Os lavradores rezam e se divertem. Unem a oração à cantiga, a fé à recreação (RIBEIRO, 1977, p. 75).

Outro aspecto que prevalece até hoje é que “a maioria das festas reforça a diferenciação das categorias sociais”, evidenciando os que são considerados “de fora” e “de dentro” do grupo. No decorrer deste capítulo e do próximo, relatamos esse tipo de consideração, tendo como objetivo compreender as ações das diferentes hierarquias dos grupos enredados: organizadores, executores, colaboradores e visitantes. Pois cada grupo tem uma intencionalidade ao participar das festas.

Sobre a intencionalidade que há nas festas realizadas em Cascalho e Santana é notório que se busca inserir e demonstrar elementos que caracterizam o que as comunidades consideram como tradições. É importante pontuarmos que as tradições italianas, evidenciadas por eles, foram, na verdade, moldadas em nosso país, pois “numa Itália que se unificara (de direito, em 1870), aquelas populações, quando vieram para o Brasil, não se sentiam italianos num sentido genérico, mesmo porque não havia uma identidade nacional elaborada e determinante ainda, como não existe ainda hoje” (SANTOS; ZANINI, 2008, p. 261). Em grande parte, essas buscas passaram a existir nas últimas décadas, quando grupos de moradores dos bairros passaram a viajar para as regiões de Vêneto e Trento para visitarem os lugares de origem de seus ascendentes.

As festas permitem inúmeras possibilidades de análise, tendo muitos aspectos comuns. Isso posto, é importante salientarmos que não temos a intenção de classificá-las, tampouco de compará-las, pois “uma festa não se permite confundir com outra” (AMARAL, 1998, p. 47). Cada qual tem uma identidade única.

Os elementos elencados para descrever e pormenorizar os eventos partem dos estudos da Geografia Cultural associados à cultura, a vida e ao lugar. Claval (2001, p. 51) acrescenta a importância estudarmos os aspectos culturais aliados a Geografia, pois “os geógrafos evidenciam o papel dos sistemas institucionais de relações sociais na estruturação dos grupos e na organização do espaço, o que melhora, consideravelmente, a compreensão dos aspectos econômicos, sociais e políticos das distribuições humanas”.

Dentre parte dos estudos desenvolvidos pela Geografia Cultural, que são associados diretamente à realização de eventos, há o enfoque sobre os alimentos e bebidas, que fazem parte de todas as festas realizadas pelas comunidades de origem italiana de Cascalho e Santana. Sobre esse tema, Santos e Zanini (2008) afirmam que houve, no decorrer do processo de colonização, introdução de novos elementos na alimentação dos descendentes de italianos, sendo primeiramente negociados no interior dos domínios domésticos, chegando ao uso intenso nas festas religiosas.

Em suma, os domínios da comida ressaltam o quanto os grupos, sejam étnicos ou não, dialogam com os entornos nos quais se inserem (ou são inseridos) e como, enquanto seres reflexivos e abertos em suas negociações, podem aceitar ou não determinadas novidades e elementos e elaborar, sobre as mesmas, novas ou velhas significações. Desta forma, entendo que, enquanto manifestação de determinados gostos, sabores e texturas, a comida pode ser compreendida, também, como um espaço lúdico, de criação e recriação de significados. E, neste espaço de negociação, as mulheres desempenham um papel fundamental (SANTOS, ZANINI, 2008, p. 276).

Especificamente sobre a inserção e adaptação aos alimentos brasileiros, Alvim (1985) expõe que os imigrantes italianos, desde os mais abastados aos mais pobres, alimentavam-se basicamente de polenta. Em épocas de melhora econômica e produção, eram acrescentados o ovo, salame, verduras. Em relação ao macarrão e ao vinho, que são tão associados aos hábitos alimentares do italiano, tratava-se de um luxo poucas vezes permitido, estando mais presentes nos grupos que plantavam a uva e o trigo.

Cascudo (2004) acrescenta as reais contribuições gastronômicas que os grupos de imigrantes italianos trouxeram ao Brasil:

Trouxeram para a culinária nacional o gosto das massas de farinha de trigo, com molhos espessos e condimentadores, resistindo às seduções da pimenta, e teimando no azeite doce e banha de porco contra o dendê e o leite de coco. Impuseram sua alimentação ao brasileiro, aceitando apenas o sul-americano tomate. O prato italiano veio para as mãos da cozinheira nativa indeformado e manteve-se na integridade sávida [...]

Com base nutritiva em cereais, feitos em sopas grossas, as *polentas* capitosas, as doiradas *ministras*, as massas com a variedade estonteante do *vermicelli* fininho ao grosso *strozzapreti*, que não podia ser engolido facilmente pelos padres, a *pizza* napolitana, o *gnocchi*, *ravioli*, *lasagne*, a valorização do queijo, o arroz gorduroso, *risotto*, o italiano pode defender sua alimentação nacional, vencendo o clima, o clima brasileiro tão caluniado (CASCUDO, 2004, p. 620 e 621).

Associadas ao preparo e degustação dos alimentos, estão as experiências corporais/sensoriais, principalmente os cheiros e os sabores; estes acabam por dar aos lugares parte de suas especificidades, e são associados às lembranças ligadas às comidas locais. Os estudos dos elementos vinculados às experiências corporais/sensoriais também fazem parte das pesquisas da Geografia Cultural (CLAVAL, 2002). Portanto, cabe evidenciar, neste capítulo, como os alimentos e bebidas servidos nas festas são elementos de detalhamento e descrição importantes.

Nesse universo culinário, as mulheres italianas, nas figuras de “*mammas*¹⁴²” e “*nonnas*”, foram protagonistas e exerceram a manutenção pelos gostos, paladares e costumes culinários. Em suas cozinhas, no ensinamento de receitas, passaram muitos valores do universo da comida do dia-a-dia para os seus descendentes (SANTOS; ZANINI, 2008).

As *nonnas* sempre exerceram, no núcleo familiar de suas famílias, uma forte influência, principalmente no aspecto religioso, como guardiãs da moral, dos bons costumes e das tradições. Para as famílias dos bairros, a *nonna* tem, de seus descendentes, muito respeito, em

¹⁴² Plural de mãe em italiano. n. a.

função dos ensinamentos nas áreas da saúde, da formação familiar e da culinária, sendo-lhe atribuído o título de especialista em comidas, principalmente como as “fazedoras de polenta”.

A polenta foi parte integrante da alimentação diária dos descendentes italianos. Esse prato feito de fubá, misturado com água, temperos, óleo ou banha foi muito importante no passado, em uma época que não havia uma diversidade de alimentos. Produzir o fubá, a partir do milho que era plantado pelas famílias dos bairros, o tornou um ingrediente diário para o preparo da comida, diferente da farinha de trigo, que, por não ser cultivada, era cara.

Há os pratos que sempre se destacam, pois, as comunidades atribuem a eles um significado especial, geralmente associado a alguma lembrança, passando a ser definidos como pratos tradicionais. Parte das comidas servidas nas festas dos bairros foram introduzidas a partir das receitas das *nonnas*. São, agora, reproduzidos nos eventos e comercializados como tradicionais. Mesmo sendo atribuído às mulheres o saber culinário, e sendo elas, ainda, a maioria que configura a equipe da cozinha, é importante salientarmos que, hoje, há muita participação masculina.

Outros componentes, considerados tradicionais nos eventos, são as atrações musicais e as peças teatrais. A respeito da teatralização, que ocorre em muitas das festas pesquisadas, Damante (1980, p. 50) nos auxilia a ter ideia do surgimento desse ato, que também é associado à prática religiosa.

[...] são jesuíticas as raízes do teatro paulista em suas versões populares: o auto, o drama, a dança de enredo sagrado. Representavam-se vidas de santos, a Paixão de Cristo, cenas do Velho Testamento e dos mártires. Linha retomada pelo teatro amador, que a partir da expansão ferroviária teve um surto muito vivo, alimentado por uma vasta literatura impressa [...] raras as cidades, paróquias e colégios que não possuíssem o seu teatro, onde conjuntos de amadores representavam dramas sacros ou dramalhões românticos e mesmo clássicos, além de outros inspirados pelos acontecimentos.

A música é outro elemento imprescindível nas festas, seja como forma de diversão, seja como música ritual das missas e procissões. As canções italianas, tocadas e cantadas em todas as festas no bairro de Santana e em alguns eventos de Cascalho, possuem características psicológicas e simbólicas introduzidas com a intenção de modelar o caráter do lugar, e demarcar o evento. Essas canções estão relacionadas ao lugar de origem das primeiras famílias, e sua inserção¹⁴³ nas festas é uma busca de reafirmação de identidade como afirma Carney (2007). O autor ainda esclarece que:

¹⁴³ São canções antigas, que quando foram introduzidas, representaram um aspecto novo. n.a.

Vista externamente, essa associação lugar-música poder servir como um importante componente na formação da percepção e das imagens que “os de fora” têm do lugar em questão [...]”. Entre os residentes, essa associação entre seu lugar e uma música específica pode funcionar como uma fonte de identidade geográfica, talvez até subcultural, bem como uma ajuda para favorecer um sentido de orgulho pelo lugar e um sentimento de ligação com ele (CARNEY, 2007, p. 147).

Já as músicas rituais das religiões são levadas para os ambientes exteriores, em momentos como os da procissão, sempre com a intenção de expandir a maior distância possível, demarcando, dessa forma, os lugares e demonstrando a prática religiosa (FLICKELER, 2008). As procissões, que representam uma forma simbólica de fluxo, reforçam ainda mais essa demarcação no lugar.

Seguindo os preceitos de Ferreira (2006), que enaltece a importância de se compreender a estrutura, a função e o significado das festas, a descrição versa sobre a organização comunitária, os elementos e ações que fazem parte de cada evento. Dentro desse contexto, caberá também detalharmos questões sobre a tradição/renovação, que, para as comunidades, significa perpetuar os elementos e acontecimentos do passado, bem como introduzir o que é considerado tradição da cultura italiana. Ressaltamos que nas duas comunidades as palavras “cultura” e “tradição” são usadas indistintamente. A descrição das festas partirá dos seguintes itens elencado no Quadro 16.

Quadro 16 – Aspectos descritos nas festas

| Itens a serem analisados |
|--|
| Motivo principal da realização da festa |
| Aspectos históricos |
| Tempo de existência |
| Pessoa ou grupo idealizador |
| Responsáveis pela execução |
| Responsáveis pela organização |
| Divisão de tarefas |
| Serviços pagos |
| Parcerias |
| Existência de patrocínio |
| Duração |
| Composição do cardápio (passado e presente) |
| Disposição (espaços utilizados) |
| Atrações |
| Origem dos participantes |
| Número de participantes |

Fonte: elaborado pela autora

Para escolha das festas e eventos aqui relatados, nos atemos nos que possuem maior participação da comunidade e de pessoas dos municípios onde os bairros estão inseridos. Levamos em consideração, também, o fato de serem as mais notórias.

Quadro 17 – Relação dos eventos que são mais notórios

| Bairro | Festa | Realização |
|----------|--------------------------|------------|
| Cascalho | Festa do Milho | Fevereiro |
| | Semana Italiana | Abril |
| | Festas da Padroeira | Agosto |
| Santana | Festa do Vinho | Junho |
| | Comemoração da Padroeira | Julho |
| | Festa dos Imigrantes | Agosto |

Fonte: Elaborado pela autora

Visando ampliar os cenários que encontramos em Cascalho e Santana, também trazemos uma descrição, essa mais concisa, de outros eventos realizados pelos bairros, uma vez que são mais reservados à participação de pessoas da comunidade.

Quadro 18 – Relação das festas mais reservadas à participação da comunidade

| Bairro | Festa | Realização |
|----------|--|-------------------|
| Cascalho | Festa da Befana | Janeiro |
| Santana | Festa da <i>Cucagna</i> | Carnaval |
| | Paixão de Cristo e Concurso de pintura de ovos | Páscoa |
| | <i>Mercadìn de Nadàl</i> | Novembro/Dezembro |

Fonte: elaborado pela autora

6.1 Considerações gerais sobre as festas em Cascalho e Santana

Os eventos são estruturados pelas comunidades dos bairros e, eventualmente, recebem colaboração externa de não residentes. Em todas as festas os organizadores procuram envolver o máximo de pessoas possível na preparação, desenvolvimento e finalização, para tanto é montada com seis meses de antecedência, em média, uma comissão encarregada de sistematizar todos os trâmites que antecedem ao evento. Essa comissão não muda com frequência, mas sempre há pessoas que deixam de participar e outras que ingressam.

Em ambos os bairros é desejável que aumente cada vez mais o número de pessoas que trabalham nas festas, visando, assim, não sobrecarregar os envolvidos nas etapas que fazem

parte do evento, pois, apesar de ter equipes definidas para as tarefas, na falta de algum membro outro acaba por assumir o trabalho, deixando deficitário algum setor. Qualquer pessoa pode ajudar, inclusive pessoas “de fora”. Para algumas funções é necessário participar das reuniões que antecedem aos eventos.

Devido às transformações do espaço dos bairros, que acarretou a diminuição de áreas para cultivos e criação de animais, os alimentos servidos nas festas são quase que exclusivamente comprados em grandes redes comerciais e frigoríficos. Um dos poucos ingredientes produzidos, e geralmente doados pelos moradores, são as verduras, ovos e temperos. No caso de Cascalho, se produz, também, parte do milho para a festa desse cultivo e para o fubá¹⁴⁴ utilizado na polenta da Festa de Nossa Senhora da Assunção. A mandioca ainda é cultivada para fazer os tradicionais bolinhos que levam recheio de carne.

Somente alguns serviços são pagos, como segurança da Festa da Padroeira, em Cascalho, e do Vinho, em Santana. Também são remuneradas as bandas musicais, cantores e, nos últimos anos, o serviço de limpeza para os dias de eventos¹⁴⁵. As verbas repassadas pela prefeitura dos municípios são utilizadas para pagar as atrações musicais e, geralmente, há o patrocínio de empresas, principalmente para as festas maiores.

As divulgações das festas são realizadas de inúmeras formas: por rádio, jornal, material impresso (cartazes, *banners*, *outdoor* e panfletos), pelas redes sociais e televisão. E por aquela que é considerada a forma mais eficiente de todas, o “boca a boca”. Para a Festa da Padroeira de Cascalho, durante vários anos, foi deixada propaganda nas praças de pedágio das rodovias do Estado de São Paulo. Em Cascalho a divulgação das festas foi mais ampla de 1993 a 2014, sob o sacerdócio do Padre Luiz Botteon.

O cardápio das festas não tem mudado nos últimos anos, pois além de ser de comidas consideradas tradicionais pela comunidade, a permanência permite uma melhor previsão de compras dos ingredientes e cálculo dos gastos.

Um dos problemas vislumbrados em relação ao futuro das festas diz respeito à função de cozinhar, que tem sido realizada por moradores mais idosos, havendo pouca ou nenhuma renovação recente. Para as demais atividades, os organizadores apontam que houve progresso, evidenciado pelo aumento de pessoas que estão se envolvendo e participando.

¹⁴⁴ De acordo com os moradores, os grãos do milho são selecionados manualmente e passados duas vezes pela peneira, o que permite obter uma polenta mais saborosa. n.a.

¹⁴⁵ Em Cascalho paga-se, também, pessoas de fora da comunidade para lavar panelas e pratos durante os eventos. n.a.

6.2 Aspectos estruturais e sociais das festas de Cascalho

Para a realização das festas há uma estruturação das equipes de cozinha, arrumação, barracas, compras, balcões de atendimento, churrasco e teatro. O Padre, ainda que não ocupe há muito tempo a função, tem a incumbência de direcionar e realizar os eventos que já fazem parte do calendário da Paróquia, tendo o cargo de Presidente.

Há, também, uma equipe de liturgia, que prepara todas as celebrações religiosas. O objetivo desse grupo é fazer com que o maior número de pessoas participe dos atos e pratiquem o catolicismo nas cerimônias religiosas que são celebradas nas festas.

Antes de cada evento as equipes se reúnem e todos os detalhes são conversados e estabelecidos. Na comunidade existem os denominados festeiros; trata-se de uma equipe encarregada de visitar as casas para levar o cartaz ou convite da festa e solicitar prendas. Essa equipe, formada por homens, geralmente também auxilia nos trabalhos durante festa.

A arrecadação de prendas acontece com bastante tempo de antecedência. Para a Festa de Nossa Sra. Assunção é iniciada três meses antes. Para uma melhor execução do trabalho, o bairro é dividido por setores, os festeiros vão até a igreja, pegam uma lista e passam na área determinada para divulgar e arrecadar. As orações e as novenas, que antecedem algumas festas e comemorações, também acontecem por meio da divisão desses setores.

É pertinente informarmos que, para todas as festas, há patrocínio de empresas, principalmente do município de Cordeirópolis, e também são feitas doações anônimas.

A maior parte dos participantes de fora do bairro são dos municípios de Rio Claro, Limeira, Santa Gertrudes, Araras, Americana e São Paulo. São, geralmente, pessoas que possuem vínculo (laços de família e amizade) com os moradores do bairro. Para a cerimônia de Coroação de Nossa Senhora de Assunção, Cascalho recebe diversas excursões, principalmente do município de Americana e Santa Bárbara do Oeste.

O cardápio possui algumas alterações entre as festas, mas sempre faz parte das quermesses o bolinho de mandioca, a polenta, a leitoa assada no forno de barro e o frango assado com farofa, que são considerados comidas tradicionais, e integram o cardápio há tempos. Atualmente, a leitoa passou a ser servida com farofa e o frango sem essa guarnição.

Os doces, que passaram a fazer parte da Festa da Padroeira a partir da década de 1980, são feitos antecipadamente sob a responsabilidade de três senhoras do bairro, que trabalham em conjunto com outras pessoas, ou não, ficando a cargo delas essa decisão. São produzidos, na maior parte, nas casas das responsáveis, e levados prontos para serem comercializados nas festas. Cada uma executa sua especialidade e utiliza receitas próprias. Todos os ingredientes são fornecidos pela igreja e eventuais despesas são ressarcidas. O doce mais famoso é a

moranga recheada com cocada¹⁴⁶, que passou a ser vendido na Festa da Padroeira a partir do ano 2000. Outras receitas de sucesso, dentre as trinta variedades que fazem parte das festas, são o doce de batata doce, o manjar branco com calda de vinho, o arroz doce, a cocadinha de leite em pó e os bolos recheados.

Todas as festas e comemorações são precedidas de missa e em todas as quermesses acontecem apresentações musicais. Os eventos são feitos no espaço do salão paroquial, que tem capacidade para 1000 pessoas sentadas, e também na praça Luiz Stefanello, onde foram instaladas tendas com mesas e cadeiras. Nos dias de eventos são montadas barracas na área externa para servir alguns dos pratos e sempre é reservado um espaço para vendas das publicações editadas pela Paróquia. Nas quermesses da Festa da Padroeira são montadas barracas de artesanatos.

Em todas as quermesses há um sistema de vendas de fichas nos caixas, não sendo possível adquirir os alimentos e bebidas diretamente nos balcões de atendimento. No último ano, tornou-se possível comprar as fichas com cartão de débito.

Nas imagens adas figuras 51 e 52 constam as estruturas e ocupação do espaço das festas de Cascalho.¹⁴⁷

¹⁴⁶ Originalmente, era uma receita feita no Natal. n.a.

¹⁴⁷ No ano de 2017 a Coroação não foi realizada no campo de futebol, área atrás da Igreja, devido à previsão de chuva e retirada do patrocínio da iluminação.

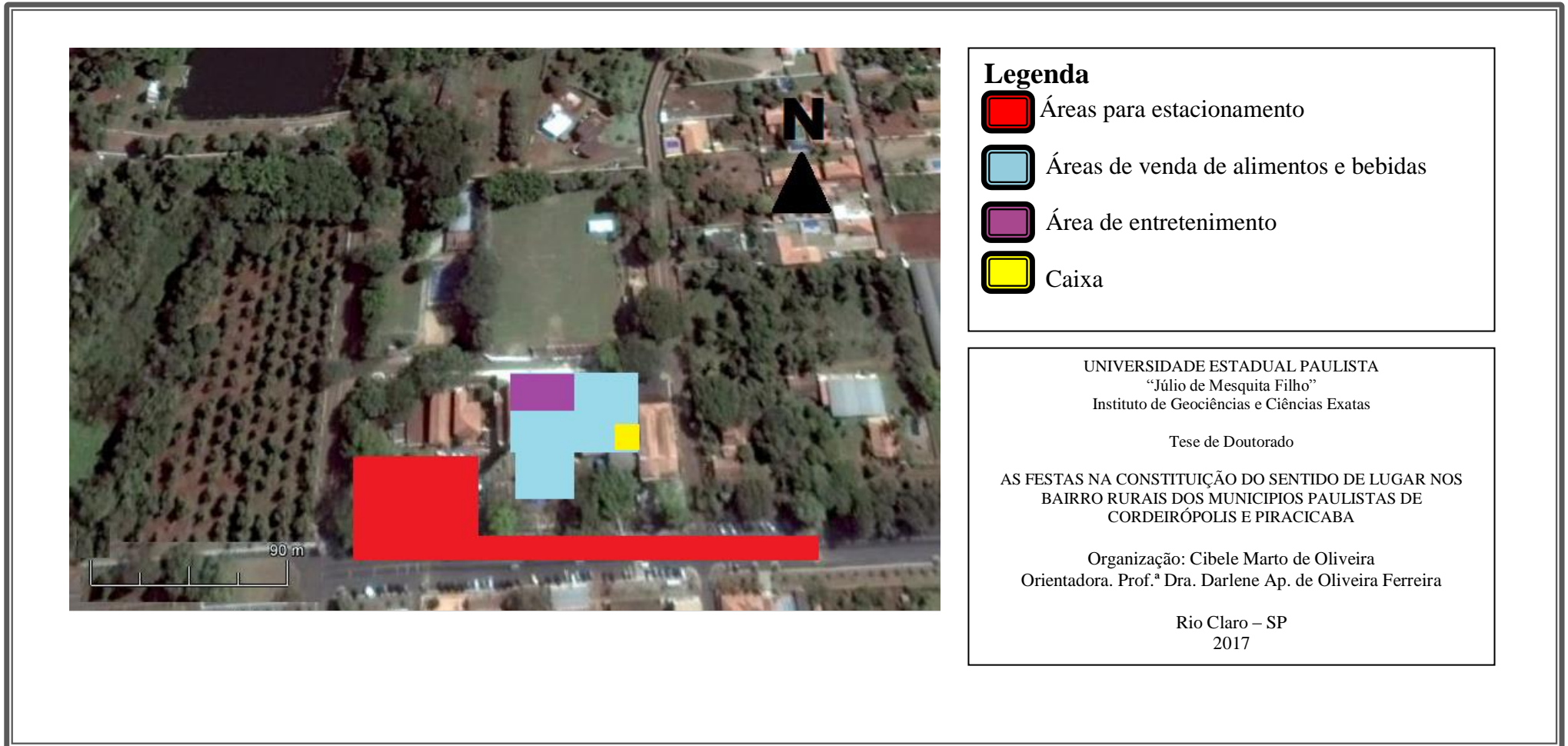


Figura 48 -Ocupação do espaço para as festas de Cascalho
 Fonte: Organizado pela autora - base do Google Maps ([2017]).

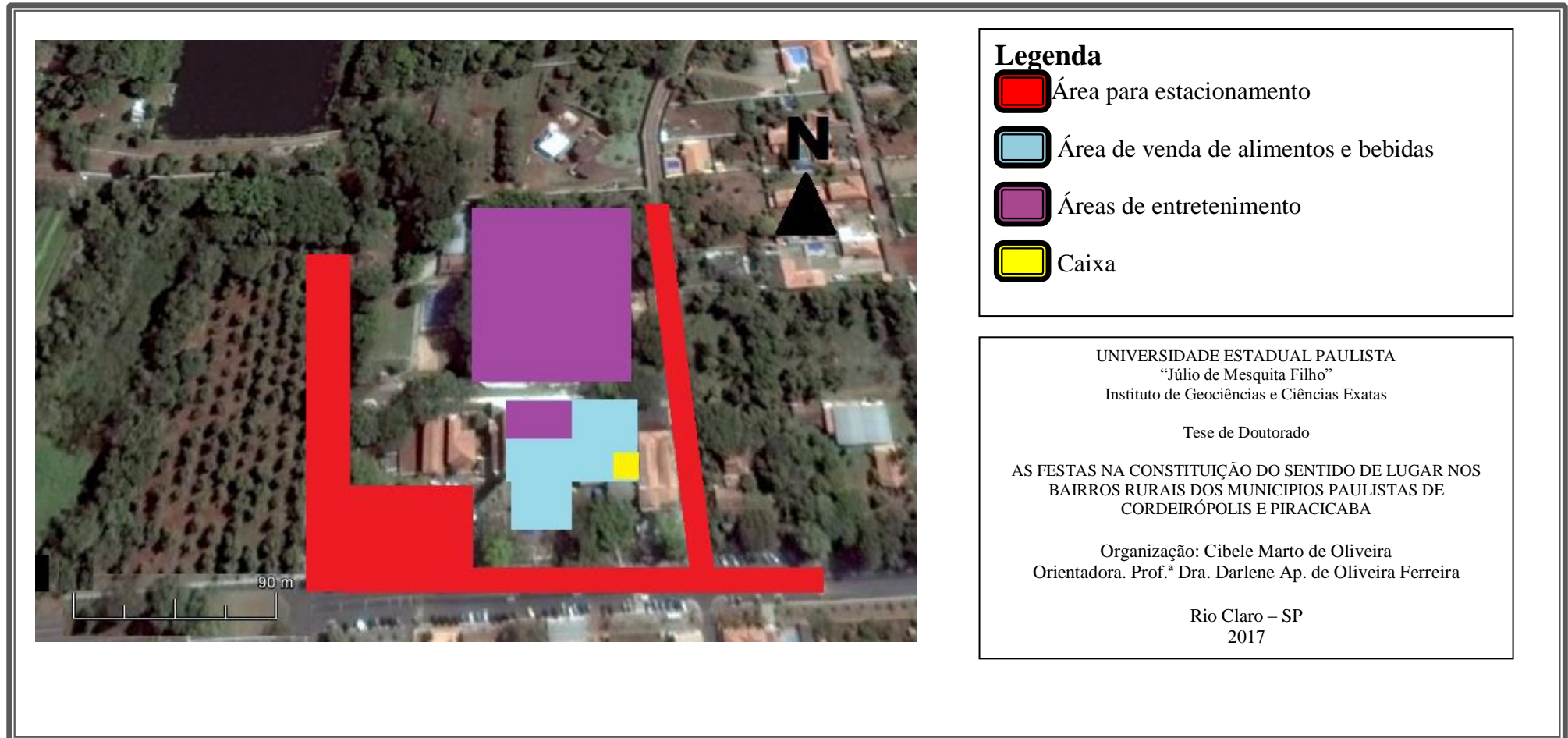


Figura 49 – Ocupação do espaço para Festa da Padroeira
Fonte: Organizado pela autora – base do Google Maps ([2017])

6.2.1 Festas de antigamente de Cascalho

Desde o início da constituição de Cascalho a comunidade realizava festas. Os primeiros habitantes do lugar, imigrantes italianos em sua maioria, sempre foram considerados festeiros. A primeira comemoração a acontecer no bairro foi a de Nossa Senhora da Assunção, celebrada no dia 15 de agosto. Era um dia em que não se trabalhava, dedicado à celebração, rezas e agradecimentos.

A Festa da Padroeira era totalmente organizada pela comunidade, e cada sitiante oferecia aos festeiros o que dispunha para o acontecimento, como leitões, frangos e mantimentos. No dia da Padroeira era costume se reunirem pela manhã, para a missa das sete horas, e às dez, para a missa cantada em latim. À tarde, saíam pelo bairro em procissão, acompanhada da banda e, depois, permaneciam pelas proximidades da igreja e da praça, onde aconteciam os festejos.

O badalar do sino era ouvido o dia todo, anunciando e marcando a importante celebração. O som regular dos sinos em dias festivos e em cultos especiais caracterizam o domínio sonoro que há nas comunidades cristãs e “[...] torna-se quase inequivocamente reconhecível, mesmo para um cego” como pontua Flickeler (2008, p. 18).

A banda que animava as festas, denominada “A Furiosa”, foi uma criação do Padre Luiz Stefanello, e tocou no bairro entre os anos de 1916 a 1958. Enquanto existiu, foi responsável em animar as festas, principalmente a da Padroeira.

*A banda tocava até dentro da igreja [...] quando tinha a festa do dia 15 a banda acompanhava, e depois quando chegava na igreja, abria a porta do meio né? A banda fica tudo lá “prá cantá”, o coro “cantá” e eles “tocá”.*¹⁴⁸

Com a procissão, seguiam os andores de São Benedito e, geralmente, de Santo Antônio. Por ser uma festividade realizada em agosto, um mês com alguns dias chuvosos no Estado de São Paulo, sempre foi uma crença deixar São Benedito “ir na frente”, com o objetivo de afugentar as nuvens de chuva. O andor de Nossa Senhora de Assunção seguia também junto à procissão, durante o sacerdócio do Padre Luiz Stefanello.

O Padre fazia assim: no dia 15 de agosto, que era o dia da Padroeira na frente da procissão ia São Benedito, depois Santo Antônio, São João e só não ia São Pedro porque não tinha a imagem, depois o Padre Antonio reuniu dinheiro e “compró”. Um dia Padre não quis levar o São Benedito, porque elas também foram enfeitar o andor e ele

¹⁴⁸ I. C. P., 83 anos. Moradora e colaboradora nas festas.

“enfezô” lá com a turma, não sei o que a turma “falô prá” ele e ele “dexô” são Benedito na igreja, quando a Santa “chegô” na porta da igreja “prá sai” a chuva desceu.¹⁴⁹

Nesse mesmo dia acontecia a “roletada” na porta da igreja, que funcionava por meio da venda de números, quando todos fossem vendidos, era realizado o sorteio dos prêmios: bolos, animais vivos, além do frango e leitoa assados no forno da antiga padaria do bairro, pertencente à família Rosolem. Alguns moradores também preparavam e assavam as carnes em suas casas, levando-as prontas para consumo e sorteio na igreja. Como esse trabalho era árduo, recebiam ajuda de familiares e vizinhos, e em troca lhes serviam o almoço. Como os imigrantes não conseguiam falar o som da letra “r” da pronuncia do português, era normal ouvir a frase: “vai core”, “vai core” a roletada¹⁵⁰.

Nessa data dos festejos, na primeira missa do dia, celebrada às sete horas, acontecia a primeira comunhão¹⁵¹ das crianças (7 e 9 anos) que haviam frequentado as aulas de catecismo, durante o decorrer de um ano. Divididas por gêneros nas naves da igreja, recebiam a comunhão do Padre Luiz.

A primeira comunhão das crianças era de...60...70 “criança”. Quando “nois fizemo” a primeira comunhão aí, quando eu tirei o Padre Luiz costumava assim: “os banco”, não era “esses banco aí” era um banco antigo e colocava de cima embaixo até da porta e lá no altar e “os banco” virado “prá” cá [gesticulando a direção], dos “dois lado”, ficava um corredor. Ali um lado era “as menina” e um lado era “os menino”. E ele ia dando a comunhão para “as criança” ali.¹⁵²

A roupa das meninas consistia em um vestido branco, longo, que era usado, depois, por mais sete missas aos domingos. Como as ruas eram de terra, algumas meninas se arrumavam no salão paroquial para não se sujarem¹⁵³. Depois da missa era servido um café na casa de Dona Ana Rosolem. Era um momento bastante aguardado, já que as crianças ficavam em jejum desde as dez horas da noite do dia anterior, para poder comungar.

Tinha Dona Angela Rosolem, e ela que dava o café da manhã “prás criança”. Então a mãe da gente naquele tempo fazia bolacha em casa, bolacha de araruta [polvilho produzido a partir da raiz da planta] então levava lá “prá” ela, ela dava o café com leite “prá” gente.

¹⁴⁹ M. T., 84 anos. Moradora e colaboradora nas festas.

¹⁵⁰ Essa frase é marcante ainda hoje, pois foi repetida em várias falas durante as entrevistas feitas no bairro. n.a.

¹⁵¹ A Primeira Comunhão acontecia só nesse dia. Hoje, é realizada no último final de semana de novembro, ou primeiro final de semana de dezembro. n.a.

¹⁵² I. B. Q., 79 anos. Moradora e ex-colaboradora nas festas.

¹⁵³ Para frequentarem as missas nos sete domingos consecutivos depois da Primeira Comunhão as meninas pediam às mães que cortassem os vestidos na altura dos joelhos, dessa forma era mais fácil mantê-los limpos. n.a.

Depois da missa. Aí a gente descia aquela 60, 70 “criança” assim, tudo vestido de branco, com véu, sapato branco, tudo... e a banda ia tocando atrás. Levava “nois” até na porta da casa dela lá, e “nois” tomava café. Depois “nois vinha” embora “prá” casa. Quando era as “quatro hora” aí tinha procissão, ia “todas criança outra veis”. Tudo vestida igual de novo “outra veis”. Quando vinha em casa limpava bem o sapatinho que era branco e ficava sujo de terra né? E ia lá de novo na procissão. E todas “as criança” ia a cruz na frente. E nossa Senhora não era a “urtima” que ia não. Nossa Senhora, era a cruz, “as criança” da primeira comunhão e depois vinha o povo “atrai”. Era a fila, fila certinha e vinha “os andor” no meio. E a banda tocando “atrais” era a coisa mais linda.¹⁵⁴

Como na época não havia muita variedade de alimentos comercializados nas festas, era comum pessoas de outras localidades montarem barracas para venda na proximidade da igreja.

Por ser um dia especial, com a presença de numerosos moradores da região, que chegavam a Cascalho por meio de charretes e cavalos, era a ocasião de usar a melhor roupa. Portanto, um dia de vaidades, já que se confeccionavam vestidos e adquiriam-se sapatos novos a fim de participarem da comemoração mais esperada do ano. Além de ser um dia da prática da fé e devoção, por ser uma ocasião ímpar, havia a oportunidade, também, para paquerar e, eventualmente, encontrar um pretendente.

Até a década de 1950, as flores utilizadas nos andores em dia de procissão e nos altares da igreja¹⁵⁵ eram feitas de papel crepom pelas mulheres do bairro, a pedido do Padre Luiz Stefanello. Uma das antigas moradoras de Cascalho relembra como acontecia o mutirão, realizado na farmácia de seu pai, para a confecção desse adorno.

Minha mãe, ela foi aprender fazer flor, porque o padre pediu “prá” ela...então, ela falou: padre vou dar um jeito nisso né? Aí ela foi aprender fazer flor em Rio Claro, numa florista que vinha a ser tia da Dalva de Oliveira¹⁵⁶, “oie só”. Aí o que minha mãe fazia? Ela comprava todo papel, fazia de papel crepom, “oia só”. Então, minha mãe o que ela fazia? Combinava com as moças do Tomazela, os Mariones, Bertanha, aquelas mocinhas da época, “prá” ir em casa “prá fazê” flor... então minha mãe ensinava, aí... elas iam em casa, os irmão levavam elas lá e ficavam ali conversando, porque a farmácia era ponto de encontro, e a gente ficava lá dentro, eu ficava enrolando os cabinhos (risos) e elas... uma fazia, cortava a folha, cortava florzinha... e minha mãe ensinava. Aí tinha um quarto vago e minha mãe estendia bastante varal assim [gesticulando e rindo] e ia

¹⁵⁴ I. B. Q., 79 anos. Moradora e ex-colaboradora nas festas.

¹⁵⁵ Essas flores também eram feitas para adornar as coroas utilizadas em Dia de Finados. n.a.

¹⁵⁶ Cantora rioclarensense que fez sucesso no Brasil entre as décadas de 1930 a 1950. n.a.

pendurando “essas flor” até o dia “prá” festa. Tinha que fazer...imagina só?¹⁵⁷



Figura 50 – Flores de papel crepom como as que eram feitas até a década de 1950 – bairro de Cascalho

Fonte: arquivo da autora (2017)

Foi o Padre Antonio Klein, na década de 1960, quem introduziu a cerimônia de Coroação de Nossa Senhora, na qual é revivida a ascensão de Maria ao céu. A partir de então, a imagem passou a permanecer adornada com as flores na igreja ou no coreto, não seguindo mais em procissão. Nessa época, as flores de crepom foram substituídas por naturais. Os moradores passaram a cultivar determinadas espécies que florescessem no mês de agosto.

No decorrer do sacerdócio do Padre Luiz Botteon a consagração foi ampliada e mudou de local. Antes realizada nas proximidades da igreja ou no coreto¹⁵⁸, passou a acontecer no campo de futebol, incluindo um espetáculo teatral. Hoje, as comemorações têm duração de três finais de semana, no mês de agosto, com uma diversidade de atrações.

A tradição da Coroação de Nossa Senhora chegou ao Brasil através dos portugueses. Foi iniciada na Europa, no século XIII, e solidificada no século XIV. Esse culto mariano teve como fundamento combater outras crenças na qual Maria é figura central, tida como uma deusa-mãe e santa. Na Europa as coroações são feitas no mês de maio, primavera, mês que são colhidos os frutos e as flores, dessa forma a mãe de Deus era simbolizada como uma flor e

¹⁵⁷ M.J.C.T., 92 anos. Antiga moradora e colaboradora nas festas.

¹⁵⁸ Realizavam, nessa época, um pequeno ato teatral. As crianças se vestiam de anjo e no momento da Coroação jogavam pétalas de rosas. n.a.

adornada de joias. Por isso, flores e a coroa são elementos que fazem parte de todas as coroações. Desde o século XV, houve uma diversificação de dias festivos consagrados à Mãe de Deus e da Igreja, impondo-se como festa mariana maior a da Assunção, em 15 de agosto (RALO, 2010; CASTRO, 1999).

A origem desta devoção medieval pertence aos claustros dominicanos e é típica do século XV, em que se generaliza uma ideia cultural em torno de Nossa Senhora como Mãe da Vida e da Natureza. Não espanta que. Ela surja como Senhora da Rosa, do jardim divinal em que as rosas, transpostas para um plano místico, rodeiam toda a missão divinal de Maria. É significativo que, onde chega a influência espiritual dominicana, estejam presentes estes símbolos florais associados ao ciclo primaveril (RALO, 2010, p. 53).



Figura 51 – Festa da Coroação da Padroeira no bairro de Cascalho - década de 1950
Fonte: Casa da Cultura de Cascalho ([195-]).¹⁵⁹



Figura 52 – Procissão e Festa da Coroação da Padroeira no bairro de Cascalho – década de 1960
Fonte: Casa da Cultura de Cascalho ([196-]).¹⁶⁰

¹⁵⁹ Casa da Cultura de Cascalho. **Festa da Coroação da Padroeira**. [195-]. 1 fotografia, p&b.

¹⁶⁰ Casa da Cultura de Cascalho. **Festa da Coroação da Padroeira**. [196-]. 1 fotografia, p&b.

Outras festividades que aconteciam no bairro eram dedicadas aos Santos e Santas¹⁶¹ que possuem altares na igreja. Eram comemorações mais simples, realizadas nas datas em que eles são celebrados. Nos dias de São José, Santa Luzia, São Sebastião e Santo Antônio eram feitas procissões e quermesses em frente à igreja. Essas festas, com exceção da de Santo Antônio, que é comemorado na Festa Junina do bairro, já não acontecem mais.

6.2.2 Festa do Milho de Cascalho

O milho pode ser considerado, no Brasil, como uma reinvenção indígena, pois a domesticação dessa espécie aconteceu há mais de cinco mil anos no vale do Tehuacán (México). Em nosso país, demorou para conquistar o paladar dos colonizadores portugueses. Foi só no início do século XVII que passou a ser incorporado na alimentação, antes desse período era utilizado para engorda de animais. Esse desprestígio do milho por parte dos portugueses não aconteceu em áreas coloniais espanholas, que acabaram por difundir o alimento pela península Ibérica além de França, Itália, África e Ásia (PRIORI; VENÂNCIO, 2006).

[...] nos primeiros tempos coloniais, o milho permaneceu em grande parte como uma herança indígena de São Paulo. É possível que o lugar tenha atraído poucos portugueses, pois as primeiras experiências açucareiras aí fracassaram. Tal situação gerou um certo isolamento da culinária local, ao contrário do que aconteceu em Pernambuco e na Bahia, capitânicas em que a expansão açucareira esteve associada ao cultivo da mandioca, sendo também local de grande incidência de portugueses (PRIORI; VENÂNCIO, 2006, p. 24).

Em São Paulo, desde a época de província, o milho foi um cereal básico, utilizado e preparado de diversas formas como salienta Candido (2010).

Verde, come-se na espiga, assado ou cozido; em pamonhas; em mingaus; em bolos, puros (curau) ou confeccionados com outros ingredientes. Seco, come-se como pipoca, quirera e canjica; moído, fornece os dois tipos de fubá, grosso e mimoso, base de quase toda culinária de forno entre os caipiras, inclusive vários biscoitos, o bolão, bolinhos, broas, numa ubiquidade só inferior à do trigo; pilado, fornece a farinha e o beiju, não esquecendo o seu papel na alimentação dos animais (CANDIDO, 2010, p. 66).

¹⁶¹ Santa Luzia, Santa Rita de Cássia, Nossa Senhora Auxiliadora, Nossa Sra. Aparecida, São Luiz, Santa Terezinha do Menino Jesus, Nossa Sra. Das Lágrimas, São José, Santo Antônio, São Benedito, São Francisco de Assis, São Pedro e São Sebastião. n.a.

Tendo o milho uma variedade de usos, e sendo plantado desde os primeiros povoamentos em São Paulo, não poderia deixar de ser um cultivo essencial na culinária das famílias dos bairros rurais, passando, posteriormente, a fazer parte das receitas dos pratos servidos nas festas, de forma processada ou *in natura*.

Em Cascalho a Festa do Milho foi idealizada pelo Padre Luiz Botteon, que, apoiado pela comunidade, a realiza em um final de semana no mês de fevereiro, desde o ano 2000. Dentre outras produções agrícolas do bairro, o milho foi escolhido em razão de ter sido um dos ingredientes básicos da alimentação dos primeiros imigrantes e também como ração para os animais, principalmente para as galinhas, que garantiram por meio da produção de ovos¹⁶², a aquisição da Imagem de Nossa Senhora da Assunção, trazida da Itália em 1914.

Em datas especiais, o milho era usado em pratos mais elaborados. Com o passar dos anos, as receitas foram se modernizando. O milho foi a base da produção de aves, das quais se tiravam os ovos. A Produção de ovos foi uma fonte de recursos financeiros, além de ser o maior tesouro para trazer a Imagem de Nossa Senhora da Assunção da Itália (PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO, 2014, p. 74).

O milho utilizado nas festas sempre foi cultivado no bairro pelos produtores rurais, porém, nos últimos dois anos, foi comprado de outros lugares em razão da queda da produtividade e em decorrência do aumento do número de participantes de fora do bairro, que tem recebido em média 5.000 pessoas no final de semana em que é realizada a festa.

Para preparo de todos os quinze pratos servidos na festa são utilizadas, em média, quinhentas dúzias de milho; sendo os principais: milho cozido; curau, pamonha, bolo de milho, fogaça de milho, suco de milho. A pamonha sempre foi comprada pronta (congelada), pois seu processo requer uma quantidade grande de pessoas para produção e, atualmente, a comunidade não dispõe de uma equipe de cozinha numerosa. A aquisição do produto finalizado só requer que seja cozido no dia do evento, podendo, assim, atender à demanda de forma satisfatória. Todos os anos são vendidos, aproximadamente, duas mil pamonhas e seis mil copos de curau.

A festa é realizada em um final de semana. No sábado é realizada, à noite, a missa e depois acontece a quermesse no salão paroquial, com apresentações musicais. No domingo há missa pela manhã, seguida de almoço e, na parte da tarde, ocorrem apresentações musicais. Os produtos são comercializados no salão paroquial e nas barracas montadas próximas ao coreto.

¹⁶² As mulheres da comunidade eram encarregadas de cuidar das vendas dos ovos para angariar fundos que serviram para aquisição da Imagem de Nossa Senhora de Assunção. n.a.



Figura 53 – Barracas montadas ao lado do coreto – bairro de Cascalho
Fonte: Arquivo da autora (2016)



Figura 54 – Decoração da Festa do Milho de Cascalho
Fonte: Arquivo da autora (2015)

6.2.3 Semana Italiana

As festividades da Semana Italiana também tiveram início no sacerdócio do Padre Luiz Botteon e, no ano de 2017, aconteceu a décima primeira edição. A criação do evento, que tem duração de uma semana, está diretamente associada com a origem italiana da maior parte da população que ainda reside no bairro, e surgiu como forma de resgatar as raízes.

O evento é organizado pela Associação *Trevisani Nel Mondo* Cascalho e realizado com o objetivo de resgatar e demonstrar as tradições e cultura italiana por meio de campeonatos esportivos de bocha, futebol, truco; apresentações musicais e de danças; jantar, além do trabalho educativo que é realizado em escolas da rede municipal de Cordeirópolis.

A programação se inicia no domingo, com a abertura realizada na Praça Luiz Stefanello, e termina no sábado, com o jantar italiano. Na abertura é rezada uma missa. São hasteadas as bandeiras do Brasil e da Itália e interpretado o hino de ambos países pelo Coral da Associação *Trevisani Nel Mondo* do bairro de Cascalho.

No decorrer da semana, ocorre uma integração com as escolas da rede municipal de Cordeirópolis, que tem variado ao longo da existência do evento, ora o grupo da Associação *Trevisani* visita as escolas, ora a escola visita o bairro. Essa ação tem o apoio da Secretaria Municipal de Educação e objetiva desenvolver e estimular o aprendizado sobre a cultura italiana. Nas escolas são servidos pratos classificados como tradicionais italianos: nhoque, macarronada ou polenta com molho e *crostoli*. Nessa ocasião também acontecem apresentações musicais e de dança.

Nos últimos dois anos, a programação incluiu uma apresentação especial, às sextas-feiras, no Ginásio de Esportes do município de Cordeirópolis, envolvendo a orquestra Sinfônica e Coral do município, além do Coral Italiano e do grupo de dança da Associação *Trevisani* e, ainda, apresentação de tenores.

O grupo de Dança Folclórica da Associação foi formado no ano do Centenário da Paróquia, em 2014, a partir das lideranças da Associação *Trevisani Nel Mondo*. Além de fazer as apresentações nas festas de Cascalho, tem sido bastante atuante em eventos sobre a cultura italiana em outros municípios.

Os campeonatos esportivos que fazem parte da Semana Italiana acontecem no sábado, no Clube de Esporte de Cascalho (CEPAC), e envolvem times de distintas idades e famílias do bairro.

A missa no sábado é realizada em italiano e, durante a cerimônia, acontece a apresentação do coral. Após a cerimônia religiosa, no salão paroquial tem lugar “O Jantar Italiano”, para aproximadamente oitocentas pessoas¹⁶³. O cardápio varia de ano para ano, mas sempre inclui massas, risotos, carnes e saladas. Por ser planejado para um número determinado de pessoas, é necessário adquirir antecipadamente a adesão e marcar os lugares nas mesas. Durante o jantar, há apresentações de conjuntos musicais, do grupo de danças italianas e, nos últimos anos, de um tenor.



Figura 55 – Preparativos para o Jantar Italiano – bairro de Cascalho
Fonte: arquivo da autora (2017)

¹⁶³ No ano de 2017 o jantar foi servido para quinhentas pessoas, a diminuição aconteceu em decorrência da crise econômica. n.a.



Figura 56 – Missa com apresentação do Coral – bairro de Cascalho
 Fonte: arquivo da autora (2016)



Figura 57 – Salão paroquial e apresentação de danças no Jantar Italiano - bairro de Cascalho
 Fonte: arquivo da autora (2016)

6.2.4 Festa Nossa Sra. Assunção

A partir de 1965, a Festa passou a ter o ato de Coroação da Padroeira, que acontece no 3º domingo do mês de agosto. Essa celebração deu novas dimensões ao evento, que passou a ser feito em dois finais de semana, até o ano de 1993, quando, novamente, sofreu mais alterações. No ano de 1993 se comemorou o centenário da chegada dos primeiros imigrantes e, desde então, houve o acréscimo de mais um final de semana de comemoração, além da ampliação do cardápio, da animação com bandas, a introdução do teatro com um tema mariano,

e o incremento da Coroação, que se tornou o momento máximo de exaltação da Padroeira, passando a ter a participação de seis a sete mil pessoas nesse dia.

A comemoração se inicia pela novena dedicada à Nossa Senhora, com nove dias de orações e cantos, na qual se pede proteção e bênçãos. No decorrer dos finais de semana há a realização de missas, quermesses, bailes e, até o ano de 2017, havia também romaria. A cada ano um tema mariano é escolhido e há um planejamento para adornar o andor de Nossa Senhora da Assunção com mais de mil rosas. Ao final de uma das missas que fazem parte do evento é permitido aos participantes levarem as rosas.¹⁶⁴

A decoração da igreja e do andor de Nossa Senhora da Assunção conta com projeto em que, a cada ano, se estudam as flores, cores e o tema da coroação, uma harmonia da festa de agosto. Geralmente, são flores de lançamento nacional para serem as primeiras a decorar o andor de Maria. A Paróquia de Cascalho, através de seus paroquianos e devotos, não mede esforços para a compra das flores. Durante o projeto rumo ao Centenário, as flores sempre foram rosas e, a cada ano, uma cor diferente, de acordo com o tema mariano celebrado (PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO, 2014, p. 41).

Para a realização da encenação teatral, na atualidade, há participação de, aproximadamente, trezentas pessoas de variadas idades, que são divididas em subgrupos de acordo com a atuação na peça ou função dos bastidores. Há variadas equipes, cuidando de todas as funções: figurinos, decoração, música, palco e os atores que configuram papéis variados como de índios, camponeses, anjos (crianças menores), pescadores, pastorezinhos, guardiães da Coroa, Deus, Jesus e Maria, dentre outros¹⁶⁵. São feitas reuniões para a organização, e nelas são escolhidos os coordenadores de cada grupo, pessoas da igreja, encarregadas de distribuir os participantes nas funções que vão desempenhar.

A maior parte dos figurinos usados no teatro são confeccionados com recursos da Igreja, cabendo aos participantes devolvê-los ao final, para serem utilizadas nos outros anos.

Constam do evento da Coroação os seguintes acontecimentos: missas, procissão, encenação do tema mariano, ato da Coroação e quermesse. No decorrer dos anos tem havido uma alternância entre esses diferentes momentos.

A cada ano, ocorre uma interpretação no teatro que antecede à Coroação, o tema bíblico é sempre focado em Maria. Para que a atuação saia à contento, são realizadas inúmeras reuniões e ensaios por grupos de participantes, a partir dos quatro meses que antecedem o evento. Muitas

¹⁶⁴ Para compra das flores usadas na Festa da Padroeira é feito um bingo com algumas semanas de antecedência do evento. n.a.

¹⁶⁵ O grupo de teatro de Cascalho recebe orientações, sugestões e direcionamento do Grupo Pingo D'Água do município de Cordeirópolis. n.a.

crianças que não residem no bairro, mas desejam participar, acabam fazendo a Catequese¹⁶⁶ em Cascalho, pois por meio desse vínculo é concedido a elas atuar na encenação.



Figura 58 – Encenação teatral que antecede à coroação na Festa da Padroeira – bairro de Cascalho

Fonte: arquivo da autora (2017)

Para o ato da Coroação de Nossa Sra. da Assunção, é sorteada uma da moça que irá colocar o adorno na Santa. Para participar as interessadas devem ter entre quinze e vinte anos. Em missa que antecede o evento, as concorrentes fornecem o nome e em outro ato litúrgico todas são convocadas para comparecerem e presenciarem o sorteio.

Nos dias de quermesse são servidos os pratos considerados tradicionais do bairro: leitão assada (parte traseira e dianteira), frango assado, polenta frita, bolinho de mandioca, fogaça, cuscuz, macarronada, além de diversos doces e, em destaque, a moranga recheada com coco. A tradição e “fama” da culinária de Cascalho se tornou tão importante que, no ano de centenário da Paróquia, em 2014, foi editado e lançado um livro contendo setenta receitas cedidas pelas famílias do bairro. Além da perpetuação dos assados, que são pratos presentes nos eventos atuais, outra tradição é o bolinho de mandioca recheado com carne moída. Atualmente, são feitos cerca de dois mil bolinhos para os dias de quermesse. O recheio é feito com “carne de segunda”, pois a “de primeira” é utilizada no churrasco. O cuscuz e a fogaça são pratos mais recentes e representam uma opção a mais, em razão do aumento de pessoas de fora do bairro que participam dos eventos.

Uma pequena parte dos ingredientes utilizados nos pratos são plantados ou criados meses antes da realização das festas, porém, a quase totalidade dos alimentos são adquiridos

¹⁶⁶ Na Catequese são feitos convites para as crianças participarem. n.a.

em redes de supermercados e atacadistas. São servidos, aproximadamente, durante os três finais de semana de festa, 120 leitões (perto de 5.000 quilos); 1.500 morangas recheadas (900 quilos de moranga); 400 quilos de fubá para polenta e 12.000 fogaças.

Na programação da festa aconteceu, até o ano de 2016,¹⁶⁷ a Romaria, realizada no bairro desde 1998. No ano de 2017, esse acontecimento foi substituído pela “Caminhada com Maria”.

A palavra romaria faz referência à cidade de Roma, capital da Itália, e foi trazida para o Brasil na época da colonização portuguesa, pela Igreja Católica. É um fenômeno religioso e representa uma viagem, curta ou longa, para um lugar sagrado. O objetivo é demonstrar a devoção, pedir por algo, agradecer alguma graça alcançada ou simplesmente realizar o percurso por motivação de fé (MOTA, 2008).

Na Romaria de Cascalho participavam desde crianças até pessoas mais velhas, de ambos os sexos. Havia a integração de muitos Clubes de Cavaleiros da região, principalmente de Rio Claro, Limeira, Araras, Americana, Ipeúna e Santa Gertrudes. Na última edição do evento, em 2016, participaram mais de mil cavaleiros. A concentração acontecia em algum ponto da cidade de Cordeirópolis e o percurso, com duração aproximada de 2:30h, passava pelo centro e seguia pela Rodovia Constantine Peruche – SP 316. A chegada em frente à igreja era marcada pelos aplausos dos presentes e queima de fogos. Nesse momento, eram realizadas as bênçãos aos cavaleiros e aos animais. Era, também, a ocasião para agradecer as graças e até mesmo os milagres recebidos. Após a Romaria acontecia, nas dependências da Praça Luiz Stefanello e no salão paroquial, quermesse e apresentações de atrações musicais.

Na noite que antecedia à Romaria, havia uma missa e o Baile Sertanejo, este no salão paroquial¹⁶⁸. Era comum grupos de pessoas passarem a noite em Cascalho, acampados nas proximidades da Paróquia, depois de terem participado do baile, aguardando a participação na Romaria. As inúmeras chácaras e sítios localizados na Rodovia Constantine Peruche – SP 316 e ao redor das ruas próximas à igreja funcionavam como estacionamento. Era usual, também, várias delas, ao longo da rodovia, deixarem disponível para os cavalos baldes e vasilhas com água.

¹⁶⁷Em reunião com a comunidade ficou decidida a suspensão da Romaria no ano de 2017, devido a descaracterização da cerimônia e problemas com violência, maus tratos aos animais e uso indevido da Rodovia SP-316 Constantine Peruche. n.a.

¹⁶⁸ Baile Sertanejo foi realizado em 2017, na noite que antecedeu a “Caminhada com Maria”, procissão que substituiu a Romaria



Figura 59 - Momento da chegada da Imagem após a Romaria da Festa da Padroeira– bairro Cascalho
 Fonte: arquivo da autora (2016)

Destacamos que, como forma de atender melhor aos participantes da festa, são instaladas barracas em frente ao salão paroquial, uma delas é montada pela Escola Municipal do bairro, que fica com toda a renda arrecadada. Essa parceria visa contribuir com o ensino das crianças residentes em Cascalho.

6.2.5 Festa Befana

Essa festa, voltada às crianças, acontece em janeiro e visa enaltecer parte do folclore italiano. A Befana é representada pela figura feminina, com aspectos de uma velhinha e tem como vestimenta uma capa sobre os ombros, avental e lenço na cabeça. Ela distribui doces para as crianças que se comportaram no decorrer do ano, ou carvão para as de mau comportamento; esses são colocados em suas meias, que ficam penduradas em algum lugar da casa, preferencialmente próximo à janela.

A Befana é, possivelmente, uma personagem folclórica originária de área agrícola. Essa dedução é feita porque no início eram dados às crianças frutos secos (principalmente nozes) e laranjas, posteriormente substituídos pelos doces. Outro indício dessa origem agrícola está na escolha da meia como objeto para se colocar o doce ou o carvão, que era confeccionado em lã (MANCIOCCO; MANCIOCCO, 2006).



Figura 60 – Cartaz da Festa da Befana de 2017 – bairro de Cascalho

Fonte: Casa da Cultura de Cascalho (2017).

É um evento que acontece no Dia de Reis¹⁶⁹, ou próximo à essa data. A estória conta que Melchior, Baltazar e Gaspar, os três Rei Magos, se perderam na ida à Belém para dar os presentes ao menino Jesus e acabaram encontrando no caminho com uma senhora que lhes ajudou, mas que não quis acompanhá-los. Arrependida, ela preparou um cesto com doces e foi procurá-los, deixando em todas as casas do caminho um doce com a esperança que algum deles fosse Jesus.

Em Cascalho o evento está na décima primeira edição (2017), e tem sido feito pela comunidade com o intuito de criar mais uma aproximação entre seus membros e como forma de recuperar uma das tradições dos antepassados italianos. Desde o início sempre houve encenação do teatro.

Após a missa da Epifania¹⁷⁰, a imagem do menino Jesus, que permanece no altar durante a celebração, é levada ao palco do salão paroquial onde acontece a festa e a apresentação do grupo de Folia de Reis, que também participa da missa. Também acontece na ocasião a

¹⁶⁹ Dia de Reis é comemorado em 06 de janeiro e representa, segundo a tradição cristã, o dia que Jesus recebe a visita de três Reis Magos. n.a.

¹⁷⁰ Epifania é sinônimo de manifestação, nesse dia é comemorado a visita dos três reis magos para adorar e celebrar o nascimento de Jesus. n.a.

apresentação de teatro, encenada por quatro Befanas adultas, duas Befanas crianças e dois Befanos adultos.

As famílias que participam da festa levam pratos de doces ou salgados, que ficam dispostos em uma grande mesa, para serem partilhados pelos presentes.

6.3 Aspectos estruturais e sociais das festas de Santana

Todas as festas realizadas em Santana são em conjunto com a comunidade católica, a Associação de Moradores e o *Circolo Trentino di Piracicaba*. Antes de cada evento, os responsáveis de cada comissão se reúnem para estabelecer e dividir todas as tarefas, funções e verbas. Após os eventos, o lucro é dividido de forma igual entre as três entidades.

A organização e divisão do trabalho são feitos em mutirão e há, previamente, a escalação dos colaboradores para as tarefas. A equipe de jovens e adolescentes é responsável pela criatividade e decoração das festas.

As quatro últimas edições da Festa do Vinho tiveram patrocínio de empresas do município. A busca por apoio financeiro acontece por meio de pedidos feitos por ofício. Em 2017, houve colaboração de mais de trinta empresas, que além de verbas contribuíram como empréstimos e abatimentos nos valores de alguns produtos. Para as outras festas o auxílio é menor. Sempre há, também, doações dos moradores, em dinheiro ou alimentos.

A maior parte das pessoas de fora do bairro, que participam das festas, são dos municípios de Piracicaba, Charqueada, Rio Claro, São Pedro, Águas de São Pedro, Santa Bárbara do Oeste, Americana, São Paulo, e, em menor número, de outras localidades onde há parentes e amigos que reaparecem em Santana por ocasião das festas.

O cardápio sofreu alterações no decorrer da história da realização das festas, incluindo a introdução de pratos considerados típicos italianos. O cuscuz, apesar de ser tido como tradição do interior paulista, sempre foi servido nas festas de Santana. Com o passar dos anos a base desse prato, receita que as *mammas* e *nonnas* faziam no bairro não mudou, porém, foram acrescentados alguns ingredientes, como o palmito e uma quantidade maior de frango.

Para poder adquirir alimentos e bebidas é necessário comprar fichas antecipadamente, que são vendidas nos caixas. Na Festa do Vinho há a possibilidade de utilizar cartões de débito. Por ser um evento maior, há mais caixas espalhados e, nessa ocasião, a festa não se concentra somente no salão paroquial, ocupa a praça em frente à igreja e ruas próximas, que são interditadas. No Quadro 19 consta os principais pratos de origem italiana que são servidos nas festas.

Quadro 19 – Comidas típicas que fazem parte do cardápio das festas de Santana

| Comida típica | Descrição | Ingredientes |
|--------------------------------|---|--|
| <i>Cannerdeli</i> | Sopa típica Trentina com bolas feitas de pão e cozidas em um caldo de frango | Pão, linguiça, ovo, farinha de trigo, sal, queijo ralado, temperos. |
| <i>Cucagna</i> | Polenta misturada com ingredientes | Polenta, linguiça, ovos, bacalhau e queijo |
| <i>Crauti</i> | Prato típico trentino da região de Meano. Existem várias outras receitas regionais com diferentes ingredientes para esse prato. | Repolho curtido, 20 dias antes de fazer o prato, depois é refogado com pimenta, sal, costelinha de porco defumada, bacon, calabresa. |
| <i>Grostoli</i> | Receita popular do Norte da Itália (região de Trentino), na Áustria e Suíça | Farinha de trigo, leite, manteiga, açúcar, ovos, fermento, sal; aguardente ou rum. Na Itália se usa a <i>grappa</i> (destilado de uva). <u>Cobertura</u> : açúcar e canela pulverizado a gosto. |
| <i>Strangula Pretti</i> | Prato principal servido aos padres antigamente | <u>Massa</u> - Farinha de trigo, sal, leite, ovos, chicória (espinafre). <u>Molho</u> - azeite, molho de tomate, cebola, carne moída ou linguiça. |

Fonte: elaborado pela autora a partir das informações dos organizadores do evento

Nos almoços tem-se optado por fazer a cobrança por quilo, a fim de evitar desperdício de alimento e perda financeira, pois foi constatado, em edições de eventos anteriores, que quando se cobrava preço fixo havia um grande desperdício de alimentos.

Em todas as festas de Santana há apresentação de grupos de danças e atrações musicais, sempre priorizando a exibição da banda do bairro, que toca e canta músicas italianas. Sobre esse aspecto da introdução de canções, que são associadas com estados e províncias, Carney (2007) considera que elas são usadas para promover o lugar e obter formas de desenvolvimento econômico, assim como para implantar um sentido de orgulho, exatamente como acontece, hoje, em Santana.

Todos os eventos são realizados no salão paroquial, que conta com capacidade para oitocentas pessoas sentadas. Parte das festas ocupa, também, a área externa, em frente à praça da Igreja. Para a Festa do Vinho é necessária uma ocupação maior do espaço, inclusive são interditadas todas as ruas do entorno da Igreja para montagem da infraestrutura. Por meio da comparação das imagens das figuras 64 e 65 é possível averiguar a abrangência das áreas entre as distintas festas.

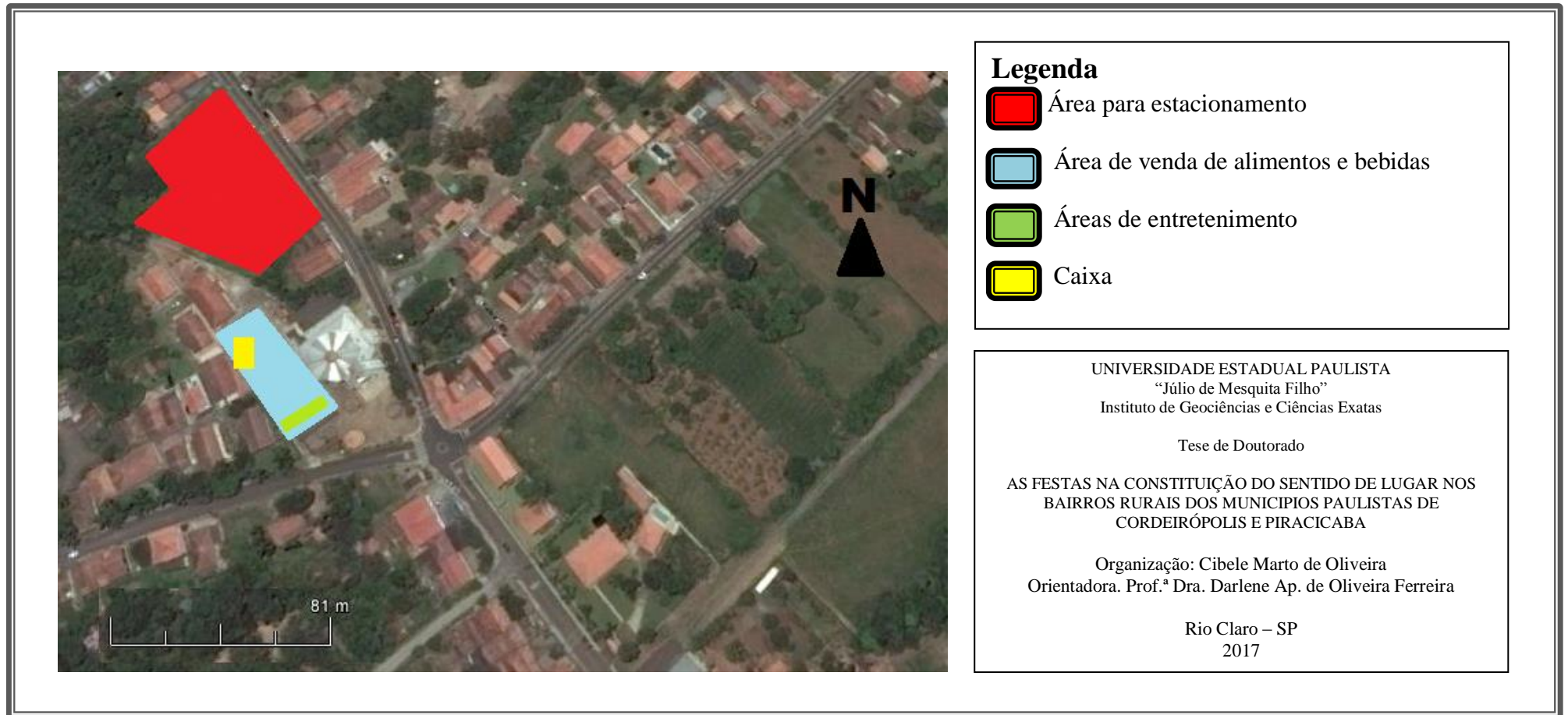


Figura 61 - Ocupação do espaço para as festas do bairro de Santana
Fonte: Organizado pela autora - base no Google Maps ([2017a]).

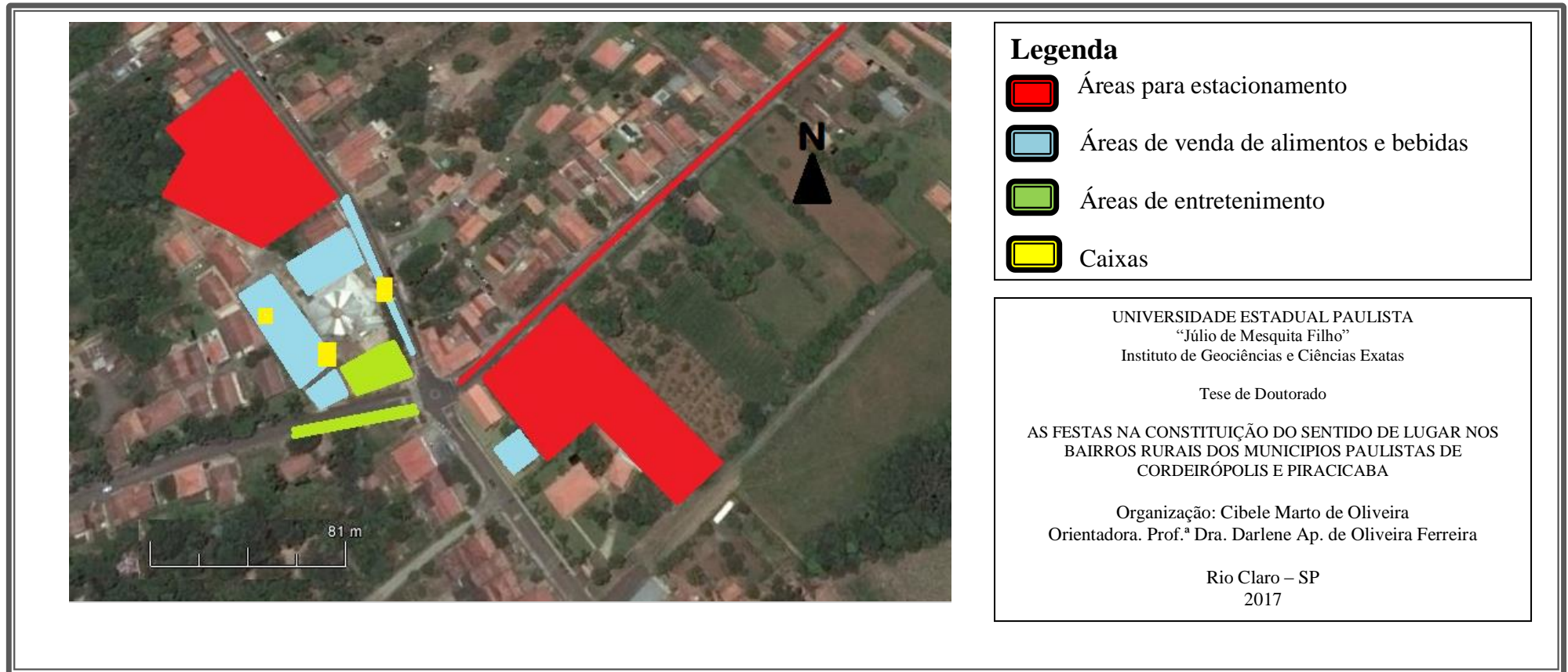


Figura 62 - Ocupação do espaço para realização da Festa do Vinho

Fonte: Organizado pela autora - base do Google Maps ([2017a]).

6.3.1 Festas no início do bairro de Santana

No início do século XX, os trentinos de Piracicaba tinham o costume de celebrar duas festas por ano dedicadas à Virgem Maria. Em Santana essas festas aconteciam em março, louvando São José, e em julho, em devoção e celebração à Santana. As comemorações se iniciavam nas sextas-feiras, quando aconteciam as procissões, e terminavam aos domingos. Havia missas, procissões e bingos. “Por ocasião dessas festas era que aconteciam os saudáveis encontros entre jovens, resultando em namoro e posterior casamento” (CORRER, 2014, p. 02).

A festa da Padroeira era a maior. A missa era precedida por procissão realizada pelas ruas do bairro, e o evento terminava com uma grande confraternização com almoço ou quermesse, música e leilão. Nas procissões as crianças sempre iam na frente, e algumas se vestiam de anjo. A banda do bairro acompanhava todo o percurso.



Figura 63 – Procissão realizada no bairro Santana em 1929 – ao fundo cada de Bortolo Vitti
 Fonte: Fonte: Dirce G. Vitti (arquivo pessoal)

A comemoração da Padroeira do bairro, atualmente, não possui as mesmas características do passado, apesar de ser uma das comemorações mais importantes, é um evento voltado praticamente só para a comunidade.

A maioria das festas do passado eram promovidas pela igreja, e a comida servida era sempre o frango assado, polenta com queijo e *Cannerdeli*, não variando o cardápio.

Os enfeites das festas de antigamente eram feitos com flores de papel crepom. Sobre essa lembrança, uma das organizadoras na atualidade, faz referência à mudança, enfatizando que agora ninguém mais quer trabalhar com esse tipo de material.

Hoje eles não querem mais trabalhar com papel crepom, mas na época sim, olha a casa dela [apontando para outra moradora do bairro que estava presente no momento da entrevista], essa casinha [apontando para uma construção que fica em sua propriedade] ficava assim [gesticulando com os dedos para demonstrar quantidade] [...] elas vinham a mulherada buscar... Brigavam ainda por causa da cor, de quantidade, daí elas sentavam, reuniam as famílias debaixo do rancho, da...do terraço da casa deles lá e ficavam lá durante o dia fazendo¹⁷¹.

A festa da Imigração, comemorada desde 1977, também já teve uma projeção maior, porém em razão da Festa do Vinho, que demanda muita organização e, conseqüentemente, mão de obra, passou a ser um evento mais reservado.

6.3.2 Festa do Vinho

As famílias do bairro sempre produziram seu próprio vinho, tanto o de uva quanto o de laranja. A partir dessa tradição, criaram a Cooperativa de Vinho, no ano de 2008, a Coopervin¹⁷², envolvendo moradores de Santana e Santa Olímpia. O vinho produzido pela Cooperativa tem nome comercial de “Trentino”. O objetivo principal, desde o início, foi o de não deixar a tradição se perder, já que era cada vez menor o número de moradores que estavam produzindo seu próprio vinho.

Esse negócio da Cooperativa apareceu a ideia para não “dexá perde” a tradição nossa. Porque cada um fazia seu vinho antigamente, no fundo de casa para ser consumido pela família mesmo, mas foi diminuindo isso, “tava” perdendo a tradição... Então a Cooperativa foi uma ideia para “juntá” quem fazia “os vinho” e não “dexá perde” né?¹⁷³

Já no primeiro ano, com o objetivo principal de alavancar as vendas e difundir parte da tradição da produção de vinho artesanal, a comunidade realizou um almoço de domingo, no mês de junho, intitulado “Festa do Vinho”. Nessa primeira edição conseguiram reunir mais de mil pessoas no Centro Social do bairro, e até mesmo o prefeito do município participou da festividade. Devido ao sucesso alcançado, a festa passou a fazer parte das comemorações do bairro, sendo sempre realizada no segundo ou terceiro final de semana do mês de junho.

¹⁷¹ D. G. V., 66 anos. Moradora e organizadora das festas.

¹⁷² A data oficial a partir da obtenção de CNPJ, criação de um estatuto interno e inscrição estadual foi em outubro de 2011. n.a.

¹⁷³ D.V., 67 anos. Morador e colaborador das festas.

Em seu primeiro ano, a cooperativa produziu cerca de 1.500 litros de vinho tinto seco e suave. Um almoço de domingo intitulado “Festa do Vinho”, divulgou o trabalho no bairro de Santana e, inesperadamente, a iniciativa foi um sucesso, já atribuindo fama ao “vinho dos tirolezes”. O *Circolo Trentino* de Piracicaba, vendo o empenho dos associados, investiu financeiramente no empreendimento que ganhou sede própria em seguida. Também o Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas), orientou a recém-criada cooperativa a como investir e administrar a produção de vinhos (VITTI, 2014, sem paginação).

A festa tem duração de três dias. A abertura oficial, que geralmente conta com a presença de vereadores e do prefeito do município, é feita na sexta-feira pelos presidentes do *Circolo Trentino di Piracicaba* e da Associação de Moradores. A cada ano, elege-se uma rainha e uma embaixadora da Festa. A escolha acontece no sábado de Aleluia e o critério é que conheçam a história do bairro e as tradições; para tanto, respondem aos questionamentos feitos por um júri na ocasião do baile. Na abertura oficial do evento o anúncio é feito pela rainha na língua italiana e depois traduzido para o português pela embaixadora.

Na programação dos três dias há apresentações de danças folclóricas pelos grupos infantil, juvenil e terceira idade; de bandas musicais, incluindo as da comunidade, além de balcões e barracas com venda de comidas e bebidas. Nessa festa também é montada uma barraca para venda de produtos artesanais confeccionados pelos moradores do bairro de Santana e Santa Olímpia. No sábado à noite e no domingo pela manhã há missa. Após a cerimônia religiosa, no domingo, acontece o almoço e, no início da tarde, é feito o encerramento do evento. Na parte externa, em uma das ruas interditadas, é instalada uma área com brinquedos para as crianças, que pode ser pago por dia ou por uma quantidade de horas de uso.

Quando a Coopervin foi criada haviam cinco integrantes, atualmente possui 25 envolvidos. Porém o bairro nunca produziu uva suficiente. Mesmo quando feito de forma individual, a uva era comprada fora, situação que não mudou na atualidade, mesmo diante dos investimentos e das tentativas de cultivo. Há uma estimativa que os bairros de Santana e Santa Olímpia produzam, aproximadamente, 6.000 quilos de uvas dos tipos Niágara e Isabel, o restante é comprado no Estado do Rio Grande do Sul.

A Festa foi a forma encontrada para divulgação e venda dos vinhos; é, também, um meio de angariar fundos para a Igreja e para melhora das áreas de convivência comum do bairro, já que parte do que é arrecado é convertido em benefícios pela Associação de Moradores.

Com o crescimento da festa e o aumento gradual das vendas, novos processos de produção foram introduzidos. Foram adquiridos tanques maiores e contratado os serviços de um químico, para testar e provar a acidez e qualidade dos produtos. Os vinhos da Coopervin têm validade de três anos. Na Festa do Vinho o produto é comercializado em garrafas e em copos, e sua produção para atender à demanda começa cerca de oito meses antes (VITTI, 2014). O mais vendido no evento é o tinto suave.

A festa, desde sua primeira edição, se tornou cada vez maior e, desde 2010, faz parte do calendário oficial da Prefeitura de Piracicaba. Na 10ª edição do evento¹⁷⁴, realizada no ano de 2017, a festa recebeu cerca de vinte mil pessoas nos três dias de sua realização, tendo sido comercializadas cerca de três mil garrafas, além do vinho à granel vendido em copos, dos tipos *merlot, bordeaux e cabernet*.

Com a criação desse evento, foi necessário mudar a data da Festa Junina, que passou a ser no mês de julho, e denominada, portanto, de “Festa Julhina”. Essas mudanças aconteceram em razão da demanda de trabalho para a Festa do Vinho, que conta, atualmente, com a participação voluntária de aproximadamente 350 moradores que se revezam para trabalhar em escala durante os três dias. Caso alguém não compareça no dia e horário de sua escala, os organizadores buscam por outras pessoas que cumpram a função a fim de não prejudicar o desenvolvimento do evento. Em relação às equipes existem aqueles que colaboram em todas as etapas da festa, e outros só de forma pontual, de acordo com o combinado.

*Cada um sabe o que faz, porque é tudo dividido, tem o que faz o cuscuz, o que faz o arroz, o Grostoli, a carne, o povo que fica nas “baraca” de fora... tudo dividido, mas se falta “arguém”, logo aparece um “ajudá”.*¹⁷⁵

O valor arrecadado com o estacionamento dos carros é dividido entre os proprietários do terreno e as três entidades envolvidas. O serviço de limpeza dos banheiros e de todas as dependências usadas para o evento é o único pago; não é feito pelos moradores em consequência da dimensão da festa e da demanda para trabalhar em outras funções. Parte do serviço de bebidas é terceirizado, sendo a renda dividida entre a empresa contratada e as entidades organizadoras.

Cabe ao grupo de jovens e crianças do bairro a tarefa de decoração da Festa. As decisões são tomadas em conjunto e, desde o início de cada ano, há reuniões para discutir e expor as ideias. Nas semanas que antecedem o evento os encontros se tornam mais frequentes e todos os

¹⁷⁴ Evento realizado nos dias 17, 18 e 19 de junho. n.a.

¹⁷⁵ B.V.F., 69 anos. Moradora e colaboradora nas festas.

envolvidos iniciam os trabalhos. É esperado que a cada ano a decoração mude e haja mais criatividade.

É por meio da realização da festa que parte da cultura é mantida pelos moradores do bairro. Durante os três dias do evento são preparadas comidas consideradas tradicionais da cultura trentina. Os seguintes pratos integram o cardápio fixo, de origem italiana, da festa: *cannederli*; *cuccagna*; e *crostole*. O almoço realizado no domingo também tem cardápio fixo: *crauti*, arroz, polenta, carne de panela com batata, saladas diversas, *spaghetti*, *strangula pretti* (engasga padre), maionese e porpeta.

Na última edição, foram vendidas mais de 5.000 unidades de cuscuz. Por ser preparado na hora, é um dos pratos mais requisitados. *Crostole*, receita típica italiana, presente em todas as festas, foram vendidos aproximadamente 450 saquinhos.

Além das comidas tradicionais também são servidos: porção de frango, pastel, batata frita, pães caseiros, bolos, crepe, churrasco e doces variados. Essa diversidade de comidas visa atender melhor os visitantes, contemplando, dessa forma, os mais variados gostos e paladares.



Figura 64 – Preparação da Cucagna – Bairro Santana
Fonte: arquivo da autora (2017)



Figura 65 – Abertura Oficial da Festa do Vinho de 2017 – Bairro Santana
Fonte: arquivo da autora (2017)



Figura 66 – Vista parcial da Festa do Vinho de 2017 – Bairro Santana
Fonte: arquivo da autora (2017)

6.3.3 Festa da Padroeira

Não existem registros históricos de Santa Ana, apenas apócrifos¹⁷⁶, porém o Papa Gregório XII, no século XVI, firmou 26 de julho como dia de Santa Ana. No século XX, a Igreja decidiu que também seria comemorado, nessa data, o dia de São Joaquim, marido de Ana.

A imagem de Santa Ana que está na Igreja foi trazida da Itália, em 02 de junho de 1929. E desde sua chegada a comunidade celebra o dia da Padroeira, porém, no passado, eram realizadas quermesses nessa data.

Durante todo o mês de julho são feitas várias ações. De segunda a sexta, um grupo responsável percorre as casas das famílias levando a imagem para rezar o terço. Na igreja são feitos momentos de reflexões sobre a importância da data e a representação da Santa para a comunidade, que é considerada a mãe da mãe da Misericórdia, porque Ana era a mãe de Maria. No dia de Santa Ana é feita uma procissão, rezada uma missa solene, e ao final é servido bolo.

Na comemoração de Santa Ana sempre é realizada procissão, cujo objetivo é que as pessoas saiam do comodismo. Historicamente, o povo de Deus teve que andar muito, passando pelo deserto, até encontrar seu destino, a terra prometida, de forma semelhante os católicos

¹⁷⁶ Informações em livros que a Igreja não reconhece oficialmente. n.a.

devem caminhar, cantando os cânticos religiosos, até completar o roteiro do cortejo pelo bairro. No início, durante e ao final da procissão são soltos fogos de artifício, como forma de exaltar ainda mais o sentimento de alegria e gratidão da comunidade por participar da celebração. Após a procissão é realizada a missa, e entoados vários cânticos de louvor.



Figura 67 - Procissão no dia da Festa de Santa Ana no bairro de Santana
Fonte: arquivo da autora (2016)

Como o dia 26/07 é também a data que se comemora os dias dos avós, em decorrência de Ana e Joaquim serem avós de Jesus, na missa sempre é feita uma homenagem a eles. Os *nonnos* e *nonnas* de Santana são entes muito reverenciados e respeitados pela comunidade, portanto, esse dia acaba sendo sempre muito importante para o bairro.

Todos santos e santas da Igreja Católica possuem simbolismos, retratados por meio das vestimentas, gestos e elementos de suas imagens. Santa Ana tem representados em suas réplicas o véu branco, que sinaliza a pureza de coração, o véu marrom, que significa humildade e simplicidade. O gesto da mão no coração denota ensinamento que ela proferiu à sua filha Maria, que é a menina junto à imagem (informação verbal)¹⁷⁷. Para a comunidade Santa Ana representa a união de todos durante o decorrer da história de Santana.

¹⁷⁷ Informação concedida na missa de celebração da Santa em 29/07/2016. n.a.



Figura 68 – Imagem de Santa Ana e o bolo de comemoração por seu dia – bairro de Santana
Fonte: arquivo da autora (2016)

6.3.4 Festa da Imigração

Essa festa passou a ser comemorada a partir de 1977, quando aconteceu o centenário da imigração. Foi em agosto de 1877 que desembarcaram no Brasil Bortolo Vitti, esposa e filhos, compradores das terras onde hoje é o bairro de Santana.



Figura 69 – Dança em comemoração aos 100 anos do bairro de Santana em 1977
Fonte: Dirce G. Vitti (arquivo pessoal)



Figura 70 - Festa dos 100 anos do bairro de Santana em 1977
Fonte: Dirce G. Vitti (arquivo pessoal)

Até o ano de 2007, foi a maior festa do bairro, mas acabou perdendo a notoriedade e espaço em decorrência da Festa do Vinho, pois entre uma e outra há pouco tempo para preparação, sendo inviável para a comunidade realizar dois eventos grandes no prazo de um mês.

*Não dá para você preparar, tem um mês, praticamente só julho; julho para preparar para agosto, ficou muito junto uma festa grande perto de outra.*¹⁷⁸

Nas festas havia um desfile pelo bairro, demonstrando aspectos da imigração. Havia, também, apresentação de teatro, na qual a história dos *nonnos* e *nonnas* era encenada, as tradições lembradas e as crianças tinham participação expressiva, pois a grande parte se vestia a caráter, com roupas folclóricas trentinas.

*A gente resgatava toda a memórias e tradições. Eu achava muito lindo porque a gente também envolvia as pessoas, todas as famílias praticamente na decoração porque os enfeites... Porque envolvia mais flores, desfile, carreata, “n” coisas que aconteciam.*¹⁷⁹

No ano de 1993, centenário da chegada da família à Santana para constituição do bairro, um grupo de homens se vestiu como os *nonnos* e passaram nas casas cantando e dançando, como forma de homenagear os ascendentes e envolver ainda mais a comunidade na comemoração.



Figura 71 – Representação dos *nonnos* no ano de 1993 – bairro de Santana

Fonte: Fonte: Dirce G. Vitti (arquivo pessoal)

Apesar da perda de notoriedade, a comemoração não deixa de ser feita. Sempre no decorrer de alguma etapa do evento a história é lembrada. Recordam-se de todas as pessoas que deram sua contribuição para a formação do bairro. A festa acontece em um final de semana do mês de agosto. No sábado, o evento tem início com uma missa em homenagem ao casal Bortolo e Maria Vitti, após a missa é realizada, no salão paroquial, festa com apresentação da banda de

¹⁷⁸ M. E. V., 74 anos. Moradora e organizadora das festas.

¹⁷⁹ D. G. V., 66 anos. Moradora e organizadora das festas.

Santana, de danças folclóricas, e são comercializadas bebidas e comidas. No domingo acontece a missa pela manhã, seguida da festa no salão paroquial, onde é servido almoço. Nessa ocasião, a banda e os grupos de danças voltam a se apresentar.

A preparação da festa envolve, todos os anos, muitos sentimentos e saudades, denotando como a afetividade está associada ao evento.

Quanto que nós choramos? Sentava para preparar aquelas festas mesmo da imigração, da coisa lá de trás que vem vindo, quando vinha vindo nesse período... a gente aproveitava muito mais no período que “cê” “tava” preparando. Sabe? Soltando trabalho para cá, para lá, vendo o pessoal envolvendo nas coisas... quantas vezes que nós choramos aí encima das coisas... as vezes de uma palavrinha, alguma coisa...¹⁸⁰



Figura 72 – Festa do Centenário da Imigração em 1993 – bairro de Santana
Fonte: Dirce G. Vitti (arquivo pessoal)



Figura 73 - Festa do Centenário da Imigração em 1993 e inauguração do monumento – bairro de Santana
Fonte: Dirce G. Vitti (arquivo pessoal)

¹⁸⁰ D. G. V., 66 anos. Moradora e organizadora das festas.



Figura 74 – Recordação dos *nonnos* e *nonnas* no altar da Igreja de Santana
Fonte: arquivo da autora (2016)



Figura 75 – Almoço da Festa da Imigração
– bairro de Santana
Fonte: arquivo da autora (2016)



Figura 76 – Apresentação do grupo de dança dos adolescentes de Santana
Fonte: arquivo da autora (2016)



Figura 77 – Apresentação do grupo de dança das crianças de Santana
Fonte: arquivo da autora (2016)

6.3.5 Festa da *Cucagna* – *Festa della Cucagna*

Cucagna, além de ser um prato típico italiano, é também o nome da festa. A palavra *cucagna* indica uma condição de fartura e alegria, simbolizando um lugar que não há miséria. Como evento é uma confraternização que remete ao passado e relembra as grandes festividades em comemoração e agradecimento ao sucesso e fartura das colheitas, sendo as principais, no Brasil, de café, milho e arroz (GRIGOLETO; CACHIONI, 2014).

Faz cem anos que a festa da *Cucagna* é realizada no bairro, sempre às terças-feiras de carnaval. Os jovens, principalmente os homens, passam nas casas uma semana antes batendo panelas e pedindo ingredientes ou dinheiro para fazer o prato. É o denominado “cata *cucagna*”.

No passado eram as crianças que saíam às ruas para angariar os ingredientes. Os adultos, ao degustarem o prato, o faziam acompanhado de vinho de uva ou laranja. A festa era animada por aqueles que sabiam tocar sanfona e violão.

Atualmente, no dia da festividade os participantes se vestem ao oposto de seus sexos, as mulheres de homens e vice-versa e saem de um ponto específico do bairro, denominado de “fazenda”. Seguem atrás de uma carreta que leva, simbolicamente, uma panela da *cucagna* até a praça central, lá o prato preparado pelas *mammas* e *nonnas* é distribuído gratuitamente a todos os presentes que, depois, se divertem no baile de carnaval, animado pela banda de Santana.

Sempre foi uma festa muito apreciada, com muitas brincadeiras e diversão. No passado, mais que no presente, esse dia representava um momento de libertação das regras rígidas seguidas por todos da comunidade. Quem participava da brincadeira pintava o rosto com carvão ou rolha queimada, não havia distinção de idade e nem de gênero. Mesmo acontecendo no Carnaval, feriado que as pessoas optam por viajar, a festa atrai muitos moradores e, em tempos mais recentes, essa festividade recebe também pessoas de fora do bairro, principalmente do município de Piracicaba.

A preparação da comida envolve muitos participantes e é feita à base de ovo, queijo, toucinho, cebola, tomate e bacalhau¹⁸¹ que são misturados à polenta ainda mole. A *cucagna* é colocada, então, em formas e servida depois de endurecer. O prato é considerado uma alimentação fortificante, já que antecede o período da quaresma, ocasião religiosa respeitada principalmente pelos mais velhos que se abstém de comer carne. Antes de ser servida, a comida é abençoada pelo padre.

¹⁸¹ A receita era, no início do bairro, feita sem o bacalhau. n.a.

6.3.6 A Paixão de Cristo e concurso de pintura de ovos

A semana da Páscoa é repleta de festividades e momentos de orações realizados para comemorar a ressurreição de Jesus. No Salão Paroquial é realizada pelos jovens a encenação da Paixão de Cristo, depois da missa.

No sábado de Aleluia acontece o concurso de pintura em ovos e a escolha da embaixadora e da rainha da Festa do Vinho, que é feita à noite, no baile.

O ovo para a comunidade cristã representa o renascimento, por isso é o elemento usado nessa tradição antiga do bairro, realizada desde a época dos primeiros imigrantes, cerca de 130 anos, na qual se faz sua pintura. A escolha recai por ser o ovo um dos poucos alimentos abundantes no passado, em razão de quase todas as famílias terem criação de galinhas.

Na época da Páscoa, se não tinha ovo de chocolate, então o que é feito pega o ovo de galinha e é colocado flores, pano, pano tingido...naquela época não tinha... [se referindo a sua época de criança] então pegava o xadrez, que desbotava e colocava no ovo, então isso é feito no sábado de aleluia...quando eu era criança já nós fazíamos.¹⁸²

Para a pintura dos ovos de galinha, preferencialmente brancos¹⁸³, são utilizados beterraba, casca de cenoura, losna, macela e flores de cores vivas, além de panos tingidos. Antigamente, houve pinturas em ovos de pata e até avestruz.

É bonito porque a gente corre atrás da “marcela” [macela], porque é difícil achar. Tem nos pastos e no Córrego da Onça que tem [próximo ao bairro]. Chegando perto do viaduto a gente já vê aquele monte de “marcela”, aí que delícia que “é cata”! E só tem a “marcela” na época da Páscoa.¹⁸⁴

Atualmente, para dar oportunidade a todos, é realizada uma oficina, na qual os mais experientes ensinam os mais jovens, dessa forma os ovos são preparados na hora. Antes, podia ser tingido em casa e as pessoas faziam vários testes até conseguir o mais bonito.

Para participar é necessário fazer uma inscrição prévia no dia, e cada qual leva seu próprio material. Após o término das inscrições, os participantes iniciam o trabalho, que consiste em envolver cuidadosamente o ovo cru com o material que levou para tingir; o próximo passo é envolver com pano, tingido ou não, e amarrá-los com o número de inscrição. Quando todos terminam, os ovos são cozidos coletivamente em grandes panelas. Finalizado o

¹⁸² M. E. V., 74 anos. Moradora e organizadora das festas.

¹⁸³ O acabamento no ovo branco tem melhor resultado. n.a.

¹⁸⁴ V. V. C., 47 anos. Moradora e colaboradora nas festas.

cozimento, os concorrentes pegam seus ovos e os colocam em um copinho. Uma comissão julgadora secreta elege o melhor trabalho. Todos os participantes do concurso ganham chocolate e o vencedor ganha uma quantidade maior.



Figura 78 – Concurso de pintura em ovos no bairro Santana - etapa de envolver os ovos
Fonte: arquivo da autora (2017)



Figura 79 – Concurso de pintura em ovos no bairro Santana: etapa do cozimento
Fonte: arquivo da autora (2017)



Figura 80 – Concurso de pintura em ovos no bairro Santana: resultado dos ovos já cozidos
 Fonte: arquivo da autora (2017)



Figura 81 – Concurso de pintura em ovos no bairro Santana: etapa de julgamento
 Fonte: arquivo da autora (2017)

6.3.7 Mercadìn de Nadàl - Mercadinho de Natal

Todos os anos, desde 2009, Santana e Santa Olímpia realizam, em conjunto e de forma alternada¹⁸⁵, o *Mercadìn de Nadàl*. O evento acontece em dois finais de semanas com vendas de produtos natalinos, produzidos pelos próprios moradores, e que tem como atração a apresentação de corais dos grupos dos bairros; barracas de comidas e bebidas e dos grupos folclóricos de danças. Os corais fazem apresentações com repertório variado e também de músicas natalinas.

É um evento aberto ao público, é o único realizado em conjunto por Santana e Santa Olímpia, que tem recebido turistas hospedados na região de Piracicaba. Essas pessoas vão aos bairros para conhecê-los e fazerem as compras dos produtos expostos.

Em Santana o evento é realizado no salão paroquial, que é todo decorado para a ocasião, juntamente com a praça que fica em frente à Igreja. A praça recebe, ainda, decoração com

¹⁸⁵ Um ano em cada bairro. n.a.

festões, enfeites variados, árvore de Natal, exposição de presépio e conta com a presença do Papai Noel que distribui balas para as crianças.

Para a exposição dos produtos são montadas bancadas. Nos últimos anos, foram mais de quarenta expositores que levaram para o evento produtos natalinos e artesanais variados. Fazem parte desde objetos de decoração para casa, brinquedos e produtos comestíveis como geleias, bolos, compotas e os vinhos produzidos pela cooperativa do bairro. Todos os expositores doam um ou mais produtos para compor uma rifa beneficente.

O *Mercadìn de Nadàl* é uma festividade típica da região dos Alpes europeus, que as comunidades dos bairros de Santana e Santa Olímpia introduziram como forma de buscar uma tradição do lugar de origem dos antepassados. Em Trento, o *Mercatino di Natale* é o mais famoso.

É uma das festas mais recentes que envolve, em sua organização, as Associações de moradores de ambos os bairros, o *Circolo Trentino di Piracicaba* e o *Circolo Trentino di Santa Olímpia*.



Figura 82 – Cartaz de divulgação do evento “*Mercadìn de Nadàl*” em 2016 realizado no bairro Santana

Fonte: Associação de Moradores de Santana (2016)

7 ANÁLISE DAS FESTAS: A RESPOSTA PARA A TESE

Tendo como base ser uma pesquisa qualitativa, o objetivo principal deste capítulo é apresentar a resposta para a tese por meio dos relatos orais e entrevistas realizadas¹⁸⁶. Dessa forma, somente alguns aspectos, que fazem alusão às escolhas, foram quantificados como forma de demonstrar a proporção em relação ao total de respostas.

As entrevistas semiestruturadas foram feitas a partir de dez questões abertas, formuladas de forma a permitir às pessoas que apresentassem seus pensamentos e reflexões sobre os questionamentos. Os temas das perguntas procuraram envolver, como sugere Rosa e Arnoldi (2006), os sentimentos e valores envolvidos da comunidade, daí a necessidade da pergunta não se esgotar em si mesma, sendo, muitas vezes, necessário estimular para que falassem e detalhassem mais, tornando, assim, as entrevistas mais longas. Duas diferentes questões foram dirigidas às crianças e adolescentes, que não responderam às indagações referentes ao passado. O critério para classificá-las nesse grupo foi em função da própria divisão feita pela comunidade, que define por diferentes faixas etárias as funções e atividades realizadas por eles nas festas.

De acordo com Trigueiro (2005), as observações e as interpretações das manifestações populares possibilitam descobrir os códigos, as regras e os estatutos dos modos de ensinar e aprender de determinadas culturas e, conseqüentemente, a identidade dos lugares. Nesse sentido, as festas permitem uma observação não só do fazer artístico, mas também das relações sociais, evidenciadas pela linguagem, o modo de pensar, do agir e do sentir característicos de uma comunidade.

Por meio da participação nos eventos como observadora, e com os relatos feitos pelos entrevistados pudemos constatar, numa primeira análise, que a modernização da sociedade – a qual trouxe o aprofundamento e expansão dos meios de comunicações, levando a uma homogeneização de códigos e símbolos, caracterizando a cultura de massa – implicou nas conseqüentes mercantilização e espetacularização das festas. Contudo, devemos ressaltar que, mesmo diante dessa conjuntura, as festas continuam favorecendo “[...] uma interpretação dos mitos, lendas e história, através da elaboração da expressão de uma imaginação simbólica que desempenha o seu papel revelador e crítico (BUENO, 2004, p. 5)”.

¹⁸⁶ Salientamos que mesmo com a existência de programas e aplicativos que fazem a conversão de arquivos de áudio em texto, optamos em ouvir novamente todas as gravações para a transcrição, para não haver perda das entonações de voz e das expressões. n.a.

Essa imaginação simbólica é revelada por meio da história vivida da comunidade e não da história aprendida. Trata-se, então, de uma construção social, portanto, passível de misturar temporalidades diversas (FREIRE, 1997), como pudemos constatar ao ouvir os depoentes.

[...] é a permanência das coisas que dão o suporte necessário para a memória coletiva, e alimenta a tradição. O passado, que se faz presente através dos objetos, possibilita que nos reconheçamos neles, faz com que encontremos uma proximidade com as gerações anteriores nessa linha de transmissão dos conteúdos coletivos (FREIRE, 1997, p. 129).

Todo evento tem um si uma intencionalidade, e o que ficou evidenciado é que os moradores querem demonstrar para os “de fora” e reafirmar para os “de dentro” aquilo que eles acreditam ser a cultura e a tradição deles, baseados na herança dos ascendentes e no que reconhecem como sendo da cultura italiana. Essa identidade cultural e a conservação dos costumes, nos bairros, estão alicerçadas nas músicas, nas vestimentas folclóricas, na religiosidade, na culinária e, no caso de Santana, também no dialeto.

7.1 Qual é a festa mais importante?

Pensando nas concepções que a palavra “festa” evoca para os dois grupos distintos, os “de dentro”, que organizam e trabalham, e os “de fora”, que são os visitantes, é que realizamos a pergunta: “qual é a festa mais importante do bairro”? Pois, ao participar de um evento, os valores e ações são diferenciados para os distintos grupos.

Para a comunidade o evento é sinônimo de muito trabalho, preocupação, responsabilidade, seriedade, ocupação, dedicação, incumbência e compromisso. Já para o grupo que participa na condição de visitante, ou expectador, a festa está associada ao descanso, pausa, recreação, brincadeira, alegria, descontração, ócio, diversão, distração e folia. Dessa forma, o objetivo, ao fazermos a pergunta aos moradores, foi averiguar qual é a mais importante, a fim de compreender os motivos e fatores que os levam a eleger determinado evento como o principal.

7.1.1 A preferida: Festa da Padroeira em Cascalho

No bairro de Cascalho há unanimidade em apontar a Festa da Padroeira, que tem duração de três finais de semana, como a mais importante. É, sem dúvida, a festa mais tradicional, realizada há mais de cem anos. E de forma mais decisiva, os moradores apontaram o momento da Coroação como o mais consagrado e significativo do evento.

Tradicionalmente ela já tem uma consolidação maior né? Ela é uma coisa que vem desde o tempo dos meus avós, por exemplo, né? Essa coisa da... da festa da Padroeira ela está muito ligada nessa tradição de gerações anteriores.¹⁸⁷

Parte das pessoas atribui essa importância ao fato de ser a festa mais antiga, por ser considerada uma tradição dos tempos do Padre Luiz Stefanello, porém, a grande maioria se refere a ela como sendo a mais marcante e fundamental devido ser a de devoção da Padroeira do bairro, a atribuírem a ela amor e fé que os ascendentes depositaram desde que o Núcleo Colonial foi ali criado.

Aqui é muito forte sabe? O mês de agosto assim...é bem emotivo...é um mês que voltam os outros que moravam aqui então “revê” né? É um mês assim...muito espiritualoso. É festivo, mas espiritual também. Porque a religião, a fé em Nossa Senhora é muito forte né? A minha avó contava que como os antigos saíram da Itália e vieram para cá, eles deixaram a raiz deles lá. Então o que unia todos eles era a igreja e a fé em Nossa Senhora. Eles lembravam na mãe, na raiz que eles tinham lá. Então todos eles que viviam em torno da fé, “prá se reuni”, “prá se encontrá”... além de ser um motivo de fé, a igreja, a fé em Nossa Senhora, era um motivo deles se encontrarem e eles estarem juntos, já que não estavam lá na Itália ¹⁸⁸

São nos dias de Festa de Nossa Senhora de Assunção que mais pessoas se prontificam a trabalhar, principalmente na cozinha, que possui uma equipe fixa de aproximadamente cinquenta voluntários, número que quadriplica na festa da Padroeira. Alguns desses colaboradores trabalham, nessa ocasião, como forma de pagarem promessas, ou, como alguns moradores falaram: “por amor à Santa”. Eles trabalham para a Santa e não para a festa.

Tem até um pessoal que ajuda nas festas, que nem hoje a festa junina [gravação foi feita no dia desse evento], é a mesma equipe. Essa é uma equipe assim mais... frequente. Essas pessoas que estão aqui hoje vem na Festa do Milho...do Reiveillon... agora em agosto não, em agosto vem sabe...muita gente, porque é a festa da Santa, é a festa da Padroeira sabe? Tem assim: vou trabalhar para Nossa Senhora. Hoje não, hoje a gente “tá” trabalhando para ter a festa, para ajudar a comunidade.¹⁸⁹

¹⁸⁷ A. L. F., 38 anos. Morador e colaborador nas festas.

¹⁸⁸ C. C. J., 44 anos. Moradora e Organizadora das festas.

¹⁸⁹ M.T.C.M., 55 anos. Moradora e colaboradora nas festas.

Em relação à arrecadação, o dia de maior lucro é o da Romaria, que não foi realizado no ano de 2017, em consequência dos problemas gerados nos últimos anos; porém, o fator de arrecadação não é visto como o mais importante, mas, sim, a exaltação da Santa e sua Coroação.

Aqui em Cascalho a festa que arrecada mais ainda é a da Romaria né? Mas a Festa da Coroação é a mais importante de tudo, tanto é que tem pessoas que vem ajudar só na Festa da Coroação por causa dessa parte da fé que realmente as pessoas tem¹⁹⁰.

Sendo considerado o evento mais importante, é nele que as pessoas que não mais residem no bairro, ou que possuem parentes e amigos, priorizam voltar para visitar e participar da comemoração.

Isso é uma coisa tradicional aqui. Realmente tem muitas pessoas que moram fora e uma vez por ano que eles vêm é no mês de agosto. Não é no Natal, não é no Ano Novo... Mas se vem uma vez por ano é Agosto, no mês das festas.¹⁹¹

Para as crianças e os jovens, o ato da Coroação também é o momento de destaque. Em parte, se deve ao espetáculo apresentado, mas também porque a participação deles é mais efetiva. A vontade de ser parte do grupo não fica reduzida aos que moram no bairro, muitas vezes o desejo é despertado quando as crianças e os adolescentes visitam os parentes residentes no lugar ou vão às festas.

São pessoa que tem laço também com... com o bairro, né? Muitos moraram ali, ou os avós, tem parentes, é justamente nessa festa a população volta. É o encontro dessas famílias que um dia saíram. Então eles gostam de participar e querem participar.¹⁹²

É comum crianças e adolescentes de outras localidades fazerem o catecismo e a crisma em Cascalho para poderem atuar na peça teatral, como relatado por uma das participantes que não reside no bairro.

Eu gostaria de participar porque eu acho bonito. A primeira vez que eu fui eu era criança, então daí “prá” mim era... ia ser muito importante se você participasse. Eu nunca tinha participado, daí eu quis participar. Aí faço catecismo lá [primeira participação ocorreu no ano de 2016]¹⁹³.

¹⁹⁰ D.J. C., 49 anos. Moradora e colaboradora nas festas.

¹⁹¹ D. J. C., 49 anos. Moradora e colaboradora nas festas.

¹⁹² O.C., 49 anos. Morador e organizador das festas.

¹⁹³ M. E. S. R., 12 anos. Moradora de Cordeirópolis e participante do Teatro da Coroação.

7.1.2 Santana: entre o vinho e a imigração

Quando os moradores de Santana foram questionados sobre qual festa é considerada por eles a mais importante, inúmeros elementos e lembranças foram relatados. Diferente de Cascalho, onde há uma unanimidade em apontar a Festa da Padroeira, em Santana há uma divisão, não igualitária, entre os que apontaram a Festa do Vinho e a da Imigração como as mais importantes.

Os que elegeram a Festa do Vinho se referem a ela devido à oportunidade de mostrar as tradições do bairro, principalmente a fabricação artesanal da bebida, considerada um elemento materializado da cultura italiana. Desde o princípio, os moradores que ocuparam o lugar plantaram as parreiras no fundo do quintal de suas casas e produziam a bebida para consumo da família. A Festa, na concepção deles representa, hoje, uma forma de valorizar um dos legados dos ascendentes, pois o produto continua a ser feito da mesma forma pela cooperativa e, em menor quantidade, segue sendo fabricado por alguns moradores do bairro.

Pelo fato de ser uma festa grandiosa, que envolve toda a comunidade, e conta com uma participação rotativa de aproximadamente 20 mil pessoas nos três dias de evento, conseqüentemente é a que gera mais lucros.

*Pelo impacto que a festa do Vinho causa, né? A organização geral do bairro “prá” receber e também a questão do objetivo da Festa que é de apresentar um pouco da cultura também. E pela quantidade de pessoas também.*¹⁹⁴

Esses lucros, de forma geral, são revertidos em melhorias para o próprio bairro. Dessa forma, mais de 75% dos entrevistados consideram a Festa do Vinho a mais significativa para Santana. A arrecadação oportunizou uma certa independência do bairro, que passou a investir em reformas na igreja, na praça e no salão paroquial, além de infraestrutura para o bairro sem depender de verbas públicas.

*Essa que movimenta, no sentido de cooperação né? De todo mundo tá envolvido. No sentido de verba mesmo né? Disponibilizando “prá” girar aqui né? Porque a gente usa o dinheiro “prá” investir na praça...investe no salão...*¹⁹⁵

¹⁹⁴ A. G. S. L., 34 anos. Expectadora das festas de Santana e Organizadora Cultural das festas do bairro de Santa Olímpia.

¹⁹⁵ B. M. V., 28 anos. Moradora e colaboradora nas festas.

Para os jovens, a Festa do Vinho também é a mais importante, pois eles têm a chance de participar desse evento mais ativamente. Cerca de trinta deles fazem parte da comissão de arrumação e decoração. Esse envolvimento é considerado, também, muito importante por representar uma forma de passar para as novas gerações as tradições e costumes que os moradores querem conservar.

Os que pensam ser a festa da Imigração a mais importante, são pessoas com mais de 40 anos, que acabam por associar o evento ao passado, à história do lugar, e, principalmente, à história dos *nonni*¹⁹⁶. Por ser uma festa aberta, porém com participação mais restrita da comunidade, nenhuma criança nem jovem mencionou ser esse o evento mais importante.

*A da imigração é a mais importante porque é mais ligada com os nonos, com nossos avôs. É uma coisa que desde criança a gente ouve falar da imigração. É uma coisa que a gente lembra diariamente eu diria. A imigração sempre é lembrada. Todo ano no mês de agosto é lembrada. Não é assim uma festa... mas tem “umas dança”. É mais íntima, mas vem quem quer e tem um almoço, sabe?*¹⁹⁷

*“Pros” mais idosos a da Imigração é a mais importante. Hoje a juventude, ela não estão mais assim, cultivando a tradição nossa. Se comemora, mas com “menos” intensidade. Antigamente era bem gostoso “fazê” essas festas. Era união cem por cento do bairro.*¹⁹⁸

O fato de a Festa do Vinho ser um evento em que a religiosidade não é evidenciada, havendo nos três dias de realização somente duas missas, faz com que a Festa da Imigração seja apontada como a mais significativa por parte dos entrevistados.

*Eu ainda fico com a da imigração... da imigração, das festividades do bairro...então... toda a parte da religiosidade, de pegar fundo as tradições, o sentimento que a gente tem pela história, pelos antepassados e os que passaram por aqui também [...] na parte de sentimento, de recordar, de recordar a história, os exemplos, os valores, as virtudes, tudo...*¹⁹⁹

Para mim é a festa da imigração, eu prefiro da imigração que é mais tranquila, que envolve mais a comunidade, envolve mais nossa tradição, envolve mais a parte da religiosidade, para mim, mas não

¹⁹⁶ Plural de avó na língua italiana. n.a.

¹⁹⁷ L. M. V. O., 62 anos. Moradora e colaboradora nas festas.

¹⁹⁸ E. G. V., 56 anos. Moradora e organizadora das festas.

¹⁹⁹ D. G.V., 66 anos. Moradora e organizadora das festas.

*deixo de participar da outra. [...] a parte religiosa fica espremida nessa do Vinho*²⁰⁰.

7.1.3 A festa mais importante

Definir qual é o evento mais importante é um modo de saber como pensam os moradores, já que os diferentes ritos, símbolos, elementos e condições envolvidas no desenvolvimento das festas é diferente para a avaliação de cada pessoa.

As duas festas consideradas as mais importantes, da Padroeira em Cascalho e do Vinho em Santana, são as que recebem o maior número de pessoas, tanto “de dentro” quanto “de fora”. São, também, as que têm mais investimento, maior envolvimento da comunidade, tempo de duração mais longo, melhores lucros e participação efetiva do grupo de crianças e jovens. Dessa forma, era esperado que fossem consideradas essenciais para os moradores. A importância que cada pessoa atribuiu pode até variar, mas o fator determinante é que elas são base para a socialização dos moradores, o desenvolvimento do mutirão e a demonstração da identidade da comunidade.

Bonnemaison (2002) afirma que é pelo rito, regido por sua organização simbólica, que uma sociedade acaba exprimindo seus valores, tradições e sua organização social. O ato da Coroação em Cascalho representa um rito no qual a comunidade católica demonstra seus valores, e que por ser realizado há muito tempo, é tido como uma tradição; dessa forma, é compreensível que seja esse momento o mais importante do ano para a maior parte dos moradores.

O fato de a Festa do Vinho ser um evento recente não diminui sua importância, porque os moradores sentem que com sua realização seus valores e tradições estão sendo evidenciados, e dessa forma conservados, sem o risco de se perderem. Essa condição ficou bastante evidente pelas falas dos mais jovens ao repetirem, quase que em unanimidade, que é a festa mais importante porque representa “a tradição deles desde a época dos primeiros *nonos*”.

7.2 O limite: aumentar ou não o número de visitantes da festa?

De acordo com Trigueiro (2005) é atestado que as festas, as danças exibidas e a culinária desenvolvida já não pertencem apenas aos seus protagonistas, principalmente se forem atrações de eventos abertos como os dos bairros de Cascalho e Santana. Essas festividades acabam por despertar interesses políticos, de turismo e setores de entretenimento, de empresas e, principalmente, da população não residente, que tem conhecimento da realização dessas festas e passa a frequentá-las.

²⁰⁰ M. E. V., 74 anos. Moradora e organizadora das festas.

O aumento do número de participantes com o decorrer dos anos, principalmente de pessoas “de fora”, incluindo aquelas que não tem qualquer tipo de vínculo com o lugar e nem perfil semelhante com os moradores, acaba por criar situações adequadas ou não. Essa questão, dentre outras possibilidades, nos levou a indagar sobre a viabilidade ou não de aumentar o número de participantes. O questionamento feito aos moradores teve, portanto, o objetivo de avaliar se a comunidade pensa ser oportuno expandir os serviços, investir em infraestrutura e, dessa forma, conseguir atender um número maior de pessoas, ou se querem que permaneça com a quantidade atual.

7.2.1 Uma forma de mostrar o bairro e estimular a prática religiosa

A maior parte dos entrevistados do bairro de Cascalho acreditam que é importante aumentar o número de visitantes. As alegações são diversas. Há pessoas que argumentaram que o aumento se justifica porque são pessoas que também participam das missas, e, desse modo, praticam a religiosidade, aumentando também a devoção e a homenagem à Santa Padroeira.

Na festa tem quatro “missa”, “tuda” elas enchem a igreja, então quer dizer que é tanto na parte religiosa que enche a missa. Eles vão “prestá” homenagem a Nossa Senhora, né?²⁰¹

Mesmo o fato daquelas pessoas de Cascalho e de Cordeiro que não tem aquele costume de vim sempre na missa, mas nesse dia as pessoas vêm.²⁰²

Sobre o aspecto do aumento da visita às festas de pessoas “de fora” do bairro, os moradores acreditam que inúmeros acabam conhecendo mais Cascalho do que propriamente Cordeirópolis, e que as festas são importantes por criarem esse conhecimento em relação ao lugar.

Tanto é que quando você vai para fora as pessoas conhecem mais Cascalho que Cordeirópolis, justamente pelo fato de ter as festas. O que faz o nome de Cascalho são as festas.²⁰³

²⁰¹ I. C. P., 83 anos. Moradora e colaboradora nas festas.

²⁰² D. J. C., 49 anos. Moradora e colaboradora nas festas.

²⁰³ D. J. C., 49 anos. Moradora e colaboradora nas festas.

Outro aspecto relatado, que serve de motivação para o aumento de pessoas, é a possibilidade de poder mostrar o bairro e a cultura diferenciada que há nele. Dessa forma, acreditam que aconteça um fortalecimento da identidade do grupo.

Quanto a gente vê uma movimentação de pessoas maior, querendo conhecer um pouco, resgatar a cultura, então é importante... É mais pela cultura também e conservar a tradição também. Claro que ali a parte econômica ela dá recurso para que a Paróquia se mantenha né? E viva, mas o principal é a cultura a tradição e a religiosidade também.²⁰⁴

Primeiro porque é um resgate cultural né? E... eu acho que se fazer conhecer, você divulgar essas festas, essas tradições. É uma forma de você fortalecer sua própria identidade.²⁰⁵

Há, também, quem pondere que só deve aumentar o número de participantes se aumentar a estrutura da festa, caso contrário, para continuar a atender de maneira satisfatória, terão de terceirizar. Com a contratação os moradores temem perder o controle e a autonomia, o que levaria, também, ao desaparecimento gradual das tradições, como lembrado por uma das entrevistadas.

Se aumentar a estrutura da festa, porque tem que aumentar muito a estrutura, porque senão você fica a desejar em banheiros...em alimentação... Para você aumentar você vai ter que terceirizar, e não vai ficar só mais preso na comunidade... Daí eu acho que vai se perder...vai se perder...²⁰⁶

Um dos adolescentes entrevistado pondera que há tanto o lado positivo quanto negativo. Que, ao passo que um número maior de pessoas gera mais lucro, também tem o prejudicial de degradação causada.

Tem os dois lados, né? O lado bom, por exemplo lá dentro do salão tem o salão com comidas típicas do bairro, tem o bar onde vende as bebidas lá... é assim, gera lucros para a própria igreja, ajuda a “mante” a igreja e “os projeto” dela, mas por outro lado vira muita bagunça...a praça mesmo fica toda detonada depois...aí acaba usando o dinheiro para pagar gente para limpar lá.²⁰⁷

²⁰⁴ O. C., 49 anos. Morador e organizador nas festas.

²⁰⁵ A. L. F., 38 anos. Morador e colaborador nas festas.

²⁰⁶ C. C. J., 44 anos. Moradora e Organizadora das festas.

²⁰⁷ G. H. S. R., 15 anos. Morador e colaborador nas festas.

7.2.2 Desejo pelo aumento de famílias

No bairro de Santana também não há um consenso sobre essa questão. Parte dos entrevistados acreditam que não deve aumentar, pois a infraestrutura para a realização da festa já não comporta um número maior de participantes do que nos eventos realizados em 2016 e 2017, que recebeu aproximadamente 20.000 pessoas na Festa do Vinho.

É preciso ver as estruturas né? Porque a cada ano a gente vai fazendo assim vendo onde deu, a gente faz uma avaliação de toda festa depois do término, faz o balanço e faz uma avaliação, dos prós e os contras. O que está precisando, o que aconteceu nesse setor e naquele. E sempre vai... tem os investimentos que tem que ser feito, tem que ampliar isso, tem que ampliar aquilo... precisa de mais fogão, precisa de mais disso...sabe? De acordo com o crescimento. Precisa, precisa ter mais infraestrutura.²⁰⁸

Eu acho que não, porque a estrutura não comporta. Pode até ser perigoso. E o que peca aqui também é o estacionamento. O espaço é pouco. Mas acho que não comporta...mais do que isso fica perigoso.²⁰⁹

Para um dos organizadores, o que importa não é a quantidade de participantes, mas o tipo de perfil de quem acaba por frequentar a festa. Tanto que para o ano de 2017 modificações foram feitas em relação às atrações musicais, priorizando as bandas do bairro que tocam música menos comercial e mais músicas folclóricas italianas, o que conseqüentemente atrai menos jovens e mais famílias, que é o que a comunidade deseja.

Hoje... hoje, nós estamos tendo uma visão não de quantidade, mas sim de qualidade. “Prá” quê? “Prá” que as pessoas que venham “prá” cá não fique falando: nossa quanta gente! Mas, fale: nossa, quanta família! Quantas pessoas se divertindo! Mas ao invés de quantidade...”as pessoas não está” nem aí para o lado cultural, e sim pelo lado só da banda, ou pela paquera. Não é esse público que a gente quer. Nós queremos hoje trazer família “prá” que ela venha e fale assim: que ambiente gostoso, e... comida gostosa... e... que lugar diferente. É esse diferencial nosso, não é quantidade. A gente não “quê” que fale: vinte mil pessoas, um monte de gente que veio aqui, “brigo”, não consumiu nada, e... só atrapalhou as pessoas que vieram.²¹⁰

²⁰⁸ D. G. V., 66 anos. Moradora e organizadora das festas.

²⁰⁹ A. G. S. L., 34 anos. Expectadora das festas de Santana e Organizadora Cultural das festas do bairro de Santa Olímpia.

²¹⁰ R. N. V., 33 anos. Morador e organizador das festas.

Esse objetivo de fazer a festa para que famílias com formação tradicional participem ficou bastante evidenciado nas falas dos moradores, denotando os valores que essa instituição ainda tem para a comunidade do bairro, que não possuem, conforme relatos dos entrevistados, famílias formadas por casais homossexuais e nem muitos casais divorciados.

Eu acho assim, a gente “faiz” a Festa do Vinho...é feita “prás” famílias. Até hoje graças a Deus a gente vê que vem muita família. Vem crianças...família mesmo. E até hoje graças a Deus pelo volume de “pessoas que participa” nunca aconteceu nada de grave. Acho que mais do que já frequenta não vai aumentar...acho que já chegou no limite.²¹¹

Há um consenso de que é necessário o aumento do número de pessoas que trabalham na Festa no Vinho, já que está é a única realizada em três dias de intensas atividades.

Precisamos de mais gente trabalhando, para as pessoas não esperarem muito tempo na fila. Para você comer...comprar uma ficha. Porque é comprada a ficha e depois você se desloca para ir lá para ir lá ver o que “cê” que “comê”. Porque chega uma certa hora acaba a comida, por mais que você faça, a demanda é muita sabe? “Oiê” é sufoco viu?...É montado tudo na hora... tudo fresquinho... grostoli não vence fazer, porque é tudo feito na hora.²¹²

Há o receio de que as pessoas “de fora” não compartilhem dos mesmos ideais e comportamentos das pessoas do bairro, e acabem por causar situações indesejadas. Fica evidente, com a fala a seguir, que o receio é exclusivo em relação aos que não moram no bairro, pois os moradores não registram em suas memórias casos de violência e má conduta da

Esse número já é o suficiente. Não sei se é por causa da minha idade...se eu me preocupo assim...que aconteça briga, aconteça alguma coisa violenta, e as pessoas de fora bebam. Os daqui ninguém briga, mas de fora, a gente não sabe.²¹³

Para os que acreditam ser importante o aumento do número de participantes, suas justificativas são fundamentadas na questão econômica e na visibilidade, ou seja, para poderem mostrar os diferenciais do bairro em relação à cultura e às tradições, acreditando que podem ser vistos como parâmetro para que outras comunidades procedam da mesma forma.

²¹¹ E. G. V., 56 anos. Moradora e organizadora das festas.

²¹² L. M. V. O., 62 anos. Moradora e colaboradora nas festas.

²¹³ M. G. U. P., 64 anos. Moradora e colaboradora nas festas.

Sim, porque “é eles” que trazem o lucro né? “Prá” festa. Porque na verdade a festa é cultura né? Mas assim, se não “tivê” gente “pra prestigiá” não tem festa.²¹⁴

Eu acho muito importante “prás” pessoas verem o quanto nós podemos ser diferenciados e quanto nós gostamos, e termos orgulho, de representar a nossa cultura. É importante para nós podermos incentivar as pessoas a buscarem cada vez mais a sua cultura.²¹⁵

7.2.3 O que é preciso para aumentar o número de visitantes nas festas

O aumento de pessoas “de fora” que passaram a participar dos eventos demanda um número maior de voluntários para trabalharem. O que levou, nos últimos anos, à contratação de pessoas para realizarem a limpeza e segurança em dias de festas maiores. Esse serviço pago é aquele que não exige, de certa forma, uma grande responsabilidade e contato direto com o público, cabendo às funções que requerem mais comprometimento, dedicação e até mesmo simpatia, permanecerem com os moradores.

Ficou evidente pelas respostas obtidas que o aumento representa uma lucratividade maior e, conseqüentemente, melhoras para à igreja, e no caso de Santana também melhoras para o bairro, porém há o receio de degradação por parte dos visitantes. Outra preocupação é o fato de sobrecarregar demais quem trabalha na cozinha preparando os alimentos, criando o receio de terem de terceirizar parte dos serviços.

Em ambos os bairros há um consenso que é preciso aumentar o número de pessoas que trabalham nas festas para poder subsidiar uma ampliação do número de visitantes e atendê-los de forma adequada. Além do fato de permitir que as pessoas que trabalham possam participar das missas e atos litúrgicos, pois em função de serem colaboradores eles não conseguem.

Em nenhum dos bairros ouve um consenso sobre a questão, há argumentos que justificam o aumento e outros que inviabilizam, porém mais da metade acredita que com as condições atuais as festas devem permanecer com o número de visitantes dos últimos anos.

7.3. Os motivos que levam os “de fora” a participarem das festas: participação positiva ou negativa?

A aproximação entre campo e cidade e a influência nos modos de vida fez com que manifestações autênticas, representativas das festas, tanto da parte lúdico-religiosa, quanto lúdico-folclórica, sofressem inúmeras transformações com o tempo, tornando a realização do

²¹⁴ M.V.V.F., 34 anos. Moradora e colaboradora nas festas.

²¹⁵ S. F. V., 13 anos. Moradora e colaboradora nas festas.

evento o único elemento tido como tradicional (MARCELLINO, 2002). Dessa forma, ao formularmos a questão, o objetivo foi compreender que fatores, elementos e atrativos os moradores consideram que são importantes para levar as pessoas a se deslocarem até os bairros para participar das festas. Essa compreensão é importante, pois a partir dela é possível saber o que é e continuará a ser replicado nas festas, dando a elas um caráter de tradição.

Por serem as festas eventos heterogêneos e ecléticos, nas quais acontecem trocas simbólicas e, conseqüentemente, reúnem em um mesmo espaço grupos distintos, acaba também sendo um espaço de tensão. Quem domina o espaço busca determinar o tipo de festa e impor o sentido que julga necessário à ela, mas nem sempre essa condição é seguida por aqueles que não são parte integrante (FERNANDES, 2003; TEIXEIRA, 2010). Tendo a possibilidade da existência de conflitos, o questionamento feito em seguida visou especular se os moradores consideram a participação dos visitantes positiva ou não e as justificativas da avaliação.

7.3.1 A boa comida, o espetáculo, o vínculo com familiares e amigos

Uma das atribuições que os moradores de Cascalho fazem à festa, como sendo um evento de sucesso, diz respeito à qualidade e o diferencial das comidas que são servidas. A parte gastronômica, acreditam eles, é um atrativo importante, no primeiro momento, para aqueles que nunca estiveram na festividade, e esse interesse inicial pode levá-los a participarem também dos momentos religiosos.

*É justamente essa parte gastronômica que faz o atrativo dessas pessoas virem “prá” Cascalho. E estando ali claro que de repente ele está lá na festa, ele começa a ver essa movimentação, que é a Coroação, ele acaba se inteirando no momento, mas a principal hoje, desse pessoal aí que...novo que vem “vê”, eles vêm atraído pela gastronomia. Tem uma divulgação grande encima... mas depois eles acabam sendo atraídos pela gastronomia e para participar desses momentos religiosos aí. Por isso que é importante conservar essa parte religiosa. Você consegue trazer pessoas que as vezes...*²¹⁶

O fato de um lugar ter traços individuais, únicos, que os distingue de todos os outros lugares do mundo, também, na concepção de uma das organizadoras, é um atrativo para irem às festas.

*Acho que é o lugar uma das atrações, assim, é o que difere dos outros lugares, é um bairro rural, o espaço é diferenciado, do que se fosse em uma cidade. É um bairro assim... é diferente.*²¹⁷

²¹⁶ O.C., 49 anos. Morador e organizador das festas.

²¹⁷ C. C. J., 44 anos. Moradora e organizadora das festas.

A Coroação da Padroeira, que inclui uma apresentação teatral antes do ato, e tem efeitos visuais de um grande espetáculo, também é um elemento de atração para os visitantes. Nesse dia acontece a maior participação de pessoas de fora, incluindo excursões de outros municípios. Essas pessoas vêm, também, impulsionadas pela devoção e, ainda, segundo relatos, porque tiveram alguma graça alcançada. As falas dos moradores denotam essa conjectura.

Ela foi ficando conhecida a festa... então... As pessoas vêm de ônibus, vêm de manhã, fica aqui o dia inteiro “prá” esperar a Coroação que vai acontecer seis, sete horas da noite. Eles vêm de muitas cidades, de Americana, Iracemápolis, Campinas... Elas vêm pela tradição da Festa, da Coroação. Eles vêm de manhã e aqui tem comida o dia inteiro, pode usar os banheiros daqui tudo. Eles ficam aqui mesmo na Paróquia, o dia inteiro.²¹⁸

Eu percebi também que é a devoção que eles têm. Tinha muitas pessoas com problemas de doenças na família, e aí vieram em tal ano, rezaram para Nossa Senhora de Assunção, foi e conseguiram uma benção...e elas vêm todos os anos. Você percebe a fé que as pessoas têm em Nossa Senhora de Assunção.²¹⁹

O vínculo com o bairro é outro fator que faz com que as pessoas continuem a frequentar a festas, seja pelo parentesco, seja pelas amizades.

Eu acho que a ligação de alguma forma com o bairro, isso se faz presente né? Porque de repente a pessoa não mora lá em Cascalho mas ele tem um parente que é de Americana... é de Jundiá... que é de Ribeirão Preto, então isso agrega né? Cascalho eu vejo que é um ponto de encontro e acho que a divulgação do boca a boca né? De quem vai, conhece gosta, traz o amigo, traz as outras pessoas. Isso também é importante. É um conjunto.²²⁰

A prática religiosa e a realização das festas, desde a formação de Cascalho e Santana, sempre oportunizaram o encontro e a socialização. Em áreas rurais, onde o distanciamento entre as casas é maior, elas foram primordiais para a aproximação dos moradores. Dessa forma, se redefine e reforça a devoção dos santos e santas, padroeiros e padroeiras. Quanto maior a devoção, mais o lugar se torna referência, a união se fortalece. “E assim, a comunidade também cria possibilidades de tornar a festa um evento de intercâmbio entre pessoas distanciadas pelos mais diferentes motivos [...]” (ALMEIDA, 2014, p. 132).

²¹⁸ C. S. S. R., 34 anos. Moradora e colaboradora nas festas.

²¹⁹ D. J. C., 49 anos. Moradora e colaboradora nas festas.

²²⁰ A. L. F., 38 anos. Morador e colaborador nas festas.

Quando perguntado sobre a participação dos visitantes ser positiva, as queixas e relatos negativos foram referentes somente à execução da Romaria.

As festas mudam com o tempo, podendo voltar ao que eram antes ou sofrer completa transformação. Exemplo disso é o fato de suspenderem a Romaria, que era dos maiores atrativos da Festa da Padroeira. No ano de 2017, esse acontecimento estaria completando o décimo nono de realização, porém, em decorrência da diversão ter tomado uma dimensão que praticamente liquidou com a parte dedicada ao ritual católico, e mais especificamente com a homenagem dedicada à Santa, a comunidade optou por suspendê-la. Essa descaracterização, ao longo dos anos, limitou a participação de pessoas de Cascalho e aumentou o percentual de pessoas “de fora”.

As Romarias representam um acontecimento sociorreligioso em que os participantes manifestam a sua fé. O ato final pode acontecer tanto em um santuário como em uma capela, o objetivo é que durante o seu percurso, que pode ser feito a pé, a cavalo ou com veículos motorizados, seja realizada a devoção, mediada por preces, louvor, cantos, orações e até meditações, quando são percursos mais longos (MOTA, 2008). Tendo essa premissa como condição, a Romaria dos Cavaleiros de Cascalho não cumpria mais com os objetivos, tornou-se um espetáculo desprovido de devoção pela maior parte das pessoas que participavam das festas.

O fato faz com que as mães optem em não deixar as crianças e adolescentes participarem da quermesse e das apresentações musicais que acontecem depois que imagem da Santa chega à Praça Luiz Stefanello.

O pessoal de fora as vezes não conhece muito bem e fica sei lá... criando confusão. Eu só fico lá [na estrada SP 316] enquanto “tá” passando cavalo depois eu vou embora²²¹.

Outros adolescentes residentes no bairro também não aprovam o comportamento de alguns integrantes, e um deles relata o caso de maus tratos aos animais, que tem sido algo recorrente nos últimos eventos.

Ah, esse ano [2016] teve muito bêbado... Porque a parte mais legal é quando a Santa chega, depois que a Santa chega num é mais a... a Romaria. Porque depois “eles liga” o som do carro, aí fica “bebendo lá”... “Quebra tudo garrafa lá”... Aí só sai briga depois.²²²

²²¹ Y. V. O. L., 11 anos. Moradora e espectadora das festas.

²²² V. H. G. O., 12 anos. Morador e participante do teatro da Coroação.

Tem “veis” que acaba a Romaria e “eles fica” lá judiando dos cavalos²²³.

Apesar de a Igreja e até mesmo alguns moradores destinarem local de descanso com água para os animais, o relato de maus tratos aumentou muito nos últimos anos, em decorrência do uso excessivo de bebidas alcoólicas por parte dos próprios donos. Mediante o exposto, ficou evidente que todos os moradores aprovam, por motivos distintos, a participação das pessoas “de fora” nas festas, exceto determinados grupos na Romaria. O que fica evidente no caso da Romaria, e em menor grau nos outros eventos, é que a participação das pessoas “de fora” não acontece em decorrência da prática católica e da devoção.

7.3.2 O diferencial: o acolhimento, a comida e o bom vinho

Em Santana, os pratos típicos: *cannerdeli*, *cucagna*, *crauti* e *strantula pretti*, juntamente com os tradicionais, o vinho, as apresentações de danças folclóricas e o modo de servir com simpatia as pessoas, foram apontados como atrativos diferenciais das festas realizadas no bairro.

Pelo diferencial nosso. A comida o acolhimento e pela tradição. As danças...a simpatia nossa [risadas]²²⁴

O bom é que são famílias, pessoas que compartilham esse tipo de festa... que quer sentar...degustar comida diferente...a cultura...É difícil você “vê” molecada...pessoas que vem “prá” banda por exemplo, é difícil. São pessoas que gostam mais da cultura e da comida.²²⁵

Porque é um lugar que atrai as pessoas, de fácil acesso. Para as famílias, “as criança” tem lugar “prá” ficar, então... não tem tanto perigo. E por ser uma cultura italiana, eles gostam disso.²²⁶

É importante salientar que essa cultura italiana, à qual grande parte dos moradores se referem, foi em partes moldada no Brasil. Collaço (2009) afirma que não era possível definir uma comunidade italiana até as três primeiras décadas do século XX, já que a Itália era um território ocupado por distintos grupos com culturas diferenciadas, a consolidação como estado nacional aconteceu após a década de 1930. Principalmente na culinária essas diferenças regionais eram bem marcantes.

²²³ I. A. M. S., 12 anos. Morador e eventualmente colaborador na Coroação.

²²⁴ R. N. V., 33 anos. Morador e organizador das festas.

²²⁵ A. G. S. L., 34 anos. Expectadora das festas de Santana e Organizadora Cultural das festas do bairro de Santa Olímpia.

²²⁶ R. V. R. S., 45 anos. Moradora e organizadora nas festas.

Ante a diversidade que os próprios imigrantes traziam em função de suas origens, é preciso notar que isso se refletia na comida, cujos preparos, técnicas e ingredientes variavam bastante entre as regiões italiana pela própria inexistência de uma consciência nacional que permitisse compartilhar a comida de modo mais uniformizado entre os imigrantes (COLLAÇO, 2009, p. 44).

Essa busca pela cultura e tradição trentina em Santana aconteceu com o intercâmbio a partir da década de 1980, quando os moradores do bairro, incentivados pelo *Circolo Trentino*, viajaram para lá e conheceram a terra dos antepassados.

Há pessoas que atribuem a um conjunto de fatores os motivos que levam as pessoas “de fora” irem à Santana para participar das festas, sendo o bairro, e as relações sociais que há nele, diferente de outros do município de Piracicaba, assim sendo, ele também é visto pela comunidade como um atrativo em dias de festa.

É essa...o sentido da cooperação mesmo de ver a união do bairro... porque eu não encontro isso fora daqui entendeu? Por exemplo em Piracicaba não existe isso que a gente tem aqui, e é a família mesmo, então eles se sentem acolhidos por isso eles participam. ²²⁷

Em relação à participação de pessoas “de fora”, há tanto os que consideram a participação positiva quanto negativa. O receio é que exatamente aquilo que eles têm de mais valor, como uma cultura diferenciada, os hábitos e os costumes, se percam pela influência dos visitantes.

Em certas partes eu acho, porque vindo outros tipos de pessoas, atraí trazer outras coisas também... violência, droga...outros tipos de cultura...que acaba invadindo aqui... ²²⁸

Há pessoas que acreditam que a apresentação de uma banda mais comercial, que é o tipo que se apresentava no sábado na Festa do Vinho, até o ano de 2016, acaba por atrair um tipo de público que não é desejado, que é o de jovens que não consomem e, portanto, na concepção deles não acrescentam nada à festa e nem às pessoas do bairro.

As bandas que eles trazem no sábado é para chamar público. Mas que tipo de público? Jovens atraídos pela banda. ²²⁹

²²⁷ B. M. V., 28 anos. Moradora e colaboradora nas festas.

²²⁸ M.V.V.F., 34 anos. Moradora e colaboradora nas festas.

²²⁹ A. G. S. L., 34 anos. Expectadora das festas de Santana e Organizadora Cultural das festas do bairro de Santa Olímpia.

Eu sinto assim, no sábado com a banda, a moçada vem “prá” se divertir e não “prá” comer. Porque eles não comem. Não comem e bebem. Mas é por causa da banda. É como diversão. Aqui em Santana eu sinto assim, a banda...da noite...o público que vem no sábado a noite...é... vem jovens, e vem por causa da banda, como uma diversão barata. ²³⁰

Mesmo diante dos temores, a participação das pessoas “de fora” é considerada pela quase totalidade dos moradores como sendo positiva. Não foi apontado por nenhum depoente qualquer tipo de briga e desentendimento.

7.3.3 As principais atrações do bairro e a avaliação sobre os visitantes

É importante salientar que todas as respostas dadas sobre as atrações das festas, no bairro de Cascelho, foram referentes à Festa da Padroeira, denotando, mais uma vez, como esse evento é significativo para a comunidade. Dentre as atrações elencadas pelos moradores, foram descritos: o próprio bairro por ser diferente, enaltecendo a identidade do lugar, o ato da Coroação, o fator de devoção à Santa e a comida, sendo esta última a mais citada.

Em Santana os moradores consideram que as maiores atrações são referentes às tradições que eles buscam conservar, além do modo como tratam as pessoas, na fala deles significa “serem acolhidos”. Sem dúvida o atrativo mais citado, assim como em Cascelho, foi a comida.

É fácil compreender porque a comida apareceu como o elemento que mais atrai os visitantes - já que alimentar-se tem como pressuposto ser associado a um simbolismo de fraternidade. Cascudo (2004) elucida que quando esse ato acontece nas festas é como se houvesse uma ligação mais íntima com o lugar.

As comidas servidas nas festas podem ser compreendidas como um fenômeno cultural e de comunicação, pois fazem parte das atrações. Elas são parte da identidade da comunidade e acabam por criar uma conexão entre os “de dentro” e os “de fora”. Os pratos considerados tradicionais caracterizam as comunidades, e dão aos bairros e aos grupos envolvidos uma identidade gastronômica, de comidas com sabor e cheiro que só se encontra naquele lugar.

Todo alimento tem uma associação cultural, que envolve as escolhas feitas para que se tornem comida. Essas carregam consigo um sentido e uma carga de simbolismo, tem o lado prazeroso de serem degustadas, e servem para pensar a realidade e a geografia dos lugares, que envolvem o processo de plantio, produção e colheita de determinados cultivos que acabam

²³⁰ C. M. V. Ex-moradora e ex-colaboradora nas festas.

fazendo parte da culinária local (MACIEL; CASTRO, 2013). Como é o caso dos alimentos à base de milho nos bairros rurais de Cascalho e Santana.

A comida assume, portanto, um papel muito importante na construção das memórias coletivas desses grupos que, marcados por rupturas, elaboram sinais específicos como demarcadores de seus pertencimentos e origens que são demonstrados, de forma orgulhosa, pela comunidade nas festas (SANTOS; ZANINI, 2008).

No geral, os entrevistados de Cascalho atestam que a participação das pessoas “de fora” é positiva, e o único evento apontado como prejudicial é a Romaria. No bairro de Santana, a maioria dos entrevistados disseram que a participação é positiva e que não há nas festas violência, e afirmam que as festas promovidas por eles são, em sua maioria, formadas por famílias.

É importante relatar que a participação dos visitantes nos momentos sagrados como novena, procissão e missa é pequena, a grande parte aparece somente nos momentos profanos, em que prevalece o entretenimento. A única exceção é o Ato de Coroação de Nossa Senhora de Assunção, que por ter adquirido um viés de espetáculo atrai, também, católicos não praticantes e até mesmo pessoas de outras religiões.

O homem é o sujeito da festa e o produtor do espaço. “Essa produção está estreitamente vinculada às relações sociais, políticas, ideológicas, culturais, e ela implica em um modo de produzir, de pensar, de sentir, enfim, em um modo de vida” (ALMEIDA, 2014). Portanto, fica explícito que os moradores querem reproduzir os códigos de padrão, conduta e comportamento, que acontecem no dia a dia da comunidade, também nos eventos que são realizados, denotando, assim, um “simbolismo moral”. Ao determinar o tipo de público que querem, já que as festas são abertas e não há qualquer tipo de cobrança de ingresso para entrar, conseguindo esse feito pelos tipos de atrações que eles inserem nas festas, a comunidade consegue prever e se precaver de eventuais situações indesejadas.

7.4 Continuidade das festas e manutenção das tradições

Como a maior parte das festas sempre foi realizada em prol da igreja e em ambos os bairros elas estão terminadas e seus respectivos salões também, então, qual é o objetivo maior de se realizar as festas hoje? Essa foi mais uma das questões que buscamos entender por meio das entrevistas e relatos.

As festas têm como dinâmica manter, descartar e incorporar elementos, em uma junção do passado com o presente. Ela conserva tempos pretéritos e o passado revivido através da memória (MARIANO, 2007, p.26). É essa junção que permite uma análise e compreensão sobre

a importância de fazer as festas nos dias de hoje, analisando os motivos que fazem valer a pena tanto empenho e trabalho.

7.4.1 Continuidade e religiosidade

Para um dos organizadores das festas em Cascalho, a importância da realização das mesmas, nos dias atuais, principalmente a da Padroeira, é por ser uma forma de incentivar a continuidade da prática do catolicismo, que sempre foi base religiosa do bairro.

“Prá” mim assim, a gente trabalha ali, são todos na maior parte... somos voluntários né? E é justamente aí “prá”, “prá” incentivar as novas gerações aí que estão vindo a... conservar a religiosidade mesmo né? Como...é o fundamento principal da festa aí da Padroeira é justamente conservar a tradição religiosa e fazer com que os mais jovens, as crianças tenham conhecimento daquilo que foi Cascalho através da religião...da festa.²³¹

De acordo com Torres (2016), o discurso religioso se constrói a partir de uma base histórica e de valores de uma religião e sua propagação depende dos praticantes. O espaço religioso é o lugar no qual o praticante tem sua experiência com o sagrado, é nele que há congregação com outras pessoas, praticantes ou não. É nele, também, que se compartilham as experiências, que se conectam os discursos advindos da religião à sua vida, ressignificando os mesmos a partir de suas vivências, e contribui para sua perpetuação, ao passo que comunica aos outros suas leituras de mundo, pautadas na experiência com o sagrado. A festa, por ser em prol da Padroeira, da igreja e da comunidade católica, é também uma ocasião oportuna para que se difunda essa propagação do catolicismo.

Essa alusão da festa ser importante para a prática religiosa, e ocasião para homenagear Nossa Senhora de Assunção, também é algo relatado pelos jovens.

Tem que “fazê” a festa porque é comemoração da igreja. Ah, “prá prestá” homenagem “prá” ela [Nossa Senhora de Assunção]. Vem gente de Cordeiro, de Rio Claro e outros lugares. Colocam flores para ela... eles fazem homenagem.²³²

Há crianças que relataram a importância da execução das festas vinculando-as ao fato das gerações mais novas poderem ver como que elas são feitas na atualidade a fim de reproduzirem no futuro, resposta que desvela o desejo de dar continuidade. Para outros a realização das festas representa um modo de não perder a tradição.

²³¹ O. C., 49 anos. Morador e organizador das festas.

²³² C. P. S., 12 anos. Moradora e colaboradora nas festas.

“Prá mostra” para as crianças de hoje em dia, tipo eu que nasci esses anos...ah, esses anos atrás aí [risos], a festa que eles “fazia” antigamente, “algumas festa” e a gente “fazê” depois.²³³

Para outros a realização das festas representa um modo de não perder a tradição.

Acho que é “prá não dexá morre” a tradição que tem ali...tem muita gente ali que luta “prá” isso né? Muita gente corre atrás “prá mantê” as tradições... aos poucos você vê que vai acabando. Então é importante ter “prá” ir resgatando... a festa acabou sendo como um símbolo de Cascvalho assim.²³⁴

Principalmente no caso aqui, acho que é uma maneira de “mante” a tradição do bairro, né? Porque Cascvalho ficou conhecida por duas festas em específico, a Coroação de Nossa Senhora de Assunção e a Romaria.²³⁵

Os eventos também foram apontados como símbolo de fortalecimento dos laços de famílias e amizade, e conseqüentemente da comunidade.

Para manter a união e fazer amizades novas. Porque a gente faz muitas amizades...²³⁶

Porque é uma parte que está revendo a história...você está perpetuando a história eu acho que é importante isso. É a perpetuação da história do bairro, das famílias...é importante.²³⁷

Outro ponto é a possibilidade de arrecadação e fortalecimento do caixa da paróquia, já que alguns moradores acreditam que a arrecadação de dízimo é pouca.

Para um resgate cultural, de fortalecimento da própria comunidade, da identidade local. Por uma questão de economia talvez? Também? Não sei, pode fortalecer acho que a economia em alguns sentidos. E de você unir as famílias do bairro também.²³⁸

²³³ V. H. G. O., 13 anos. Morador e colaborador nas festas.

²³⁴ G. H. S. R., 15 anos. Morador e colaborador nas festas.

²³⁵ C. S. S. R., 34 anos. Moradora e colaboradora nas festas.

²³⁶ V. L. R. L., 75 anos. Moradora e colaboradora nas festas.

²³⁷ C. C. J., 44 anos. Moradora e Organizadora nas festas.

²³⁸ A. L. F., 38 anos. Morador e colaborador nas festas.

Em relação às tradições a Festa da Padroeira é incontestavelmente declarada como a maior tradição do bairro, mesmo diante de tantas mudanças ocorridas com o passar o tempo, é por meio dela que a religiosidade se mantém.

*É uma festa de 100 anos. É a única tradição do bairro que conseguiu se manter foi a Festa da Padroeira.*²³⁹

*De cultura eu acho que é a fé, a parte religiosa. Embora que é uma festa que já está no Calendário do Estado.*²⁴⁰

Pela fala da moradora fica evidente que a festa é considerada uma tradição por ter mais de cem anos, e que apesar de ter mudado em decorrência do aumento de participantes, da inserção de novos elementos e eliminação de outros, é nela que acontece, de forma mais efetiva, o mutirão da comunidade, a prática religiosa, independente da mudança de padres, a conservação de alguns pratos servidos nas festas, independente da modernização e dos meios de prepará-los.

7.4.2 Mostrar a cultura

Santana foi um lugar praticamente isolado até a década de 1970. A partir de então, houve um estreitamento das relações com a área urbana de Piracicaba, foi quando os casamentos endogâmicos passaram a ser menos frequentes e o dialeto menos falado. Nessa conjuntura, também, devido às frequentes repartições de terras, muitas pessoas passaram a trabalhar e estudar fora do bairro, voltando somente para dormir, conseqüentemente, aconteceu uma maior influência dos costumes e hábitos da cidade, o que acarretou, ao final daquela década, uma preocupação dos moradores em conservar a cultura e as tradições do lugar. O amadurecimento dos ideais de conservação ficou fortalecido com a comemoração do centenário da imigração, em 1977. E, em 1987, com a realização dos intercâmbios para a região de origem na Itália, Trento, se delineou e passou a ser colocado em prática.

O objetivo dos intercâmbios, em princípio, era para estudar os cultivos agrícolas de Trento, e reproduzi-los no bairro, porém, pela falta de interesse dos moradores de Santana, que foram perdendo o perfil de agricultores ao arrendarem suas terras para o plantio de cana, o interesse passou a ser pela reprodução da cultura dos antepassados, que passou a ser representada nas festas.

²³⁹ D. J. C., 49 anos. Moradora e colaboradora nas festas.

²⁴⁰ C. C. J., 44 anos. Moradora e Organizadora nas festas.

Dentre todas as entrevistas realizadas, em nenhuma o fator econômico apareceu como o primeiro a ser mencionado. A palavra tradição foi a que mais se repetiu, como sendo esse o motivo principal de realização das festas na atualidade.

Quando a pergunta sobre o motivo de se fazer as festas na atualidade foi questionada aos entrevistados, ficou evidenciado que há a necessidade de se produzir uma festa tida como mais comercial, em função de mostrar a cultura para as pessoas “de fora”, pois dessa maneira o evento se torna mais atrativo e acaba por incentivar os “de dentro” a perpetuarem as tradições para não deixar morrer, como eles relataram, mantendo, assim, um ciclo que se fortalece a cada ano.

Além de fazer a festa para as pessoas “de fora” conhecer nossa cultura, “prá” não deixar nossa cultura morrer. Então, isso é uma forma da gente continuar propagando o que vem desde o passado.²⁴¹

É importante por causa da cultura mesmo. A gente não pode “dexá morre” né? A tradição do bairro.²⁴²

Dentre as tradições que eles consideram serem importantes apresentar, está a produção de vinho, feita no bairro desde o início pelos *nonnos*, além das músicas e danças folclóricas, incorporadas a partir do intercâmbio, principalmente. Outro elemento citado foram as comidas típicas.

É uma maneira de você “apresentá”... no caso do vinho o que produz aqui no bairro, no caso das “festas de tradição”...da cultura nossa...sempre “prá lembrá” a cultura dos nonos aqui no Brasil...as “dificuldade” que eles tiveram... isso é importante, ter sempre na lembrança.²⁴³

Porque você acaba mantendo vivo né? Por mais que acaba distorcendo alguma coisa, por exemplo de bebida, ou traz alguma coisa diferente... acaba mantendo essa questão de unir a comunidade, em prol de um objetivo, trazer também as músicas... as danças...²⁴⁴

A questão da infraestrutura também foi lembrada, pois a partir da arrecadação da Festa do Vinho, principalmente, foi possível realizar uma serie de melhorias no bairro, incluindo a praça em frente à igreja, que foi revitalizada no ano de 2013. Dessa forma, os moradores não ficam dependentes das políticas públicas e dos vereadores.

²⁴¹ G. B. V. 22 anos. Morador e colaborador nas festas.

²⁴² M.V.V.F., 34 anos. Moradora e colaboradora nas festas.

²⁴³ E. G. V., 56 anos. Moradora e organizadora das festas.

²⁴⁴ A. G. S. L., 34 anos. Expectadora das festas de Santana e Organizadora Cultural das festas do bairro de Santa Olímpia.

Como a gente tem a festa e o lucro gira aqui, então a gente fica meio que independente “prá” fazer algumas melhorias internas aqui “pro” nosso bairro. ²⁴⁵

“Prá mostra” o bairro. “Prá” divulgação do bairro. Pela parte dos recursos financeiros, porque o que arrecada aqui na festa a gente aplica no bairro. ²⁴⁶

Os moradores, de forma geral, se referem à produção de vinho, às comidas típicas, às danças folclóricas e às músicas tocadas nas festas como cultura deles. Produzir e consumir o próprio vinho foi um hábito difundido no bairro desde o início, e foi passado de geração em geração. Em relação às festas, fica evidente que as gerações mais antigas acreditam que as comemorações do passado prezavam por outro tipo de tradição, hoje o foco é demonstrar o que é diferencial em relação à cultura brasileira. “A festa cultiva os particularismos. Ela lembra, simultaneamente, o ser e a diferença de um grupo [...]” (ALMEIDA, 2014, p. 130).

Essa coisa que a gente tá sentindo, a gente tinha mais viva né? As tradições no sentido mesmo de festa. Era um outro estilo, de decoração... ²⁴⁷

O principal foco é “mostra” o prato típico, as danças típicas. Porque a gente procura fazer algo diferencial. ²⁴⁸

Em Santana a dança que realmente foi trazida pelos imigrantes é a *quatropassi* (quatro passos), as demais, apresentadas nas festas como parte da tradição, são de variadas regiões da Itália. Os trajes não seguem, em Santana, um padrão folclórico, havendo somente uma preocupação com o uso das cores da bandeira italiana.

Em relação aos eventos associados à prática e ao calendário religioso configuram a *Cucagna*, a comemoração do dia da Padroeira, os acontecimentos da semana Santa, incluindo a pintura em ovos, e no Natal o *Mercadín de Nàdal*.

Essa busca por manter o que eles acreditam que seja a tradição é uma forma de manter a unidade, de não permitir a entrada e a influência dos “de fora”.

²⁴⁵ B. M. V., 28 anos. Moradora e colaboradora nas festas.

²⁴⁶ R. N. V., 33 anos. Morador e organizador das festas.

²⁴⁷ D. G. V., 66 anos. Moradora e organizadora das festas.

²⁴⁸ R. N. V., 33 anos. Morador e organizador das festas.

7.4.3 Motivos para continuar

Parte da identidade dos lugares são moldadas a partir de práticas do passado, que chegam ao presente por meio de significados e referências culturais, sendo apropriadas e incorporadas. Dessa forma, se define parte das tradições, ou seja, as características e elementos que um grupo estabelece como parte de seu modo de ser e agir (TRIGUEIRO, 2005).

Conforme Fernandes (2006), o processo de imigração dos italianos envolveu muitas mudanças e adaptações, ocorrendo a troca entre as culturas, os hábitos e os costumes, que foram se adaptando e modificando.

O forte desejo de preservação da cultura pelos imigrantes foi fator determinante para o processo de recriação da identidade: foram escolhidos elementos diacríticos para representá-la, o que na maioria das vezes não corresponde à realidade: as tradições se tornam algo parcialmente artificial, baseado numa remota identidade (FERNANDES, 2006, p. 94).

Essa concepção da autora reflete um determinado momento, pois, ao se repetirem continuamente os elementos de recriação, passam a fazer parte da comunidade e, portanto, se tornam tradição, reproduzida pelas gerações mais novas.

Almeida (2014, p. 130) afirma que as festas se distinguem pela amplitude de seu ritual e pela diversão, elas testemunham “[...] as crenças coletivas, as representações do sagrado próprias de uma comunidade ou da maioria de seus membros”. Dessa maneira, o processo das adaptações acaba por evidenciar o desgaste em função das transformações sociais, ora “voltando” no tempo para buscar e recuperar elementos de tradições passadas, ora adaptando para agradar ao público “de fora” e até mesmo às gerações mais jovens que estão envolvidas nas festas.

As tradições migram no tempo e no espaço em um processo de adaptação. Princípios e características são pensados e repensados, tirados e acrescentados. Vários elementos e símbolos das festas, apesar de serem vistos pelos moradores como tradicionais, não são exclusivos, como no caso do *Mercadín de Nadàl*, no qual usam árvores, presépios, a figura do Papai Noel, que são elementos globalizados.

Em Cascalho, os principais fatores que motivam os moradores a continuarem a fazer as festas estão vinculados à manutenção da religiosidade e das tradições católicas, além do fortalecimento das amizades. Em Santana, o elemento mais citado foi a conservação das tradições: fazer vinho de forma artesanal e as comidas típicas, além de reproduzir as músicas folclóricas e as danças. Porém, em ambas, mesmo que não sendo admitido como fator principal, as festas passaram a ser uma importante fonte de recursos, nas quais se comercializa alimentos,

bebidas, danças, música, as tradições, artesanato, publicações e até mesmo a cerimônia religiosa.

7.5 A importância das festas para o fortalecimento da amizade e parentesco

O fator que permite que uma festa aconteça é o envolvimento da coletividade. Por serem bairros rurais, onde há o pressuposto que os laços de parentesco e amizade são bastante consolidados e importantes, era esperado que nos relatos essa afirmação se confirmasse.

Almeida (2014) alega que o grupo que faz a festa se ajuda mutuamente, movendo uma complexa relação que envolve o sentimento de pertencimento, parentesco, compadrio além da devoção à tradição e uma identidade religiosa, mesmo diante de tantas transformações dos lugares em decorrência da ação conjunta de inúmeros fatores.

7.5.1 Pela amizade - Cascalho

Todos os entrevistados de Cascalho acreditam que principalmente as amizades são fortalecidas. Por ocasião das festas, em especial a da Padroeira, foi contado que acontecem muitos reencontros com os familiares.

*São, porque é o momento da gente reencontrar com as pessoas, delas voltarem aqui para a festa, é importante.*²⁴⁹

*Ali todo mundo se encontra quem é parente. A gente “tava” lá na cozinha! Vinha tudo “os parente” cumprimenta lá também. Tem pessoas que só voltam nessa data, nesse dia. Chegam aí, e eu “tava” lá fritando fogaça né? Aí tinha que “passa prá” outro até que eu pedia licença e ia “cumprimenta” eles. Muita gente vem “procura” a gente. A cozinha enchia de noite de parente que “vinha” [risadas].*²⁵⁰

Como toda reunião de pessoas, não há unanimidade nas decisões e sempre surgem atritos, principalmente se na execução de determinadas atividades participarem pessoas de gerações diferentes.

*São mais parte do pessoal da organização. Que assim, acaba ficando junto. “São reunido” a turma lá. Ahhh, de vez em quando tem umas senhorinhas lá meio cabeça dura...da confusão [risos].*²⁵¹

²⁴⁹ C. C. J., 44 anos. Moradora e organizadora das festas.

²⁵⁰ I. B. Q., 79 anos. Moradora e ex-colaboradora nas festas.

²⁵¹ G. H. S. R., 15 anos. Morador e colaborador nas festas.

7.5.2 Pela grande família - Santana

A realização das festas, em Santana, permite a proximidade entre as pessoas em ambientes diferentes daqueles do dia a dia, podendo fortalecer ainda mais o coleguismo e a amizade entre os moradores, como exposto por um dos entrevistados.

Eu tenho intimidade com algumas pessoas por causa da festa. Eu não teria se fosse no dia-a-dia.²⁵²

No bairro, foi recorrente encontrar nas falas a menção dos moradores como sendo pertencentes a uma grande família. Essa condição acontece porque muitos são casados com primos, mas também por terem relações de amizade muito duradouras e intensas. Parte dessa união é consequência da realização das festas.

O assunto festa nunca acaba. O pessoal já está pensando ideia para o ano que vem. São 365 dias pensando em festa. E isso gera uma união muito grande.

Hoje o envolvimento das pessoas, tanto assim na parte da igreja como parte de recreação... essas coisas, o envolvimento maior e de mulheres, mas une muito. É uma grande família né?²⁵³

Quando pensamos em fazer esse questionamento, a ideia que tínhamos como resposta era que seria feita referência aos parentes e vínculos de amizade das pessoas que residem no bairro. Um fato que foi lembrado em relação aos laços de amizade diz respeito àqueles que já não fazem mais parte da comunidade, e que por ocasião da festa retornam ao lugar.

Muitas vezes vem pessoas que fazia anos que você não encontrava mais e elas aparecem aí...é bonito.²⁵⁴

Porque a gente vai conhecendo mais parentes que a gente nem sabia que existia. Eles vêm “prá” festa e aí a gente conhece mais pessoas.²⁵⁵

Porque mesmo nas festas na sexta e no domingo é só família. E as 6 famílias que vem são parentes, porque eles têm na memória, ficou gravado tudo aquilo. Então assim, aquela degustação... sentir o

²⁵² G. B. V., 22 anos. Morador e colaborador nas festas.

²⁵³ D. G. V., 66 anos. Moradora e organizadora das festas.

²⁵⁴ M. E. V., 74 anos. Moradora e organizadora das festas.

²⁵⁵ V. D. C., 14 anos. Morador e colaborador nas festas.

*cheirinho da comida do que o avô, a avó, bisavô fazia, isso aí é muito joia.*²⁵⁶

Para as crianças e os adolescentes é uma oportunidade de receber os amigos que moram na cidade, pois o convívio no dia a dia, para a maioria deles, fica restrito ao bairro, uma vez que todos estudam na mesma unidade escolar. Dessa forma, encontram nos eventos uma oportunidade de aproximá-los do lugar que eles residem.

*Meus amigos eu encontro sempre aqui, sempre vejo eles, mais na festa vem os da cidade prá cá também.*²⁵⁷

Assim como em Cascalho, alguns entrevistados mencionaram atritos que ocorrem. Novamente aparecendo o enfoque familiar e geracional.

*Como em qualquer outro lugar, qualquer outra família sempre tem aquele que fica mordendo “os calcanhar”, então é isso, mas acho que a festa tem mais amizade que inimizade. A pessoa mesmo que reclama tá aí. Como qualquer outro lugar é assim.*²⁵⁸

*Em toda família tem briga né? É “mai” fácil fala hoje quem não tem briga né [risadas].*²⁵⁹

7.5.3 A festa como vetor da consolidação e fortalecimento das amizades e parentesco

Em inúmeros relatos, de ambos os bairros, foi dito que durante o preparo dos alimentos das festas a integração entre as pessoas é muito agradável, pois histórias são contadas, rememoradas, informações são comunicadas, fofocas e muitas risadas acontecem, o que torna a preparação dos alimentos uma ocasião de festa. Essa integração, para os idosos que passam a maior parte do tempo em casa, é um momento muito aguardado. O mesmo acontecendo com as crianças e grupo de jovens.

Cascalho tem passado por uma transformação muito grande nas últimas duas décadas, na qual houve uma divisão das propriedades em lotes menores, transformando áreas de cultivo em chácaras e sítios. Grande parte dessas “novas” propriedades foi vendida para pessoas de fora do bairro, dessa forma, as festas promovidas pela comunidade católica, já que não há

²⁵⁶ C. M. V. Ex-moradora e ex-colaboradora nas festas.

²⁵⁷ A. V. S., 10 anos. Morador e colaboradora nas festas.

²⁵⁸ L.M. V. O., 62 anos. Moradora e colaboradora nas festas.

²⁵⁹ M.V.V.F., 34 anos. Moradora e colaboradora nas festas.

prática e nem comemorações explícitas de outra religião, tem possibilitado a aproximação delas com os moradores mais antigos.

Para o grupo de crianças que participam do teatro e dos ensaios da Coroação em Cascalho, o contato com crianças de fora, e com grupos de idades diferentes, oportunizam um meio para fazer novas amizades e intensificar as já existentes, pois no bairro não há muitas ocasiões para se encontrarem em decorrência de estudarem em escolas diferentes e não ter eventos direcionados diretamente a elas, com exceção da festa do dia das crianças e a da Befana.

De forma geral, podemos inferir que as festas representam oportunidade de maior aproximação e integração entre os moradores, os parentes residentes e não residentes e, ainda, os amigos que não moram ali.

Os conflitos gerados podem ser considerados como normais, já que toda organização social acaba por incorporar também uma organização hierárquica, revelando grupos com mais poder, mais decisão, e, portanto, gerando desentendimentos. Como essa questão envolve tanto o espaço social quanto cultural, elas fazem parte dos estudos de Geografia Cultural e não poderíamos deixar de contestar os entrevistados (BONNEMAISON, 2002).

7.6 As mudanças com o passar dos anos

Não há como o bairro rural ser estudado em si mesmo, na atualidade, devido à inserção que acontece em uma sociedade mais globalizada, na qual ocorreu e ocorre uma intensificação da relação entre o campo e a cidade. Dessa forma, os processos das transformações recaem, de forma direta e indireta, sobre a realização das festas.

As festas do passado de Cascalho e Santana têm vários elementos comuns, como: flores feitas de papel crepom para adornar; sistema de assar frangos em fornos de lenha; realização de leilão e quermesse; além do mesmo tipo de animação promovida pelas bandas musicais compostas pelos moradores do bairro. Tudo era doado, e os encarregados de ir atrás das prendas, os festeiros, passavam em todas as casas, sítios e fazendas. Essa figura já não atua mais em Santana e, apesar de ainda existir em Cascalho, teve seu papel modificado. Entender parte das mudanças, recorrendo aos relatos orais, foi um dos propósitos desta pesquisa.

7.6.1 Mudanças em mais de um século de festa: Cascalho

Uma das mudanças mais marcantes, citadas pelos entrevistados em Cascalho, diz respeito à quantidade de pessoas que participam das festas atualmente, em grande parte constituída por pessoas “de fora”. Esse crescimento do número de participantes demanda, primeiramente, o aumento da quantidade de comida que precisa ser feita. Esse fato foi apontado

por vários entrevistados, principalmente por aqueles que trabalham diretamente no trabalho da cozinha.

Antigamente as festas que a gente fazia, era 50, 40, 50 frango... agora... é 500... 600... [risos] A gente nem fazia aqui [se referindo à cozinha do salão paroquial] ia na casa de uma família aí fazer, levar os frango e assar... que ele tinha aqueles forninho de barro, sabe?...era “poquinho” agora... agora tem as “máquina que faiz tudo” né?²⁶⁰

Com a necessidade de aumentar a produção, em decorrência do aumento de participantes das festas, a cozinha do salão paroquial foi ampliada algumas vezes desde sua construção e inúmeras aquisições de equipamentos foram feitas para otimizar o tempo de preparo dos alimentos, bem como proporcionar mais conforto para a equipe envolvida. Antes, a comunidade depenava os frangos, limpava e temperava para serem assados em fornos de lenha, sendo necessário manuseá-los com uma enxada. O contato muito próximo causava ardência nos olhos e prejudicava a respiração, sendo proibido pela igreja que pessoas com mais de 80 anos participassem da equipe. A partir do sacerdócio do Padre Bottion, se passou a fazer a compra do frango já limpo e temperado.

Com o tempo foi necessário também ampliar o número de barracas do lado de fora do salão paroquial, e colocar mais mesas e cadeiras para atender melhor os visitantes.

As massas para a macarronada, que eram todas preparadas pelas *nonnas* e *mammas* da comunidade, também passaram a ser compradas, em decorrência da comodidade e agilidade. As massas para lasanha ainda são feitas no bairro, mas a equipe da cozinha acredita que com o tempo também passará a ser adquirida pronta.

Há itens do cardápio que foram introduzidos para atender uma demanda maior de pessoas, pois requerem preparo mais rápido, e também adaptados para atender aos gostos e hábitos das gerações mais novas, que possuem paladar diferenciado.

Introduziu o lanche de pernil, a fogaça, o pastel...é para atender as pessoas de fora, já ter uma diversidade né? Já quer modernizar... é o paladar né? É muita gente.²⁶¹

Essas mudanças de cardápio refletem, também, as mudanças que aconteceram na produção do campo, pois muitos cultivos e criação de animais deixaram de existir no bairro.

Primeiro se fazia as coisas que tinha só na terra aqui, agora...mantêm ainda as coisas do passado, mas com inovação né? Porque os mais novos também eles não gostam... hoje gostam mais de chocolate, creme

²⁶⁰ L. Z. C., 78 anos. Moradora e colaboradora nas festas.

²⁶¹ C. C. J., 44 anos. Moradora e organizadora das festas.

*de leite...então, tem que ter “pros” dois públicos né? “Pros” antigos que voltam...o maior fator foi esse, do hábito né? Então agora tem os dois tipos, tem o antigo, a gente mantém a tradição do que era feito antigamente...os doces caseiros... polenta... mandioca... leitoa... e “pros” mais novos também.*²⁶²

Há, ainda, a reintrodução de alimentos que deixaram de ser preparados, como no caso do *crostole*²⁶³, que voltou a ser produzido em função de ser uma receita típica italiana. Essa massa doce e frita é servida às crianças que participam do projeto de integração entre as escolas do município de Cordeirópolis e a Associação *Trevisani* no evento da Semana Italiana.

*Em Cascalho uma tradição que está voltando mesmo é o Crostole. Fazia tempo que estava apagado lá. Estava meio apagado, mas ressurgiu.*²⁶⁴

O modo como o sino era tocado também foi uma das mudanças apontadas. Sendo essa uma transformação muito emblemática, pois havia pessoas específicas que atuavam na função de marcar o lugar com o som, no dia do evento mais importante do bairro.

*Eu na procissão era tocadador de sino, batia o sino com meus colegas [risadas]. Eu vinha para festa, levantava as 4:30 de lá de casa, tem dois quilômetros daqui lá, vinha a pé porque as cinco horas eu tinha que bater o sino, as cinco horas, isso tudo a pé, depois “vortava” tomava café, “vortava” para bate o sino antes da missa das sete, depois acabava a missa, ia em casa outra vez, “vortava” para bate o sino antes da missa...e na hora da missa né? Depois ia “armoçá”, depois meio dia “vortava” toca o sino mais “duas veis” antes da procissão...depois na hora da procissão até “termina”.*²⁶⁵

Para Tuan (1980, p.12), o mundo é percebido pelo ser humano, simultaneamente, através de todos os sentidos, sendo imensa a informação potencialmente disponível. No entanto, no dia a dia do homem, é utilizada somente uma pequena porção do seu poder inato para experienciar. Por ser o som do sino, de acordo com vários relatos, algo que era diferencial, era notado e esperado por toda a comunidade. Esse fato denota que se tratava de um símbolo importante da comunicação, pois através de sua sonoridade, ao ecoar por todo o bairro, demarcava o lugar e anunciava o dia mais esperado do ano, o dia da comemoração e devoção da Padroeira. Hoje, essa comunicação ocorre por meio de equipamento tecnológico, acabando, portanto com uma tradição.

²⁶² M.T.C.M., 55 anos. Moradora e colaboradora nas festas.

²⁶³ Em Cascalho a palavra é escrita “crostole”, em Santana é escrita “grostoli”. n.a.

²⁶⁴ G. H. S. R., 15 anos. Morador e colaborador nas festas.

²⁶⁵ A. P., 86 anos. Morador e colaborador nas festas.

A quantidade de pessoas que se dirige ao bairro especificamente para assistir à Coroação é, também, um fator de mudança muito grande, pois com o passar dos anos esse ato, antecedido pelo teatro, ganhou novas dimensões, tornando-se um espetáculo.

O que mudou...é assim... é o aumento de pessoas querendo conhecer ali a festa... e... no conhecimento... e assim, a Coroação em si, ela...a gente fala que é um espetáculo né? É um espetáculo que é voltado para Nossa Senhora ali mais que o pessoal também procura isso né? E... naquele dia, que é um dia único na Coroação o pessoal vem comenta: olha hoje parece que isso aqui é um pedaço do céu né? Então, é por esses depoimentos que a gente se motiva a fazer também.²⁶⁶

Com o passar de mais de cem anos, a Festa da Padroeira se consolidou e as demais foram inseridas a fim de fortalecer as características do passado que os moradores acreditam ser importantes, como a valorização da produção agrícola, resgatada mediante a realização da Festa do Milho e da ascendência italiana, que acontece pela realização da Semana Italiana e da Festa da Befana. As festas levaram, portanto, à criação de outros tipos de acontecimentos, como a criação da Casa da Cultura, que visa recuperar e manter a história e a identidade de Cascalho.

Eu acho que houve um fortalecimento, a festa, ela se expandiu, ela cresceu, ela se tornou mais diversa né? O bairro se fortaleceu nesse sentido também. É de você fazer de repente um museu no bairro, coisa que não existia. E de você trazer, de você resgatar as coisas dos antigos né? Eu acho que esse resgate é importante porque teve uma mudança no decorrer do tempo, das próprias gerações.²⁶⁷

Outra modificação citada, novamente de forma negativa, foi sobre a realização da Romaria dos Cavaleiros, que tem se apresentado como um acontecimento polêmico, que acaba, de certa forma, ofendendo os princípios seguidos pelos moradores do bairro, e principalmente por ter se descaracterizado demais em relação à religiosidade, que deveria predominar no acontecimento.

Hoje virou bagunça, mas... Romaria era caminhada com Maria, os primeiros cavaleiros de Cascalho que trabalhavam com os cavalos eles faziam a Romaria para adorar Nossa Senhora né? Só que...acabou virando bagunça...e virou muito comércio.²⁶⁸

A questão dos animais...a degradação que ela traz para o bairro é muito grande... “Prá” quem mora mais distante não afeta, mas quem mora aqui no centro [do bairro] reclama muito. A gente vê, quando

²⁶⁶ O.C., 49 anos. Morador e organizador das festas.

²⁶⁷ A. L. F., 38 anos. Morador e colaborador nas festas.

²⁶⁸ G. H. S. R., 15 anos. Morador e colaborador nas festas.

“você está na festa a gente vê coisas absurdas. A gente fica imaginando quem mora aqui. No ano passado eu fiquei triste, a hora que a Santa subiu a gente estava ali embaixo, porque é impossível a gente ficar na frente da igreja, é superlotado... e a hora que ela subiu eu chorei, mas não foi de emoção de “vê” ela, mas foi a tristeza de “vê” o que se tornou a festa. A Santa passou, ninguém viu, e o momento que era dela...todo mundo dançando quase sem roupa... e... a Santa passou e ninguém enxergou. É triste, porque o sentido da festa se perdeu. Por mim não tinha mais essa parte da festa. A gente sente porque é um pedaço da tradição que vai ficando “prá trás”. ²⁶⁹

É consenso entre os moradores que, desde os episódios negativos ocorrido na Romaria, em 2016, tornou-se necessário repensar os moldes, voltar ao que era no passado, priorizando a religiosidade e a exaltação e homenagem a Nossa Senhora de Assunção, bem como manter os aspectos rurais e diminuir os momentos profanos da festa.

Eu não acredito que tem que acabar. Tem que mudar... Não só por ser coisa também de tradição, o fato de ser um lugar rural, onde a maioria dos moradores tem uma convivência... uma vida realmente...com cavalo com boi tudo mais, então é uma festa realmente “prás” pessoas daqui. Fazer uma festa mais local. E não esse alvoroço que se tornou. ²⁷⁰

Outros acontecimentos relativos à Romaria já tinham sido readaptados, como por exemplo a presença dos tratadores, que, para representarem os agricultores no bairro, seguiam junto o percurso, como houve confusões aliadas ao fato de que esses veículos não podem trafegar na rodovia, eles foram deixados de fora.

Alguns entrevistados mencionaram que, com o tempo, houve perda do perfil religioso e do real sentido da festa da Padroeira, ao priorizar o tempo dedicado à parte profana. Outra perda, lamentada pelos moradores mais antigos, diz respeito ao papel que os festeiros desempenhavam, sendo eles muito mais atuantes do que nas últimas décadas.

“Os festeiro” aquele tempo eles trabalhavam nas festas, agora não. Eles tiravam esmola [como os moradores se referem a arrecadação de prendas] mas depois as famílias “ia” ajudar eles e eles ajudavam, agora não, tira esmola, entrega a lista lá na sacristia e boa. E “num” ajuda nada. “Tá” faltando gente “prá trabalhá”. ²⁷¹

²⁶⁹ C. S. S. R., 34 anos. Moradora e colaboradora nas festas.

²⁷⁰ D. J. C., 49 anos. Moradora e colaboradora nas festas.

²⁷¹ I. B. Q., 79 anos. Moradora e ex-colaboradora nas festas.

Outra lembrança, que atesta como a parte religiosa sofreu perda de importância, refere-se ao comportamento das famílias em relação ao 15 de agosto – dia da Padroeira – que, anteriormente, era “guardado” por essas famílias.

Lembro que assim, lá 15 de agosto a comunidade italiana elas guardavam o dia e, meus avós...a mãe, o pessoal falava hoje é dia de guarda, é dia de santo. E podia “cai” de semana que eles guardavam esse dia né? Então... hoje não pela questão de feriados, então a festa é transferida para o terceiro domingo de agosto. Mas na tradição conserva esses momentos em que 15 de agosto era o dia especial que você comprava aquela roupa nova e usava naquele dia e ali os mais antigos e onde que o pessoal era o momento de encontro aí, de início de namoro [risadas], tinha-se a banda que animava...²⁷²

7.6.2 Mudanças em mais de um século de festa: Santana

As mudanças apontadas em relação aos eventos pretéritos realizados no bairro dizem respeito a uma comparação direta entre as festas realizadas para os Santos: São José e Santa Ana, contrastando com as festas que são realizadas na atualidade: Festa da Imigração e a Festa do Vinho.

Após a primeira edição da Festa do Vinho, e devido ao sucesso alcançado, houve, de forma gradual, um envolvimento maior dos moradores do bairro. Essa situação aconteceu porque, no princípio, parte da comunidade tinha receio de trazer muita gente de fora e com isso gerar problemas. Outro ponto é que a comunidade tinha receio de investir em um evento grandioso, de se arriscar. Com o envolvimento das gerações mais novas, que passaram a integrar a equipe de organizadores e opinarem, essa condição mudou.

Mudou o envolvimento das pessoas e a consciência delas que é melhor o benefício do que o estresse gerado.²⁷³

O que essa minha geração conseguiu fazer foi que “os antigo” que organizava a festa, passou a “abri”...a enxergar que nós podemos mais. Continuará assim, não pensando pequeno, mas tipo assim, em nenhum momento, antigamente da gente “entrá”, gastava, investia tanto. A gente começa a festa com débito de sessenta mil, com “as coisa” que a ente aluga, contrata, etc. e tal. A gente tenta arrisca um “poco” mais, isso que eu achei que mudou.²⁷⁴

Essa preocupação em relação as pessoas de fora presenciarem o evento também perpassa por outros pontos, vinculados ao simbolismo que as pessoas esperam encontrar no

²⁷² O.C., 49 anos. Morador e organizador das festas.

²⁷³ G. B. V., 22 anos. Morador e colaborador nas festas.

²⁷⁴ R. N. V., 33 anos. Morador e organizador das festas.

lugar. Dessa forma, se criou a necessidade de mostrar em detalhes o que se espera encontrar em um evento que enaltece a fabricação artesanal de vinho e a ancestralidade italiana. Hoje, a comunidade tem que pensar em detalhes, na simbologia do que representa a cultura que eles incorporaram e demonstrar isso para o público, denotando que a festa não é preparada para agradar somente “os de dentro”, mas também os “de fora”.

*A forma da festa mudou, antigamente a gente não se preocupava em enfeitar...”deixa” atrativa a festa. Antigamente era “sentá”, comer, beber e ir embora. E ver banda né? Então tem essa coisa de chamar, de deixar atrativo, apresentável... antes não tinha nenhuma preocupação disso.*²⁷⁵

A simbologia denotando a produção do vinho aparece em vários detalhes da decoração da festa, bem como no material de divulgação. Para que fique evidente aos “de fora”, a tradição e a importância dos *nonos*, que “trouxeram essa raiz”, como dizem os moradores. O casal que simboliza os primeiros *nonni* do bairro sempre é lembrado e retratado na Festa do Vinho.

O aumento da quantidade de pessoas que participam, atualmente, da Festa do Vinho é uma das mudanças mais faladas pelos entrevistados, pois durante décadas as festas ficaram restritas aos moradores do Santana, Santa Olímpia (bairro vizinho) e poucas dezenas de pessoas de Piracicaba. Contexto no qual podiam até efetuar uma forma diferenciada de pagamento, como o “fiado”, na qual se pagava tudo que foi consumido ao final da festa.

*Era “poca” gente que vinha aqui da cidade. Era só o pessoal do bairro, e o vizinho aqui de Santa Olímpia né? E “as vizinhaça” do lado da Tabela [localidade próxima à Santana]. Pessoal da cidade quase não participava aqui.*²⁷⁶

*E era assim também, o povo estava acostumado e fazia até o fiado, pagava na hora que “ia sai” no domingo. Era uma festa de casa. Hoje você não pode mais “fazê” isso. Hoje em dia você pode “fazê” um fiado e larga aí para pagar no final da festa?*²⁷⁷

Esse aumento do número de participantes acontece, também, em função da divulgação que é realizada, utilizando diferentes mídias, principalmente pelas redes sociais.

*Agora eles divulgam mais. “Coloca” na internet, faz cartaz... e vão falando, comentando com os conhecidos, com “os parente”. A prefeitura também divulga né?*²⁷⁸

²⁷⁵ A. G. S. L., 34 anos. Expectadora das festas de Santana e organizadora cultural das festas do bairro de Santa Olímpia.

²⁷⁶ W. V., 72 anos. Morador e ex-colaborador nas festas.

²⁷⁷ C. M. V. Ex-moradora e ex-colaboradora nas festas.

²⁷⁸ E. A. V. C., 56 anos. Moradora e colaboradora nas festas.

Outras transformações foram lembradas pelos entrevistados. Houve os que se recordaram das mudanças em relação às comidas servidas nas festas, com retirada e inclusão de pratos, além do modo de preparo, principalmente em relação ao frango, que era depenado e temperado pelos moradores; assado nos fornos que haviam no bairro. Essa mudança no cardápio não é significativa nas festas mais recentes, ou seja, desde o início da Festa da Vinho o cardápio se manteve praticamente o mesmo, a única inclusão feita foi a da *Cucagna*, por ser um prato típico, o que dá maior autenticidade a um evento de origem italiana.

Houve mudança no cardápio, no início não fazia a cucagna na festa do vinho, depois passou a fazer. Com a tecnologia tudo muda né? Evolui as coisas...se tornaram mais prática, eu acho né? Antigamente “nas festa” você tinha que “mata os frango”... “temperá”... né? Hoje não, hoje vem quase tudo pronto²⁷⁹.

O preparo mais demorado dos alimentos propiciava uma maior interação entre os moradores, já que passavam mais horas juntos.

“Noi” levantava quatro “hora” da manhã “prá” vim ajuda a “limpá os frango”. E ficava o dia inteiro...limpando frango... ajudando na cozinha...conversando...nossos nonos “contava” como fazia nas “primera” festa deles sabe? Como era feito...eles contavam como era gostoso, eles bebiam [vinho], enquanto bebiam iam fazendo “os trabalho”²⁸⁰.

Para atender o número de pessoas que participam atualmente dos eventos, foi necessário mudar a estrutura das festas, com novas construções, ampliações e demolição dos antigos fornos que deixaram saudades nas gerações mais antigas e, até mesmo nas mais novas, que se recordam da época de criança.

Antigamente era bem menor, o salão...a estrutura era menor...a praça também foi adaptada e reformada né? Antigamente tinha a leitoa que era feita no forno, hoje não existe mais esse forno, é forno a gás...²⁸¹

Os frangos eram doados pelos moradores, que, por serem produtores rurais em sua totalidade, criavam uma quantidade dos animais para as festas. Os festeiros, função que não existe mais no bairro, eram os encarregados de buscarem essas doações junto aos moradores do bairro e nos sítios e fazendas do entorno.

²⁷⁹ E. G. V., 56 anos. Moradora e organizadora das festas.

²⁸⁰ E. A. V. C., 56 anos. Moradora e colaboradora nas festas

²⁸¹ M.V.V.F., 34 anos. Moradora e colaboradora nas festas.

Tem o lado negativo e positivo. “As festa” antiga era mais bonita. Porque tinha a banda. Porque era festa de igreja. Porque a igreja dependia de festa para construir a igreja... “prá fazê” a obra. Então fazia festa de igreja “trei” “dua” por ano. Então tinha “os forno” que assava 400 frango, 40 cada fornada... tinha leilão... a comunidade mesmo doava “os prêmio”... todo mundo doava, saia “catá prá fazenda”, “pro” sítio, doavam leitoa, doavam frango... “os festero” que iam, de cada “bairro” né? “Ia nas casa” pedindo.²⁸²

Com a extinção da função do festeiro, os próprios moradores, durante alguns anos, se encarregaram de fazer a coleta de prendas pelo bairro. Dessa forma, não mais recorriam às fazendas e sítios, diminuindo, assim, a abrangência do espaço de arrecadação.

A gente saia assim, no bairro arrecadava “as prenda”. Ai a gente ajudava a “fazê” tudo. Desde “limpá” salão, “ajuda” na cozinha. “nóis criançada” ajudava na cozinha. Ia “catá” os ovos, “fazê” o cuscuz, hoje “mudó” bastante né?²⁸³

A participação das crianças também era diferenciada na Festa da Imigração. Todas que possuíam as roupas folclóricas se vestiam a caráter no dia do evento em uma demonstração de orgulho por fazer parte da comunidade trentina.

Nas festas antigas da imigração, “tudo as crianças” participava tudo vestido à caráter, italiano, inclusive minha filha também “tava”. Agora só “as criança” que participam “das dança”. Antes era “tuda” elas.²⁸⁴

7.6.3 Mudanças e consequências

A primeira inferência que podemos fazer remete ao fato de o estreitamento da relação entre campo e cidade refletir diretamente no modo de vida rural e, conseqüentemente, na execução das festas.

Nas festas antigas dos bairros parte do entretenimento era realizado pelos leiloeiros. A função exigia uma pessoa comunicativa, que falasse alto e tivesse a habilidade de entreter, já que era considerado um momento importante do evento em função da arrecadação e da diversão. Com o tempo outras formas de diversão foram introduzidas nas festas e o leilão deixou de existir. Em Cascalho, a roleta usada desde “os tempos do Padre Luiz” ainda está conservada e, atualmente, faz parte do acervo da Casa da Cultura.

A introdução dos novos elementos na alimentação dos descendentes de italianos foi algo que ocorreu desde o começo; foi um processo iniciado no interior do domínio doméstico e ampliado nas festas religiosas, assumindo versões misturadas (SANTOS; ZANINI, 2008). Os

²⁸² C. V., 67 anos. Morador e colaborador nas festas.

²⁸³ E. G. V., 56 anos. Moradora e organizadora das festas.

²⁸⁴ L. M. V. O., 62 anos. Moradora e colaboradora nas festas.

pratos servidos nos eventos, apesar de serem receitas tradicionais e típicas, receberam requinte conforme a condição das famílias do bairro foram melhorando. A base foi mantida, porém, novos ingredientes foram acrescentados, a exemplo do cuscuz, em ambos os bairros, e da *cucagna*, que não tem na receita típica a adição de bacalhau como a feita em Santana.

Mesmo que as festas tenham se tornado um produto de venda dos bairros, devido ao espetáculo, elas continuam a conter momentos de tradições e de resíduos de tempos pretéritos, além de propiciarem a sociabilidade e momentos de encontro com aqueles que já não residem no lugar, mas possuem alguma forma de vínculo (MARIANO, 2007, p.25).

Dentre todas as mudanças citadas, a comida é sem dúvida a que mais sofreu transformações, seja por elementos introduzidos para compor o cardápio, seja pela facilidade buscada em fazer os pratos de modo mais rápido e que atenda, e agrade, um número muito maior de participantes de fora.

Em suma, os domínios da comida ressaltam o quanto os grupos, sejam étnicos ou não, dialogam com os entornos nos quais se inserem (ou são inseridos) e como, enquanto seres reflexivos e abertos em suas negociações, podem aceitar ou não determinadas novidades e elementos e elaborar, sobre as mesmas, novas ou velhas significações. Desta forma, entendo que, enquanto manifestação de determinados gostos, sabores e texturas, a comida pode ser compreendida, também, como um espaço lúdico, de criação e recriação de significados (SANTOS, ZANINI, 2008, p. 276).

É importante salientar que parte das adaptações realizadas nas festas, como a compra de alimentos industrializados, processados e até mesmo prontos aconteceu para facilitar e dar mais conforto aos colaboradores da comunidade, principalmente para a equipe de cozinha. Essa condição retrata mais uma das influências do modo de vida urbano sobre a comunidade rural, que requer cada vez mais conforto e praticidade.

Outro elemento que mudou notoriamente nas festas foi a parte musical. De bandas formadas exclusivamente por músicos do bairro, que não cobravam pela animação, passaram a contratar conjuntos musicais com repertório mais comercial, pago com o dinheiro do patrocínio da prefeitura nas maiores festas. Essa mudança é, sem dúvida, uma das mais sentidas pelas gerações mais velhas dos bairros, que vivenciaram essa troca, e em grande parte não aprovam.

Crozat (2016, p. 13) lembra que a música “[...] no passado, era um prazer raro, às vezes mesmo excepcional, um evento: entre fantasias e ilusões, a música é tanto um vetor como uma testemunha de uma grande mudança das práticas culturais”, já que o acesso não era tão fácil, pois várias pessoas, principalmente das áreas rurais, não tinham acesso ao rádio ou outros meios de ouvi-las. O autor afirma, ainda, que ela funciona como uma ferramenta de marketing espacial e formação da imagem dos lugares. Hoje, nos bairros onde o acesso à música acontece de muitas formas, o marketing musical acontece quando se enaltece a cultura italiana; principalmente na

Semana Italiana, em Cascalho, e nas festas do Vinho e da Imigração, em Santana, quando há uma junção da música com as danças.

O aumento do número de participantes das festas nos permite inferir que há nele a concepção de ampliação do poder do lugar, ou seja, quando se expande o espaço de realização do evento e o número de participantes, crescem também os valores do bairro, mesmo que seja necessário ceder em alguns aspectos, as tradições, modificadas ou não, permanecem, dando identidade diferenciada ao lugar.

Outro fato decorrente das mudanças ocorridas com o passar dos anos refere-se ao aumento de consumo das bebidas alcólicas, o que gera preocupação e receios. Essa situação acontece com maior frequência em Cascalho. Em Santana, onde o vinho é o destaque maior da festa, não há relatos de que houve consumo exagerado.

7.7 A perda das características do rural do passado

O espaço rural, na atualidade, não é exclusivamente agrícola. Nos bairros estudados essa condição fica cada vez mais evidente. As propriedades rurais deixaram de produzir alimentos, passando a cultivar plantas ornamentais, e sendo subdivididas para se tornarem sítios e chácaras de final de semana, como no caso de Cascalho, ou ter as terras arrendadas para a produção de cana, situação atual de Santana, é esperado que essas mudanças tenham refletido diretamente na realização das festas, que tinham na produção rural e na criação de animais a base para o desenvolvimento da culinária e dos leilões dos eventos. Daí esse teor ser abordado aqui, a fim de compreendermos parte dessas transformações.

Rompe-se deliberadamente e explicitamente com dois elementos secularmente associados ao rural: sua função principal não é mais, necessariamente, a produção de alimentos e nem a atividade predominante é a agrícola, o que reforça a noção de hibridez do espaço rural. A dimensão não agrícola vem aumentando, muitas vezes associada à noção de patrimônio, com a renaturalização da paisagem. Enfatiza-se a preservação e a proteção da natureza, valoriza-se a busca da autenticidade dos elementos paisagísticos locais, a conservação e a proteção dos patrimônios históricos e culturais, o resgate da memória e da identidade. Dessa forma, há a mercantilização das paisagens, com a conseqüente expansão das atividades de turismo e de lazer. E esse rural é uma das dimensões do espaço geográfico, que pode ser apreendido nas suas relações com o urbano por meio de das ruralidades, urbanidades e das múltiplas territorialidades (MARAFON; SEABRA, 2014, p. 12).

Com o intuito de tornar as festas atrativas para pessoas de fora da comunidade, o acolhimento e a hospitalidade nesses eventos se fazem necessários, requerendo mudanças com o objetivo de manter e atrair visitantes. As festas acabaram sendo pensadas e executadas visando obter o maior êxito possível. Parte dos detalhes da decoração e divulgação delas contém

elementos desse modo de vida, mantendo esses aspectos em função de serem eventos que acontecem no campo.



Figura 83 – Cartaz da Festa do Milho de Cascalho de 2017 – bairro Cascalho
Fonte: Casa da Cultura de Cascalho



Figura 84 – Cartaz da Festa do Vinho de 2016 mostrando a plantação de uva – bairro Santana
Fonte: Dirce G. Vitti (arquivo pessoal)

7.7.1 Mudanças de cultivo, mudança nas comidas das festas

Com a modernização dos modos de preparo dos alimentos e o fato de que, em sua maioria, são comprados, uma das grandes transformações lembradas pelos entrevistados de Cascvalho, que remete à perda da característica rural do passado, diz respeito aos frangos, antes doados pelos moradores, temperados pelas cozinheiras e assados em forno de lenha; hoje, são comprados temperados e assados em máquinas.

Uma das moradoras pontua como acontecia a ação de doações realizadas aos festeiros.

Na época do Padre Luis [Stefanello] “nóis” ia com listas nas fazendas, “prá marcá” lá um frango, uma dúzia de ovo, quinhentos reis, tudo doação, agora é tudo comprado.²⁸⁵

Ainda sobre a arrecadação e preparo das carnes, esses também eram feitos nas casas de algumas famílias, em sistema de mutirão, até o final da década de 1950. Era comum os moradores das casas ofertarem o almoço para aqueles que iam ajudar.

No começo a gente despenava frango na casa ali de uma tal de Rosa Baião, “mai” é Rosa Almeida né? “Nóis falava” Baião, “mai” é Almeida. Ai depois passou “prá” casa do meu pai. Ai “nóis” limpava... aí limpava frango lá porque naquele tempo a gente ia pedir esmola de lista [doações] então a turma dava frango, dava peru, dava cabrito, leitoa tudo, aí matava lá na casa do meu pai. “Nóis” limpava tudo lá, despenava, enchia “os frango” de farofa e tudo. E minha mãe servia comida “prá” quem ia “ajuda” lá. Dava comida “prá tudo” eles. E de noite ficava meu pai com “outra” irmã minha mais velha e assava “os frango” tudo de noite “naqueles forno” de lenha que tinha lá, assava... duzentos, duzentos e cinquenta frango, leitoa cabrito. Depois “cabo”, “eles compra pronto, não vai mais “pedi” esmola. Hoje pede óleo, pede trigo... “essas coisa”, não é mais “que nem” antigamente.²⁸⁶

Apesar dos doces servidos nas festas levarem ingredientes processados e industrializados, a base de algumas receitas continua utilizando elementos que, antigamente, eram cultivados em Cascvalho, remetendo à agricultura praticada, como é o caso da abóbora e de sua variedade, a moranga, que sempre foram plantadas pelas famílias e utilizadas nas refeições e no trato dos animais.

A batata-doce e o amendoim eram plantados entre os pés de café e, depois de colhidos, viravam doces, preparados de forma bem mais simples, somente com adição de açúcar ou mel.

²⁸⁵ A. P., 86 anos. Morador e colaborador nas festas.

²⁸⁶ M.T., 92 anos. Moradora e ex-colaboradora nas festas.

Dos pomares de frutas também se extraía a matéria prima para bolos e compotas, sendo as de mamão e laranja receitas originais comercializadas nas festas.

Em Cascalho, hoje, os únicos cultivos plantados com o objetivo de ser base para as comidas servidas nas festas são o milho, para a festa desse cultivo, e a mandioca, para os bolinhos recheados de carne que são servidos quando acontecem as quermesses.

7.7.2 Mudanças no rural, mudanças no mutirão

Foi lembrado pelos moradores de Santana que as festas sempre aconteceram em forma de mutirão, ou seja, uma das características do passado que não desapareceu, porém sofreu algumas modificações em relação à arrecadação das prendas, com pouca participação das gerações mais novas.

Antes... antes o pessoal ia nas casas, ia arrecadar que nem o frango...as coisas...e hoje não tem mais isso né? A participação do povo que tinha aqui era muito bonita. Hoje tem poucos jovens que “ajuda”. ²⁸⁷

Novamente, a questão da derrubada dos fornos foi relatada ao se fazer a pergunta sobre as mudanças das perdas das características do rural do passado aos entrevistados. Essa destruição aconteceu porque os frangos e leitoas deixaram de ser doados, exigindo, portanto, uma mudança no cardápio. Caso sejam servidos nos almoços das festas, são preparados na cozinha e assados no fogão a gás.

Aquele tempo lá, que nem assim na festa da cozinha lá, a turma fazia leitoa, fazia frango, fazia cuscuz, e agora já, o frango lá e leitoa já não tem mais, porque foi “derrubado” o forno, que “aumento” o salão e as “geladeira” que tinha aí. ²⁸⁸

Tinha leitoa e frango, era tudo dado, pessoal criava, matava e depois assava nos “forno” antes de “derrubarem” eles. “Oia” criava um monte de bicho, tudo dava. A leitoa e o frango aquele tempo a gente saia por aí e tudo mundo dava, todo mundo dava, era tudo ganho. Agora é comprado. ²⁸⁹

Essas mudanças são compreensíveis na visão dos moradores, já que no bairro o único plantio comercial é a cana. Eles entendem que o bairro perdeu as características rurais e que o momento atual é outro.

²⁸⁷ V. V. C., 47 anos. Moradora e colaboradora nas festas.

²⁸⁸ E. G. V., 56 anos. Moradora e organizadora das festas.

²⁸⁹ W. V., 72 anos. Morador e ex-colaborador nas festas.

*A festa foi acompanhando o decorrer dos anos. Porque se os nonos eram um momento, hoje em dia é outra sintonia. Tem que se adaptar a todos os momentos. O público é outro.*²⁹⁰

Em Santana, grande parte dos moradores continua a ter suas hortas no quintal, e vários possuem pomares e criação de animais, principalmente galinhas, porém, a maior parte arrendou as terras para o plantio de cana. O cultivo da uva continua a ser feito nos fundos dos quintais para a produção do vinho consumido pela família, e também prosseguem as insistentes tentativas de plantio dessa fruta com o objetivo de subsidiar a produção da cooperativa.

7.7.3 O que restou do rural

Sendo as festas realizadas em área rural, ainda há elementos que remetem a esse modo de vida, como o uso de forno à lenha para assar leitoas, a realização da Festa do Milho, o cuscuz, que é uma receita paulista associada ao caipira, a realização da romaria e o plantio de uva. Mesmo que as características tenham se perdido, em consequência das relações entre os espaços e transformações dos modos de vida, alguns elementos permanecem no imaginário, tanto da população residente dos bairros, mas, principalmente, na de visitantes das festas.

O mutirão, prática tão efetiva em épocas de plantio e colheita nos bairros, hoje está restrito aos eventos e alguns acontecimentos pontuais. Basicamente, consiste na arrecadação de ingredientes e nas atividades de arrumação e preparo das festas.

7.8 As crianças e os adolescentes

Os jovens e as crianças fazem parte dos “recursos latentes” de que a sociedade dispõe, que é pautada sobre realidades distintas, quando se considera as diferentes classes sociais, etnias e gênero, criando diferentes posições ocupadas nos espaços sociais. As diferentes inserções de participação dos jovens²⁹¹ que vivem no meio rural resulta em diferentes graus de sociabilidade, inserções produtivas, de acesso à serviços públicos, que culminam ou não na participação de dinâmicas migratórias, tendo como consequência o esvaziamento e a masculinização da população rural (WEISHEIMER, 2005).

As condições dadas aos jovens irão se espelhar em inúmeros aspectos não só na vida deles, individualmente, mas no grupo ou comunidade na qual estão inseridos. Pensando sobre a execução das festas nos bairros, essas condições também refletem sobre o desenvolvimento dos eventos e a conservação, ou não, das tradições, daí as perguntas feitas para esse grupo que

²⁹⁰ C. M. V. Ex-moradora e ex-colaboradora nas festas.

²⁹¹ A definição da palavra juventude varia segundo os critérios e pontos de vista adotados, sendo importante destacar que a transição juvenil se caracteriza, principalmente, em função do processo de socialização e atribuição de papéis sociais específicos (WEISHEIMER, 2005).

inclui também as crianças. A primeira questão feita foi se consideram que o trabalho que eles exercem nos eventos é importante para o futuro das festas. O segundo questionamento foi averiguar qual função eles se imaginam exercendo nas festas, futuramente.

7.8.1 O trabalho e a participação das crianças e adolescentes em Cascalho

Em Cascalho, a totalidade dos entrevistados respondeu que acreditam que o trabalho das crianças e adolescentes é primordial para o futuro das festas.

*Sim, porque as crianças estão vendo, e elas estão fazendo né? Elas “tão” ajudando...porque quando elas crescerem elas podem querer fazer isso. Elas podem fazer a coisa certa e não a errada.*²⁹²

*É mais “prá não dexá” morrer. Se no caso a criança e o adolescente “tá” dentro da igreja, na catequese, por exemplo, ela vai “cresce” com a base, naquilo ali. Ela sabe que a festa é importante “prá” história do bairro e da igreja dela, então eu acho que é importante “prá ir mantê” essa tradição.*²⁹³

Eles consideram que essa contribuição pode ocorrer de várias formas, incluindo a possibilidade de poderem opinar e dar novas ideias para incrementar a festa e expandir a divulgação, uma vez que são usuários de tecnologias e, conseqüentemente, de redes sociais.

*Porque as crianças e adolescentes podem ajudar bastante, a ter novas ideias, a fazer outras coisas também.... coisas diferentes.*²⁹⁴

*“Os adolescente” ajuda a “divulgá”. Eu mesmo posto tudo “prá ajuda divulga...falo também com “os amigo prá vim” aqui na festa.”*²⁹⁵

Outra questão é que eles acreditam que são mais ativos que as gerações mais velhas, tendo, portanto, mais energia e disposição para trabalharem nas festas.

*A gente ajuda muito e consegue fazer “várias coisa” bem rápido.*²⁹⁶

Uma das entrevistadas avançou com a ideia de que as festas contribuem com a religião, que por sua vez, quando praticada de acordo com os princípios católicos, auxiliam os jovens a não se desvirtuarem dos caminhos religiosos.

²⁹² Y. V. O. L., 11 anos. Moradora e espectadora das festas.

²⁹³ G. H. S. R., 15 anos. Morador e colaborador nas festas.

²⁹⁴ C. N. F., 11 anos. Moradora de Cordeirópolis e participante do Teatro da Coroação.

²⁹⁵ I. A. M. S., 12 anos. Morador e eventualmente colabora na Coroação.

²⁹⁶ V. H. G. O., 13 anos. Morador e colaborador nas festas.

Não só para o futuro das festas, “mais” para o futuro dos jovens que eles vão indo mais a igreja, vão tendo mais religião...indo mais lá, eles vão saindo das perdições... das drogas... dos caminhos ruins.²⁹⁷

Essa associação entre a prática religiosa, seus ensinamentos que levam à boa conduta dos cidadãos, é um pensamento de toda a comunidade como constatado por diversas falas nas entrevistas não só dos jovens e crianças.

7.8.2 Participação das crianças e adolescentes em Santana

Em Santana, aproximadamente trinta pessoas participam como voluntários entre crianças e adolescentes. A grande maioria integra a equipe de decoração. O trabalho fica restrito à Festa do Vinho e à função da decoração e arrumação, sendo poucas outras tarefas realizadas por eles, a exemplo da arrecadação para a Festa da *Cucagna*.

De acordo com a opinião de parte dos moradores, há um desejo que o envolvimento desse grupo seja maior.

Eu gostaria que a juventude valorizasse mais, muito. Eles valorizam, mas não com aquela...aquele entusiasmo...que hoje tudo estuda...tudo trabalha...então...falta tempo. É por causa mesmo “das evolução” dos tempos né? Da mudança do próprio tempo.²⁹⁸

Fica explícito, com a fala anterior, que o envolvimento e a participação dos mais novos não acontece de forma ampla como no passado, porque muitos já não permanecem mais tanto tempo no bairro, como as gerações pretéritas. Hoje, há possibilidade de estudarem, trabalharem e se divertirem fora do bairro.

Para as crianças e jovens que fazem parte do grupo, eles acreditam que suas participações e os trabalhos que desempenham na atualidade servem para que adquiram experiência para, no futuro, substituir os mais velhos, dando continuidade à execução das festas e manutenção das tradições do bairro.

É porque quando que “as pessoa” daqui, não estiverem mais... assim...vivas...as pessoas que faziam podem ajudar.²⁹⁹

Até porque, os idosos, os mais antigos, eles que começaram essa festa, então, a gente “tá” tentando aprender “prá” gente continuar essa tradição.³⁰⁰

²⁹⁷ C. P. S., 12 anos. Moradora e colaboradora nas festas.

²⁹⁸ E. G. V., 56 anos. Moradora e organizadora das festas.

²⁹⁹ A. V. S. 10 anos. Morador e colaborador nas festas.

³⁰⁰ D. V. S., 13 anos. Moradora e colaboradora nas festas.

7.8.3 Refletindo sobre a participação das novas gerações

A grande parte dos pais das crianças, que estão de alguma forma atuando nas festas, também são colaboradores, o que deixa evidente que exercem uma influência sobre os filhos para que sigam com as propostas de trabalhar para as festas e em prol da igreja, pois a totalidade é praticante do catolicismo.

A escolha das jovens para o ato da Coroação em Cascalho, e de rainha e embaixadora da Festa do Vinho, acabam por requerer também o envolvimento das famílias e dos moradores. Silva (2013, p. 113) esclarece que a escolha envolve um sentimento de obrigação e reciprocidade pois representa “[...] uma doação, do corpo, um sacrifício da família e também dos demais moradores, para, de certa forma, fazerem jus talvez à representação coletiva de pertencimento”.

A participação desse grupo é ainda bastante restrita, mas como aconteceu no passado, em que as novas gerações foram se inteirando do trabalho e se tornando participativas com o decorrer do tempo, é esperado pela comunidade que isso aconteça com os mais novos.

De acordo com os depoimentos dos jovens e crianças ficou claro que eles gostariam de participar mais e não fazem porque, além do tempo que têm disponível ser reduzido, eles encontram uma certa resistência dos mais velhos, que não querem deixar e nem compartilhar os seus postos.

7.9 As crianças, os adolescentes e o futuro das festas

Quando foi feita a pergunta sobre o que eles imaginam fazer nas festas futuramente, há os que se enxergam tendo uma participação como colaborador em algumas das etapas dos eventos, mas principalmente nos dias que acontecem as festas. Todos de alguma forma se veem trabalhando.

As habilidades que possuem hoje são tidas como importantes para colaborar nos eventos futuros, como exposto por um dos adolescentes que, ao responder o questionamento, disse se ver trabalhando no caixa em função de ser bom de conta; outra afirma que quer ajudar na montagem do cenário, porque gosta de decoração e por acreditar que tem talento para fazer artesanato, desenhos e pinturas; um outro quer continuar a trabalhar com a parte elétrica, porque já exerce essa função na atualidade.

Essa pergunta foi necessária para que tivéssemos uma ideia da intencionalidade do grupo atuante em dar continuidade na execução dos eventos do bairro.

Quando perguntados sobre a função que os entrevistados se veem no futuro, em Cascalho, alguns acreditam que vão continuar participando da Coroação, porém em outros papéis que requerem mais ensaio e até mesmo responsabilidade, envolvendo falas e não

meramente sendo parte da figuração. Todas as meninas entrevistadas têm o sonho de ser sorteadas para coroarem Nossa Senhora de Assunção. Nas respostas não ficou evidenciado quererem ser a protagonista somente por vaidade, mas, sim, para realmente poder prestar uma homenagem à Santa.

Dentre os entrevistados, poucos adolescentes se veem, no futuro, trabalhando na cozinha, que é uma função primordial para a existência das festas no sentido de não precisarem contratar, e que é uma grande preocupação da comunidade atualmente.

A participação das crianças e jovens de Santana fica restrita à decoração e arrumação da festa, além da colaboração em algumas barracas. Quando questionadas sobre atuarem na cozinha, que é uma área prioritária para as festas, algumas responderam que não têm interesse, outras que não levam jeito para cozinhar. Mas, em algumas falas ficou evidente que os mais velhos ainda não permitem a participação delas.

Aqui tem bastante gente que trabalha na cozinha, mas as crianças em si não podem ir na cozinha por esse medo dos adultos que tem de fogo e essas coisas.³⁰¹

Nos relatos das crianças e adolescentes entrevistados ficou notório o desejo de continuar com as tradições do bairro, que acontecem por intermédio da realização das festas. Foi recorrente eles se referirem aos elementos das danças, da música, da comida e a produção de vinho como sendo “nossa tradição”, alegando, assim, um pertencimento à comunidade, independente de não serem tão atuantes quanto gostariam.

A festa em área rural é um importante instrumento de consolidação das identidades, sua realização quando “considerada tradicional, os “antigos” procuram manter a tradição e, para os “jovens”, é uma excelente ocasião de fazer novos conhecimentos e efetuarem a integração às tradições religiosas” (ALMEIDA, 2014, p. 132). Desse modo, são muito importantes o envolvimento e a articulação entre as diferentes gerações, para que os mais velhos incentivem e ensinem os mais jovens, e esses levem adiante os conhecimentos e as tradições.

7.10 Reflexão final do capítulo: resposta da tese

A primeira conclusão que podemos fazer, tanto em relação a Santana quanto a Cascalho, diz respeito à importância do envolvimento da comunidade com a igreja, e a prática da religião católica por mais de cem anos, que foi uma das tradições trazidas e mantidas pelos imigrantes italianos. A prática religiosa, portanto, foi o principal fator que levou à união da comunidade e consequente execução das festas.

³⁰¹ D. V. S., 13 anos. Moradora e colaboradora nas festas.

O grande aumento de pessoas que participam dos eventos, na condição de visitantes, criou uma demanda de maior quantidade de alimentos e entretenimento e, conseqüentemente, mais pessoas para trabalhar nos eventos. Essa conjectura reflete na incapacidade das comunidades em não possuir mão de obra suficiente, requerendo a contratação de alguns serviços, terceirização de outros e compra de produtos e alimentos já prontos, como no caso da pamonha servida na Festa do Milho, em Cascalho. As receitas feitas a partir do milho são trabalhosas. Antes, o milho era colhido e preparado pelo sistema de mutirão, como no caso da pamonha e curau, porém, devido à falta de pessoas para realizar esse trabalho, passou a ser comprado congelado, e cozido algumas horas antes de ser comercializado. Todo o ritual que envolve o preparo, como descrito a seguir por Damante (1980, p. 45), deixou de ser feito.

O ciclo sazonal mobiliza famílias e vizinhos na colheita de milho verde, consumido cozido ou assado, sempre com sal, ou ralado, para produzir pamonhas e curaus. Observa-se todo um ritual, do colher e descascar as espigas, raspar o milho, acondiciona-lo nas próprias folhas verdes e cozê-lo em grandes panelas ou caldeirões olorosos.

Esse aumento reflete, também, na perda das características rurais do passado, quando os cultivos eram plantados, os animais eram criados exclusivamente para a ocasião das festas. Os pratos tradicionais e típicos, outrora preparados de forma artesanal, são adquiridos prontos e só finalizados antes da comercialização, pois requererem uma rapidez e agilidade no preparo e no ato de servir. Em compensação, essa perda de tradição representou maior conforto e rapidez para quem prepara, um conforto evidenciado e aprendido com o modo de vida urbano, que se instaura em diferentes graus no campo.

Em ambos os bairros os moradores acreditam que, no futuro, parte das funções e atividades serão terceirizadas e contratadas. Essa projeção é vista de forma negativa, pois representa a perda de autonomia e descaracteriza parte do serviço que é atender o público ‘de fora’ com as características que a comunidade tem, que é a simpatia, a alegria e a simplicidade.

A disponibilidade de alguns produtos e ausência de outros no preparo dos alimentos levou a uma adaptação da culinária dos imigrantes italianos, cabendo à mulher desempenhar esse papel, já que eram elas, exclusivamente, que cozinhavam (COLLAÇO, 2009). Essa situação mudou pouco nos dias de festa dos bairros, na atualidade, pois as mulheres seguem formando a maior parte da equipe de cozinha.

Há uma preocupação sobre a não renovação de pessoas que trabalham na equipe de cozinha. No geral, as cozinheiras e cozinheiros são formados por gerações mais velhas e não tem ocorrido uma renovação. Em parte, a substituição não acontece pela falta de interesse das

gerações mais jovens, mas também porque muitos não querem deixar de exercer a função e não permitem que outras pessoas façam.

Poucas crianças se enxergam, no futuro, trabalhando na cozinha, em grande parte essa condição acontece porque não é permitido a elas exercerem função nenhuma nesse lugar, ficando restrito a ajudar a lavar a louça, por exemplo. Dessa forma, não criam expectativa e nem desejo de ser parte da equipe no futuro. Uma parcela dos jovens, que tem uma visão mais amadurecida, acredita que com o tempo e a necessidade poderão ser parte dessa equipe. Essa questão é primordial, pois se não forem incorporados o caminho será terceirizar os serviços, perdendo aquilo que eles mais prezam, que é a autonomia e perpetuação das tradições, principalmente em relação ao preparo da comida, que precisa dos mesmos temperos, mesmo modo de preparo, mesmo clima e modo de fazer das *nonnas* e *mammas*.

Parte das perdas das características das festas do passado tem sido compensada com a introdução de tradições italianas, conhecidas em grande parte pelas gerações mais jovens que viajaram para a Itália, a partir da década de 1980.

Com a perda das características do rural do passado, que gerou a aproximação entre os espaços campo e cidade, resultando na redução das diferenças dos modos de vida rural e urbano, as comunidades dos bairros lutam por resguardar aquilo que acreditam ser importante, como tradições dos antepassados, seja pelo que realmente ficou de resquício do passado, seja porque foram buscar na região de origem, na Itália, elementos que eles assumiram como sendo “seus”.

Dentre todos os elementos, o que realmente fica entendido ser tradição italiana de Santana é a produção de vinho; a culinária típica, que teve poucas alterações; a pintura de ovos; e a *Festa da Cucagna*. Em Cascalho, a cultura italiana prevaleceu somente na culinária. Em ambos, a cultura italiana materializada de maneira efetiva, mesmo depois de um século, é o catolicismo, expresso de diferentes modos nas festas, nas entradas das casas, na construção de grutas e na conduta e comportamento de grande parte dos moradores. Sendo as igrejas, os salões paroquiais, suas praças e seu entorno, o ponto de encontro dos praticantes dessa religião.

A maior parte das crianças de Cascalho participa das festas porque atuam no teatro da Coroação. A maior parte também está envolvida por fazer o Catecismo no bairro. A participação dos pais nos eventos promovidos pela igreja é um motivo a mais para participarem, o mesmo acontece em Santana. A participação dos grupos de crianças e jovens nos bairros, mesmo que ainda limitado a algumas tarefas e funções, produz neles um senso de pertencimento à comunidade. Esses grupos entendem que as festas representam um meio de manter as tradições que seus antepassados conservaram, e até mesmo as que foram adquiridas como sendo do grupo, vivenciadas por eles mediante a demonstração das singularidades culturais que

acontecem de forma lúdica nas festas. Eles compreendem a importância da realização das festas para essa manutenção cultural e, também, para a prática da religiosidade.

Essa participação, igualmente, tem contribuído para a reafirmação de alguns valores que já são inerentes aos moradores, como a solidariedade, a valorização da história dos ascendentes, incluindo a luta dos antepassados para sobreviverem em uma terra estrangeira e buscar melhores condições de vida. A prática da religiosidade católica reforça ainda mais esses valores, como recriminarem os visitantes que participam das festas e bebem demais. Essa condição ficou bastante explícita nas falas dos entrevistados de Cascalho ao se referirem à Romaria.

A conduta dos padres também é um fator importante, pois ficou evidente que quanto mais ele é integrado com a comunidade, menos problemas nas festas são gerados. Sendo pertinente que quem ocupe o posto cative e integre os moradores do bairro.

Outra inferência diz respeito ao isolamento de mais de meio século do bairro de Santana, que é apontado pelos próprios moradores como um dos fatores que contribuíram para a conservação das tradições do bairro, mesmo já não sendo como na época dos primeiros imigrantes, denotando, dessa forma, um processo natural de transformação dos lugares. O mesmo não aconteceu com Cascalho, onde os moradores consideram que “muita coisa se perdeu” por obra da aproximação intensa que houve com o núcleo urbano do município de Cordeirópolis.

A Festa do Vinho acabou por substituir em grau de importância as outras realizadas no bairro, os próprios moradores, principalmente das gerações mais novas, já não se sentem motivados a realizá-las como no passado, pois recebendo a Festa do Vinho um número maior de participantes, eles acreditam que, além de ser mais viável economicamente, é esse evento em específico que permite uma visibilidade da cultura e das tradições que eles julgam necessário conservar. O fato do grupo de crianças e adolescentes terem uma participação mais ativa, podendo opinar e criar, já que fazem parte da equipe de decoração e arrumação, contribui ainda mais para esse ponto de vista. Em Cascalho, por ser unânime considerar a Festa da Padroeira como insubstituível e essencial, os esforços recaem para que ela siga sendo uma ocasião de agradecimento e devoção.

A parte de arrecadação de lucros para os bairros é muito importante, mas não foi o fator mais citado, e nem o primeiro a ser falado quando realizamos o questionamento. Em Santana, a renda gerada para o bairro deu à comunidade muita autonomia para realizarem melhoras sem depender de órgãos públicos. Isso é possível porque a Associação de Moradores é muito atuante, unida e eficaz. O lucro gerado pelas festas é bem-vindo, mas fica claro que não querem obter esse saldo positivo por meio da participação de qualquer pessoa, sendo que foi recorrente falarem que desejam a participação de famílias, de pessoas que vão às festas para gastarem

comendo, e não se divertindo somente vendo as atrações. Fica claro que querem manter a reprodução da conduta e comportamento que possuem no dia a dia. Essa condição é mais marcante em Santana, onde os moradores acreditam viver em um lugar privilegiado, com qualidade de vida, sem violência, sem analfabetos e nem criminosos. É um lugar em que eles dizem ter orgulho de ser parte porque ali se honra a família, cuidam de seus idosos e se ajudam quando precisam.

É um desejo explícito de ambas comunidades aumentar ou melhorar a infraestrutura das festas, pois a maior parte dos entrevistados concorda que é preciso atender bem as pessoas “de fora”, para que elas continuem a frequentar os eventos e conheçam as tradições, a cultura e o bairro que eles julgam ser um atrativo diferenciado.

Podemos concluir, portanto, que diante das aceleradas transformações dos espaços e a aproximação entre campo e cidade, tanto as relações espaciais quanto as festas perderam suas características típicas rurais e sofreram inúmeras modificações, mas permanecem como elemento primaz de agregar os membros da comunidade e dar-lhes identidade; permanecendo, ainda, como uma marca histórica da ocupação dos bairros rurais. Pois, apesar de todas as mudanças, das modernidades introduzidas, das modas seguidas, do aumento da participação das pessoas “de fora”, da modificação do cardápio, do incremento da arrumação e dos tipos de entretenimento, as festas continuam sendo essenciais para a prática e propagação religiosa, bem como para a perpetuação da cultura e das tradições que a comunidade julga ser importante conservar. Igualmente, para o estreitamento entre os espaços do campo e da cidade, para a ampliação e manutenção das amizades, para o reencontro com amigos e parentes, como forma de entretenimento e um modo de conservar a identidade como moradores do bairro. Embora haja mudanças, a religiosidade, o mutirão, a socialização e algumas tradições seguem

CONSIDERAÇÕES

As condições geográficas propiciaram ao Estado de São Paulo ter, a partir do século XIX, uma economia pujante e uma importância política no contexto brasileiro devido ao cultivo do café. Essa cultura, por sua vez, possibilitou uma conjuntura repleta de transformações que perpassam pelo povoamento do território paulista, pela mudança do tipo de mão de obra utilizada na agricultura, mediando a criação de infraestrutura e a dinamização da economia. Essa dinamização econômica culminou no fomento da imigração estrangeira, principalmente da italiana e, por conseguinte, no enriquecimento cultural e nova estruturação política. As transformações ocorridas a partir do século XIX não se restringiram ao Estado de São Paulo, tampouco limitaram-se ao campo, mas contribuíram para tornar São Paulo um dos principais estados da federação brasileira.

No Brasil, principalmente a partir das décadas de 1950 e 1990, quando houve, respectivamente, os processos de modernização da agricultura e modernização tecnológica, sucederam-se episódios que representaram para o campo mudanças de várias ordens, refletindo na relação com a cidade. Sobre parte dessas transformações ocorridas no espaço rural, mais especificamente nas últimas décadas, foi que se suscitou o principal motivo para o desenvolvimento deste trabalho, visando analisar a importância de realização de festividades no campo, nos dias de hoje.

Uma pesquisa que envolve estudos sobre o lugar e a execução de suas festas nos remete a buscar a compreensão das relações sociais e dos agentes envolvidos. Portanto, a fim de desenvolver a pesquisa e adequar aos objetivos, o uso do relato oral e das entrevistas se apresentou como a melhor metodologia para a argumentação da tese, uma vez que a resposta foi dada pelos moradores do bairro, ou seja, pelos atores que executam e participam das festas na comunidade. O relato oral, além de ter permitido um conhecimento e compreensão sobre as festas e aspectos do bairro, representou uma contribuição para as comunidades, que passaram a ter, de forma documentada, parte da história desses lugares e dos eventos que lá acontecem.

O formato escolhido, entrevistas semiestruturadas, permitiu um maior detalhamento das questões ao poder estimular os depoentes para que falassem mais, obtendo, dessa forma, respostas e relatos mais complexos, nos dando margem para a execução de uma análise qualitativa do modo de pensar, fazer e reproduzir da comunidade.

Para a descrição e análise dos bairros e dos eventos, o uso das leituras da Geografia Cultural permitiu inferir sobre elementos a serem analisados, uma vez que, nessa área, têm sido desenvolvidas pesquisas que contemplam vários desses elementos, associados entre si, ou não.

Dentre eles, se sobressaem algumas dimensões da sensorialidade que permitem novos olhares. São sentidos que acionam impressões existentes na memória, vinculadas a cheiros e sons (presença e ausência). Associados às áreas rurais, esses elementos ganham a dimensão de lugar de memória e herança, além de despertarem certa nostalgia, principalmente na população com mais idade, e/ou que já viveu no campo. Outros aspectos também têm ganhado abordagens na área da Geografia Cultural, como a gastronomia, a música, o modo de ser e viver, que vão desde o envolvimento com a comunidade, as relações de sociabilidade, o cotidiano e as marcas no lugar, que culminam como importante objeto de análise.

Com o propósito de traçar reflexões sobre a importância da realização de festas para as comunidades envolvidas, optamos em escolher dois bairros como recorte de pesquisa. Essa escolha de um objeto de estudo considerado menor, em relação à espacialidade, teve como premissa poder avaliar de forma mais profunda os aspectos geográficos, sociais, econômicos e culturais. Sendo o bairro rural um lugar que propicia às pessoas e aos objetos relativa proximidade espacial, é usual que aconteça um compartilhamento entre áreas comuns, divisão de serviços, semelhantes formas de lazer e, no caso específico de Cascalho e Santana, a mesma prática religiosa.

Para se chegar à contextualização atual dos bairros foi necessário compreender a dinâmica de ocupação e produção agrícola do estado de São Paulo a partir do século XIX, quando ocorreu a imigração de estrangeiros em função da substituição da mão de obra escrava, que instituíram, por onde se instalaram, a cultura de seus antepassados. Foi necessário, também, entender a implementação dos Núcleos Coloniais oficiais, criados pelo governo da época e amparados por esse mesmo governo, pois Cascalho foi um dos primeiros do país.

Apesar de os Núcleos Coloniais não terem sido um projeto amplo, sendo considerados como um insucesso pelo governo e fazendeiros da época, a comunidade de Cascalho é unânime em afirmar que a maneira utilizada para a implementação do Núcleo foi de fundamental importância para as famílias que ali se instalaram, permanecendo os descendentes da maioria delas ainda no bairro. Os moradores falam com orgulho do fato de que a formação de Cascalho, de alguma forma, consistiu numa das primeiras tentativas de reforma agrária do Brasil.

A escolha dos bairros rurais de Cascalho e Santana aconteceu a partir dos atributos e características equivalentes que esses lugares possuem na atualidade, após uma série de ponderações prévias que foram feitas sobre outros recortes espaciais. É importante ressaltar, novamente, que o objetivo principal não foi compará-los, mas, sim, elencar aspectos semelhantes e uma certa paridade para podermos estudá-los de forma mais complexa.

O conceito de lugar aplica-se nesta pesquisa aos bairros rurais, pois está diretamente atrelado às características deles, ou seja, às tradições, aos vínculos familiares e de amizade, à

história local e, especialmente, ao modo de vida rural, que, ainda que tenha sido modificado e adaptado, está presente nas comunidades de modo singular, evidenciado pela identidade local e o sentimento de pertencimento.

A descrição dos bairros permitiu-nos compreender as transformações ocorridas em mais de um século de constituição dos mesmos. O bairro como categoria de análise requer uma definição com certa carga subjetiva, já que o recorte espacial é marcado por sistema particular de relações que envolve o sentimento de pertencimento e define a identidade do lugar.

No Quadro 20 trazemos uma síntese dos aspectos da constituição geográfica dos bairros. Por se distanciarem, aproximadamente, 50 quilômetros, e fazerem parte da mesma compartimentação geomorfológica, possuem características iguais e outras semelhantes. Como todo bairro rural paulista, possuem em comum também a composição de um núcleo formado a partir da igreja, lugar onde acontece as festividades e sociabilidades entre os habitantes.

Quadro 20 – Aspectos de Cascalho e Santana

| Aspecto - forma | Cascalho | Santana | Definição |
|--|---------------------------|----------------------|------------------|
| Compartimentação geomorfológica | Depressão Periférica | Depressão Periférica | Igual |
| Clima | Cwa | Cwa | Igual |
| Predomínio do tipo de solo | Latossolo Vermelho-escuro | Neossolo Litólico | Diferentes |
| Altitude | 600 a 665 m | 540 a 600 m | Semelhantes |
| Constituição de um núcleo | Há núcleo | Há núcleo | Igual |

Fonte: elaborado pela autora

Quanto ao processo de formação desses lugares, ambas comunidades têm suas origens na imigração italiana, que aconteceu no Brasil no final do século XIX, quando o governo brasileiro passou a fomentar por meio de políticas públicas a imigração de estrangeiros, como modo de suprir parte da mão de obra necessária para trabalhar com o café, principal produto exportador do país, à época. É possível afirmarmos que as condições para a aquisição das terras em Cascalho foram mais fáceis, já que o governo subsidiou parte do valor e criou uma estrutura mínima para que ali se instalassem propriedades rurais.

Passado mais de um século, os moradores ainda conservam e praticam parte das tradições e hábitos de seus antepassados, como dar importância à constituição familiar, dedicar-se com afinco ao trabalho, perpetuar a prática da religiosidade católica e demonstrar as tradições e seus elementos culturais, que são evidenciados, principalmente, nas festas.

No Quadro 21 elencamos os principais aspectos em relação à formação dos bairros.

Quadro 21 - Aspectos do processo de formação de Cascalho e Santana

| Aspecto analisado | Cascalho | Santana | Definição |
|--|---|---|-------------|
| Formação inicial do bairro | A partir do núcleo oficial | Compra de terras de uma fazenda | Diferentes |
| Origem da população | Variada, com predomínio de imigrantes italianos e seus descendentes | Italianos e seus descendentes | Semelhantes |
| Prática da agricultura de subsistência no início da constituição do lugar | Sim | Sim | Iguais |
| Uso do dialeto | Primeiros anos | Até década de 1940 | Diferentes |
| Endogamia | Rarissimamente praticada | Intensamente praticada | Diferentes |
| Comercialização dos produtos excedentes de produção – início da formação do lugar | A proximidade com a área urbana em formação e os motivos da criação do núcleo facilitam a comercialização | A dificuldade de acesso à área central de Piracicaba não permitiu um desenvolvimento eficaz, pois não tinham nem cavalos e carroças | Diferentes |
| Existência de escola desde o início da formação | Sim, desde 1895 | Não, instalação em 1923 | Diferentes |

Fonte: elaborado pela autora

Em relação à estrutura existente no bairro na atualidade, esse foi um dos aspectos que mais mudou com o passar dos anos. Em decorrência das constantes divisões de terras das propriedades, por partilhas de herança e loteamentos, muitas acabaram com a produção agropecuária, tornando-se ociosas. Outras passaram a se constituir em segunda residência, voltadas ao lazer. Houve, também, como no caso de Cascalho, inúmeras trocas de áreas produtivas por instalação de comércios, empresas, indústrias e até mesmo o cultivo de plantas ornamentais.

A Associação de moradores no bairro de Santana tem se mostrado primordial para as reivindicações e melhorias da infraestrutura coletiva, o mesmo não acontece com Cascalho, que, até o ano de 2017, não consolidou uma associação forte o suficiente para gerir os problemas e reivindicar melhorias e soluções. Porém, Cascalho conseguiu, ao longo dos anos, eleger vereadores que cumpriram parcialmente com essa função. Santana conseguiu eleger, pela primeira vez, um vereador, no ano de 2016, mas antes da posse o político faleceu.

Apesar das transformações da prática da agricultura em Cascalho, há no bairro uma Associação de Agricultores que continua a propiciar a troca de informações e técnicas, os encontros acontecem mensalmente e em determinadas ocasiões são ofertados cursos, sendo fomentada a participação em encontros da área, realizados em outros municípios. Santana, por ter somente dois produtores rurais ativos que cultivam cana-de-açúcar, não possui associações atuantes no bairro. A existência da Coopervin representa uma possibilidade para o futuro da

agricultura do local, porém, até o ano de 2017, o plantio foi insignificante mediante a produção anual, logo, a uva continua a ser adquirida da região sul do país.

Os bairros possuem, atualmente, devido as formas de locomoção e comunicação, uma relação estreita com os núcleos urbanos e não poderiam ser pesquisados como células isoladas, daí a abordagem conceitual sobre a relação campo e cidade ser fundamental. Apesar de, hoje, essa relação entre os espaços acontecer de forma intensa, as festas representam a maior atração para se conhecer o lugar já que são uma forma de entretenimento para a população de fora, principalmente para os residentes das áreas urbanas. Esses eventos são divulgados de inúmeras formas, com utilização de mídias impressas, faladas, em formato virtual por meio de redes sociais, mas o principal é o boca a boca.

No Quadro 22 listamos os principais aspectos da estrutura dos bairros.

Quadro 22 – Aspectos da estrutura de Cascalho e Santana

| Aspecto analisado | Cascalho | Santana | Definição |
|---|-----------------|-----------------|------------------|
| Energia elétrica | 1914 | 1940 | Diferentes |
| Energia elétrica em todas as ruas | Não | Não | Iguais |
| Utilização da água de poços artesianos | Ainda permanece | Ainda permanece | Iguais |
| Água encanada em todas as casas | Não | Não | Iguais |
| Proximidade com uma área mais populosa | Sim | Não | Diferentes |
| Existência de propriedades esparsas | Sim | Sim | Iguais |
| Cultivo de hortas e pomares | Sim | Sim | Iguais |
| Existência de cemitério | Sim | Não | Diferentes |
| Associação voltada à agricultura | Sim | Não | Diferentes |
| Associação de moradores consolidada | Não | Sim | Diferentes |
| Existência de segunda residência | Sim | Não | Diferentes |

Fonte: elaborado pela autora

Com a perda da função econômica atrelada à agricultura dos bairros, outras como a religiosidade, a cultura e a educação adquiriram relevância, surgindo uma nova forma de manutenção dos hábitos e costumes do lugar.

É por meio dos eventos associadas à igreja que se promovem as festas e, conseqüentemente, a maior parte da arrecadação de recursos para as obras das instituições religiosas. É, também, devido à religiosidade que se configuram as práticas de mutirões, antes atrelados ao trabalho da agropecuária. Atualmente, os mutirões são realizados, em sua maioria,

em função das obras e eventos das paróquias locais. Outro aspecto característico dos bairros é a predominância dos laços de parentesco e compadrio entre seus habitantes.

A religiosidade se instituiu nos bairros também por meio da presença de capelas, imagens na entrada das casas, monumentos e até mesmo pela sonoridade dos sinos e das rezas nas casas. A religião católica demarca, toma posse, e as festas da comunidade católica enfatizam ainda mais esses aspectos, denotando o poder público e notório dessa religião.

Os bairros em questão se constituíram, portanto, no melhor recorte de estudo para podermos analisar as festas, pois para além da delimitação física, Cascalho e Santana se configuram como lugares de vivência, experiências que mediam o sentimento e a consciência histórica de pertencimento das pessoas que vivem e viveram ali, que lhe deram significado, familiaridade e identidade.

As lideranças fortes dos três padres que permaneceram mais tempo no bairro de Cascalho possibilitaram uma união muito grande da comunidade, fato que sempre auxiliou para afugentar e impedir a implementação de outra religião que não a católica. Em Santana, o fator do isolamento do lugar, durante décadas, associado à influência dos padres na comunidade permitiram, também, que essa condição de exclusividade do catolicismo prevalecesse.

As festas analisadas têm, de forma geral, o momento religioso, que geralmente antecede o início do evento e se configura com a realização de missas. Em seguida, acontecem as comemorações, atos profanos. A importância do momento religioso é distinta nas festas, variando conforme o grau de participação de pessoas de fora da comunidade; quanto mais visitantes que vão às festas com intuito de lazer e diversão, menos pessoas comparecem às missas. Essa condição acontece porque nas festas maiores há a necessidade de mais moradores da comunidade trabalharem no evento, o que não possibilita suas participações no ato sagrado.

Na atualidade, podemos constatar que a agricultura e os agradecimentos em época de colheita não são mais motivos para a realização das festividades nos bairros. A Festa do Milho, em Cascalho, e a do Vinho, em Santana, até possuem suas bases, e intenções, voltadas à agricultura, buscando em partes recuperar e enaltecer a figura do produtor rural, mas o sentido maior, do ato de agradecimento pelas bênçãos recebidas de se conseguir uma boa safra, já não existe mais. Os fundamentos que motivam a maior parte das festas são direcionados à comemoração da padroeira das paróquias e aos eventos atrelados às tradições da comunidade italiana.

Em Cascalho o desejo pela recuperação cultural dos primeiros imigrantes, demonstrado por meio dos eventos principalmente, aconteceu sob o sacerdócio do Padre Luiz Bottion, que, incentivado pela comunidade, apoiou a criação da Festa da Befana e da Semana Italiana, objetivando valorizar a cultura dos antepassados. Em Santana essa ação aconteceu por meio do

estabelecimento do *Circolo Trentini* e do fomento de intercâmbio, com viagens frequentes para a região de Trento na Itália. Assim sendo, as tradições e identidades, que poderiam ter sucumbido mediante as transformações do lugar e a ampliação do modo de vida urbano não aconteceram nos bairros, ao contrário, conforme as transformações aconteciam, as engajadas comunidades buscaram inserir tradições do lugar de origem dos primeiros moradores como forma de criar e complementar as suas, realizando, assim, parte da manutenção de sua cultura.

Dentre outros componentes que podemos mencionar sobre as festas, é que há a introdução recente de elementos considerados como tradicionais, a exemplo das danças folclóricas. Esses elementos, recentemente introduzidos, estão modernizando as festas, as tornando diferentes das comemorações do passado.

É evidente que, no contexto atual, os elementos da sociedade mais globalizada permitem uma relação muito mais intensa entre campo e cidade, o que reflete, de maneira direta, na composição e desenvolvimento dos eventos. Nesse sentido, é inevitável que haja modificações nas festas, algumas mais significativas que outras. A manutenção do cardápio e o uso de vestimentas com cores da bandeira italiana, além das atrações, representam tentativas de manter as tradições, já que muitas não foram perdidas, mas, sim, modificadas, e em certa proporção, reinventadas.

Por trás da hospitalidade prevalente nas festas está a condição de demonstração de orgulho de realizar um trabalho que auxilia na arrecadação para as paróquias, resultando em benfeitorias para os bairros. É por meio da hospitalidade que se demonstram, também, as tradições e identidade das comunidades envolvidas.

Atualmente, tanto em Cascalho quanto em Santana, as festas são preparadas para as pessoas “de fora”, e as festas mais íntimas são voltadas à comunidade. Como são eventos que funcionam como um projeto coletivo, permitindo a participação de um grupo grande e heterogêneo, é normal ter como consequência maiores transformações na realização dos eventos a cada ano. Nessa conjuntura também se encontra, na atualidade, uma participação expressiva do grupo de jovens e crianças.

No Quadro 23 constam as principais funções dos bairros.

Quadro 23 – Aspectos das funções atuais de Cascalho e Santana

| Aspecto analisado | Cascalho | Santana | Definição |
|---|------------------------------|----------------------------------|------------------|
| Função econômica baseada exclusivamente na agropecuária | Não | Não | Iguais |
| Função religiosa | Sim - predomínio da católica | Sim - com predomínio da católica | Iguais |
| Função cultura | Sim | Sim | Iguais |
| Função educativa pré-escola e anos iniciais do fundamental I | Sim | Sim | Iguais |
| Função educativa ensino fundamental II e ensino médio | Não | Sim | Diferentes |
| Realização de festas em prol da igreja | Sim | Sim | Iguais |
| Realização de festas em prol da entidade cultural | Sim | Sim | Iguais |

Fonte: Organizado pela autora

Ambos os bairros possuem festas que foram mantidas pelas gerações que fizeram parte dos lugares e podem ser consideradas, portanto, como herança para as novas gerações. São eventos que sofreram mutações, não permaneceram intocados, mas pelo fato de se repetir durante décadas adquiriram o viés de tradição dos bairros.

No contexto das festas acontecem vários enredos, os de pessoas viúvas que ao trabalharem no evento enxergam a ocasião como um meio de socializar e sentir menos solidão; dos jovens que vislumbram oportunidade de paquerar e interagir com grupos de amigos residentes ou não nos bairros; dos moradores que aproveitam o evento para convidar os parentes que moram em outros municípios para visitá-los, dentre outros tantos que nos foram relatados no decorrer das entrevistas.

Portanto, seja como forma de prática da religião católica, seja como meio de demonstrar, de forma orgulhosa, as tradições e cultura dos antepassados, ou ainda, com o intuito de arrecadação de fundos para a igreja ou melhorias no bairro, seja só para se divertir, as festas continuam a ser primordiais para a socialização das comunidades, mesmo com todas as transformações ocorridas em mais de um século de existência de Cascalho e Santana.

REFERÊNCIAS

AB´SABER, Aziz Nacib. A terra paulista. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 23, p. 5-38. jul., 1956.

ABRAMOVAY, Ricardo. Funções e medidas da ruralidade no desenvolvimento contemporâneo. **IPEA** (Texto para discussão), n. 702, 2000. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_0702.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2016.

ABREU, Daniela Cristina Lopes de. **As estratégias de escolarização primária na cidade de Rio Claro: São Paulo (1889-1920)**. 2013. 303 f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/DANIELA_CRISTINA_LOPES_DE_ABREU.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2016.

ALMEIDA, Maria Geralda de. Aportes teóricos e os percursos epistemológicos da geografia cultural. **GeoNordeste**, São Cristóvão, n. 01, p. 33-54, 2008.

ALMEIDA, Maria Geralda de. Festas Rurais Tradicionais: novas destinações Turísticas? In: CRISTÓVÃO, Artur et al. (Org.). **Turismo Rural em Tempos de Novas Ruralidades**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2014. p. 123-148.

ALVIM, Zuleica Maria Forcione. **Brava gente!** Os italianos em São Paulo. São Paulo: Brasiliense, 1985.

AMARAL, Rita de Cassia de Mello Peixoto. **Festa à Brasileira: significados do festejar, no país que “não é sério”**. 1998. 387 f. Tese (doutorado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

ARAÚJO FILHO, José Ribeiro. O café, riqueza paulista. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 23, p. 78- 135, jul. 1956.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Planta do Núcleo Provincial do Cascalho modificada por ordem presidente da província Barão do Parnahyba**. São Paulo, 1886. Apresenta documentos cartográficos e iconográficos produzidos e acumulados pelo Instituto Geográfico e Cartográfico (IGC) no período compreendido entre a segunda metade do século XIX e o início da segunda metade do século XX. Disponível em: <http://museudaimigracao.org.br/acervodigital/upload/mapas/TemplateWebPage.php?imagem=MI_CAR_05_18_015_01_01> Acesso em: 17 maio 2016.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Imigração em São Paulo: núcleos**. São Paulo, 2009. Apresenta informações sobre os imigrantes no Estado de São Paulo. Não paginado. Disponível em: <<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/imigracao/nucleos.php>>. Acesso em: 15 dez. 2015.

AZEVEDO, Aroldo. Embriões de cidades brasileira. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 25, p. 29-70. mar., 1957.

AZEVEDO, Aroldo. As cidades. In: _____. (Org.). **Brasil a terra e o homem**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1970. p. 211-282.

- BARBARA NETO, Alfredo. Tiroleses comemoram 110 anos de imigração ao Brasil. **Diário de Piracicaba**, Piracicaba, 16 ago. 1987. Caderno Local, p. 04-06.
- BARRETO, Alberto G. O. Pereira; SPAROVECK, Gerd; GIANNOTTI, Mariana. **Atlas rural de Piracicaba**. Piracicaba: IPEF, 2006.
- BERNARDELLI, Maria Lúcia F. da Hora. Contribuição ao debate sobre o urbano e o rural. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; WHITACKER, Arthur Magon (Orgs.). **Cidade e campo: relações e contradições**. São Paulo: Expressão Popular, 2006. p. 11- 31.
- BERNARDES, Nilo. O problema do estudo do habitat rural no Brasil. **Boletim Carioca de Geografia**, Rio de Janeiro, 1957, n. 01 e 02, p. 05-33.
- BEZERRA, Amélia Cristina Alves. Festa e Cidade: entrelaçamento e proximidades. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 7-18, jan. /jun., 2008.
- BONNEMAISON, Joël. Viagem em torno do território. In: ROSENDAHL, Z. & CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Geografia cultural: um século**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002.
- BOSSÉ, Mathias Le. As questões de identidade em geografia cultural – algumas concepções contemporâneas. In: ROSENDAHL, Zeny; CÔRREA, Roberto Lobato. **Geografia Cultural: uma antologia**, volume II. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. p. 221-232.
- BOTTEON, Luiz Claudemir (Org.). **Cascalho: imigrantes de ontem, brasileiros de hoje: álbum histórico dos 110 anos de imigração das famílias de Cascalho**. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2005.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A cultura na Rua**. Campinas: Papyrus, 1989.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O trabalho como festa: algumas imagens e palavras sobre o trabalho camponês acompanhado de canto e festa. In: GODOI, Emilia Pietrafesa de; MENEZES, Marilda Aparecida de; MARIN, Rosa Acevedo (Orgs.). **Diversidade do campesinato: expressões e categorias: construções identitárias e sociabilidades**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 39 - 53.
- BRANDÃO, Marco Antonio. A mobilidade social do imigrante italiano pobre no Brasil (1890-1930): uma contribuição à historiografia da imigração em São Paulo. **História e Cultura**, Franca, v. 4, n. 1, p. 319-337, mar. 2015.
- BRANDÃO, Thadeu de Sousa. Festa, alimentação e identidade: a feirinha da festa de Sant'Ana de Caicó. **Revista Turismo: Estudos e Práticas**. Mossoró, vol. 3, n. 1, p. 51-78, jan. /jun., 2014.
- BRASIL. **Lei n. 601, de 18 de setembro de 1850**. Dispõe sobre as terras devolutas do Império. Rio de Janeiro, 18 set. 1850. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim601.htm>. Acesso em: 15 jan. 2016.
- BRASIL. **Decreto Lei 311, de 02 de março de 1938**. Dispões sobre a divisão territorial do país. Rio de Janeiro, 02 mar. 1938. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-311-2-marco-1938-351501-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 31 mar. 2016.

BRASIL. **Lei N° 5.197, de 3 de janeiro de 1967.** Dispõe sobre a regulamentação de caça e proteção à fauna brasileira. Brasília, 03 jan. 1967. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5197.htm>. Acesso em: 02 dez. 2017.

BUENO, Marielys Siqueira. **Festa: a dádiva do espaço.** In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL, 2., 2004, Caxias do Sul. Anais...Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2004.

BUENO, Marielys Siqueira. Festa: o dom do espaço. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, n. 2, p. 91-103, 2006.

BUTTNER, Anne. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio Carlos (org.). **Perspectivas da Geografia.** São Paulo: Difel, 1985, p. 165-193.

CALDEIRA, Clóvis. **Mutirão:** formas de ajuda mútua no Meio Rural. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. O Estudo da Hospitalidade. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade:** acolhida do estrangeiro na história e nas culturas. São Paulo: Editora Senac, 2011.

CANDIDO, Antônio. **Os Parceiros do Rio Bonito:** estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

CARDOSO, João Pedro. **Carte Générale de l'état de São Paulo.** São Paulo: Comissão Geográfica e geológica de São Paulo, 1910.1 mapa, color. Escala 1:2. 000.000.

CARNEIRO, Maria José. Ruralidade: novas identidades em construção. **Estudos, Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, n. 11, p. 53-75, out. 1998. Disponível em: <<http://r1.ufrj.br/esa/V2/ojs/index.php/esa/article/view/135/131>>. Acesso em: 15 maio 2016.

CARNEY, George O. Música e lugar. In: CÔRREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Literatura, Música e Espaço.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007. p. 123-150.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História da alimentação no Brasil.** 3. ed. São Paulo: Global, 2004.

CASTRO, Cássio Barbosa de. **Maria Virgem e Mãe.** Juiz de Fora: Edita, 1999.

CAZELLA, Ademir Antônio; BONNAL, Philippe; Maluf Renato Sérgio Jamil. Multifuncionalidade da agricultura familiar no Brasil e o enfoque da pesquisa. In: _____ (Org.). **Agricultura familiar:** multifuncionalidade e desenvolvimento territorial no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009. p. 47-70.

CENTRO DE ANÁLISE E PLANEJAMENTO AMBIENTAL – CEAPLA. **Atlas Ambiental da Bacia do Rio Corumbataí.** Rio Claro, jan. 2011. Disponível em: <<http://ceapla2.rc.unesp.br/atlas>> Acesso em: 16 abr. 2017.

CHIANCA, Luciana de Oliveira. Quando o campo está na cidade: migração, identidade e festa. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 45-59, jan. /jun., 2007. Disponível em: <<https://revistas.ufg.emnuvens.com.br/fchf/issue/view/404/showToc>>. Acesso em 12 dez. 2015.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. 2. ed. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2001.

CLAVAL, Paul. “A volta do Cultural” na Geografia. **Mercator**, Fortaleza, n. 01, p. 19-28, 2002. Disponível em: <<http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/view/192/158>>. Acesso em: 21 fev. 2016.

COLLAÇO, Janine Helfst Leicht. **Sabores e memórias**: cozinha italiana e construção identitária em São Paulo. 2009. 279 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

COLBARI, Antonia. Familismo e Ética do Trabalho: o legado dos Imigrantes Italianos para a Cultura Brasileira. **Revista brasileira História**, São Paulo, v. 17, n. 34, p. 53-74, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01881997000200003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 jan. 2017.

CONSÓRCIO PCJ. CONSÓRCIO INTERMUNICIPAL DAS BACIAS DOS RIOS PIRACICABA, CAPIVARI E JUNDIAÍ. **Cordeirópolis lança projeto de reflorestamento**. Piracicaba, 2015. Disponível em: <<http://agua.org.br/cordeiropolis-lanca-projeto-de-reflorestamento-promata/>> Acesso em: 12 dez. 2016.

CÔRREA, Aureanice de Mello. Não acredito em deuses que não saibam “dançar”: a festa do candomblé, território encarnador da cultura. In: ROSENDAHL, Zeny; CÔRREA, Roberto Lobato. **Geografia Cultural**: uma antologia, volume II. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. p. 203-218.

CÔRREA, Roberto Lobato. **Região e Organização espacial**. São Paulo: Ática, 1986.

CÔRREA, Roberto Lobato. Formas simbólicas e espaço: algumas considerações. **GEOgrafia**, Rio de Janeiro, vol. 09, n. 17, p. 07-18, 2007.

CÔRREA, Roberto Lobato. Denis Cosgrove - a Paisagem e as Imagens. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 29, p. 7-21, jan. /jun., 2011.

CÔRREA, Roberto Lobato. Monumentos, política e espaço. In: ROSENDAHL, Zeny; CÔRREA, Roberto Lobato. **Geografia Cultural**: uma antologia, volume II. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. p. 73-89.

CORRER, Dorival. Nossa história contada em miúdos. **O Tílolês Trentino**, Piracicaba, maio 2014, n. 24, p. 02. Disponível em: <https://issuu.com/fernandogalvaopellini/docs/maio_2014_8p>. Acesso em: 15 jul. 2016.

COSGROVE, Denis. A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CÔRREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. 2 ed. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 2004. p. 92-122.

COSTA, Emília Viotti da. **Da Monarquia à República**: momentos decisivos. 9 ed. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

COSTA, Otávio. Memória e Paisagem: em busca do simbólico dos lugares. **Espaço e Cultura**, edição comemorativa, p. 149-156, 2008.

COSTA, Wanderley Messias. **O Estado e as políticas territoriais no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1988.

COULANGES, Fustel de. **A cidade antiga**: estudo sobre o culto, o direito e as instituições da Grécia e Roma. São Paulo: Martin Claret, 2009.

CROZAT, Dominique. Jogos e ambiguidades da construção musical das identidades espaciais. In: DOZENA, Alessandro. **Geografia e Música**: Diálogos. Natal: EDUFRN, 2016. p. 13-48.

CRUZ, José Carlos; PEREIRA FILHO, Israel Alexandre; DUARTE, Aildson Pereira. Agência Embrapa de Informação Tecnológica. **Milho Safrinha**. Brasília, 2017. Empresa brasileira de Pesquisa Agropecuária. Disponível em: <<http://www.agencia.cnptia.embrapa.br/gestor/milho/arvore/CONT000fya0krse02wx5ok0pvo4k3mp7ztkf.html>> Acesso em: 03 mar. 2017.

D'ABADIA, Maria Idelma Vieira. Louvação e proximidade: as festas de padroeiros fora do Brasil. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v. 30, n. 1, p. 93-105, jan. /jun., 2010. Disponível em <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=337127153006>>. Acesso em: 31 dez. 2015.

DAMANTE, Hélio. **Folclore Brasileiro**: São Paulo. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Secretaria de Assuntos Culturais, Fundação Nacional de Arte, Instituto Nacional do Folclore, 1980

DAMATTA, Roberto. A mensagem das festas: reflexões em torno do sistema ritual e da identidade brasileira. **Sexta Feira**, São Paulo, n. 2, p.72-81, abr.1998.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti; BUENO, Marielys Siqueira. **Hospitalidade**: cenários e oportunidades. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

DINIZ, Diana Maria de Faro Leal. **Rio Claro e o café**: desenvolvimento, apogeu e crise (1850-1900). 1973. 226 f. Tese (doutorado em História). Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, Rio Claro, 1973.

DINIZ, José Alexandre Felizola. Cálculo da eficiência da agricultura na Depressão Periférica Paulista. **Cadernos Rioclarenses de Geografia**, Rio Claro, n. 1, p. 1-22, 1969.

DUVIGNAUD, Jean. Festa e civilizações. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

ESCOLA ESTADUAL DR. SAMUEL DE CASTRO NEVES. **Histórico Escolar**. Piracicaba, 2012. Dados e informações sobre a E.E. Samuel de Castro Neves. Disponível em: <<http://samuelcastroneves.blogspot.com.br/search?updated-max=2012-03-26T22:30:00-07:00&max-results=7>> Acesso em: 20 jul. 2016.

ENDLICH, Ângela Maria. Perspectivas sobre o urbano e o rural. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; WHITACKER, Arthur Magon (Orgs.). **Cidade e campo**: relações e contradições. São Paulo: Expressão Popular, 2006. p. 11- 31.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

FERNANDES, Liana Laganá. **Língua e alimentação**: dois elementos da identidade italiana em Pedrinhas Paulista. 2006. 165 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

FERNANDES, Liliansa Laganá. **O Bairro Rural dos Pires**: Estudo de Geografia Agrária. 1971. 91 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Departamento de Geografia, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1971.

FERNANDES, Liliansa Laganá. **Bairros Rurais do Município de Limeira**: Estudo Geográfico. 1972. 251 f. Tese (Doutorado em Geografia). Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1972.

FERNANDES, Márcio Luís. **As bênçãos e a prática de exorcismo na primeira metade do século XX, na paróquia de Cascalho**. 2001. 222 f. Dissertação (Mestrado em Ciências/Psicologia) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2001.

FERNANDES, Nelson da Nobrega. Geografia Cultural, Festa e Cultura Popular: limites do passado e possibilidades do presente. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 15, jan. /jun., 2003. Não paginado. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/7730/5585>>. Acesso em: 21 jan. 2016.

FERREIRA, Luiz Felipe. Acepções recentes do conceito de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo. **Revista Território**, Rio de Janeiro, nº 9, pp. 65-83, jul. /dez., 2000

FERREIRA, Maria Nazareth. Comunicação, Resistência e Cidadania: As Festas Populares. **Comunicação e Informação**, Goiânia, v. 9, n. 1, p. 111-117, jan. /jun., 2006.

FERREIRA, Maria Nazareth. **As Festas Populares na expansão do Turismo**: a experiência italiana. 2. ed. São Paulo: Arte & Ciência, 2005. Disponível em: <<https://revistas.ufg.emnuvens.com.br/ci/article/view/22807/13554>>. Acesso em 17 nov. 2015.

FLICKELER, Paul. Questões Fundamentais na Geografia da religião. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, p. 07- 35, 2008. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/issue/view/487>>. Acesso em: 16 de maio de 2016.

FREIRE, Cristina. **Além dos mapas**: os monumentos no imaginário urbano contemporâneo. São Paulo: SESC: Annablume, 1997.

FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral**: possibilidades e procedimentos. 2 ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

FUKUI, Lia Freitas Garcia. **Sertão e bairro rural**. São Paulo: Ática, 1979.

GADELHA, Regina Maria D´Aquino Fonseca. **Os Núcleos Coloniais e o Processo de Acumulação Cafeeira (1850-1920)**: Contribuição ao Estudo da Colonização em São Paulo.

1982. 401 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1982.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Bookman, 2009.

GIRALDELLI, Sandra Regina. **Santa Olímpia e Santana: trajetória social e memória**. 1992. 144 f. Dissertação (mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 1992.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GOLDENBERG, Miriam. **A arte de pesquisar: como fazer uma pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1998.

GOOGLE MAPS. [**Cascalho-Cordeirópolis**]. [2017]. Nota. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/@-22.4702716,-47.4216726,1407m/data=!3m1!1e3>>. Acesso em: 01 jun. 2017.

GOOGLE MAPS. [**Santana - Piracicaba**]. [2017]. Nota. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/@-22.6246398,-47.7269944,351m/data=!3m1!1e3>>. Acesso em: 01 jun. 2017a.

GRIGOLETO, Maria Cristina; CACHIONI, Marcelo. **Identidade cultural dos trentino-tirolezes em Piracicaba**. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO, 3., 2014, São Paulo. Anais... São Paulo, 2014. p. 1-10.

HENRIQUES, Eduardo Brito. Os temas culturais na investigação geográfica: breve retrospectiva e ponto da situação. **Inforgo**, Lisboa, n. 16/17, p. 153-165, 2001. Disponível em: <<http://www.apgeo.pt/inforgo-1617>>. Acesso em: 20 maio 2016.

GUERRA, Antônio Teixeira. **Dicionário geológico-geomorfológico**. 4 ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1975.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2006.

HESPANHOL, Rosângela Ap. de Medeiros. Campo e Cidade, Rural e Urbano no Brasil Contemporâneo. **Mercator**, Fortaleza, v. 12, n. 02 (especial), p. 103-112, set. 2013. Disponível em: <<http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/issue/view/RMV12N2NEspago>>. Acesso em: 21 set. 2015.

HOLZER, Werther. O lugar na Geografia Humanista. **Revista Território**. Rio de Janeiro, n° 7. p. 67-78. jul. /dez., 1999.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO, ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN. **Cartas Patrimoniais**. 3ª ed. Rio de Janeiro: IPHAN, 2004.

JORNAL REGIONAL. 60 anos Cordeirópolis. **Jornal Regional**, Rio Claro, 13 jun. 2008. Caderno Negócios, p. 12 e 13.

KELLER, Elza Coelho de Souza. O “habita” rural. In: AZEVEDO, Aroldo (Org.). **Brasil a terra e o homem**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1970. p. 291- 345.

KLAIN, Herbert S. A integração dos imigrantes italianos no Brasil, na Argentina e Estados Unidos. **Novos Estudos**, São Paulo, n. 25, p. 95-117, out. 1989.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 16. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LASHLEY, Conrad. Hospitalidade e hospitabilidade. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, v. 13, n. especial, p. 70-92, mai. 2015.

LEME, Maria Luísa de Almeida. **Educação, Cultura e Linguagem: a comunidade tirolotrentina da cidade de Piracicaba – SP**. 2001 275 f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP, Campinas, 2001. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000243423>> Acesso em: 15 jul. 2016.

LEOPOLDINO, Everton Altmayer. **O dialeto trentino da Colônia Tirolesa de Piracicaba: aspectos fonéticos e lexicais**. 2014. 524 f. Tese (doutorado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

LOCATEL, Celso Donizete. Da dicotomia rural-urbano à urbanização do território no Brasil. **Mercator**, Fortaleza, v. 12, n. 02 (especial), p. 85-102, set. 2013. Disponível em: <<http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/issue/view/RMV12N2NEspago>>. Acesso em 21 set. 2015.

LOMBARDO, Magda Adelaide. **Economia de Mercado e Organização do Espaço Agrário: o exemplo de Cordeirópolis**. 1978. 138 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1978.

MACIEL, Maria Eunice. Identidade Cultural e Alimentação. IN: CANESQUI, Ana Maria; GARCIA, Rosa Wanda Diez. **Antropologia e Nutrição: Um Diálogo Possível**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005. p. 49-55.

MACIEL, Maria Eunice; CASTRO, Helisa Canfield de. A comida boa para pensar: sobre práticas, gostos e sistemas alimentares a partir de um olhar socioantropológico. **Demetra**, Rio de Janeiro, v. 8, p. 321-328, 2013.

MANCIOCCO, Claudia; MANCIOCCO, Luigi. **L'incanto e l'arcano: per una antropologia della Befana**. Roma: Armando Editore, 2006.

MARAFON, Glaucio José; SEABRA, Rogério. Relação Campo-Cidade e a comercialização Agrícola: notas sobre o espaço fluminense. **Geo UERJ**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 25, p. 9-36, 2014. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/view/14406/10976>>. Acesso em 13 out. 2015.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do lazer**: uma introdução. 3 ed. Campinas: Autores Associados, 2002.

MARCONDES, Neide. **Na trilha do passado paulista**: Piracicaba século XX. Piracicaba: Degaspari, 2008.

MARIANO, Neusa de Fátima. **Divina tradição ilumina Mogi das Cruzes**: O Espírito Santo faz a festa. 2007. 205 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Geografia. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

MELLO, João Baptista Ferreira. Símbolos dos lugares, dos espaços e dos “deslugares”. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, p. 167-174, 2008. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/issue/view/487>>. Acesso em 19 maio de 2016.

MEIHY, José Carlos Sebe; RIBEIRO, Suzana L. Salgado. **Guia prático de história oral**: para empresas, universidades, comunidades, famílias. São Paulo: Contexto, 2011.

MINTZ, Sidney W. Comida e Antropologia: uma breve revisão. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 16, n. 47, p. 31-41, out. 2001.

MONBEIG, Pierre. **Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo**. São Paulo: HUCITEC, 1984.

MONTANDON, Alain. Espelhos da Hospitalidade. In _____. **O livro da hospitalidade**: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas. São Paulo: Editora Senac, 2011.

MONTES, Maria. Entre o Arcaico e o Pós-Moderno: heranças barrocas e a cultura da festa na construção da identidade brasileira. **Sexta-feira**, São Paulo, n. 2, p.142-159, abr.1998.

MOREIRA, Roberto José. Cultura, política e mundo rural na contemporaneidade. **Estudos Sociedade e Agricultura**. Rio de Janeiro, n. 20, p. 113-143, abr. 2003.

MOTA, Geová Nepomuceno. **O fenômeno religioso da Romaria sob a perspectiva da fé cristã**: a romaria ao santuário de Bom Jesus da Lapa. 2008. 119 f. Dissertação (mestrado em Teologia) – Faculdade Jesuítica de Filosofia e Teologia, FAJE, Belo Horizonte, 2008.

MÜLLER, Nice Lecocq. Bairros Rurais do Município de Piracicaba. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 43, p. 83-130, jul. 1966.

MUSEU DA IMIGRAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Hospedaria de Imigrantes**. São Paulo, 1886. Apresenta banco de imagens da Hospedaria de Imigrantes, cartões postais, fotografias de viagens e retratos de imigrantes. Disponível em: <<http://museudaimigracao.org.br/acervodigital/fotografias.php>>. Acesso em: 28 maio 2015

OLIVEIRA, Catarina. Paisagens e Patrimônios. Novos Caminhos para os territórios rurais: a experiência de uma Associação de Desenvolvimento Local no Alentejo. In: CONGRESSO DE ESTUDOS RURAIS, 2., 2004, Açores. **Anais...** Açores: [s.n.], 2004. p. 01- 14. Disponível em: <<http://sper.pt/oldsite/IICER/temas4.htm>>. Acesso em: 19 jan. 2016.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Do caipira picando fumo a Chitãozinho e Xororó, ou da roça ao rodeio. **Revista USP**, São Paulo, n. 59, p. 232-257, set. /nov., 2003. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13291/15109>>. Acesso em: 31 dez. 2015.

- PAIVA, Odair da Cruz. **Histórias da (D)migração: imigrantes e migrantes em São Paulo entre o final do século XIX e o início do século XXI**. São Paulo: Arquivo Público do Estado, 2013.
- PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO. Um pouco da história do Bairro do Cascalho. **Revista do Centenário da Paróquia de Cascalho**, Cordeirópolis, p. 07-08, ago. 2014.
- PEREIRA, Eduardo Carlos. **Núcleos Coloniais e Construções Rurais**. São Paulo: [s.n.], 2006.
- PETRONE, Maria Thereza Schorer. **O imigrante e a pequena propriedade (1824-1930)**. 2 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.
- PETRONE, Pasquale. O Homem Paulista. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 23, p. 40-77, jul. 1956.
- PRADO JÚNIOR, Caio. Distribuição da Propriedade fundiária rural no Estado de São Paulo. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 29, p. 692-700, ago. 1945.
- PRIORE, Mary Del; VENÂNCIO, Renato. **Uma história da vida rural no Brasil**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- PROVÍNCIA DE SÃO PAULO. **Relatório Provincial de São Paulo**. Núcleos Coloniais – Fazenda Cascalho. São Paulo, tipografia do Correio paulistano, 1885. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u1137/000018.html>> Acesso em: 11 abr. 2017.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Bairros rurais paulistas: dinâmica das relações bairro rural – cidade**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1973.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos Oraís: do “indizível” ao “dizível”. In: Simson, Olga de Moraes von. **Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil)**. São Paulo: Vértice, 1988. p. 14-43.
- RALO, Rosa Maria Ramalho Martins. **Devoção mariana e religiosidade popular: a festa de Nossa Senhora das Candeias em Mourão: aproximação teológico-prática**. 2010. 205 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Religiosas) – Faculdade de Teologia, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2010.
- RIBEIRO, Joaquim. **Folclore do açúcar**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1977.
- RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARANDOLA et al. (Org.). **Qual é o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 17-32.
- ROLIM, Glauco de Souza et al. Classificação climática de Köppen e de Thornthwaite e sua aplicabilidade na determinação de zonas agroclimáticas para o Estado de São Paulo. **Bragantia**, Campinas, v. 66, n. 4, p. 711-720, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-87052007000400022&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 17 abr. 2017.

ROSA, Maria Virgínia de Figueiredo Pereira do Couto; ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzalez Colombo. **A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para validação dos resultados.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. Geografia Cultural: apresentando uma antologia. In: _____. **Geografia Cultural: uma antologia, volume II.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. p. 09-17.

ROSENDAHL, Zeny. Espaço, política e religião. ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia Cultural: uma antologia, volume II.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013a. p. 147-161.

ROSENDAHL, Zeny. Os caminhos da construção teórica: ratificando e exemplificando as relações entre espaço e religião. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia Cultural: uma antologia, volume II.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013b. p. 103-118.

ROSS, Jurandyr L. Sanches. Os fundamentos da Geografia da natureza. In: _____. **Geografia do Brasil.** 6 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paul, 2009.

SANTOS, Miriam Oliveira; ZANINI, Maria Catarina C. Comida e simbolismo entre imigrantes italianos no Rio Grande do Sul (Brasil). **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia, v. 19, n. 1, p. 255-284, jan. /jul., 2008.

SÃO PAULO. SUPERINTENDÊNCIA DE OBRAS PÚBLICAS. **Relatório apresentado em 31 de março de 1892.** São Paulo, [s.n.], 31 mar. 1892.

SÃO PAULO. **Lei n. 673, de 09 de setembro de 1899.** Regula o serviço de introdução de imigrantes no Estado de São Paulo. São Paulo, 09 set. 1899. Disponível em: <<http://dobuscadireta.imprensaoficial.com.br/default.aspx?DataPublicacao=18990917&Caderno=DO&NumeroPagina=2247>>. Acesso em: 17 fev. 2016.

SCHMIDT, Carlos Borges. **A vida rural no Brasil:** a área do Paraitinga, uma amostra representativa. São Paulo: Secretaria da Agricultura, 1951.

SILVA, Vanda Aparecida. “Nós vivemos para a festa”: associação de jovens, os eventos e acontecimentos festivos. In: _____.; CARMO, Renato Miguel do (Orgs.). **Mundo rural: mito ou realidade?** São Paulo, Annablume, 2013. p. 105-122.

SILVA, William Ribeiro da. Reflexões em torno do urbano no Brasil. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; WHITACKER, Arthur Magon (Orgs.). **Cidade e campo: relações e contradições.** São Paulo: Expressão Popular, 2006. p. 65-80.

TAMIAZO, Paulo César. **Recuperando a História de Cordeirópolis.** São Paulo: All Print, 2014.

TEIXEIRA. Joaquim de Sousa. Festa e identidade. **Comunicação & Cultura**, Lisboa, n. 10, p. 17-33, 2010.

TORRES, Marcos Alberto. A música religiosa e suas espacialidades. In: DOZENA, Alessandro. **Geografia e Música: Diálogos.** Natal: EDUFRN, 2016. p. 182-205.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. A espetacularização das culturas populares

ou produtos culturais folkmediáticos. **Revista Internacional de Folkcomunicação**. Ponta Grossa, v. 3, n. 5, p.01-09, jun. 2005.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitude e valores do Meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

TUAN, Yi-Fu. Espaço, tempo, lugar: um arcabouço humanista. **Geograficidade**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 4-15, 2011. Disponível em: <<http://www.uff.br/posarq/geograficidade/revista/index.php/geograficidade/article/view/1>> Acesso em: 18 jun. 2017.

ULRICH, Sandra Regina Giraldeleli. O mito recontado: um conto detonando a memória. **Teoria & Prática**. Limeira, v. 1, n. 2, p. 23-33, 2002.

VALVERDE, Orlando. A velha Imigração Italiana e sua Influência na Agricultura e na Economia do Brasil. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 161, p. 145-167, mar./abr., 1961.

VEIGA, José Eli da. **Cidades imaginárias**: o Brasil é menos urbano do que se calcula. Campinas: Editora Autores Associados, 2002.

VITTI, Dora. **Coopervin**: sabor e tradição em forma de vinho. Piracicaba, mar. 2014. Publicações e reportagens dos alunos de jornalismo da Universidade Metodista de Piracicaba. Disponível em: <<https://multimidiaunimep.wordpress.com/2014/05/15/coopervin-sabor-e-tradicao-em-forma-de-vinho/>>. Acesso em: 24 abr. 2017.

VITTI, Lino. Contribuição tiroleza ao município. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba**, v. 01, n. 01, p. 15-17, dez. 1991.

WEISHEIMER, Nilson. **Juventudes rurais**: mapa de estudos recentes. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2005.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**: na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

WOORTMANN. Ellen Fensterseifer. Padrões Tradicionais e Modernização: Comida e Trabalho entre Camponeses Teuto-brasileiros. In: MENASCHE, Renata. (Org.). **A agricultura familiar à mesa**: saberes e práticas da alimentação no Vale do Taquari. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2007. p. 177-196.

APÊNDICES

Apêndice A - Questões do relato oral – organizadores e lideranças

| Tipo de questões | Questão | Objetivo |
|------------------|---|---|
| Dados pessoais | - Nome completo - Idade - Local de nascimento | Obter informações básicas para identificação dos entrevistados |
| | - Profissão/ocupação | Saber se a profissão está associada com atividade desenvolvida no bairro, principalmente se é relacionada com atividade rural ou não. |
| | - Quanto tempo reside no bairro | Identificar a quantidade de vivência no bairro – se é morador “da vida toda”. |

| Sobre a execução das festas | Questão | Objetivo |
|-----------------------------|--|--|
| | - Como foi a ideia inicial de fazer as festas? | Obter a informação sobre o marco inicial do evento e as motivações que levaram a sua existência. |
| | - Quem foi o idealizador? | Saber se o idealizador foi uma pessoa em específico, ou a comunidade. |
| | - Há quanto tempo as festas existem? | Saber o tempo de existência de cada festa, permitindo, dessa forma, pesquisar as características passadas das festas e descrevê-las. |
| | - Quem é o responsável em organizar a festa atualmente? | Saber quem e quanto são as pessoas que organizam as festas na atualidade. |
| | - Quem ajuda na organização? | Identificar quem e quantos são as pessoas que colaboram com a organização. |
| | - É feita em mutirão/escala de trabalho? - Há divisão clara de tarefas? | Saber os detalhes de como acontece a organização a partir da participação dos colaboradores. |
| | - Quem faz as comidas servidas na festa? | Identificar quem são as pessoas que preparam o alimento. |
| | - Algum trabalho é pago? | Saber se algum serviço não é realizado por pessoas da comunidade, portanto, contratado. |
| | - Quem pode ajudar a organizar a festa? | Saber se alguma pessoa que não mora na comunidade pode participar colaborando de alguma forma. |

| | | |
|---|--|---|
| Sobre a execução das festas (continuação) | - As festas são realizadas com alguma parceria (prefeitura, secretaria, empresa dentre outras instituições)? | Averiguar se na atualidade as festas contam com algum incentivo ou cobrança (direta ou indireta) por parte de outras instituições. |
| | - Tem patrocínio? - Qual o interesse dele em patrocinar? | Identificar os patrocinadores envolvidos e os interesses que levam em colaborar financeiramente com a festa. |
| | - Alguma festa foi extinta? Se foi, qual o motivo? | Saber se em decorrência das transformações ocorridas no bairro algum evento deixou de ser realizado e qual o motivo que gerou a extinção. |
| | - De onde vem os participantes da festa? | Conhecer qual a procedências dos visitantes da festa. |
| | - Como é feita a divulgação atualmente? | Saber quais os meios utilizados para divulgar os eventos. |
| | - Qual a origem dos alimentos servidos nas festas? | Identificar a procedência dos alimentos, se são cultivados no bairro, ou se são comprados em outro lugar. Essa questão contribui para dimensionar o quanto a produção agrícola do bairro é utilizada ou não nas festas. |
| | - O cardápio, em função da agricultura praticada no bairro, mudou muito com o passar dos anos? | Saber o quanto as mudanças na agricultura, mediante as transformações no decorrer dos anos, influenciaram e afetaram nos alimentos que são servidos nas festas. |
| | Vocês mudaram algo nas festas para atender os desejos/vontades das pessoas de fora do bairro? | Identificar se há mudanças e ou elementos inseridos em função do desejo das pessoas que não fazem parte da comunidade |

| Questões pessoais sobre as festas | Questão | Objetivo |
|-----------------------------------|---|---|
| | Em sua opinião, qual a festa mais importante? Por quê? | Identificar, mediante detalhamento das respostas, qual é considerada a festa mais importante realizada no bairro. |
| | É viável/importante aumentar o número de visitantes da festa? Por quê? - Por que as pessoas de fora do bairro passaram a participar das festas? - Na sua opinião essa participação é positiva? Por quê? | Compreender as justificativas que levam a comunidade almejar ou não o aumento de pessoas que não residem no bairro em participar das festas. Conhecer a opinião dos moradores do bairro sobre a participação de pessoas de fora da comunidade e o entendimento que fazem sobre o motivo dessa participação |
| | Por que é importante continuar a fazer a festa nos dias atuais para a comunidade? | Conhecer os argumentos que as pessoas da comunidade possuem em relação à realização e perpetuação dos eventos. |

| | | |
|---|--|---|
| <p>Questões pessoais sobre as festas (continuação)</p> | <ul style="list-style-type: none"> - A festa pode ser considerada como um modo de manter as tradições e a cultura do bairro? Por quê? - Você acredita que com a realização das festas os laços de amizade e parentesco são fortalecidos? | <p>Conhecer os motivos citados pelos entrevistados sobre a importância da festa, para além da opção econômica.</p> |
| | <ul style="list-style-type: none"> - Com o passar dos anos o que mudou na festa? - As festas perderam muito as características rural do passado? - Que lembranças você tem das festas do passado? | <p>Citar elementos que contribuam para a descrição histórica dos eventos realizados pela comunidade tendo em consideração a comparação de aspectos do passado e a atual conjuntura.</p> |

Apêndice B - Questões da entrevista com os atores sociais e espectadores

| Tipo de questões | Questões | Objetivo |
|------------------|---|---|
| Dados pessoais | - Nome completo - Idade - Local de nascimento | Obter informações básicas para identificação dos entrevistados |
| | - Profissão/ocupação | Saber se a profissão está associada com atividade desenvolvida no bairro, principalmente se é relacionada com atividade rural ou não. |
| | - Quanto tempo reside no bairro | Identificar a quantidade de vivência no bairro – se é morador “da vida toda”. |
| | - Qual é sua função/trabalho na festa? | Identificar qual é a colaboração das pessoas na execução das festas. |

| Questões pessoais sobre as festas | Questão | Objetivo |
|-----------------------------------|---|---|
| | Em sua opinião, qual a festa mais importante? Por quê? | Identificar, mediante detalhamento das respostas, qual é considerada a festa mais importante realizada no bairro. |
| | É viável/importante aumentar o número de visitantes da festa? Por quê? - Por que as pessoas de fora do bairro passaram a participar das festas? - Na sua opinião essa participação é positiva? Por quê? | Compreender as justificativas que levam a comunidade almejar ou não o aumento de pessoas que não residem no bairro em participar das festas. Conhecer a opinião dos moradores do bairro sobre a participação de pessoas de fora da comunidade e o entendimento que fazem sobre o motivo dessa participação |
| | Por que é importante continuar a fazer a festa nos dias atuais para a comunidade? - A festa pode ser considerada como um modo de manter as tradições e a cultura do bairro? Por quê? - Você acredita que com a realização das festas os laços de amizade e parentesco são fortalecidos? | Conhecer os argumentos que as pessoas da comunidade possuem em relação à realização e perpetuação dos eventos. Conhecer os motivos citados pelos entrevistados sobre a importância da festa, para além da opção econômica. |

| | | |
|---|--|---|
| <p>Questões pessoais sobre as festas (continuação)</p> | <ul style="list-style-type: none">- Com o passar dos anos o que mudou na festa?- As festas perderam muito as características rural do passado?- Que lembranças você tem das festas do passado? | <p>Citar elementos que contribuam para a descrição histórica dos eventos realizados pela comunidade tendo em consideração a comparação de aspectos do passado e a atual conjuntura.</p> |
|---|--|---|

Apêndice C - Questões da entrevista com as crianças e adolescentes

| Tipo de questões | Questões | Objetivo |
|------------------|---|---|
| Dados pessoais | <ul style="list-style-type: none"> - Nome completo - Local de nascimento - Idade - Desde que idade você participa das festas como colaborador (a) | Obter informações básicas dos entrevistados. |
| | Qual é sua função/trabalho na festa? | Identificar qual é a colaboração dada na execução das festas. |

| Questões pessoais sobre as festas | Questões | Objetivo |
|-----------------------------------|---|--|
| | Em sua opinião, qual a festa mais importante? Por quê? | Identificar, mediante detalhamento, qual é considerada a festa mais importante realizada no bairro. |
| | É viável/importante aumentar o número de visitantes da festa? Por quê? | Compreender as justificativas que levam ao aumento de pessoas de fora da comunidade em participar das festas. |
| | Por que é importante continuar a fazer a festa nos dias atuais para a comunidade? | Conhecer os argumentos que as pessoas da comunidade possuem em relação à realização dos eventos. |
| | <ul style="list-style-type: none"> - A festa pode ser considerada como um modo de manter as tradições e a cultura do bairro? Por quê? - Você acredita que com a realização das festas os laços de amizade e parentesco são fortalecidos? | Conhecer os motivos citados pelos entrevistados sobre a importância da festa, para além de ser uma opção de arrecadação. |
| | <ul style="list-style-type: none"> - Você acredita que o trabalho das crianças e dos adolescentes é importante para o futuro das festas? - Você se vê no futuro trabalhando nas festas? Em qual função? - Se você tivesse outra religião acredita que participaria das festas? Seus pais/responsáveis participam das festas? | Averiguar o quanto os entrevistados consideram importante o trabalho realizado pelo grupo mais jovem da comunidade, e se esse trabalho representa, de alguma forma, a perpetuação e manutenção das festas. Além de averiguar quanto dessa participação está atrelada à prática religiosa e a condução dos pais/responsáveis? |

Apêndice D – Carta de cessão de entrevista



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"CAMPUS DE RIO CLARO"
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS E CIÊNCIAS EXATAS



_____, ____ de _____ de 201_.

CARTA DE CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS SOBRE ENTREVISTA

Eu, _____, RG n.º _____
_____ declaro para os devidos fins que cedo os direitos de
minha entrevista gravada em ____ / ____ / 201_ e arquivada pelo Núcleo de Estudos
Agrário (NEA) sediado no Departamento de Geografia da Universidade Estadual Paulista –
UNESP/Rio Claro – SP, e que uma cópia fique em posse de Cibele Marto de Oliveira, RG n.º
22.020.369-6 para que possa utilizá-la integralmente ou em partes em sua pesquisa de
doutorado e para fins de publicação sem restrições de prazos e limites de citações, desde a
presente data.

Essa autorização exime meus descendentes dos direitos sobre essa entrevista.

Assinatura

Apêndice E – Carta de cessão de entrevista – crianças e adolescentes



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"CAMPUS DE RIO CLARO"
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS E CIÊNCIAS EXATAS



_____, ____ de _____ de 201_.

CARTA DE CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS SOBRE ENTREVISTA

Eu, _____, RG n.º

_____ declaro para os devidos fins que autorizo que meu filho

(a) _____ ceda os direitos de sua entrevista gravada em

_____ / _____ / 201_ e arquivada pelo Núcleo de Estudos Agrário (NEA) sediado no

Departamento de Geografia da Universidade Estadual Paulista – UNESP/Rio Claro – SP, e que

uma cópia fique em posse de Cibele Marto de Oliveira, RG n.º 22.020.369-6 para que possa

utilizá-la integralmente ou em partes em sua pesquisa de doutorado e para fins de publicação

sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data.

Essa autorização exime seus descendentes dos direitos sobre essa entrevista.

Assinatura

Apêndice F- Dados dos entrevistados – bairro de Cascalho

| Sigla - Nome | Idade | Tempo que reside no bairro | Função nas festas | Data da entrevista – gravações de áudio em formato MP3 | Tipo |
|-------------------------------|--------------|-----------------------------------|---|---|-------------|
| M. J. C. T. ³⁰² | 92 | - | Atualmente nenhuma | 01 set. 2016 | Relato Oral |
| V. L. R. L. | 75 | 40 anos | Trabalho na cozinha | 27 out. 2016 | Entrevista |
| D. J. C. ³⁰³ | 49 | 3 anos | Colaboradora | 27 out. 2016 | Entrevista |
| A. P. | 86 | Vida toda | Colaborador | 27 out. 2016 | Relato Oral |
| I. C. P. | 83 | Vida toda | Colaboradora | 27 out. 2016 | Relato Oral |
| L. Z. C. | 78 | Vida toda | Trabalho na cozinha | 27 out. 2016 | Relato Oral |
| C. C. J. | 44 | Vida toda | Organização | 27 out. 2016 | Entrevista |
| O. C. | 49 | Vida toda | Organização | 21 fev. 2017 | Entrevista |
| D. B. C. | 32 | 20 anos | Expectador – eventualmente colabora | 04 mar. 2017 | Entrevista |
| G. A. B. O. B. ³⁰⁴ | 46 | - | Trabalhava na cozinha e barraca. Atualmente é expectadora | 04 mar. 2017 | Entrevista |
| A. N. B. | 67 | Vida toda | Colaborador | 04 mar. 2017 | Entrevista |
| K. R. S. B. | 38 | 20 anos | Colaboração na Coroação | 05 mar. 2017 | Entrevista |
| G. P. | 89 | Vida toda | Colaborador | 29 abril 2017 | Relato Oral |
| A. L. F. | 38 | Vida toda | Colaborador -teatro | 12 maio 2017 | Entrevista |
| C. S. S. R. | 34 | 11 anos | Colaborador | 24 jun. 2017 | Entrevista |

³⁰² Entrevistada residiu no bairro de Cascalho durante 13 anos (1931-1943). Escolhida para fazer entrevista por possuir muitas lembranças sobre o lugar.

³⁰³ Residiu também quando era criança.

³⁰⁴ Escolhida por residir próximo à Cascalho e ser durante catequista da Paróquia. n.a.

| | | | | | |
|-------------|----|-----------|--------------------------------|--------------|-------------|
| I. B. Q. | 79 | Vida toda | Ex-colaboradora na cozinha | 24 jun. 2017 | Entrevista |
| R. T. S. | 92 | Vida toda | Ex-colaboradora | 24 jun. 2017 | Relato Oral |
| M. T. | 84 | Vida toda | Colaboradora na cozinha | 24 jun. 2017 | Entrevista |
| M. T. C. M. | 55 | Vida toda | Trabalho na cozinha e Coroação | 24 jun. 2017 | Entrevista |
| I. R. | 70 | Vida toda | Expectador | 24 jun. 2017 | Relato oral |
| T. M. M. | 68 | Vida toda | Colaboradora - doces | 24 jun. 2017 | Entrevista |
| R. T. | 92 | Vida toda | Ex-colaboradora | 24 jun. 2017 | Entrevista |
| D. B. Q. | 37 | Vida toda | Colaborador | 24 jun. 2017 | Entrevista |

Apêndice G- Dados dos entrevistados: crianças e jovens – bairro de Cascalho

| Sigla - Nome | Idade | Tempo que reside no bairro | Função nas festas | Data da entrevista – gravações de áudio em formato MP3 | Tipo |
|---------------------|--------------|-----------------------------------|---|---|-------------|
| C.S.R. | 12 | Vida toda | Teatro – Coroação e colaboração nas barracas | 28 set. 2016 | Entrevista |
| Y. V. O. L. | 12 | Vida toda | Espectadora | 28 set. 2016 | Entrevista |
| G. S. R. | 14 | 12 anos | Teatro- Coroação e colaboração nas barracas | 28 set. 2016 | Entrevista |
| I. A. M. S. | 12 | 9 anos | Espectador e eventualmente colabora na Coroação | 05 out. 2016 | Entrevista |
| M. E. S. R. | 12 | Não reside ³⁰⁵ | Teatro -Coroação | 05 out. 2016 | Entrevista |
| V. H. G. O. | 13 | Vida toda | Teatro - Coroação | 05 out. 2016 | Entrevista |
| C. P. S. | 12 | Vida toda | Teatro - Coroação | 07 out. 2016 | Entrevista |
| C. N. F. | 11 | Não reside ³⁰⁶ | Teatro - Coroação | 19 out. 2016 | Entrevista |
| A. K. S. B. | 11 | Não reside ³⁰⁷ | Teatro - Coroação | 19 out. 2016 | Entrevista |
| G. H. S. R. | 15 | 13 anos | Teatro – Coroação e colaboração nas barracas | 19 out. 2016 | Entrevista |
| J. M. R. A. | 11 | 2 anos | Espectador | 19 out. 2016 | Entrevista |
| L. D. C. | 25 | Vida toda | Colaboradora | 04 mar. 2017 | Entrevista |
| M. C. C. | 23 | Vida toda | Expectadora – eventualmente colabora | 04 mar. 2017 | Entrevista |
| A. S. D. | 23 | Vida toda | Colaboradora | 24 jun. 2017 | Entrevista |

³⁰⁵ Faz Catecismo em Cascalho para poder participar da Coroação.

³⁰⁶ Faz Catecismo em Cascalho para poder participar da Coroação

³⁰⁷ Morou em Cascalho até 2014. Faz Catecismo em Cascalho para poder participar da Coroação.

Apêndice H- Dados dos entrevistados – bairro de Santana

| Sigla - Nome | Idade | Tempo que reside no bairro | Função nas festas | Data da entrevista – gravações de áudio em formato MP3 | Tipo |
|---------------------|--------------|-----------------------------------|--|---|-------------|
| L. V. O. | 62 | Vida toda | Colaboradora - barracas e limpeza | 06 jul. 2016 | Entrevista |
| D. V. | 67 | Vida toda | Organização | 06 jul. 2016 | Relato Oral |
| D. G.V. | 66 | Vida toda | Organização | 13 jul. 2016 | Relato Oral |
| M. E. V. | 74 | Vida toda | Organização | 13 jul. 2016 | Relato Oral |
| J. M. V. | 41 | Vida toda | Colaboradora - barracas | 13 jul. 2016 | Entrevista |
| R. L. G. F. | 67 | Vida toda | Colaboradora - barraca cuscuz | 25 jul. 2016 | Entrevista |
| D. A. V. | 56 | Vida toda | Colaboradora - barracas | 25 jul. 2016 | Entrevista |
| L. A. B. | 56 | 20 anos | Doação de produtos, empréstimo de transporte | 25 jul. 2016 | Entrevista |
| A. N. | 53 | Vida toda | Colaboradora | 25 jul. 2016 | Entrevista |
| C. A. G. V. | 62 | Vida toda | Colabora - barracas | 25 jul. 2016 | Entrevista |
| C. V. | 61 | Vida toda | Colaborador - cozinha | 25 jul. 2016 | Entrevista |
| T. A. B. F. | 51 | Vida toda | Colaboradora – barraca do café | 25 jul. 2016 | Entrevista |
| M. C. V. G. | 55 | Vida toda | Colaboradora - barraca | 25 jul. 2016 | Entrevista |
| W. V. | 72 | Vida toda | Ex-colaborador - cozinha | 15 abr. 2017 | Relato Oral |
| M. B. G. | 84 | Vida toda | Ex-colaboradora - cozinha | 15 abr. 2017 | Relato Oral |
| V. V. C. | 47 | Vida toda | Colaboradora - cozinha | 15 abr. 2017 | Entrevista |
| M. V. V. F. | 34 | Vida toda | Colaboradora | 15 abr. 2017 | Entrevista |

| | | | | | |
|----------------------------|----|---------------------------------------|-----------------------------------|--------------|-------------|
| A. M. V. | 30 | Vida toda | Colaboradora | 15 abr. 2017 | Entrevista |
| R. N. V. | 33 | Vida toda | Organizador | 15 abr. 2017 | Entrevista |
| E. V. | 88 | Vida toda | Colaborador | 15 abr. 2017 | Relato Oral |
| E. G. V. | 56 | Vida toda | Colaboradora - caixa | 15 abr. 2017 | Entrevista |
| R. V. R. S. | 45 | Vida toda | Colaboradora - cozinha | 15 abr. 2017 | Entrevista |
| C. M. V. | - | Residiu no bairro até 20 anos atrás | Expectadora | 15 abr. 2017 | Entrevista |
| A. G. S. L. ³⁰⁸ | 34 | Moradora de Santa Olímpia a vida toda | Expectadora | 15 abr. 2017 | Entrevista |
| M. F. G. | 64 | Vida toda | Colaboradora - cuscuz | 15 abr. 2017 | Entrevista |
| R. A. | 48 | 33 anos | Colaboradora - eventualmente | 06 maio 2017 | Entrevista |
| G. F. D. V. | 32 | 7 anos | Colaboradora - eventualmente | 06 maio 2017 | Entrevista |
| G. C. V. | 59 | Vida toda | Colaborador | 06 maio 2017 | Entrevista |
| C. V. | 67 | Vida toda | Colaborador – barraca e arrumação | 06 maio 2017 | Entrevista |
| B.V.F. | 69 | Vida toda | Colaboradora - cozinha | 16 jun. 2017 | Entrevista |
| S. A. M. V. | 52 | Vida toda | Colaboradora | 16 jun. 2017 | Entrevista |
| M. G. U. P. | 64 | Vida toda | Colaboradora | 16 jun. 2017 | Entrevista |
| E. A. V. C. | 56 | Vida toda | Colaboradora | 16 jun. 2017 | Entrevista |

³⁰⁸ Moradora do bairro de Santa Olímpia foi entrevistada em função de frequentar o bairro de Santana e ser Organizadora cultural das festas do bairro de Santa Olímpia.

Apêndice I- Dados dos entrevistados: crianças e jovens – bairro de Santana

| Sigla - Nome | Idade | Tempo que reside no bairro | Função nas festas | Data da entrevista – gravações de áudio em formato MP3 | Tipo |
|---------------------|--------------|-----------------------------------|-----------------------------------|---|-------------|
| A. V. F. | 22 | Vida toda | Colaboradora | 15 abr. 2017 | Entrevista |
| L. V. F. | 11 | Vida toda | Colaborador - eventualmente | 15 abr. 2017 | Entrevista |
| V. V. C. | 23 | Vida toda | Colaborador - eventualmente | 15 abr. 2017 | Entrevista |
| C. G. V. | 19 | Vida toda | Colaborador | 15 abr. 2017 | Entrevista |
| A. V. S. | 10 | Vida toda | Colaborador – parte elétrica | 16 jun. 2017 | Entrevista |
| B. M. V. | 28 | Vida toda | Colaboradora – decoração | 16 jun. 2017 | Entrevista |
| A. V. C. | 12 | Vida toda | Colaboradora – decoração | 16 jun. 2017 | Entrevista |
| A. L. S. B. | 15 | Vida toda | Colaboradora – decoração | 16 jun. 2017 | Entrevista |
| G. B. V. | 22 | 14 anos | Colaborador - decoração | 16 jun. 2017 | Entrevista |
| L. H. P. V. | 10 | Vida toda | Expectador | 16 jun. 2017 | Entrevista |
| S. F. V. | 13 | Vida toda | Colaboradora – decoração e danças | 16 jun. 2017 | Entrevista |
| V. D. C. | 14 | Vida toda | Colaborador | 16 jun. 2017 | Entrevista |
| L. F. | 17 | Vida toda | Colaboradora | 16 jun. 2017 | Entrevista |
| C. F. | 14 | Vida toda | Colaboradora | 16 jun. 2017 | Entrevista |
| D. V. S. | 13 | Vida toda | Colaboradora | 16 jun. 2017 | Entrevista |

ANEXO

Anexo A – Letra da música “Mazzolini di Fiori”

Quel Mazzolin Di Fiori

Quel mazzolin di fiori,
che vien dalla montagna.
E bada ben che non si bagna
che lo voglio regalar,
e bada ben che non si bagna
che lo voglio regalar.

Lo voglio regalare,
perchè l'è un bel mazzetto.
Lo voglio dare al mio moretto
questa sera quando vien,
lo voglio dare al mio moretto
questa sera quando vien.

Stasera quando viene,
sarà una brutta sera.
E perchè lui sabato sera
lui non è vegnù da me,
e perchè lui sabato sera
lui non è vegnù da me.

Non l'è vegnù da me,
l'è andà dalla Rosina.
E perchè mi son poverina
mi fa pianger e sospirar,
e perchè mi son poverina
mi fa pianger e sospirar.

Fa pianger e sospirare,
sul letto dei lamenti.
E cosa mai diran le genti,
cosa mai diran di me?
e cosa mai diran le genti,
cosa mai diran di me?

Diran che son tradita
tradita nell'amore.
E sempre a me mi piange il core
e per sempre piangerà,
e sempre a me mi piange il core
e per sempre piangerà.

Aquele ramalhete de flores (tradução)

Aquele ramalhete de flores,
que vem dá montanha.
E veja bem que não se molhe
que o quero doar,
e veja bem que não se molhe
que o quero doar.

O quero doar,
porque é um belo ramalhete.
O quero dar ao meu moreno
esta noite quando vem,
o quero dar ao meu moreno
esta noite quando vem.

Esta noite quando vem,
será uma noite feia.
E porque ele no sábado a noite
ele não veio a mim,
e porque ele no sábado a noite
ele não veio a mim.

Não veio a mim,
mas foi dá Rosinha.
E porque eu sou pobrezinha
me faz chorar e suspirar,
e porque eu sou pobrezinha
me faz chorar e suspirar.

Faz chorar e suspirar,
na cama das lamentações.
E o que mais dirão as pessoas,
o que mais dirão de mim?
e o que mais dirão as pessoas,
o que mais dirão de mim?

Dirão que sou traída
traída no amor.
E sempre chora meu coração
e para sempre chorará,
e sempre chora meu coração
e para sempre chorará.